

***DO MAR AO(S) LIVRO(S):
AÇORIANIDADE E (IN)TRADUZIBILIDADE
EM MAU TEMPO NO CANAL, DE VITORINO NEMÉSIO***

Ana Catarina Silveira Brasil

Tese de Doutoramento

Doutoramento Interuniversitário em Estudos de Tradução

2023

***DO MAR AO(S) LIVRO(S):
AÇORIANIDADE E (IN)TRADUZIBILIDADE
EM MAU TEMPO NO CANAL, DE VITORINO NEMÉSIO***

Ana Catarina Silveira Brasil

Sob orientação de:

Professora Doutora Maria Alexandra Ambrósio Lopes

Tese de Doutoramento

Doutoramento Interuniversitário em Estudos de Tradução

2023

RESUMO

Do Mar ao(s) Livro(s) procura refletir sobre a *açorianidade* – e a condição de ser ilhéu –, olhando-a de um novo prisma: o da sua *(in)traduzibilidade*. Partindo do romance *Mau Tempo no Canal* (Bertrand [1944] 1994), de Vitorino Nemésio, nesta tese analisa-se a sua *tradução para língua francesa*, da autoria de Denyse Chast, intitulada *Gros Temps sur L'Archipel* (Éditions de La Différence, 1988, 2014) – inicialmente editada sob o título *Le Serpent Aveugle* (Plon, 1953), e a única publicada em vida do autor, que acompanhou de perto o processo de tradução –, bem como a sua *tradução para língua inglesa*, da autoria de Francisco Cota Fagundes, *Stormy Isles: an Azorean Tale* (Gávea-Brown, 1998; Tagus Press, 2019).

O principal foco de análise será as *marcas da açorianidade* patentes no romance e o seu tratamento nas referidas traduções. Para o efeito, entenda-se “marcas da açorianidade” como traços identitários do povo açoriano materializados em *Mau Tempo no Canal* em duas vertentes: *Heterolinguismo* – externo e interno, ou seja, a utilização, no romance, não só de línguas estrangeiras, mas também de variedades da língua portuguesa, incluindo regionalismos híbridos de base anglo-americana (como “alvarozes” [1994:109], do inglês *overalls*) –, e ainda *Paisagem e do Clima*. Ambas as vertentes integram referências a diversos aspetos da vivência açoriana, da fauna à flora, à baleação, às tradições culturais e religiosas, remetendo com frequência para a história dos Açores. É, portanto, minha convicção que a presença, no romance, destes elementos difunde e subsidia a noção de açorianidade, concebida por Nemésio cerca de uma década antes da publicação de *Mau Tempo no Canal*.

Assim, ao traçar a *história interna da tradução* do romance, constitui esta tese um *estudo comparativo textual* das edições de língua portuguesa, francesa e inglesa, com vista a *identificar os efeitos das estratégias tradutórias adotadas no entendimento do romance, em particular na perceção e disseminação da açorianidade* que o caracteriza. Além disso, esta tese procura desenhar a *história externa da tradução* da obra, apresentando, para tal, um *estudo comparativo peritextual* de todas as traduções existentes do romance (além de traduzido para francês e inglês, *Mau Tempo no Canal* está também publicado em russo e polaco), promovendo assim o entendimento do *processo de exportação* da obra.

Com o intuito de dar *visibilidade aos tradutores e às traduções do romance*, colocando particular ênfase nos fenómenos de *heterolinguismo* e *(in)traduzibilidade*, espera-se que *Do Mar ao(s) Livro(s)* possa assumir-se como um documento de consulta e de trabalho para quem se interesse por tais temas, bem como contribua para o *aprofundamento do estudo da açorianidade, da insularidade, de Nemésio e de Mau Tempo no Canal*, obra imensamente marcada pela voz do povo açoriano.

ABSTRACT

Do Mar ao(s) Livro(s) [*From Sea to Book(s)*] is a reflection on *açorianidade* (Azoreanity/Azoreanness) – and the condition of being an islander – brought about from a new perspective: its *(un)translatability*. This thesis is based on the novel *Mau Tempo no Canal* (Bertrand [1944] 1994), by Vitorino Nemésio, and *its translation into French*, by Denyse Chast, *Gros Temps sur L'Archipel* (Éditions de La Différence, 1988, 2014) – initially published as *Le Serpent Aveugle* (Plon, 1953), the only translation of the novel published during the author's lifetime and whose process he accompanied closely –, as well as on *its translation into English*, by Francisco Cota Fagundes, *Stormy Isles: an Azorean Tale* (Gávea-Brown, 1998; Tagus Press, 2019).

This thesis focuses on the *elements of açorianidade* evident in the novel and their treatment in the aforementioned translations. I view these “elements of *açorianidade*” as identity traits of Azorean people disseminated by *Mau Tempo no Canal* and mainly manifested in two dimensions: *Heterolingualism* – both external and internal, that is, not only in the use of foreign languages, but also of Portuguese language varieties, including regionalisms and hybrid regionalisms of Anglo-American base (such as “alvarozes” [1994: 109], from *overalls*) –, and descriptions of *Landscape and Weather*. These two dimensions include references to various aspects of Azorean life, from fauna to flora, whaling or cultural and religious traditions, also referring to the history of the Azores. It is my conviction that the presence of these elements in the novel disseminates and subsidizes the idea of *açorianidade*, conceived by Nemésio about a decade before the publication of *Mau Tempo no Canal*. Therefore, by outlining the *internal history of the novel's translation*, this thesis constitutes a *textual comparative study* of the Portuguese, French and English language editions, seeking to identify how the *translation strategies adopted impacted the understanding of the novel*, in particular the *perception and dissemination of the açorianidade* that characterizes it. In addition, it also draws the *external history of the novel's translation*, by featuring a *peritextual comparative study* of its existing translations (in addition to French and English, *Mau Tempo no Canal* also appeared in Russian and Polish), thus promoting the *understanding of its exportation process*.

Seeking to bring *visibility to the novel's translators and translations*, with particular emphasis on the phenomena of *heterolingualism and (un)translatability*, it is my hope that *Do Mar ao(s) Livro(s)* serves as a work document for those interested in such subjects, as well as contributes to *deepen the study of açorianidade, insularity, Nemésio and Mau Tempo no Canal*, built on the voice of the Azorean people.

RÉSUMÉ

Do Mar ao(s) Livro(s) [*De la mer au(x) livre(s)*] est une réflexion sur l'*açorianidade* (l'açoréanité) – et la condition d'être insulaire – menée à partir d'une nouvelle perspective : son *(in)traduisibilité*. Basé sur le roman *Mau Tempo no Canal* (Bertrand [1944] 1994), de Vitorino Nemésio, et sa traduction en français, par Denyse Chast, *Gros Temps sur L'Archipel* (Éditions de La Différence, 1988, 2014) – initialement publié sous le titre *Le Serpent Aveugle* (Plon, 1953), la seule traduction du roman publiée pendant que l'auteur était vivant, dont il a accompagné le processus de près –, ainsi que sa traduction en anglais, par Francisco Cota Fagundes, *Stormy Isles: an Azorean Tale* (Gávea-Brown, 1998; Tagus Press, 2019), cette thèse se concentre principalement sur les *éléments d'açorianidade* évidents dans le roman et leur traitement dans ces traductions.

Je considère ces éléments comme des traits identitaires du peuple açorien diffusés par *Mau Tempo no Canal* et manifestés dans l'*Hétérolinguisme* – à la fois externe et interne, c'est-à-dire non seulement l'utilisation de langues étrangères, mais aussi de variétés linguistiques de la langue portugaise, notamment des régionalismes hybrides de base anglo-américaine (tels que "alvarozes" [1994 :109], de l'anglais *overalls*) –, ainsi que dans les descriptions du *Paysage et Temps*. Ces deux groupes comprennent des références à divers aspects de la vie açorienne, de la faune à la flore, à la pêche à la baleine ou aux traditions culturelles et religieuses, ainsi qu'à l'histoire des Açores. Je suis convaincue que la présence de tous ces éléments dans le roman soutient et diffuse l'idée de l'*açorianidade*, conçue par Nemésio une dizaine d'années avant la publication de *Mau Tempo no Canal*. Ainsi, en retraçant l'*histoire interne de la traduction du roman*, cette thèse constitue une *étude comparative textuelle* des éditions portugaise, française et anglaise, afin d'identifier les *effets des stratégies de traduction adoptées sur la compréhension du roman*, en particulier sur la *perception et la diffusion de l'açorianidade* qui le caractérise. De plus, cette thèse cherche à dessiner l'*histoire externe de la traduction de l'œuvre*, en présentant une *étude comparative péritextuelle* de toutes les traductions du roman (en plus d'avoir été traduit en français et en anglais, *Mau Tempo no Canal* a également été publié en russe et en polonais), favorisant ainsi la *compréhension du processus d'exportation* de l'œuvre.

En cherchant à donner *visibilité aux traducteurs et aux traductions du roman*, et en mettant l'accent sur les phénomènes d'*hétérolinguisme* et d'*(in)traduisibilité*, j'espère que cette thèse pourra servir de document de travail pour ceux qui s'intéressent à ces sujets, et qu'elle contribuera à *l'approfondissement de l'étude de l'açorianidade, de l'insularité, du Nemésio et de Mau Tempo no Canal*, immensément marqué par la voix du peuple açorien.

Aos meus pais.

Por tudo.

À minha filha, Julieta.

Por todo um novo mundo.

É com os próprios olhos que tiramos do mar a terra que nos faltou.

Vitorino Nemésio, *Corsário das Ilhas*

*Se eu chegar a ser alguma coisa,
o melhor de mim será a consciência um tanto severa do que poderia ter sido.*

Vitorino Nemésio, *Sob os Signos de Agora*

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Alexandra Lopes, por ter aceitado partilhar comigo a sua visão, a sua notável capacidade de análise e o seu tempo. Mas sobretudo por sempre ter acreditado neste projeto, mesmo quando eu duvidei.

Ao Professor Doutor Francisco Cota Fagundes, pela incansável disponibilidade, pelo à-vontade e por nunca – nunca – ter deixado uma pergunta sem resposta.

A todos quantos também tiraram do seu tempo para responder às minhas questões: Professor Doutor Luiz Fagundes Duarte, Professor Doutor Onésimo Teotónio Almeida, Professora Doutora Fátima Freitas Morna e Professor Doutor Urbano Bettencourt.

A special appreciation to Dr. Michael Lavery, for replying to my emails in the most thoughtful and thorough manner. His help was essential for understanding important aspects related to the Russian translation of the novel.

Aos “amigos fraternos” – Anabela, Ana Filipa, João Pedro, Luísa e Nuno –, pelas muitas e antigas conversas sobre ilhas e ilhéus. Mal sabia eu, haveriam de desembarcar nestas páginas. Entre eles, um agradecimento especial à Anabela, ao João Pedro, ao Nuno e também ao Francesco, pelas leituras, comentários e ações que tanto me ajudaram.

Aos colegas Gisele, Pablo, Rita e Sabrina, que – mesmo à distância – ouviram desabafos, responderam a dúvidas e nunca faltaram ao apoio necessário.

To Nafiseh and Violette. Despite the distance, your support throughout this (joint) journey never ceased to be felt.

A Rosa e Carlos, Paula e António e Professora Doutora Helena Pinto, pelo interesse e pelo encorajamento demonstrados ao longo destes anos.

Last but not least, ao Nuno, companheiro desta e de outras andanças, pela constante capacidade de relativizar, colocando sempre em perspetiva as dificuldades e o desânimo. Que os muitos projetos adiados se vejam agora realizados.

ÍNDICE

Índice de siglas	4
------------------	---

INTRODUÇÃO <i>A CONCHA</i>	5
--------------------------------------	---

CAPÍTULO I <i>DE CARNE E PEDRA</i> Enquadramento teórico-conceptual	19
--	----

1. Açorianidade	21
1.1. Imagologia	29
1.2. Insularidade	31
1.3. Diáspora	36
2. (In)traduzibilidade	41
2.1. Sobretraduzibilidade	46
3. Heterolinguismo	49
3.1. Hibridismo linguístico	58
3.1.1. Regionalismos de base anglo-americana	60
4. História Externa e História Interna de Tradução	67
5. Outros conceitos relevantes	
5.1. Autorrevisão de tradução	70
5.2. Paratexto/Peritexto	73

CAPÍTULO II <i>O OVO E A AVE</i> Autor e obra em contexto	77
--	----

1. <i>O navio desarvorado</i>	79
2. <i>Mau Tempo no Canal</i> e a sua açorianidade	
2.1. Para uma cronologia da literatura açoriana	89
2.2. A génese e os Açores de <i>Mau Tempo no Canal</i>	
2.2.1. A génese	99
2.2.2. Os Açores do romance	107

CAPÍTULO III		
<i>ESPELHOS PARALELOS</i>		113
<i>Mau Tempo no Canal</i> em tradução: história externa		
1. Nemésio e Tradução		115
1.1. Nemésio Tradutor		118
1.2. Nemésio Traduzido		124
2. Os tradutores e as editoras de <i>Mau Tempo no Canal</i> em tradução		
2.1. Denyse Chast e as edições francesas		133
2.2. Francisco Cota Fagundes e as edições norte-americanas		140
2.3. Líliliana Brevern e a edição russa		150
2.4. Wojciech Chabasiński e a edição polaca		155
3. Os peritextos das traduções de <i>Mau Tempo no Canal</i>		
3.1. Capas		
3.1.1. Edições francesas		159
3.1.2. Edições norte-americanas		161
3.1.3. Edições russa e polaca		161
3.2. Títulos		
3.2.1. Edições francesas		164
3.2.2. Edições norte-americanas		166
3.2.3. Edições russa e polaca		167
3.3. Prefácios, introduções e similares		168
3.3.1. Edições francesas		169
3.3.2. Edições norte-americanas		171
3.3.3. Edições russa e polaca		172
3.4. Notas de rodapé		175
3.4.1. Edições francesas		175
3.4.2. Edições norte-americanas		177
3.4.3. Edições russa e polaca		179

CAPÍTULO IV		
<i>O SAL E O RENOVO</i>		187
História interna das traduções para francês e inglês de <i>Mau Tempo no Canal</i> e seus efeitos no entendimento da obra		
Nota preambular		189
1. Heterolingüismo externo e interno		
1.1. Línguas estrangeiras		
1.1.1. Inglês		196
1.1.2. Francês		210

1.1.2.1. Adição de francês no texto de chegada de língua inglesa	215
1.1.3. Outras Línguas	
1.1.3.1. Castelhana	219
1.1.3.2. Neerlandês e alemão	223
1.1.3.3. Latim, italiano e português anterior a 1911	226
1.2. Regionalismos de base anglo-americana	232
1.2.1. Baleação	236
1.3. Outros regionalismos	248
1.3.1. Culto do Espírito Santo e outras festividades	251
2. Paisagem e Clima	
2.1. Descrições do Canal e do Pico	256
2.2. Palavras-chave: <i>lava, torpor, calhau, bafo/abafado, mormaço, ressalga, mistério, biscoito, nuvens, nevoeiro</i> , incluindo referências à flora e fauna	259

CONCLUSÕES <i>MAR AO FUNDO/ILHA AO LONGE</i>	265
--	-----

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Primária	276
Bibliografia Secundária	279
Registos Audiovisuais	301
Revistas e Jornais Online	302

ÍNDICE DE SIGLAS

<i>MTC</i>	<i>Mau Tempo no Canal</i>
<i>LSA</i>	<i>Le Serpent Aveugle</i>
<i>GTA</i>	<i>Gros Temps sur l'Archipel</i>
<i>SI</i>	<i>Stormy Isles, An Azorean Tale</i>
EDLD	Éditions de la Différence
INCM	Imprensa Nacional – Casa da Moeda
ET	Estudos de Tradução
TP	Texto de partida
TC	Texto de chegada
CP	Cultura de partida
CC	Cultura de chegada
CM	Cultura mediadora
TrD	Tradução direta
TrI	Tradução indireta

INTRODUÇÃO
A CONCHA

Quando, há largos anos, fui apresentada como natural dos Açores a uma colega maltesa, a sua primeira observação foi “I am also an islander!”. Curiosamente, passou-se esta conversa num país sem qualquer fronteira marítima e, de tudo o que poderia ter em comum com a minha colega tradutora, não me ocorrera que a insularidade pudesse ser o mais relevante. Aliás, a insularidade – talvez por me ser intrínseca – não me ocorrera sequer. Não vislumbrara, portanto, que pudesse ser partilhada entre nacionalidades. Pela primeira vez – talvez tarde, talvez ainda a tempo –, percebi que a condição de ilhéu poderia ser um fator unificador, mesmo entre ilhoas dos Açores e ilhoas de Malta. Chegara finalmente a minha “consciência de ilhéu” (Nemésio 1932).

Cerca de uma década depois desse encontro com “o semelhante remoto” (Nemésio 1998: 93), escrevo estas linhas, que surgem também cerca de nove décadas após a publicação de um artigo, assinado por Vitorino Nemésio, na Revista *Insula*, em agosto de 1932, consagrado à comemoração do V centenário do descobrimento dos Açores. Nesse artigo, fixou Nemésio a sua “açorianidade”.

Decalcada foneticamente da *hispanidad* e *argentinidad*¹ de Miguel de Unamuno, a açorianidade – inicialmente de Nemésio, agora de tantos outros – diz respeito a um sentimento de pertença aos Açores, aprofundado pela distância (ou desterro, como preferiria o autor). Foi, aliás, “esta experiência de afastamento da sua ilha arquetípica, realidade mais ‘interior’ que física, mundo de sublimações, que o levou a criar o termo e o conceito de açorianidade”, afirmou Machado Pires (1994:28).

Partindo, assim, da noção de açorianidade, esta tese assume-se, antes de mais, como um trabalho de cunho pessoal, de teor autorreflexivo, uma vez que pretende analisar o que implica ser ilhéu – também em termos de (in)traduzibilidade. Daí que a escreva na primeira pessoa, no “pronome antipático e ostensivo: «eu»”² (Nemésio 1998:102).

Esta reflexão tem então por base o romance *Mau Tempo no Canal* (Bertrand [1944] 1994), pois que, como reconheceu José Enes (2007:54), referindo-se-lhe, “um açoriano será tocado

¹ “Quem escreve estas linhas passa por inventor desse vocábulo, há bons quarenta anos. Luís Ribeiro, o insigne etnógrafo e jurisconsulto açoriano de *Os Açores de Portugal* – opúsculo de grande valia, pela posição de contraste, para o emancipalismo de hoje – foi um dos que generosamente me “patentearam” por tão pobre criação vocabular. Porque lia então muitos ensaístas espanhóis, incluindo o clássico Pi y Margall de *Las Nacionalidades*, decalquei sobre ‘hispanidade’ e ‘argentinidad’ (Unamuno) o meu ‘açorianidade’.” (Nemésio 1975:35-36)

² Por outro lado, tendo a concordar com Nemésio (*ibid.*) também no seguinte: “A primeira pessoa do plural, aliás, também não fica bem a quem não apascente ovelhas de redil humano.”

pela tensão de sugestividade auto-perceptiva da sua circunstancialidade insular”. E há muito me tocou o “romance das ilhas” de Nemésio – expressão que o próprio utiliza em entrevista ao *Correio dos Açores* em agosto de 1944, ano da publicação da obra. Além de ter nascido no *Canal*, ou talvez por ter nascido no *Canal*, em particular nesse “laranjal da Urzelina, livraria verde e erma” (Nemésio 1994: 283), cedo me cruzei com a história de Margarida Clark Dulmo – que se materializou, para mim, pela primeira vez, na série da RTP Açores baseada no romance (e com o mesmo título), ainda num tempo em que, na região, só mesmo a RTP Açores existia.

Todavia, e porque esta “circunstancialidade insular” foi já sobejamente analisada, interessa-me olhá-la de um novo ângulo, que poderá não ser, necessariamente, “insular”. Esse novo ângulo é o da tradução. Assim, este trabalho terá ainda por base a tradução do romance para francês, *Gros Temps sur L’Archipel* (Éditions de la Différence, 1988, 2014) – inicialmente intitulada *Le Serpent Aveugle*³ (Plon, 1953), a única publicada em vida de Nemésio –, da autoria de Denyse Chast, e a sua tradução para inglês, *Stormy Isles: an Azorean Tale* (Gávea-Brown, 1998; Tagus Press 2019), pela mão de Francisco Cota Fagundes. Além de trazer visibilidade aos tradutores e às traduções do romance – que parecem andar esquecidos⁴ –, a análise das traduções permite olhar a açorianidade de uma perspetiva que lhe tem sido alheia: a da sua (in)traduzibilidade.

Veiculador por excelência desse sentimento de pertença aos Açores, *Mau Tempo no Canal* (MTC) conta com quase um século. Sendo certo que já muito se escreveu sobre o romance, Nemésio e a açorianidade, a obra constitui-se, ainda, como fértil terreno de investigação. De facto, “a densidade específica de *Mau Tempo no Canal* (...) suporta a possibilidade de aprofundamento e de enriquecimento de cada nova leitura”, conduzindo o leitor “a descobrir novos estratos de sentido” (Garcia 1994: 21).

Situado temporalmente entre 1917 e 1919, o romance parte da relação – por vários motivos, condenada ao fracasso – entre Margarida Clark Dulmo, “mulher-ilha”, e João Garcia. Tendo como pano de fundo a então cosmopolita (para os padrões locais) cidade da Horta, bem como o canal Faial-Pico-São Jorge, *MTC* vai tocar em questões universais da

³ Saliente-se que, não obstante a alteração do título e a distância temporal entre as edições, se trata da mesma tradução. O texto sofreu, contudo, algumas alterações ao longo do seu percurso editorial, as quais serão abordadas no Capítulo IV.

⁴ Tanto quanto consegui apurar, apenas Dominique Faria (2013, 2016) e o próprio tradutor Francisco Cota Fagundes (em diversas ocasiões, cf. bibliografia) se têm debruçado sobre o tema das traduções de *MTC*.

condição humana, afigurando-se como “um romance de conteúdo fundamentalmente psicológico, social, histórico – e humano universal” (Machado Pires 1979:79).

Descendente de famílias britânicas – agentes de navios laranjeiros – e flamengas, como comprova o seu nome⁵, Margarida Clark Dulmo pertence a uma aristocracia decadente instalada na ilha do Faial. João Garcia é filho de um burguês em ascensão, Januário, e de Emília, proscrita pela família por suspeitas de adultério. Januário, que havia dirigido a empresa da família Clark – a Clark & Sons – fora despedido desse cargo por Charles Clark, avô (entretanto decrépito) de Margarida. Diogo Dulmo, pai da protagonista, pretende apoderar-se da empresa, que quase arruína, não só devido aos seus devaneios e má conduta, mas também porque Januário, tendo jurado vingança, tudo faz para que assim seja.

Entretanto, a cidade da Horta recebe Roberto Clark, filho bastardo de Charles Clark e, portanto, meio-irmão de Catarina, mãe de Margarida. Diogo Dulmo vê em Roberto “uma tábua de salvação para as suas cabeçadas”, nas palavras do próprio Nemésio (E11/cx. 56)⁶, e tenta interessar a filha pelo tio. “Margarida liga-se a Roberto por laços profundos mas inconsistentes” (*ibid.*), contrapontados pela presença, na Horta, de João Garcia, que entretanto havia ido estudar e cumprir serviço militar para Lisboa. Através de Roberto, Margarida alimenta o sonho de sair da ilha e partir para Inglaterra, uma vez que, “João Garcia não consegue vencer a oposição das famílias e a diferença de meios sociais” (*ibid.*). Porém, Margarida “não se entende a si própria, presa ao primeiro amor por uma fidelidade secreta e atraída para o tio por um sentimento poderoso mas confuso” (*ibid.*). Roberto irá, no entanto, sucumbir à peste e Margarida a exigências de classe (e de finanças), acabando por casar com André Barreto, filho do Barão da Urzelina.

Num romance de “almas abafadas pelo preconceito e pelo clima” (*ibid.*), entram também as vozes do povo, representado, entre outros, pelos caseiros Manuel e Rosa Bana, pela personagem Cândia Furoa e, especialmente relevantes, pelos baleeiros do Pico. Aliás, não será por acaso que Margarida, João Garcia e Roberto, as personagens, dir-se-ia, mais próximas de Nemésio, apreciam o povo simples, que respeitam e compreendem, apesar da distância social.

⁵ O apelido “Dulmo” é, ao que tudo indica, uma adaptação do flamengo Van Olm. Devido ao povoamento dos Açores por flamengos, de que se falará mais adiante, muitos apelidos registados no arquipélago são de origem flamenga, como Brum (de Bruyn) ou Terra (van Aartrijke).

Sobre o tema, cf., por exemplo, a investigação de Jeroen Dewulf: https://www.academia.edu/8232576/Flamengos_nos_A%C3%A7ores. Acesso em 5/9/2023.

⁶ Espólio do autor, Biblioteca Nacional de Portugal: BNP E11/cx. 56.

Assim, da aristocracia decadente à burguesia em ascensão, passando pelos caseiros e pelos baleeiros, o romance está povoado de personagens que imprimem ao texto – e em especial ao discurso direto – notável diversidade linguística, que se me afigura como uma característica da açorianidade, pelo menos como Nemésio a concebeu. E uma característica que, ao nível da tradução, representa inúmeros desafios.

Nesta medida, e considerando que, como advoga Pym (1998:15), “[a]ny research should be justifiable on at least two grounds. First, it should not have been done before. Second, the people carrying out the research must have an interest in it”, esta tese parte não só de motivações biográficas e pessoais, mas ainda da vontade de contribuir para os Estudos de Tradução, trazendo visibilidade aos tradutores e às traduções de *MTC*, o que permitirá também repensar a açorianidade.

Ainda que concebido “sem qualquer intenção reivindicativa ou política” (Machado Pires)⁷, o termo “passou a ser usado com frequência sobretudo nos anos posteriores à criação do Governo dos Açores e da institucionalização da autonomia (1976)” (*ibid.*), o que conduziu a uma certa banalização e, conseqüentemente, a um certo esvaziamento do conceito. Contudo, assegura o académico, não é a autonomia que suporta a açorianidade: “a açorianidade é que é o suporte filosófico-cultural da autonomia” (*ibid.*), qual consequência do estabelecimento de uma identidade.

No entanto, apesar da sobreutilização do termo – ou em virtude dela –, nomeadamente pela classe política regional, em particular para se referir à diáspora açoriana, é possível encarar a açorianidade de um novo prisma e dar-lhe, talvez, uma nova vida: a açorianidade vista de fora (até certo ponto). A açorianidade em tradução.

Aludindo à influência tanto da língua portuguesa, como da língua inglesa na construção da identidade açoriana, por força das muitas vagas de emigração açoriana para os EUA e Canadá, Rosa Simas intitulou um seu artigo “Today *Açorianidade* is Bilingual” (2009)⁸. Mas talvez se possa ir mais longe, tendo em conta não só a história da emigração açoriana, mas a história dos Açores. Desde o seu povoamento, não só por portugueses, mas também por flamengos, como se viu, à presença de empresas estrangeiras para instalação de cabos telegráficos na cidade da Horta, à base aérea norte-americana –, a açorianidade pode, na

⁷ *Açorianidade*, Enciclopédia Açoriana. Disponível em <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/default.aspx?id=566>. Acesso em 28-07-2023.

⁸ Disponível em <https://rosasimas.com/pubsposts/today-acorianidade-is-bilingual>. Acesso em 28-07-2023.

verdade, mais do que bilingue, ser multilingue⁹. Pelo menos a açorianidade de Nemésio, a julgar pela sua obra, assim o parece ser, ainda que se possa considerar que, nessa açorianidade multilingue, existe sempre alguma interferência da erudição do autor.

Assim, e ainda que o conceito de açorianidade possa parecer, numa primeira instância, circunscrito a um povo, a um local, a uma língua, a uma cultura, ele é, na verdade, o resultado de vários povos, línguas e culturas, como procurarei demonstrar. Nas palavras de Martins Garcia (1988:137), “[s]ob a açorianidade, quanta variedade!”. Por ora, importa ressaltar que – não obstante o seu tema e cunho pessoal – esta tese não se pretende uma apologia da açorianidade ou da exceção do povo açoriano. Assume-se, simplesmente, como um contributo para o estudo do conceito, conforme plasmado em *MTC*, do ponto de vista da tradução e da (in)traduzibilidade.

ESTRUTURA, METODOLOGIA E OBJETIVOS

Se é verdade que *MTC* parece não se esgotar nas múltiplas análises de que já foi objeto, também será verdade que esta tese parece surgir numa época de renovado interesse na obra nemesiana, como o comprova a reedição conjunta da obra completa pela INCM e Companhia das Ilhas, que teve início em 2018¹⁰. Pouco antes, em 2014, fora também reeditada a tradução francesa de *MTC*, *Gros Temps sur l’Archipel*, e, já em 2019, a sua tradução para língua inglesa *Stormy Isles: An Azorean Tale*, pela Tagus Press¹¹, foi novamente publicada, desta feita no âmbito da coleção “Bellis Azorica”, com distribuição em Portugal pela Letras Lavadas.

⁹ Convirá neste ponto fazer a distinção entre multilinguismo e heterolinguismo. Ao utilizar o primeiro termo, refiro-me à utilização de diferentes línguas ou variedades de uma língua num contexto real e social – na aceção de Meylaerts (2006a). Por heterolinguismo, na linha de Grutman (1997) – que cunhou o termo precisamente para evitar confusão com “multilinguismo” –, entendo, como adiante explanarei, a utilização de diferentes línguas e variedades de uma mesma língua no texto literário apenas.

¹⁰ À data de submissão desta tese, não havia ainda sido publicado o volume de *MTC*.

¹¹ Importa referir que tanto a Gávea-Brown como a Tagus Press – responsáveis pela publicação da tradução de *Mau Tempo no Canal* para língua inglesa – foram fundadas por académicos portugueses em universidades norte-americanas, com um propósito bem definido: a divulgação da literatura de língua portuguesa, como no Capítulo III se verá. Entretanto, a Gávea-Brown Publications – que publicou a primeira edição da tradução – foi absorvida pela Tagus Press, que ficará responsável por reeditar as obras traduzidas de literatura açoriana inicialmente publicadas pela primeira. Note-se, assim, que a tradução para língua inglesa surge num contexto de publicação muito particular. Além das referidas especificidades das editoras, a tradução é, como o texto de partida, da autoria de um açoriano, o que no Capítulo III se analisará.

O *corpus* da presente tese compreende, portanto, o texto de partida (TP) *Mau Tempo no Canal* (1944), de Vitorino Nemésio, na edição da INCM (1994, 7.^a edição), visto ter sido a que serviu de base, conforme informação peritextual, à tradução para língua inglesa¹²; o texto de chegada (TC) francês, *Gros Temps sur l'Archipel* (Éditions de la Différence, 1988, 2014), inicialmente intitulado *Le Serpent Aveugle* (Librairie Plon, 1953), da autoria de Denyse Chast, e, por fim, o TC de língua inglesa, *Stormy Isles: An Azorean Tale* (Gávea-Brow 1998; Tagus Press 2019), da autoria de Francisco Cota Fagundes. Estas publicações serão objeto de uma análise comparativo-textual, bem como peritextual.

Serão ainda analisados os peritextos – nomeadamente títulos, capas, prefácios e notas de rodapé – não só destas edições, mas também das restantes traduções do romance, a saber, da edição russa – *Niepogopa v prolivie* (Khudozhestvennaia Literatura, 1990), traduzida por Liliana Brevern – e da edição polaca¹³ – *Dziewczyna z Azorów* (Wydawnictwo Iskry, 1992), traduzida por Wojciech Chabasiński. Considerando que o peritexto é, frequentemente, o primeiro “texto” a que o leitor tem acesso, a forma como a obra é apresentada permite tirar ilações sobre o público-alvo, o objetivo da tradução, a visibilidade dos tradutores e da tradução, bem como, porventura, o conceito de tradução favorecido pela cultura de chegada ou pela editora (Genette 1997:1).

Neste sentido, será traçada a história externa da tradução do romance, i.e., analisar-se-á o contexto em que surgiram as traduções para francês, inglês, russo e polaco. A presente tese terá também um pendor teórico-conceitual e hermenêutico-interpretativo no que diz respeito às traduções para língua francesa e inglesa, traçando a história interna da tradução da obra, ou seja, as alterações de que os TC foram objeto ao longo das suas publicações.

Partindo do pressuposto de que o fenómeno da intraduzibilidade não se afigura como absoluto, mas sim espectral – e, portanto, de que a açorianidade é traduzível –, a questão que aqui se coloca é, assim, “até que ponto é traduzível a açorianidade?”. Nessa medida, e considerando também o heterolinguismo de *MTC* – a presença de línguas estrangeiras e de variedades da língua portuguesa, lembre-se, – como uma característica da açorianidade,

¹² Em virtude da data da primeira publicação do TC francês (1953), apenas a primeira (1944) e a segunda (1945) edições de *MTC* lhe poderão ter servido de base. Dada a dificuldade em aceder a estas edições de forma regular, e considerando que o TP não sofreu alterações significativas ao longo das suas publicações, optei por utilizar a edição em que se baseou a tradução para inglês.

¹³ Importará aqui ressaltar que, devido ao meu desconhecimento das línguas russa e polaca, me socorri de ferramentas de tradução automática para proceder às traduções dos peritextos, posteriormente revistas por falantes nativos de russo e polaco. Esta minha limitação determinou, assim, que, ao nível da análise textual, me aterei às traduções para francês e inglês.

proponho-me identificar estratégias¹⁴ e, se possível, tendências de tradução de heterolinguismo, examinando, para o efeito, de que forma é tratado este fenómeno em tradução. De referir que o heterolinguismo se revela especialmente interessante nos casos em que gera sobretraduzibilidade, entenda-se nos casos em que as línguas de chegada correspondem às línguas estrangeiras presentes no texto de partida – como acontece com as traduções para francês e inglês, visto que são estas as línguas estrangeiras mais recorrentes no romance –, e especialmente no caso de a sua utilização estar, como está, associada a questões de ordem socio-histórica. Por conseguinte, afigura-se necessário convocar os saberes de diversos âmbitos disciplinares, desde logo os Estudos Descritivos de Tradução e os Estudos Insulares, bem como a Linguística (Dialetologia) e a História (nomeadamente dos Açores e da emigração açoriana).

A presente tese está, então, organizada em quatro capítulos, contemplando ainda um documento de anexos. Note-se que cada capítulo apresenta um título retirado da obra nemesiana, quase todos aludindo, de alguma forma, à insularidade. Como o próprio Nemésio admitiu, “aquilo que eu escrevi está cheio de ilhas por todos os lados”¹⁵, reconhecendo que a ilha se tornara, na sua obra, símbolo, obsessão, *leitmotiv* (na poesia sobretudo). Também o título desta tese quis prestar tributo à ilha (e, portanto, ao mar), enquanto matriz e inspiração dessa obra, recuperando, para o efeito, o título de um ensaio de Nemésio, publicado, em 1932, em *Sob os Signos de Agora*. “Do Mar ao Livro” transforma-se aqui em *Do Mar ao(s) Livro(s)* para sugestivamente abarcar, além do principal livro romanesco de Nemésio, *MTC*, as suas traduções.

Assim, o **Capítulo I** – intitulado *De Carne e Pedra*, expressão retirada do artigo “Açorianidade” (Nemésio 1932) – discute os vários conceitos que considero fundamentais para a exploração de *MTC* em tradução. Entre eles estão, além de açorianidade (*ibid.*), imagologia, insularidade, diáspora, (in)traduzibilidade, sobretraduzibilidade (Lopes 2013), heterolinguismo (Grutman 1997), hibridismo, história interna e história externa de tradução

¹⁴ Entenda-se o termo “estratégia de tradução” na aceção de Chesterman (2000:15): “[s]trategies are established ways of solving problems”. Por seu turno, “[a] problem is a perceived difficulty in getting from the present state to the desired goal state” (*ibid.*). O próprio Chesterman (2005) adverte para as múltiplas utilizações do termo “estratégia” no âmbito dos Estudos de Tradução, relembrando que outros, como “técnicas” ou “procedimentos”, poderão, em alguns casos, ser utilizados com o mesmo significado. Ao longo desta tese, utilizarei apenas o termo “estratégia”, no sentido que lhe é dado por Chesterman, não só pela sua abrangência, mas também como forma de simplificar a comunicação e de evitar equívocos.

¹⁵ Arquivo RTP. *Entrevista I* (11:09). 1972. Disponível em <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/entrevista-a-vitorino-nemesio-i>. Acesso em 08/02/2023.

e peritextos (Genette 1997), além de outros conceitos dialogantes. Refira-se que este capítulo servirá apenas de introdução aos conceitos (olhados a partir de diversas perspetivas), os quais serão retomados e desenvolvidos ao longo da tese.

O **Capítulo II** – *O Ovo e a Ave*, expressão retirada do poema “Versos a uma cabrinha que eu tive” – é dedicado à biobibliografia do autor e ao seu romance *Mau Tempo no Canal*. Na escrita nemesiana, o ovo, enquanto fonte de vida, simboliza a ilha, e a ave, o próprio Nemésio, ou “O Canário de Ouro”, como se proclamou no poema do mesmo nome. *MTC* é também um produto desse ovo (e, evidentemente, dessa ave). Percorrendo o trajeto da génese do romance, far-se-á ainda uma descrição dos Açores retratados na obra, não sem antes se fazer uma breve incursão pela vida do autor e, bem assim, pela cronologia da literatura açoriana¹⁶, da qual *MTC* será “a pedra de toque”.

O **Capítulo III** – cujo título, *Espelhos Paralelos*, precisamente retirado do autobiográfico poema “O Canário de Ouro”, visa ilustrar o efeito reflexivo da tradução – ocupa-se da história externa das traduções do romance – para francês, inglês, russo e polaco –, bem como dos agentes de tradução envolvidos no processo, com particular destaque para as tradutoras e os tradutores.

Desde que, em 1995, Lawrence Venuti publicou a sua obra seminal *The Translator's Invisibility*, começou a tomar-se consciência da figura do tradutor enquanto indivíduo com identidade, expectativas e visões do mundo, alguém que atua sob constrangimentos socioculturais e profissionais, que se refletem na tradução. Assim sendo, e uma vez que, como alega Koster (2002: 24), é possível escrever uma história externa de tradução sem a sua vertente interna, mas o oposto – escrever uma história interna relevante sem

¹⁶ Sobre literatura açoriana pronunciar-me-ei no Capítulo II, mas entenda-se, desde já, que – sem querer entrar em “separatismo literário” (Aguiar 1986: 264) – reconheço a sua existência, daí que utilize a expressão. Para tal, concorre o facto – além de outros que referirei no seguinte capítulo – de existir, desde a década de 1970, uma disciplina com essa designação em várias instituições de ensino superior, nomeadamente na Universidade de Brown e na Universidade dos Açores. Foram também já defendidas diversas teses sobre literatura açoriana, em universidades tão díspares como a de Bristol ou da Sorbonne (cf. Almeida 2011: 13).

Acima de tudo, julgo que incorreria talvez em algum grau de injustiça se, num trabalho académico sobre Vitorino Nemésio e, em particular, sobre o seu romance *MTC*, não considerasse que a literatura açoriana, de facto, existe e que a obra de Nemésio é talvez a base em que mais solidamente assenta.

Assim, estabelecida que está a utilização da expressão “literatura açoriana” ao longo deste trabalho – e a inclusão nela de *MTC* –, sendo esta uma tese em Estudos de Tradução, entendo que o debate sobre os critérios para a constituição da literatura açoriana extravasa o seu âmbito. Além disso, são já inúmeros os contributos nessa matéria – veja-se, por exemplo, Eduíno de Jesus (1957), Machado Pires (1983), Onésimo Teotónio Almeida (1983 e 1986) ou José Martins Garcia (1987). Ainda assim, e em consonância com o que aqui foi sugerido para o conceito de açorianidade, propor-se-á que a literatura açoriana se não esgote na literatura escrita em língua portuguesa.

contextualizar a tradução – dificilmente o será, a análise das traduções (no Capítulo IV) é antecedida do estudo dos contextos em que foram produzidas. Deste modo, através da análise dos paratextos – em particular dos peritextos – das traduções, farei por compreender o processo de exportação da obra, bem como o próprio processo de tradução. Ou seja, tentarei responder às questões que guiam a história externa de tradução (Kittel 2004: 808): o quê, quando, onde, quem, como se traduz?

Já o **Capítulo IV** – cujo título, *O Sal e o Renovo*, também retirado do poema “O Canário de Ouro”, entendo poder aplicar-se ao papel revitalizador e renovador da tradução – é dedicado à história interna das traduções para francês e inglês de *MTC*. A fim de identificar e interpretar os efeitos da tradução (ou não tradução) no entendimento do romance e da própria açorianidade, procederei a uma comparação das estratégias utilizadas pelos tradutores no que respeita às marcas da insularidade açoriana existentes no TP, sem esquecer as alterações que foram sendo introduzidas ao longo das várias edições das traduções. Para o efeito, o estudo dividir-se-á em duas grandes dimensões: *Heterolinguismo e Paisagem e do Clima*. Em cada parte, selecionei para análise as passagens do romance que se me apresentaram como as mais relevantes, tanto do ponto de vista da açorianidade, como da (in)traduzibilidade, analisando o seu tratamento nos TC de língua francesa e inglesa.

Em particular no que respeita ao *Heterolinguismo*, considerar-se-ão não só passagens que contemplam línguas estrangeiras, mas também aquelas em que existe heterolinguismo interno, ou seja, o heterolinguismo da própria língua portuguesa, patente em regionalismos híbridos (de base anglo-americana) e não-híbridos, bem como em representações da variação diatópica (geográfica) e também diacrónica (cronológica). O heterolinguismo está presente, sobretudo, nas falas das personagens, mas também nas descrições de aspetos da vivência açoriana, como a baleação, a emigração, as tradições culturais – por exemplo, o Carnaval, o Dia das Amigas – e as tradições religiosas – como as Festas do Divino Espírito Santo, às quais Nemésio dedica todo o Capítulo XVIII¹⁷. Nessa medida, o heterolinguismo

¹⁷ Tal é a relevância do culto do Espírito Santo na região que o Decreto Regional 13/80/A instituiu como Dia da Região Autónoma dos Açores a “segunda-feira do Espírito Santo”. No decreto lê-se: “As celebrações são tão espontâneas, tão vividas e tão intensas que a natureza das coisas como que impõe um inevitável descanso no primeiro dia útil que se lhes segue. Porque é o mais popular dos dias de repouso e recreio em toda a Região, entende-se justo consagrá-lo como afirmação da identidade dos açorianos, da sua filosofia de vida e da sua unidade regional – base e justificação da autonomia política que lhes foi reconhecida e que orgulhosamente exercitam.”

Disponível em <http://base.alra.pt:82/iniciativas/plenario/LPjDLR007-80.pdf>. Acesso em 25/09/2023.

das personagens é como que uma manifestação verbal da versatilidade histórico-cultural da própria população açoriana.

MTC apresenta-se, por conseguinte, como um romance que oscila entre a erudição do seu narrador e de algumas personagens – com introdução de intertextos e línguas estrangeiras – e o registo popular das personagens do povo, contadoras de histórias, por excelência – com a representação de falares regionais. Talvez um reflexo das próprias facetas de Nemésio: o poeta do povo e o académico, o Rouxinol e o Mocho, como se descreveria na sua “Última Lição”: “eu era, entre os sábios aquiescentes, um poeta extraviado e, entre os poetas maliciosos, um sábio enganado no número da porta” (Nemésio 1986:442).

Nessa linha de pensamento, e pelas dificuldades que levantam ao nível da tradução, é atribuída especial ênfase aos casos de *code-switching*¹⁸, à representação de variedades linguísticas regionais – designadamente, aos vocábulos híbridos/regionalismos de base anglo-americana – e à terminologia da baleação, bem como das tradições culturais e religiosas açorianas. Afigura-se-me, portanto, de interesse explorar estes elementos à luz dos Estudos de Tradução, pois, por apresentarem diversos desafios ao tradutor, permitem refletir sobre os conceitos de (in)traduzibilidade, não tradução e sobretraduzibilidade.

Relativamente às descrições de *Paisagem e Clima*, estas configuram particularmente descrições do Canal e do Pico – que, a meu ver, podem ser interpretados como personagens do romance –, bem como passagens que integram o que considero palavras-chave (ou “palavras-tema”, como as designa Heraldo Gregório da Silva [1985a]), que visam a descrição da restante paisagem e do clima açorianos. Estes vocábulos relacionam-se, de um modo geral, com a fauna e a flora do arquipélago, mas incluem também expressões que remetem para o clima húmido do arquipélago, como *torpor*, *bafo/abafado*, *mormaço*, entre outros.

Quanto à **Introdução**, o título *A Concha* é retirado do poema com o mesmo nome, em que a “concha” é casa (leia-se, novamente, ilha). As epígrafes utilizadas nas **Conclusões** – *Mar ao fundo/Ilha ao longe* – pertencem, respetivamente, ao poema “O Bicho

¹⁸ Aqui entendido como o processo de alternar entre diferentes línguas no mesmo ato discursivo. Ainda que, segundo alguns autores (cf. Klinger 2015:36), *code-switching* possa ocorrer não só entre línguas, mas também entre diferentes variedades da mesma língua (situação, aliás, frequente em *MTC*), opto por utilizar o termo na sua aceção mais imediata, ou seja, apenas para me referir à utilização de diferentes línguas num mesmo discurso. O fenómeno de *code-switching* fica, assim, associado ao heterolinguismo externo, enquanto a utilização e/ou alternância de diferentes variedades de uma mesma língua integra o heterolinguismo interno.

Harmonioso” e ao poema “Ilha ao Longe”, fechando-se assim o círculo da insularidade da obra nemesiana.

Por fim, com o documento de **Anexos**, procurei criar um arquivo tão completo quanto possível, de fácil consulta, para quem pretenda estudar a açorianidade e o heterolinguismo em tradução, mas também *MTC*, Nemésio e as traduções do romance. O documento contempla o levantamento de todos os excertos do TP e respectivos TC em francês e inglês que considere relevantes para cada ponto em análise no âmbito do Heterolinguismo e das descrições de Paisagem e Clima (Anexo A). Evidentemente, dado o elevado número de passagens, estas não poderiam, na sua totalidade, ser analisadas no presente estudo, pelo que, no Capítulo IV, me cingirei às que se me sugeriram como mais representativas de cada caso. Os Anexos incluem ainda o levantamento de vários peritextos do TP e dos TC em francês e inglês, a saber, títulos de capítulo, notas de rodapé, capas e contracapas, contemplando também as capas, contracapas e outras informações relevantes das traduções russa e polaca (Anexo B). A fechar, o documento apresenta duas listas: a das traduções realizadas por Nemésio e a das traduções existentes (tanto quanto foi possível apurar) de obras de Nemésio (Anexo C). Esta compilação foi realizada com base em informações paratextuais (jornais, revistas, entrevistas, peritextos de outras obras traduzidas, etc.), bem como através de pesquisas em bases de dados (BNP, PORDATA, *Index Translationum*, DGLAB, ente outros).

Deste modo, à luz do exposto, apresentam-se como objetivos desta tese:

- a) dar nova perspectiva à açorianidade, explorando os limites da sua traduzibilidade;
- b) renovar a visibilidade de Nemésio e da sua obra, em particular de *MTC*;
- c) dar visibilidade às traduções, tradutoras e tradutores do romance. Como recentemente alertou Podlevskikh Carlström (2022a:50), “to the best of my knowledge, no general analyses of translation and translator visibility in the peritext have been done yet”. Isto se procurará fazer no Capítulo III. Ao analisar a visibilidade dos tradutores e das traduções, dar-se-lhes-á visibilidade;
- d) compreender de que forma os tradutores do TC em francês e inglês abordaram a (in)traduzibilidade da açorianidade (nomeadamente no que diz respeito ao heterolinguismo), contribuindo, assim, de forma significativa para os Estudos de Tradução;

- e) identificar e analisar, nessa medida, os efeitos das traduções na percepção do romance, nomeadamente no que se refere à representação/imagologia da população/sociedade açorianas em *MTC*. Como referem Milton e Bandia (2009:10), “[w]hen a text circulates within a new culture, it will no longer circulate within its original context and may be given new meaning by the new field of reception”. Deste modo, pretende-se avaliar se esses “novos significados” existem e, se sim, quais são;
- f) identificar aspetos relacionados com a exportação de literatura portuguesa e açoriana, nomeadamente aspetos de índole editorial, procurando promover uma melhor compreensão da receção do romance, da obra nemesiana e da literatura portuguesa e açoriana no estrangeiro. Este é um tema sobre o qual escasseiam estudos, visto que os existentes seguem, por norma, a via contrária: a importação de literatura estrangeira em Portugal.

Tratando-se a presente investigação de um contínuo processo de interpretação do romance e das suas traduções para língua francesa e língua inglesa, aos procedimentos descritivo e comparativo alia-se a metodologia interpretativa, que permite pensar e articular razões a partir dos momentos de descrição e comparação. Realce-se, porém, que as análises que se pretende levar a cabo afiguram-se sempre descritivas e comparativas, nunca prescritivas.

Por outro lado, a análise de um romance como *MTC* é sempre, necessariamente, incompleta, ou não se estivesse perante “um verdadeiro tratado sobre os Açores” (Machado Pires 2014: 14), incluindo paisagem, clima, gentes, economia, fauna, flora, figuras e eventos históricos, emigração, entre outros. Além disso, como ainda afirmou Machado Pires (*ibid.*: 11), também da tradução para inglês de *MTC* “resultou um resíduo teórico importante para qualquer estudo ou mesmo cadeira de teoria da tradução, quer pelos pressupostos que discute, quer pelos exemplos práticos e dúvidas que patenteia ao leitor”, o que a presente tese pode confirmar.

Em suma, não só de *MTC*, mas de toda a obra de Nemésio se poderá dizer que constitui como que uma retribuição aos Açores, sendo que, para o autor, a ilha, “‘medida de todas as coisas’, não é um pretexto para temas e livros, nem uma oportunidade de intenção regionalista, nem uma evocação para impressionar os conterrâneos; é uma medida para aferir toda a humanidade pela sua” (Machado Pires 2007: 72).

CAPÍTULO I
DE CARNE E PEDRA

Enquadramento teórico-conceptual

1. Açorianidade

Antes da açorianidade, o açorianismo. Em 1919, Luís da Silva Ribeiro – jurista, etnógrafo, poeta, enfim, intelectual conterrâneo de Vitorino Nemésio –, n’*Os Açores de Portugal*¹, distinguia traços do “caráter açoriano”, procurando nele evidenciar a influência do meio, não só dos hábitos e costumes, mas do próprio clima, vulcanismo, mar ou isolamento. Afirmava Ribeiro (1964:33) que “nesse ambiente morno todas as energias se quebram, e daí a indolência peculiar dos açorianos, ainda que em grau variável de ilha para ilha”.

Inspirado pelo etnógrafo – a quem Nemésio virá a dedicar o seu *Corsário das Ilhas* (1956) –, o então jovem académico profere, em 1928, na Universidade de Coimbra, onde estudava, uma programática conferência intitulada “O Açoriano e os Açores”². No evento, organizado pela Associação Académica de Coimbra, e já numa espécie de lição, Nemésio dá a conhecer os Açores, procurando registar “uma realidade açoriana que não só geograficamente se manifesta, mas que sobretudo é viva numa ética própria” (1995:88). Na linha de Ribeiro, assume Nemésio (1995:93) que o açoriano, de um modo geral, vê

a sua energia [é] como que abafada pela humidade atmosférica. Parece indolente. Não reage talvez bastante na política, na religião, nas categorias em que se exige um certo esforço desinteressado e um relativo pendor para a luta dos sentimentos e das ideias. Nisso, em verdade, é fraco.

Deve-se essa “fraqueza” à pequenez do meio, à “lei da sociabilidade açoriana. A pequena vizinhança é o seu tipo de agregação: daí o perigo da excessiva combatividade” (*ibid.*:98).

Relembrando açorianos que se destacaram na sociedade portuguesa, como Antero de Quental ou Teófilo Braga, Nemésio advoga que “os Açores são, de facto, um Portugal requintado porque receberam dele a forma e o pensamento quando Portugal na verdade era uma força em marcha” (*ibid.*:99). E recuperando a ideia de Ribeiro de que o açoriano descende, antes de mais, do “português de Quatrocentos” – ideia que retomará no seu ensaio “Açorianidade” –, o jovem estudante faz uma incursão pela história do arquipélago,

¹ Inicialmente uma conferência proferida em Angra do Heroísmo, na Associação de Classe dos Empregados no Comércio, o texto foi posteriormente publicado.

² Mais tarde inserida em *Sob os Signos de Agora* ([1932] 1995).

recordando outros povoadores – além dos nobres portugueses –, como mouros, judeus e flamengos, que “cunharam decerto o ilhéu de um génio próprio” (*ibid.*:93), para declarar que o “pré-açoriano [que] entronca em nobre e em plebeu” (*ibid.*:91) e que esse “pré-açoriano foi o português dos Descobrimentos” (*ibid.*).

Na sequência destas afirmações, também Nemésio se propõe definir um carácter açoriano, sendo que procede, nessa sua conferência, a uma (discutível) distinção entre três tipos de açoriano: o micalense, o das ilhas de baixo e o picaroto – que considera a “nata das ilhas”³ (1995:97). Essa distinção, advoga Nemésio, tem por base “os matizes da fala insulana” (*ibid.*), o que é também controverso, visto que, por esse critério, o picaroto não deveria propriamente separar-se do grupo “das ilhas de baixo”, expressão que contempla as ilhas dos grupos central e ocidental. Na verdade, talvez Nemésio apenas procurasse individualizar o *picaroto*.

Como a afirmação de Ribeiro deixara antever, as distinções que concebem ele e Nemésio são sintomáticas da dificuldade de definir um carácter unívoco⁴ para os habitantes de uma região dispersa por nove ilhas e muitas milhas marítimas. Aliás muitas vezes zona de conflito (Anzaldúa 1987), a identidade constrói-se pela diferença, defende Hall (1987:45). E não se está, neste caso, perante diferenças entre uma “identidade nacional” e uma “identidade regional” – que mutuamente se caracterizam –, mas perante diferenças no seio da própria “identidade regional”. Ainda assim, a ideia de identidade será, principalmente, sustentada pela semelhança, por aspetos comuns e partilhados, e é nesses que os autores defensores de uma “identidade açoriana” se irão focar.

Com a sua conferência, pretendia Nemésio “acordar na alma dos estudantes um inteligente amor às suas terras de origem” (1995:100), o que, curiosamente, parece ter-se manifestado nele próprio. Não muito depois, em agosto de 1932, o autor como que revê a multiplicidade que atribuíra ao *carácter açoriano*. Fá-lo com um ensaio publicado na Revista *Insula*, n.ºs 7-8, em Ponta Delgada por ocasião do V centenário do descobrimento e

³ Como adiante se verá, a admiração de Nemésio pelos homens do Pico está bem patente no destaque que concede aos baleeiros em *Mau Tempo no Canal*. A essa admiração não é indiferente a opinião de Raul Brandão. Em carta ao autor, de 8 de agosto de 1929 (E11/cx.3), afirma Nemésio “apoio[-me] constantemente na sua autoridade para falar bem dos picarotos”.

⁴ Como no capítulo seguinte se verá, ainda no século XIX, o naturalista micalense Francisco de Arruda Furtado, não sem influência da teoria da evolução das espécies, de Charles Darwin, com quem se correspondia, publica *Materiais para o estudo antropológico dos povos açorianos. Observações sobre o povo micalense*. O próprio título aponta já para uma distinção entre “povos açorianos”.

povoamento dos Açores. Intitulava-se esse ensaio “Açorianidade”⁵, e estava, assim, criada a designação da especificidade açoriana.

Cruzando conceitos e termos de dois homens que admira – o “açorianismo” de Luís da Silva Ribeiro e a “hispanidad”⁶ do seu “mestre” Miguel de Unamuno – “uma consciência em carne viva” (Nemésio 1995:170) –, Nemésio define a açorianidade como a afirmação do açoriano no mundo:

[A] vida açoriana não data espiritualmente da colonização das ilhas: antes se projecta num passado telúrico que os geólogos reduzirão a tempo, se quiserem... Como homens, estamos soldados historicamente ao povo de onde viemos e enraizados pelo habitat a uns montes de lava que soltam da própria entranha uma substância que nos penetra. A geografia, para nós, vale outro tanto como a história (...) Como as sereias temos uma dupla natureza: somos de carne e pedra. Os nossos ossos mergulham no mar. (Nemésio 1986:406-7)

23

Quase que evocativo do anel que Margarida Clark Dulmo atirárá ao mar no final de *MTC*, com este texto criava Nemésio um neologismo que não mais deixaria de circular. Enquanto aprofundamento do conceito de açorianismo – que caíra em desuso com o Estado Novo, regime que não tolerava reivindicações –, a açorianidade encara o ser açoriano do ponto de vista da geografia e da história, colocadas no mesmo plano por Nemésio. A experiência da açorianidade é, aliás, promovida pela relação entre geografia e história: isto é, pela influência que estas exercem no carácter e na cultura dos ilhéus. O próprio título *Mau Tempo no Canal* – ao dar protagonismo ao clima e à geografia (ou ao clima que resulta da geografia) – espelha, de certa forma, essa relação, que o autor explorará ao longo da obra.

⁵ Refira-se ainda um outro texto de Nemésio, com o mesmo título, datado também de 1932, mas publicado no *Diário de Notícias* (e republicado no *Correio dos Açores* a 6 de setembro do mesmo ano). Trata-se de um número especial do jornal igualmente dedicado ao V centenário do descobrimento e povoamento dos Açores. Porém, e possivelmente devido ao diferente contexto de comunicação e diferente público-alvo – o público continental –, o texto de Nemésio publicado no *Diário de Notícias* afigura-se mais descritivo e mais centrado na relação histórica entre Portugal Continental e ilhas do que na linguagem simbólica que caracteriza o primeiro. O texto está disponível em https://sites.google.com/site/ciberlusofonia/PT/Lit-Acoriana/acorianidade_nemesio_1932. Acesso em 05/05/2023.

⁶ Focando-se mais na língua espanhola do que num possível carácter nacional, com características comuns, Unamuno afirma: “[Q]uiero decir con Hispanidad una categoría histórica, por lo tanto espiritual, que ha hecho, en unidad, el alma de un territorio con sus contrastes y contradicciones interiores. (...). Pero más que raza de sangre, más que línea de sangre, raza de lenguaje. Y un lenguaje es un pensamiento, es un sentimiento común, es una filosofía”. Disponível em <https://www.filosofia.org/hem/192/92711sin.htm>. Acesso em 04/05/2023.

Tendo em consideração as diferentes culturas e línguas que partilham o território de Espanha, o conceito de Unamuno aproxima-se talvez mais do conceito de lusofonia do que do de açorianidade, que, pelo menos do ponto de vista deste trabalho, se propõe não se restrinja à língua portuguesa.

Em 1936, o próprio Luís da Silva Ribeiro retoma não já o seu açorianismo, mas a açorianidade de Nemésio, publicando, no diário micaelense *Correio dos Açores*, uma série de artigos⁷ que visava desenvolver o conceito através de uma caracterização da cultura e do modo de ser açorianos. Ao sistematizar as particularidades de uma “psicologia étnica açoriana” (Leal 1997:3), Ribeiro contribui para que

[v]árias expressões da cultura popular açoriana até aí tratadas de forma mais dispersa s[ejam] agora formalmente apropriadas como signos da “açorianidade”. Rituais religiosos – como as Festas do Espírito Santo, as Romarias Quaresmais de São Miguel ou a Festa do Santo Cristo –, o cancionero, a música popular ou as danças tradicionais deixam de ser encarados como expressões contingentes e dispersas do viver popular nas ilhas para passarem a ser vistos como objectos emblemáticos do “ser açoriano”. (*ibid.*:14)

Precisamente estes elementos – e outros, como os falares regionais ou certas tradições profanas – serão incorporados em *Mau Tempo no Canal* (1944), qual veículo da açorianidade do seu autor, e, nesta tese, analisados a partir das traduções do romance para francês e inglês.

Porém, ainda antes da publicação de *MTC*, em 1940, Nemésio escreve um texto ficcional em que desenvolve uma teoria sobre o *Homo Açorensis*. Este texto, originalmente escrito em francês – e proferido numa conferência em Nice – numa época em Nemésio lecionava em França, intitula-se simbolicamente *Le Mythe de Monsieur Queimado*⁸. Simbolicamente porque “Queimado” é a designação popular, dada nos Açores, à sua ave emblemática: o milhafre⁹. E também porque “M. Queimado” é frequentemente considerado um alter-ego de Nemésio¹⁰, não fosse Mateus Queimado narrador de muitos dos seus contos (nomeadamente de alguns incluídos n’*O Mistério do Paço do Milhafre*).

⁷ Posteriormente reunidos por João Afonso e publicados, em 1964, sob o título *Subsídios para um ensaio sobre a Açorianidade*.

⁸ Numa entrada diarística de 3 de maio de 1973 (Diário XCIII, E11/cx. 62), registada em Nice, e referindo-se aos vários emigrantes açorianos que haviam, em algum momento, assentado na cidade, incluindo o maestro e musicólogo jorgense Francisco de Lacerda, escreve Nemésio: “Foi este fluxo migratório que me induziu por ventura [sic] a vir aqui em tempos falar de O Mito do Sr. Queimado, os amores de um ilhéu simbólico das Ilhas. Estranho atrevimento de um professor em trânsito, convidado pelo centro de universitário mediterrânico que Paul Valéry aqui tinha.”

⁹ Aparentemente confundido, segundo as teorias mais difundidas, pelos exploradores portugueses com o açor, que acabou por dar nome ao arquipélago, é, na verdade, o milhafre que se vê na bandeira da Região Autónoma dos Açores.

¹⁰ “O alter-ego Mateus Queimado, tão profundamente ele [Nemésio], apesar do disfarce e do estratagemas narrativo. E carregado do simbolismo ilhéu – o queimado, o milhafre, a ave emblemática do Arquipélago, que ele escolheu para nome do seu duplo narrativo.” (Machado Pires 2007:67). Cf. também Garcia (1978), Machado Pires (1998 e 2007) ou ainda Amaral (2011).

Em *Le Mythe*, a bordo de um barco no mar dos Açores, M. Queimado – “beaucoup plus poète qu’homme de science” (Nemésio 1986:412) – vai tecendo comentários sobre a paisagem açoriana, assim desenvolvendo a sua teoria, o “mito do homem açoriano”:

L’idée d’une Atlantide engloutie dans les eaux, dont les Açores, les Canaries, Madère et Cap Vert n’eussent été que les sommets d’une cordillière affaissée, le mettait en colère, car elle ruinait la possibilité d’une structure açoréenne autonome et le mythe de l’homme açoréen sans ancêtres, le mythe de M. Queimado. (Nemésio 1986:411)

Apesar da sugestiva passagem, adverte Machado Pires (2013:26) que Nemésio, quando criou a açorianidade,

não o fez nem como escritor, nem como professor, mas tão só com o elemento fundamental que mais nos enriquece e que subsume todos os outros: a vivência do homem. Naquele caso, a *vivência* de um homem saudosamente afastado das suas ilhas, ainda tão mal conhecidas no mundo.

Atualmente, não raras vezes confundido com a própria noção de autonomia, o conceito de açorianidade – que, como todos, não é estanque – tem porventura sido sobreutilizado pela classe política, correndo o risco de ver esvaziado o seu sentido. Mas não poderá essa sobreutilização dever-se – tendo em conta o processo de povoamento ou colonização do arquipélago – ainda a uma espécie de sentimento de colónia, como que de território de que o colonizador se apoderou para eventualmente abandonar, qual lugar de passagem? Ou seja, não poderá a açorianidade resultar também de um certo ressentimento, daí ser um termo tão explorado para se distanciar os Açores e açorianos do restante Portugal?

A este propósito, vem novamente à memória a personagem de *MTC* Cândia Furoa, mulher de uma oprimida camada popular jorgense e que Margarida visita durante a sua estada em casa do Barão da Urzelina. Cândia Furoa – a quem até falta uma letra no nome¹¹, ou, como observa Cota Fagundes (2014:19), “perdeu o ‘d’ da *candura* que o nome Cândida implicaria” – é mãe de quatro filhos de pais diferentes: um fiscal de impostos, um “doutor” do Registo Civil, um padre e um guarda fiscal. Para Martins Garcia (1988:145):

Neste friso, Vitorino Nemésio indicou os principais agentes da “colonização” dos Açores pelo Continente. É que, para além dos vários sangues da colonização real – flamengos, ingleses, portugueses, etc. – ainda há que ter em conta a sujeição das Ilhas ao governo de Lisboa.

¹¹ É nas provas tipográficas XII de *MTC* (E11/cx. 96) que Nemésio retira o “d” a Cândida (p. 269 das provas). Em determinado ponto desse texto, a personagem surge também com o nome Rosa Furoa, que Nemésio altera para “Cândia”.

Relembra ainda Martins Garcia (*ibid.*) os versos “Quem nos tira as viagens,/Os cais, as vacas, as filhas?”, que Nemésio teceu em *Sapateia Açoriana, Andamento Holandês e outros poemas* (1976), como um “grito” em nome do seu povo¹².

Por outro lado, atualmente, e de forma muito mais vincada, o conceito de açorianidade configura o movimento oposto, ou seja, para o exterior, a diáspora açoriana. Uma expansão do conceito justificável pelo facto de, como adiante se verá, a emigração ser uma característica definidora da experiência/vivência açoriana. Além disso, note-se que a ideia de açorianidade emerge num Nemésio também ele, de certa forma, emigrado.

Neste sentido, não seria talvez demasiado ousado expandir o conceito não só além das fronteiras de Portugal, mas também da língua portuguesa, associando-lhe o bilinguismo, como sugere Rosa Simas (2009) no ensaio já mencionado. Ou associando-lhe mesmo o multilinguismo, enquanto reflexo de uma sociedade açoriana marcada não só pela emigração, em especial para a América do Norte (como, aliás, bem exemplificado pelo próprio Nemésio em *MTC*), mas também por um povoamento de diversificadas origens.

Contudo, importará, neste ponto, lembrar que a açorianidade “é o sentimento dele [Nemésio] (...) e só depois se foi transformando num conceito identitário (...), [uma] condição de ser insular dos Açores, alma que se transporta, sobretudo quando fora dos Açores” (Machado Pires 2007:70). Daí que se tenha tornado quase sinónimo da diáspora açoriana.

Mas é justamente a açorianidade de Nemésio que parece ter ficado esquecida nestes mais de 90 anos do termo. Embora, como Ribeiro e outros autores¹³, Nemésio tenha procurado, de certa forma, “fixar” a identidade açoriana, contribuindo para a construção da região como espaço identitário, ao escrever o ensaio que criou o termo, o autor referia-se à sua própria açorianidade, ao seu sentimento de pertença, ao seu desterro de ilhéu:

Um dia, se me puder fechar nas minhas quatro paredes da Terceira, sem obrigações para com o mundo e com a vida civil já cumprida, tentarei um ensaio sobre a minha *açorianidade* subjacente que o desterro afina e exacerba. (Nemésio 1932)

Açorianidade constitui-se, assim, hoje como um conceito subjetivo, porque nele “ecoam ressonâncias afectivas individuais”¹⁴ (Machado Pires 2013:7), mas igualmente objetivo, pois

¹² No Capítulo II, abordar-se-á mais detalhadamente esta questão.

¹³ Maior atenção lhes será concedida no Capítulo II.

¹⁴ Uma ideia que ecoa os *Travelling Concepts* de Mieke Bal (2002:11): “Even those concepts that are tenuously established, suspended between questioning and certainty, hovering between ordinary word

que remete para uma identidade coletiva açoriana, dentro e fora dos Açores. Em *Imagined Communities* ([1983]2016), Benedict Anderson definiu uma nação como uma comunidade política imaginada, conquanto a sua realidade não esteja, em boa verdade, ao alcance dos cidadãos. Por muito reduzida que seja uma nação, impossível será conhecer todas as pessoas que a habitam ou conhecer todos os aspetos da sua economia, história ou geografia. Não obstante, Anderson adverte que “imaginada” não significa “falsa” ou “ficcional”. Trata-se, antes, de um exercício de pensamento abstrato que resulta numa ideia de comunidade. De acordo com o autor, a imprensa desempenhou um papel fulcral na criação das condições necessárias para o estabelecimento de uma ideia de nação/comunidade. Isto porque, com o seu surgimento, contribuiu não só para fixar as línguas vernáculas, mas também para criar um meio unificado de troca de informações.

À luz da ênfase colocada por Anderson no papel da cultura impressa, em especial do jornal e do romance, para a criação de uma ideia de comunidade, é curioso notar que foi, precisamente, na imprensa periódica que Nemésio utilizou, pela primeira vez, o termo “açorianidade”, servindo-se depois da sua obra romanesca, poética e ensaística para consolidar e divulgar o conceito. Além disso, como se viu, Nemésio escreveu dois textos distintos, ainda que com o mesmo título, para a mesma ocasião e com pouco mais de um mês de intervalo: um artigo para uma revista sediada nos Açores, outro para um jornal de Lisboa. O primeiro apelava à “alma açoriana”, o segundo, à história de Portugal. O que implica esta variação, pelo próprio Nemésio, para a ideia de açorianidade? Talvez pressuponha que o conceito seja apenas revelante para as comunidades açorianas – e/ou apenas relevantemente veiculado no seu seio. Curiosamente, e ao contrário da ideia avançada por Anderson, de que as comunidades são criadas, a açorianidade é, não raras vezes, encarada não como a construção, o artifício, que, na realidade, é, mas antes como uma espécie de herança não negociável. Desta perspetiva, a açorianidade é algo com que se nasce, ao invés de um conceito criado como meio de afirmação de diferença. Uma tal visão tem naturalmente implicações na forma como a respetiva comunidade será “imaginada”.

Nessa medida, e no que respeita ao caso concreto das traduções de *MTC*, importa recordar Baer (2020:362): “[t]he style in which a nation is imagined has direct implications

and theoretical tool, constitute the backbone of the interdisciplinary study of culture primarily because of their potential intersubjectivity. Not because they mean the same thing for everyone, but because they don't.”

for translation”. Uma tal afirmação poderá aplicar-se à tradução “açoriana” de *MTC* por Francisco Cota Fagundes, como melhor se verá no Capítulo III. Além disso, e apesar de, a partir dos anos 1990, o romance ter sido objeto de várias reedições e traduções, o que revela interesse na obra, há que notar que, em algumas traduções (especialmente na francesa e polaca), muitos dos elementos que remetem para a açorianidade do romance foram normalizados e/ou simplesmente omitidos, o que poderia contribuir para o argumento de que a açorianidade apenas importa para as comunidades açorianas.

Nesse seguimento, e como advoga Michael Cronin (2006:1), em *Translation and Identity*, “translation must be at the centre of any attempt to think about questions of identity in human society”. Talvez porque, e antes de mais, pensar-se seja traduzir-se (ou procurar traduzir-se) e traduzir-se implique pensar-se. Também daí advém a relevância de pensar *MTC* e a açorianidade – já tão explorados e debatidos – à luz da tradução/traduzibilidade.

Como conceito estético que também é, a açorianidade tem então por base a literatura – construtora de uma imagem de identidade nacional/regional/local, consolidadora da consciência de pertença a uma comunidade. E é Nemésio o pilar de uma

literatura de significação açoriana, por vivência autêntica da insularidade e não por reivindicação regionalista. Sendo a ‘impregnação vivencial’ o factor principal da visão da *açorianidade*. Nemésio podia mesmo reivindicar para os seus livros a fala, os comportamentos e os traços tipológicos de uma idiossincrasia açoriana (Machado Pires 2007:61).

Ao contribuir para uma “mitificação” das ilhas e dos ilhéus dos Açores, a açorianidade literária, ou manifestada na literatura, constrói-se, acima de tudo, pela temática da insularidade. Esta temática configura o isolamento, o clima, as catástrofes naturais – elementos como que articuladores da identidade açoriana (e porventura de muitos ilhéus) –, bem como as crenças religiosas e a emigração. A literatura – enquanto construtora de comunidades e de mundos – é veículo privilegiado para uma tal representação.

1.1. Imagologia

Campo de estudo interdisciplinar, a Imagologia centra-se na análise e interpretação de estereótipos e imagens nacionais, regionais e culturais retratados na literatura. O objetivo consiste em compreender de que forma são construídas as identidades nacionais e culturais, como evoluem ao longo do tempo e como afetam as relações interculturais.

A Imagologia surgiu no âmbito da literatura comparada e floresceu nos Estudos Literários, nas décadas de 1970 e 1980. Daí que o seu foco seja o discurso literário (cf. Doorslaer *et al.* 2015:3 e Podlevskikh Carlström 2022:146). Contudo, o seu escopo tem vindo a ser alargado a outros tipos de discursos, até mais influentes na construção de imagens, como o dos meios de comunicação social.

A imagologia pode, assim, constituir uma importante ferramenta para iluminar, desafiar e desconstruir estereótipos e preconceitos. Ao examinar criticamente as representações e imagens associadas a diferentes culturas, pretende promover maior compreensão, tolerância e diálogo entre nações e culturas.

Precisamente por procurar compreender o papel de estereótipos, preconceitos, mitos e narrativas na formação das perceções do público e, para tal, a forma como representações de nações, culturas e pessoas são construídas, divulgadas e interpretadas, a associação da Imagologia aos Estudos de Tradução (ET) parece inevitável. Nas palavras de Doorslaer *et al.* (*ibid.*:4):

Both disciplines have a research history stemming from descriptive and diachronic viewpoints that prevent them from using static approaches or positing stable or essentialist views of cultures and their practices. Change and hybridity are two important features of the objects both disciplines study: translation and images. In recent decades, Translation Studies has indeed shown a growing interest in national and cultural characterization and stereotyping, including the selection and potential manipulation procedures involved.

No âmbito dos ET, a Imagologia tem então estudado a forma como características nacionais (ou regionais, etc.) são mediadas não só através de mudanças e manipulações linguísticas, mas também através da própria seleção e agência de tradução (cf. Podlevskikh Carlström, *ibid.*). Nesse sentido, também as representações patentes nos peritextos de trabalhos literários ganham relevância, especialmente no caso de traduções, pois que normalmente diferem dos peritextos do TP. É o que se verá no Capítulo III.

Por explorar os vários aspetos relacionados com identidades nacionais, regionais, culturais, como sejam símbolos, narrativas históricas, variedades linguísticas, costumes e tradições, e a sua representação na literatura, a imagologia afigura-se relevante para este estudo, que procura compreender de que forma a *identidade açoriana* representada pelos elementos que veiculam a açorianidade em *MTC* foi (des)contruída nas traduções do romance.

1.2. Insularidade

E antes da açorianidade, a insularidade. Considerando então que a identidade também se define em face da alteridade, assim os ilhéus se definem perante aqueles que o não são. E o que faz um ilhéu? São-no simplesmente porque nascem em ilhas? Porque vivem em ilhas? Continuam a sê-lo mesmo que não habitem já as ilhas?

Correndo o risco de constatar o óbvio, uma ilha é, antes de mais, um pedaço de terra que se separou de outro, de “uma terra-mãe”. Talvez por isso os ilhéus se sintam diferentes – ou se sintam no direito de se sentir diferentes. Será porventura a sensação de apartamento comum a todo o ilhéu – do britânico ao timorense, do australiano ao madeirense? Para (Stephanides 2008:8), o ilhéu está sempre no limiar da identidade, procurando autonomia e estabilidade no pedaço de terra que antes fora parte de um continente.

Afigura-se-me inequívoco que a geografia, a dimensão física, mas também a demográfica, os aspetos governamentais e sócio-histórico-culturais ditarão diferenças entre ilhéus (ou entre os que querem permanecer ou tornar-se ilhéus). Ainda assim, talvez a maioria, terá uma consciência espacial particular, com uma noção mais clara da finitude da terra, limitada pelo mar. Por seu turno, a fronteira terrestre reveste-se de significados dificilmente entendidos pelo insular, como notou Nemésio (1998:57), não tivesse o autor verdadeiramente ponderado a insularidade (e não só a sua): “‘o Continente’, [como] diz todo o ilhéu, fazendo ressoar neste nome aquilo que ignora e que não é capaz de tirar aos seus horizontes movediços”.

Já na sua representação mítica e literária, a ilha tanto é lugar paradisíaco, seguro, lenitivo, como lugar de presídio, perigoso, monótono. É, afinal, dúbia a natureza da insularidade. A etimologia concede o seu próprio parecer: ilha e isolamento derivam, se se recuar até ao latim, do mesmo *insula*.

Há muito explorado (pense-se, por exemplo, nas ilhas mitológicas da Antiguidade Clássica, como Ítaca ou Delos), o tema da ilha é retomado na literatura do Renascimento, como consequência do início da expansão marítima europeia (e posterior colonialismo). Em 1516, o então neologismo “Utopia”, concebido por Sir Thomas More para designar uma ilha longínqua onde as instituições de uma sociedade fraternal são regidas apenas pela

razão¹⁵, apresenta simultaneamente uma impossibilidade e uma possibilidade: um não-lugar (do grego *ou topos*) que, é, a um tempo, por aproximação fonética, um bom lugar (do grego *eu topos*). Pense-se ainda na recompensadora Ilha dos Amores d'*Os Lusíadas* (1572) ou, num outro extremo, na ilha de *A Tempestade* (circa 1610), de Shakespeare. Neste caso, a ilha – pequena, remota e desconhecida – não representa um paraíso, mas antes um espaço limitado e de mistério onde o protagonista Próspero pode facilmente observar e influenciar a ação dos seus inimigos. Em 1719, surge *Robinson Crusóé*, de Daniel Dafoe, com a sua (perigosa) ilha (quase) deserta e, em 1823, Lord Byron evocará também uma ilha – mas paradisíaca, onde reina o amor livre – no seu poema narrativo *The Island*.

Mais de um século depois, a utopia – vocábulo então já consagrado – dá lugar à distopia insular. É exemplo *O Deus das Moscas* (1954), de William Golding, em que a ilha – que inicialmente representa a liberdade, perante a ausência de regras para as crianças que sobreviveram ao acidente de avião – depressa se torna um lugar de terror. Também Aldous Huxley, autor da distopia *Admirável Mundo Novo* (1932), embarca no tema da ilha e publica, em 1962, a contraparte desse romance – precisamente uma utopia à qual chamou *Island*. Enquanto, no primeiro caso, a sociedade é oprimida por um regime autoritário que tolda a individualidade dos seus cidadãos, em *Island* retrata-se uma sociedade – numa ilha denominada Pala – em que prevalece a liberdade individual e a busca pela felicidade.

Já em 1997, José Saramago escreve *O Conto da Ilha Desconhecida* e, mais recentemente, em 2005, o ilhéu Michel Houellebecq publica o romance *A Possibilidade de uma Ilha*, cujo título reflete um dos temas centrais da obra: a ilha enquanto espaço metafórico de potencialidade. No romance, a ilha, enquanto entidade isolada que oferece a possibilidade de uma existência diferente, simboliza um modo de vida alternativo, uma potencial fuga ao vazio e à insatisfação do mundo moderno. A ilha representa, assim, um lugar onde os indivíduos podem desligar-se das armadilhas do consumismo, da tecnologia e das normas

¹⁵ Ainda que “utopia” tenha passado a designar um lugar, sociedade ou situação organizados de forma superior ou perfeita, o argumento de que o meio social descrito na obra *Utopia* constitui uma sociedade ideal não é, porém, consensual. Na ilha de Utopia, todos os bens e serviços são públicos e gratuitos, todas as religiões são toleradas. Mas a vida nas ilhas está longe de ser marcada pela tolerância e Utopia não é exceção. Por exemplo, os bens alimentares e o vestuário – idêntico para todos os habitantes – são racionados, as mulheres têm os seus direitos diminuídos e o adultério é severamente punido. Dividido em dois livros, o romance apresenta, no primeiro livro, uma crítica velada à sociedade e aos costumes da Inglaterra da época. O segundo livro descreve então a ilha (e civilização) visitada pelo protagonista, o marinheiro português Rafael Hitlodeu.

sociais. A ilha torna-se, portanto, um símbolo de esperança e um potencial refúgio contra o declínio da humanidade.

Assim, literariamente representada nos extremos de um mesmo espectro, a ilha tanto pode ser paraíso exótico, lugar de devaneio e de fuga, como local de isolamento e solidão, de exílio, de incerteza.

Em *MTC*, esses extremos não só se aproximam, como se tocam – ou até se sobrepõem. O narrador exalta as ilhas e as suas paisagens – aliás, faz mesmo delas personagens, a começar pelo título, que remete para um canal delineado por ilhas –, bem como as suas gentes. Mas Nemésio também não esquece – servindo-se da protagonista Margarida – a opressão do meio, o sufoco do clima (“dá-me a impressão de que abafo!”, confessa Margarida logo à segunda página de *MTC*) e das mentalidades, enfim, a teimosa imutabilidade da sociedade insular, manifestada na constante repetição dos rituais.

O próprio tempo parece ter um ritmo insular próprio (“sete anos, nas ilhas, dão grande fundura ao tempo”, afirma o narrador de *MTC* na página 38). Mesmo a primitividade insular açoriana – o vulcanismo, a sismicidade, o clima – remete para um tempo antigo, até bíblico: “[p]obres e minúsculas ilhas da solidão, coroadas de cagarros e de nuvens, onde a vida humana ainda tem, de quando em quando, o sabor dos primeiros dias da criação do mundo”, escreveu Nemésio (1998:72) no seu *Corsário das Ilhas*, importante reflexão sobre o ser ilhéu. É a circularidade do tempo refletida na ilha (e no anel de Margarida), em que o mar é consciência e representação de possibilidades, mas também de limites e limitações.

Para Nemésio (1995:147), “não é indiferente haver nascido numa ilha”. O autor, que viveu quase toda a sua vida em Portugal Continental, nunca esqueceu a sua “pátria insular” (Enes 2007:32), “a presença afectiva da sua Ilha natal, pedra de toque e ‘medida de todas as coisas’, fonte de constantes alusões, analogias, comparações” (Machado Pires 2007:60).

Porém, o que, afinal, define a insularidade não é a ilha. É o mar. Nemésio sabia-o e frisou-o na intervenção “O Açoriano e os Açores”, ao referir: “[a] alma do ilhéu exprime-se pelo mar” (1995: 101). Contudo, o mar também limita a alma – até porque é diferente ter o mar como representação e ter o mar como presença constante. Evocando *O Conto da Ilha Desconhecida*, é preciso sair da ilha para ver não só a ilha, mas quase tudo. O ilhéu tem de (se) *ver pelo mar*. Tem de sair da ilha para se ver e compreender enquanto ilhéu e enquanto cidadão de um mundo que não se esgota no espaço finito da ilha, cujo verdadeiro significado

só pode realmente ser descoberto fora dela. A ilha cria, por vezes, a ilusão de que é mundo. E talvez quanto mais pequena, quanto mais visíveis forem os seus limites, mais mundo será. Daí a importância – e a necessidade, que Nemésio sentia também – de sair, “que não nos vemos se não saímos de nós” (Saramago 1999:28).

De facto, a sede de viagem e conhecimento do ilhéu supera, não raras vezes, a vontade e a satisfação do regresso a casa, donde Nemésio (1998:121) se proclama “ilhéu e portanto embarcadiço”. Nas palavras de Fátima Freitas Morna,

seria decerto injusto não sublinhar quanto o impulso de criação em Nemésio sempre deveu à pura e simples deslocação, como bem provam os inúmeros originais aqui mostrados escritos em navios, aviões, comboios, hotéis, como se, ao conservá-los, o autor tivesse querido deixar neles inscrito o fascínio do lugar de passagem ou, melhor, a noção de trânsito como insuperável metáfora da viagem da vida¹⁶.

E, efetivamente, a insularidade dos que ficam na ilha é diferente da insularidade dos que dela saem. Na sua alocução no Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, proferida em Ponta Delgada, em 2018, Onésimo Teotónio Almeida afirmou:

Paradigmática, e hoje muito corrente nos Açores, é a afirmação do meu saudoso amigo e escritor Daniel de Sá de que emigrar é a pior maneira de se ficar nos Açores. Respondi-lhe que, se calhar, era a melhor. Na verdade, são dois modos de estar nestas ilhas e ambos proporcionam visões diferentes, porque de ângulos díspares.

Para Nemésio, a distância, o desterro, foi condição essencial para a aproximação ao sentimento ilhéu, até porque permite, como parece sugerir Onésimo Teotónio Almeida, uma visão mais benevolente da vida e da sociedade nas ilhas. Por outro lado, “até se pode estar desterrado a vinte quilómetros de casa sem se sair de um palmo quadrado de ilha”¹⁷ (Nemésio 1998:61).

Igualmente para Natália Correia – também ela nascida nos Açores¹⁸ –, a natureza do ilhéu é de expansão, pelo que o universalismo é próprio da psicologia insular. Paradoxalmente, para Natália, essa natureza é também de retração, de fuga e de regresso: na ilha, sonham o mundo; fora da ilha, são chamados pela sua origem (cf. *Recordando*

¹⁶ Fátima Freitas Morna, disponível em <http://purl.pt/161/1/memoria/rotacao07.html>. Acesso em 06/04/2021.

¹⁷ Escreveu Nemésio sobre o tempo em que, ainda muito jovem, teve de abandonar a sua Praia da Vitória natal e estabelecer-se em Angra do Heroísmo (também na ilha Terceira), para dar continuidade aos estudos.

¹⁸ Dizia Natália que “ter uma ilha é possuir um objecto imaculado pela distância, a nata de uma criança infinitamente chamada pelas ondas a esvaziar-se ela boca cantante com que assombremos as vírgulas adultas dos lugares que habitamos” (Correia 1999:315).

Vitorino Nemésio¹⁹, '04:33). Também Machado Pires (2013:28) concorda que, “[n]a mundividência do ilhéu, a viagem tem alguma coisa de iniciático, de libertador, de aventura por necessidade e risco”. É a natureza do ilhéu, “que quer compreender o mundo na condição de o mundo o compreender” (*ibid.*:59). Quando tal não acontece, as mesmas forças que levam o ilhéu a partir, impelem-no, muitas vezes, a regressar. Também por isso “‘estar’ é muito mais verbo para o ilhéu do que ‘viver’” (Nemésio 1998:62).

Contudo, como adverte Susana Serpa Silva (2002:351), e como noutros capítulos se verá, a associação entre o “espírito sonhador e aventureiro que caracterizava a gente das ilhas, pelo contacto permanente com o mar” e as vagas de emigração não é suficientemente sólida para explicar o fenómeno, pois que os motivos que subjazem à emigração açoriana são outros. Ainda assim, declara a autora:

É certo que o sonho e a ambição moviam grande parte dos emigrantes que, com alguma frequência, partiam sozinhos, deixando para trás mulher e filhos (às vezes para sempre) (...) Também é certo que muitos dos nossos emigrantes – incautos e analfabetos – se deixavam levar pelas redes de engajadores que os aliciavam com promessas idílicas de prosperidade e bem-estar (...). Mas parece não haver lugar para dúvida de que o atraso e as dificuldades da economia insular, a precaridade do emprego, a desigual repartição da terra e, em especial, a endémica escassez de recursos constituíam os aspectos estruturais e mais prementes que impeliavam muitos açorianos à emigração. (*ibid.*)

Em *MTC*, a açorianidade, de facto, não se esgota na representação da vivência açoriana no seu arquipélago. Expressa-se também no próprio percurso das personagens, que não se movem apenas no espaço insular, mas fora dele (Roberto Clark em Inglaterra, Damião Serpa nos Estados Unidos, por exemplo). Trata-se, assim, como a seguir se verá, de percursos individuais que refletem o trajeto de todo um povo.

¹⁹ Disponível em <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/recordando-vitorino-nemesio/>. Acesso em 02/03/2023. Refira-se ainda que, segunda a autora, também o arcaísmo e a oralidade são características da cultura insular açoriana, estando ambos presentes na obra de Nemésio (*ibid.*: 6:22).

1.3. Diáspora

Inicialmente associado à dispersão do povo judeu pelo mundo, o termo “diáspora” é hoje utilizado para designar quaisquer comunidades estabelecidas noutra local que não o de origem, com o qual, porém, mantêm fortes laços.

No âmbito das ciências sociais, o termo ganhou relevância após a década de 1970, passando progressivamente a referir-se não apenas à deslocação de migrantes, mas a grupos de migrantes que constituem minorias na sociedade de acolhimento. Esses grupos caracterizam-se por um forte sentido de comunidade e procuram manter a sua identidade coletiva, manifesta, por exemplo, em tradições e costumes. Não se trata, portanto, de grupos de migrantes que, estabelecendo-se em determinado local, assimilam a cultura e língua desse local, mas, sim, de comunidades que, mesmo integradas no local de acolhimento, procuram manter vivas a sua cultura e a sua língua²⁰.

E, de facto, “um dia vem para muitos em que o feitiço do mar já não cede, e ei-lo [açoriano] então a bordo do barco de emigrantes ou em demanda das metrópoles carregadas de sedução” (Nemésio 1995:98), as “califórnicas perdidas de abundância”²¹ de que falaria Pedro da Silveira (1953:17). É “a décima ilha” do arquipélago a diáspora açoriana, em virtude da sua dimensão populacional.

Considerando que a colonização do arquipélago dos Açores teve início no século XV, os fluxos migratórios para o exterior da região começaram cedo. Ainda no século XVII tem início a emigração para o Brasil. No século seguinte, e uma vez que a Coroa temia perder o controlo sobre o sul do Brasil para os espanhóis, D. João V deliberou que deveriam açorianos e madeirenses abandonar a vida nas ilhas para povoar o sul daquele país. Assim se explica a emigração de açorianos – especialmente casais – para os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Segundo Machado Pires (2013:41), entre 1748-1756, emigraram para o Brasil 6000 açorianos e madeirenses.

²⁰ Não obstante as diferentes tipologias avançadas por diversos autores (Medam 1993, Bruneau 1995, Safran 1991 e 1999, Cohen 1997) para uma definição de “diáspora”, os critérios sugeridos por Sheffer (1986), como apresentados por Anteby-Yemini e Berthomière (2005:263), parecem melhor plasmar a vivência das comunidades açorianas na América do Norte: “1. the maintenance and the development of a own collective identity in the “diasporised people;” 2. the existence of an internal organisation distinct from those existing in the country of origin or in the host country; 3. Significant contacts with the Homeland: real contacts (i.e. Travel remittances) or symbolic contacts.”

²¹ No dizer de Nemésio (1998:46): “A Califórnia como que realiza um sonho de unidade pastoril que o açoriano não pôde realizar nas suas ilhas longínquas.”

No século XIX, regista-se uma importante vaga de emigração para a Califórnia (motivada pela *Gold Rush*²²), Bermudas e Havai (à data, nação independente), onde os açorianos podiam trabalhar nas plantações de açúcar (cf. Serpa Silva 2002:352). A indústria baleeira será também responsável pela emigração para os EUA, bem como, já em meados do século XX, a erupção do Vulcão dos Capelinhos. Estabelece-se, assim, aquele que virá a ser o mais representativo destino da diáspora açoriana.

Devido à sua estratégica localização geográfica, o arquipélago dos Açores sempre se constituiu como ponto de paragem entre o continente americano e o continente europeu, importante porto de apoio à navegação marítima e, posteriormente, à navegação aérea. Uma localização geográfica que comporta também as suas desvantagens. Situado no Atlântico Norte, entre três placas tectónicas, o arquipélago é frequentemente fustigado por intempéries e crises sísmicas e vulcânicas. Além das catástrofes naturais, também o isolamento das ilhas e os desequilíbrios económicos que nelas se verificaram durante largas décadas contribuíram para o êxodo da população açoriana.

Mas os laços entre os Açores e os EUA remontam ao século XVIII, praticamente à fundação deste país. Devido à localização do arquipélago, precisamente, os EUA encetaram “contacto com as ilhas”, com vista a coordenar as viagens dos seus emissários para “ganhar o apoio europeu para a [nossa] Revolução”²³. Oficialmente estabelecido a 7 de julho de 1795 (mas em funções desde 1790), o Consulado dos EUA nos Açores será “o mais antigo do mundo em operação contínua” (*ibid.*), tendo John Street sido o primeiro cônsul e Thomas Hickling²⁴ o primeiro Vice-Cônsul.

²² Nemésio dedica-lhe até um conto – “Oiro! Oiro!” –, incluído em *O Mistério do Paço do Milhafre* (1949), que inicia assim: “A emigração dos Rosas, minha família, para a América (conta John Derosa, súbdito norte-americano) está ligada à descoberta do oiro nas minas da Califórnia no remoto mês de Janeiro de 1848.” (Nemésio 1971:159).

Refira-se que este texto, bem como o conto “I’m very well thank you”, integrado na mesma obra, em que o protagonista é o antigo baleeiro João Cachalote, está também repleto de heterolinguismo, incluindo expressões híbridas como “sana bõbicha” [sic] para “son of a bitch” (*ibid.*: 144) ou “charape” para “shut up” (*ibid.*: 146). À semelhança do que sucede em *MTC*, a “tradução” da expressão é fornecida pelo autor em nota de rodapé.

²³ Informação disponibilizada no website da Embaixada e Consulado dos EUA em Portugal: <https://pt.usembassy.gov/pt/embassy-consulate-pt/ponta-delgada-pt/history-consulate-pt/>. Acesso em 23/03/2023.

²⁴ Hickling virá a desempenhar um importante papel no desenvolvimento da ilha de São Miguel e dos Açores, em geral, enquanto impulsor do comércio da laranja – que contribuiu para um período de grande prosperidade nas ilhas –, bem como do termalismo. A sua residência de verão no Vale das Furnas, em São Miguel, encontrava-se rodeada de um vasto jardim, hoje aberto ao público e conhecido como Parque Terra Nostra.

Já no século XIX, chegam aos Açores os baleeiros norte-americanos, que aproveitam a localização das ilhas para aportar, reabastecer e recrutar membros para as suas tripulações. Numa época em que se pretendia fugir à pobreza – agravada pelo declínio da exportação da laranja –, à vida militar e às difíceis condições insulares, muitos foram os homens que os americanos afiliaram²⁵. Muitos acabaram por se fixar nas zonas de onde provinham os baleeiros, nomeadamente Nova Inglaterra, abandonando a indústria baleeira e dedicando-se a outros trabalhos, como a lavoura.

Esses açorianos tinham de comunicar com os seus recrutadores ou empregadores americanos. No entanto, a escolaridade da maioria da população que os baleeiros americanos recrutavam era baixa, ou mesmo nula, o que significava que não só desconheciam a língua inglesa, como o seu conhecimento da própria língua portuguesa era limitado. Quando a maioria não sabia ler nem escrever a sua própria língua, a única forma de se fazerem entender em inglês era falá-lo como o ouviam. Assim nasceram os vocábulos híbridos cuja formação será adiante abordada.

A este propósito, lembra Francisco Cota Fagundes (2022:80-1):

In some ways, the Azorean fishermen-turned-coastal whalemens were in a similar position to that of a considerable number of Azorean emigrants who had emigrated to America and for decades would continue to do so: to the East Coast of the United States to work in the cotton mills of New Bedford or the cotton and/or textile mills of Fall River, or the small farms of New England; or else to the San Joaquin Valley farmlands and, later, modern dairies of that valley and other areas of California, the sardine canneries of Monterey, shore whaling along the Pacific Coast; or the fishing industry of San Diego and San Pedro. In all these and many other instances, Azorean immigrants had to learn new skills (...) [a]nd, with the learning of those new ways of doing things or new ways of doing old things, Azorean emigrants had to learn the language that went with these entirely new or old but modernized activities.

Porém, muitos dos recrutados para a indústria baleeira regressavam à terra natal, trazendo consigo não só a arte do ofício, mas também um vocabulário “inspirado” nas palavras do inglês americano que ouviam dos baleeiros. A atividade da caça à baleia revestiu-se, aliás, até 1984 – data da adoção da moratória à caça comercial da baleia da

²⁵ Deles não se esqueceu Herman Melville (2018:101) em *Moby-Dick*: “No small number of these whaling seamen belong to the Azores, where the outward bound Nantucket whalers frequently touch to augment their crews from the hardy peasants of those rocky shores”. E, na mesma página, afirma ainda: “How it is, there is no telling, but Islanders seem to make the best whalemens. They were nearly all Islanders in the Pequod, Isolatoes too, I call such, not acknowledging the common continent of men, but each Isolato living on a separate continent of his own.”

Comissão Baleeira Internacional, que a proibiu –, de vital importância económica para algumas ilhas, nomeadamente para a ilha do Pico.

O século XX vê a continuação da corrente migratória, especialmente após a erupção do Vulcão dos Capelinhos, na ilha do Faial, entre 1957 e 1958. Esta crise dará origem ao “Azorean Refugee Act”, datado de 2 de setembro de 1958. Fortemente impulsionado pelo então senador de Massachusetts John F. Kennedy, o decreto abre novas portas à emigração açoriana. Foram inicialmente atribuídos 1500 vistos aos chefes de famílias que haviam perdido as suas propriedades. Esse número foi depois alargado, devido aos efeitos catastróficos da erupção, e, eventualmente, cerca de 12 mil pessoas acabaram por emigrar nessas circunstâncias. Além disso, havia já uma rede de comunidades açorianas bem estabelecida nos EUA, pelo que, devido ao mecanismo de reunificação familiar, nas décadas seguintes, mais de 175 mil açorianos emigraram para o país.

É também na década de 1950 que se inicia a emigração açoriana para o Canadá, com a abertura deste país à emigração. A década de 1960 continua a ver a assistir à corrente de emigração, motivada por novas crises sísmicas, pobreza generalizada e fuga ao recrutamento para a guerra colonial.

Embora o canal migratório para os EUA e Canadá se mantenha ainda hoje, as vagas reduziram-se significativamente após a década de 1980, sendo que houve até vagas de regresso, na sequência da consolidação da autonomia, do estabelecimento da Universidade dos Açores e da melhoria generalizada da qualidade de vida nas ilhas. De facto, o fenómeno migratório açoriano tem-se inserido, de um modo geral, num projeto de regresso. Ainda assim, resultou numa comunidade de cerca de 1,5 milhões de açorianos e açor-descendentes fora da região. Essa comunidade – e, bem assim, a que efetivamente regressou à região – contribui para o progresso das ilhas com dádivas/remessas, bem como com novos costumes²⁶.

De referir também a “emigração interna”, que, naturalmente, subsiste, assim como a emigração entre ilhas, pois muitos açorianos se deslocavam e deslocam para outras ilhas açorianas ou para Portugal Continental, nomeadamente a fim de prosseguirem os estudos superiores ou por motivos profissionais. Foi, aliás, o caso de Nemésio: “Assim cumpre o açoriano o seu secular destino” (Nemésio 1995:98).

²⁶ Para mais dados sobre a emigração e a demografia açorianas, consultar, por exemplo, a obra de Gilberta Rocha (1989, 1991).

Em *MTC*, o autor, ainda que tivesse da diáspora açoriana nos EUA e Canadá “um conhecimento mais intuitivo do que real” (Machado Pires 2014:2), não a esqueceu – sendo precisamente à sua representação que se deve algum do heterolinguismo, e em particular o hibridismo linguístico, presente no romance. Com efeito, “o mundo da emigração tem ressonâncias inevitáveis na infância dos açorianos (...). Toda a ausência por emigração, temporária ou definitiva, se repercute no amplo conceito de açorianidade” (*ibid.*).

Como se verá no Capítulo II, é a personagem Damião Serpa “um dos tributos mais notáveis e justos do Autor [Nemésio] à experiência emigrante açoriana” (Fagundes 2014:243). Isto porque, sendo Roberto Clark também emigrante – em Inglaterra –, não representa, contudo, a emigração açoriana, que tendencialmente se fixou na América do Norte, além de, na sua maioria, se incluir noutra classe social. De facto, e mesmo não sendo as comunidades diaspóricas sempre homogéneas, coesas e estanques, o processo de formação de uma nova “comunidade imaginada”, retomando a expressão de Anderson,

reinforces the symbolic ties with their motherland, to which diasporic groups pledge their loyalty. In that sense, linguistic characteristics of diasporic communities can result in hybridizations, language change or, even, creolization when people reinterpret their cultural bonds with their birthplace. (Gubitosi e De Oliveira 2020:89)

Trata-se, pois, de uma identidade que vai mutando e evoluindo, nomeadamente através da língua, o que espelha e, simultaneamente, contribui para a dificuldade de traduzir-se.

2. (In)Traduzibilidade

“The spectre of untranslatability has haunted translation theory for at least the last two centuries”, assegura Large (2019:1). Talvez porque o debate sobre (in)traduzibilidade constitua, na verdade, um debate sobre o significado da própria tradução.

Em 1923, defendia Walter Benjamin que o próprio texto pode convidar à tradução, sendo que, pelo confronto entre línguas, a tradução deixa vislumbrar a “língua pura” que subjaz ao texto. A tradução liberta, assim, o potencial adormecido do TP. Mais tarde, em 1959, o linguista Roman Jakobson vem afirmar que qualquer experiência cognitiva pode ser expressa em qualquer língua, enquanto Catford, em 1965, sugere uma distinção entre *intraduzibilidades*. Segundo o autor, existe a intraduzibilidade linguística, que ocorre quando a função das características linguísticas e culturais do texto de partida não pode ser reproduzida no texto de chegada. E existe a intraduzibilidade cultural, que ocorre quando os elementos situacionais referidos no texto de partida (por exemplo, *sauna* ou *iglu*) estão ausentes na cultura de chegada.

Já para Steiner ([1975]1998), a questão da (in)traduzibilidade prende-se com o ponto de vista, que pode ser universalista ou monadista. A perspectiva universalista defende a possibilidade da tradução, enquanto a segunda simplesmente a nega – ou a considera extremamente problemática. Por sua vez, Derrida (2001:183) virá assinalar a simultânea necessidade e impossibilidade da tradução, desafiando o tradutor a atuar, leia-se, a traduzir. Para Derrida, é precisamente a intraduzibilidade de um texto que exige a sua tradução: quanto mais “intraduzível”, mais merecedor de ser traduzido é o texto. Como relembra Lopes (2017:24-25):

Over the course of history, translation has been doubted, (ab) used, outright rejected, forbidden, exalted, made compulsory, subject to metaphors (\approx translated), elected as metaphor, silenced. Never, however, has it ceased to impact on our worldview in one form or another. Translation is inescapable, both as a profession and as an ontological and epistemological necessity.

Sendo inescapável, o debate sobre a sua natureza continua. Daí que Andrew Chesterman (2008) tenha declarado que o “meme”²⁷ da intraduzibilidade é, além de

²⁷ Entendido como ideia estabelecida a partir de uma determinada teoria e que se dissemina e replica.

parasítico, persistente²⁸, enquanto Hermans (2020:603) procurou encontrar um meio-termo: “[t]he argument against translatability does not usually posit absolute untranslatability but rather questions whether fully adequate translation can be achieved”. Nesta medida, a intraduzibilidade surge como relativa e variável em grau. É nesta aceção que, nesta tese, se encarará a (in)traduzibilidade, a de um espectro: tudo é traduzível, em maior ou menor grau, como, julgo, o comprovarão também as traduções de *MTC*. Também porque tanto a ideia de total intraduzibilidade, como a de total traduzibilidade poderão ser redutoras, não só do ponto de vista linguístico, mas sobretudo cultural e social.

Assim, apesar de nunca ter realmente cessado, o debate sobre (in)traduzibilidade foi reavivado por Barbara Cassin, que, em 2004, dirige e publica um dicionário de termos filosóficos, literários e políticos que colocam desafios à tradução, intitulado *Vocabulaire européen des philosophies: le dictionnaire des intraduisibles*. Cassin propõe, na obra, que “intraduzível” designe não o que não se traduz, mas sim o que não cessa de (não) ser traduzido (cf. Cassin 2019:15). Esta ideia coloca a intraduzibilidade em dois campos: o da não-tradução e o da retradução. De facto, no âmbito do presente estudo, em diálogo com o conceito de intraduzibilidade está o de não-tradução, aqui entendido como a escolha feita pelo tradutor de não traduzir uma determinada palavra ou expressão, mantendo-a no TC tal como surge no TP.

Ainda que “não-tradução” possa significar também a não tradução de determinadas obras por opção de casas editoriais ou por motivos políticos e sociais – aquilo que Hermans denomina “instancing translatability” e “institutional untranslatability”²⁹, ou seja, uma intraduzibilidade que ultrapassa o domínio linguístico e se fixa no sociocultural –, esta tese não se foca nestas noções de não-tradução e intraduzibilidade, por não serem as mais

²⁸ “[S]tressed by sceptics who wish to downplay the translator's creativity, to reduce translation to something secondary, done by people who are not real writers, and so on. (...) People who like this meme evidently feel that the very possibility of translation is some kind of threat” (2000:8).

²⁹ “If a prohibition against translating certain texts or kinds of text is regarded as instancing translatability, then perhaps institutional untranslatability is a species of cultural untranslatability that is not reducible to linguistics. In this sense, the Qur'an is institutionally untranslatable to the extent that the Islamic world will not recognize a version in another language as having religious authority. In a very different way, Hitler's *Mein Kampf* remained untranslatable from 1945 until 1 January 2016 because the copyright holder, the German State of Bavaria, routinely refused permission for it to be translated.” (Hermans 2020:604).

Veja-se também, a este propósito, o artigo de João Ferreira Duarte “The Politics of Non-Translation: A Case Study in Anglo-Portuguese Relations”, no qual discute o “embargo ideológico” verificado em Portugal a traduções de Shakespeare na última década de 1800, em virtude da reação nacionalista provocada pelo ultimato inglês de 1890.

relevantes para o seu âmbito. Na verdade, a não-tradução – quando decorrente da classificação de uma palavra ou expressão como intraduzível – mais não é do que uma estratégia para lidar com uma barreira linguística ou cultural, podendo até constituir uma forma de a realçar. De acordo com Cronin (2006:130), “the strategy of partial or non-translation is signalling not so much the failure of translation... as the necessary complexity of language and culture without which translation would not exist and which justifies its existence in the first place”.

Ao discutir o tema da (in)traduzibilidade, discute-se, assim, a própria (im)possibilidade da tradução. Ou, aceitando-se a possibilidade da tradução, debate-se até que ponto é possível traduzir, como se viu. Estas questões envolvem, portanto, outras, de cariz cultural, social e até ideológico. Para Emily Apter – que, com a sua obra *Against World Literature: On the Politics of Untranslatability* (2013), contribuiu também para manter viva a discussão sobre o tema –, a intraduzibilidade é ainda uma questão política (além de linguística, cultural ou filosófica). Significa isto que, na perspetiva de Apter, e numa era de globalização, a resistência à traduzibilidade pode ser do interesse das línguas e literaturas “menores”, menos representadas.

Portanto, a corroborar a posição de Chesterman, o “fantasma” da intraduzibilidade continua a pairar. Em 2019, na introdução ao volume *Untranslatability: Interdisciplinary Perspectives*, os autores afirmam que a intraduzibilidade nunca esteve tão “na moda” na cultura popular, em virtude de uma visão que celebra e apregoa o intraduzível:

At a time when increasingly high-quality translation is available instantly, at the touch of a screen on our handheld devices, it is a way of acknowledging that there are some things for which there will never be a quick technological fix. It is also one way of registering a linguistic resistance to globalisation (and especially the spread of global English or globish), for acknowledging a foreign word as untranslatable is at the same time to acknowledge the irreducibility of cultural difference. (Large 2019:2)

Contudo, uma tal noção de “intraduzibilidade” parte do pressuposto de que, para uma determinada palavra, não existe, na língua de chegada, um vocábulo equivalente que abarque todos os seus sentidos. Ora, esta visão assenta numa definição redutora da própria tradução e, como já aqui se expôs, no âmbito dos Estudos de Tradução, o conceito de intraduzibilidade não se esgota em aspetos linguísticos, caso contrário, virtualmente todas as palavras seriam intraduzíveis. Ou, no dizer de Jakobson (1959:223), “on the level of interlingual translation, there is ordinarily no full equivalence between code-units”.

Em *MTC*, a questão que se coloca ao nível da (in)traduzibilidade prende-se com os elementos que veiculam a açorianidade do romance. Está, assim, em causa a traduzibilidade da própria açorianidade do romance de Nemésio, a própria essência, se se quiser, do romance. Os elementos que levantam particulares dificuldades serão, antes de mais, a representação socioletal (falas dos baleeiros) e dialetal (falas das personagens que representam o povo), que, por sua vez, inclui léxico híbrido – o que adiciona uma outra camada de desafios à tradução. Os casos de *code-switching* entre português e inglês são igualmente relevantes neste âmbito, especialmente no caso da tradução para língua inglesa, bem como a terminologia associada a tradições religiosas e culturais, nomeadamente as festividades em honra do Espírito Santo ou o Carnaval. Refira-se que boa parte da terminologia relativa, por exemplo, à baleação ou a sistemas sociais, económicos, legais, religiosos, é já arcaica e obsoleta, não só porque se representa uma sociedade conservadora do início do século XX, mas porque o próprio romance conta já com 80 anos.

No que respeita às passagens socioletais e dialetais, estas constituem um clássico caso de “intraduzibilidade”, dado que, além de questões linguísticas, envolvem aspetos culturais e geográficos e, portanto, têm uma conotação própria, potencialmente difícil de transpor para o TC. Nas palavras de Hermans (2020:604), “[a]mong the least translatable texts would be those that consciously exploit the idiomatic resources of a given tongue”.

Além disso, a utilização de dialetos na literatura – e portanto na escrita – implica uma combinação – ou choque – entre oralidade e escrita, entre a língua-padrão e as suas variedades. Segundo Brodovich (1997:25), “[t]he non-standard language used by some literary characters constitutes one of the principal practical problems for translators”.

Por seu turno, Cassin (2019:16), à luz da afirmação de Humboldt³⁰ de que existem muitas formas de uma obra ser “intraduzível”, questiona “how can one conserve and render the force of a work when it is taken from its own terrain?” (*ibid.*). Para responder à pergunta, a autora propõe a perspetiva de Henri Meschonnic segundo a qual o que se traduz é um texto – um texto numa determinada língua – e não uma língua. Isto é, o foco está mais na sintaxe do que na semântica.

³⁰ Como assinala Hermans (2020:604), “Humboldt paradoxically asserted the impossibility of translation in the preface to a translation (the *Agamemnon* of Aeschylus, 1816) and presented untranslatability as a challenge to be taken up”.

Delabastita e Grutman (2005:13) parecem concordar: “in literature [...] the mere communication of semantic information can hardly be said to be the main issue. More often than not, something else is at stake when the decision is made to (re)translate a text of literary and cultural significance”.

Por seu turno, Klinger (2015:14) relembra que são várias as estratégias utilizadas para lidar com a “intraduzibilidade”:

The possibilities range from complete assimilation, where the existence of linguistic and cultural barriers is concealed, to nontranslation, where the reader is confronted with the limitations of his/her knowledge and understanding.

Tais estratégias – e outras – serão abordadas com mais pormenor no Capítulo IV, mas importará agora salientar o óbvio: apesar dos muitos desafios encontrados pelos tradutores parecerem apontar para a impossibilidade da tradução, fazendo emergir o debate sobre a intraduzibilidade, a tradução existe. Os textos em que surgem esses desafios são traduzíveis e, de facto, traduzidos. Caso para invocar Paul Ricoeur (2005:28), para quem a tradução é “teoricamente incompreensível, mas efetivamente praticável”, inserindo-se “na longa litania dos ‘apesar de tudo’” (*ibid.*:34).

2.1. Sobretraduzibilidade

Um outro conceito relevante para o estudo das traduções para francês e inglês de *Mau Tempo no Canal* é o de sobretraduzibilidade, tendo em conta que são estas as duas línguas estrangeiras com maior número de ocorrências no texto de partida.

Termo, ao que parece, ainda pouco explorado, a sobretraduzibilidade (ou *overtranslatability*):

refers to the process of translating a two-language narrative into what is the foreign language in the source text. Although a significant portion of the text needs no translation, it is precisely this transparency that, paradoxically, renders translation obscure and perhaps improbable. It seems important to examine what happens when a translator is faced with the overtranslatability of a text, or parts of it, when difference entails similarity. (Lopes 2017:31-32)

Este conceito, que remete para uma espécie de “domesticidade domesticante” (Lopes 2016:174), diz respeito a uma diferença que envolve, ao mesmo tempo, similaridade, representando um enorme desafio para o tradutor:

The loss is self-evident: where there were two languages, one of them foreign to the source reader, there is now only one (...). This indelibly changes the text. The target text must necessarily be less foreign than its source, regardless of the skills of the translator, regardless of the translator. (*ibid.*:173)

As diversas instâncias de *code-switching* que ocorrem em *MTC* – isto é, relembre-se, a alternância entre língua inglesa e língua portuguesa por determinadas personagens, em especial Roberto Clark – emigrado em Inglaterra –, bem como a utilização de vocábulos híbridos, sobretudo pelos baleeiros, e a utilização de diversos anglicismos e galicismos por parte do próprio narrador, colocam os TC francês e inglês num contexto de sobretraduzibilidade. Isto porque, onde antes exista heterolinguismo, passa a existir, senão monolinguismo, menos passagens heterolinguas. Enquanto, no TP, as línguas estrangeiras, especialmente o inglês – visto que o francês surge, maioritariamente, nas passagens do narrador –, funcionam como “medida de alteridade” (Lopes 2017:37), no TC de língua inglesa, essa diversidade ou desaparece (porque é assimilada/normalizada) ou fica como que “camuflada”, dependente de uma estratégia que passe pela formatação textual (o recurso ao itálico, por exemplo).

Já os casos de sobretraduzibilidade registados no TC francês dizem respeito não só a passagens de obras, em particular de *La Carrière d'un Navigateur*, que conta as aventuras do Príncipe Alberto do Mónaco a bordo do *Hirondelle* (com passagem pelos Açores), mas também aos muitos vocábulos franceses que vão surgindo isolados na narração. Como se verá, as estratégias tradutórias serão diversas para ambos os casos, sendo que, no que toca às citações, no TC francês surge algumas vezes a nota de rodapé “En français dans le texte”.

O desafio adensa-se, assim, para os tradutores de línguas francesa e inglesa: não porque estejam perante palavras, expressões ou frases de difícil tradução, mas precisamente porque não carecem de tradução. Não fosse a possibilidade de formatação textual – ou a introdução de notas de rodapé –, os elementos heterolinguês do TP perder-se-iam no TC, confundindo-se TP com TC, como, aliás, acabará por acontecer com alguns dos estrangeirismos que permeiam o romance.

Como adverte Grutman (2020:345), os elementos linguísticos que assinalam a alteridade no TP podem ver o seu significado invertido ao serem lidos como sinais familiares de semelhança no TC, e prossegue exemplificando com as traduções francesas e alemãs de *The Waste Land*, de T.S. Eliot. Nestes casos, os versos incluídos e não traduzidos de Baudelaire, Verlaine e Nerval – que, no TP, se destacam e contribuem para o carácter hermético do poema – tornam-se legíveis e “misturam-se” com o restante texto. Em contrapartida, as citações da literatura inglesa familiares aos leitores britânicos perdem o seu carácter imediato e transformam-se em algo estrangeiro. Neste e noutro artigo (2006:19), Grutman menciona ainda obras como *Guerra e Paz*, de Tolstói, ou *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann, para se referir aos efeitos do heterolinguismo (ou “multilinguismo literário”, como então lhe chama) no texto e à problemática da sua tradução. Contudo, o termo “sobretraduzibilidade” (ou *overstratality*) nunca chega a ser utilizado.

A sobretraduzibilidade tem, portanto, o efeito de tornar o estrangeiro familiar (ou eventualmente de apresentar o familiar como estrangeiro). Por outras palavras, o estrangeiro do TP torna-se familiar no TC (ou torna-se um “estrangeiro local” – i.e., o estrangeiro do TP, que é familiar no TC, apresenta-se neste como estrangeiro). Daí que o tradutor Cota Fagundes tenha levantado a seguinte questão, em particular no que se refere à tradução dos vocábulos híbridos utilizados pelos baleeiros em *MTC*:

How does one resolve the issue of anglicisms related to whaling? When those words derive precisely from English? By reverting them back to English and thus erasing any

vestige of their etymological origin or utilize the anglicisms as deployed in the novel, but at the same time providing brief notes³¹.

Em suma, a sobretraduzibilidade remete para casos em que a traduzibilidade está “garantida” e, por conseguinte, para a ausência de necessidade da tradução, pois que frequentemente decorre do heterolinguismo presente no TP, como sucede em *MTC*. Contudo, como adverte Lopes (2016:181), “[o]vertranslatability is as much a pitfall for the translator as linguistic or cultural untranslatability, of which the former is but one very perverse instance”.

³¹ Palestra “Who is More Apt to Translate?”, Bristol Community College LusoCentro, 19 de outubro de 2022 (45:58). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=WOvompmJ4FQ>. Acesso em 12/07/2023.

3. Heterolinguismo

Cunhado por Rainier Grutman, em 1997, no âmbito do seu estudo sobre o romance quebequense do século XIX, o termo heterolinguismo designa a utilização de línguas estrangeiras ou de variedades sociais, regionais e históricas em textos literários (cf. Grutman 2006:18).

Especificando que o principal motivo para a denominação “heterolinguismo” consiste em evitar confusões desnecessárias com situações reais de contacto linguístico, o autor explica a origem do termo:

My second reason for choosing heterolingualism is its mixed Greek and Latin heritage. Granted, those very roots unfortunately render the word opaque in English. True as well, my term sounds a lot like Mikhaïl Bakhtine’s ‘heteroglossia’, and it may even describe similar phenomena, but it does so from an altogether different perspective (Grutman 1993; 1997: 41–44). (...) Whereas I am mostly interested in the foregrounding of foreign languages, for whatever reasons, by whatever means and with whatever effects, Bakhtine focuses on the dialogical interaction of socially differentiated speech styles within a given language. Those “social voices”, as Bakhtine (1981: 263) calls them, need not, however, and most often do not correspond to actual languages (in spite of what some translations of his essays would have us believe). (...) In principle, texts can either give equal prominence to two (or more) languages or add a liberal sprinkling of other languages to a dominant language clearly identified as their central axis. The latter solution is much more commonly encountered. (Grutman 2006:19)

É este o caso de *MTC*, em que o português é claramente a língua dominante, ainda que tanto as variedades regionais, como as línguas estrangeiras desempenhem um papel fulcral e gozem de uma posição de destaque no romance.

No âmbito do presente estudo, entende-se, então, heterolinguismo como a presença no texto literário (neste caso, *MTC*) de variedades (sociais, regionais ou históricas) de uma língua – a que convencionei chamar heterolinguismo interno –, bem como de línguas estrangeiras – que denominei heterolinguismo externo. Embora a aceção de heterolinguismo interno aqui utilizada se possa aproximar da heteroglossia de Bakhtine (e a de heterolinguismo externo da sua poliglossia)³² – e não ignorando a relevância e os

³² Para uma versão sumária de alguns conceitos bakhtinianos, ver Lee (2009:64): “Heteroglossia (the English rendition of Bakhtine’s *raznorechie*, literally ‘different speechness’) is defined as the presence of a variety of speech registers within a single language; it is an internal linguistic diversification and stratification that every national language possesses (Bakhtine, 1981, p. 67). To Bakhtine (1981), languages are not unified entities, but are rather characterised by ‘a multiplicity of social voices’ (p. 263), which ‘struggle and evolve in an environment of social heteroglossia’ (p. 292). In other words,

contributos do autor –, por uma questão de clareza, e de forma a evitar a proliferação de termos e conceitos, recorrerei apenas ao termo heterolinguismo – interno ou externo – para me referir à presença, no texto literário, de variedades de uma língua e/ou de línguas estrangeiras. Uma vez que, segundo Grutman, o heterolinguismo integra a representação de variedades regionais e que das variedades representadas em *MTC* fazem parte regionalismos de base anglo-americana, o hibridismo linguístico fica assim abrangido pelo conceito de heterolinguismo³³, que inclui ainda a variedade histórica da língua portuguesa anterior a 1911³⁴.

Como se viu, esta definição distingue-se também da noção próxima de multilinguismo (Grutman 2009, Meylaerts 2010), que remete para a presença de duas ou mais línguas numa sociedade, texto ou indivíduo (e não apenas no texto literário). Não obstante, e uma vez que o objeto de estudo se prende com a presença e o cruzamento de diferentes línguas e variedades linguísticas no romance *MTC*, os seus efeitos no romance e as estratégias de tradução utilizados para lidar com (ou contornar) essa presença, a conceção de heterolinguismo de Grutman parece-me a mais adequada aos objetivos do estudo.

O heterolinguismo é, aliás, uma característica da escrita nemesiana, como já se referiu e se poderá comprovar, a título exemplificativo, no seu *Corsário das Ilhas* (1956), obra, aliás, que é como que uma extensão de *MTC*³⁵, e em diversos contos incluídos em *Paço do Milhafre* (1924) e, posteriormente, em *O Mistério do Paço do Milhafre* (1949). Em “I’m very well, thank you!” abundam o inglês e os vocábulos híbridos, enquanto em “A lição de solfa” são várias as instâncias em que surge o latim. Aliás, o facto de Nemésio recorrer ao heterolinguismo

heterogeneity within a single language represents, among other things, the tension between the ‘voices’ of different social communities. (...) Polyglossia focuses on the interlingual rather than intralingual juxtaposition of linguistic codes: ‘the simultaneous presence of two or more national languages interacting within a single cultural system’ (Bakhtine 1981, p. 431). For Bakhtine, the dialogic interplay of different languages and speech varieties characterised by polyglossia and heteroglossia, respectively, is characteristic of the novelistic genre”.

³³ O que não exclui a necessidade de definir os conceitos separadamente e de não menosprezar a relevância do hibridismo linguístico – adiante abordado – para o presente estudo.

³⁴ Após a implantação da República em 1910, o governo formou uma comissão que visava expandir a escolaridade e, conseqüentemente, eliminar o analfabetismo. Desta comissão faziam parte personalidades como Gonçalves Viana, Carolina Michaëlis, Cândido de Figueiredo, Adolfo Coelho e Leite de Vasconcelos. A comissão criou um sistema de ortografia simplificada – fortemente influenciado pelas propostas do projeto *Bases da Ortografia Portuguesa*, de 1885, da autoria de Gonçalves Viana e Vasconcelos Abreu –, substituindo-se, por exemplo, o *y* pelo *i*, o dígrafo *ph* por *f* ou eliminando-se o *h* em algumas posições. A reforma ortográfica entrou oficialmente em vigor por decreto a 1 de setembro de 1911. A ortografia anterior a esta reforma é, por vezes, utilizada em *MTC*, especialmente em passagens relacionadas com a correspondência entre as personagens ou em inscrições.

³⁵ Nas palavras do próprio Nemésio (1999:21), *Corsário das Ilhas* “poderia passar por os cadernos do romanista de *Mau Tempo no Canal*”.

tanto nos contos de *Paço do Milhafre/O Mistério do Paço do Milhafre*, como em *Corsário das Ilhas*, muitas vezes já sem itálico ou notas de rodapé para explicitar o significado do vocábulo ou expressão, poderá sugerir que o autor presume que o leitor da sua obra esteja já, até certo ponto, familiarizado com as palavras ou expressões em causa.

Assim, o heterolinguismo, enquanto recurso literário que permite a inserção textual de diferenças discursivas em literatura, pode exercer diversas funções, nomeadamente contribuir para a caracterização identitária de uma comunidade, para a construção de enredo ou para “colorir” o discurso de determinadas personagens. O heterolinguismo poderá até refletir uma certa volatilidade identitária, no sentido em que revela os limites da estabilidade da identidade, bem como a evolução das nossas sociedades multilingues.

Contudo, segundo Grutman (2020:344), em tradução, o heterolinguismo de um romance vê-se frequentemente ameaçado: “because linguistic diversity flies in the face of received romantic notions of language, culture and identity, foreign languages are at risk of disappearing from the target text or at least being curtailed, having their subversive potential downplayed.”

De facto, a importância simbólica do heterolinguismo na tradução torna-se evidente à medida que vai servindo para explorar as complexidades da formação de identidade e interações culturais dentro de diversas sociedades (cf. Meylaerts 2006a:1). Por outro lado, quando se trata de traduzir a escrita heterolingue, há desafios linguísticos e ideológicos significativos a considerar, principalmente quando o poder simbólico das línguas envolvidas é desigual.

Nas traduções de *MTC* – tanto para francês, como para inglês –, e ainda que o poder simbólico penda mais para estas línguas do que para o português, na verdade, não raras vezes são preservados, por exemplo, os regionalismos, mesmo que o TC francês apresente diversas omissões. No caso do TC em inglês, não é de desconsiderar, para o efeito, o facto de o tradutor Francisco Cota Fagundes ter vertido o texto não para a língua e cultura da sua ilha materna, mas a partir delas, ao contrário do que normalmente acontece.

Referindo-se ainda a Humboldt, Barbara Cassin (2019:16), sustentando que “foreignness kills the foreign”, lança a questão:

Humboldt says: [as generally every good translation must arise out of a simple, unpretentious love for the original] [sic]. The question is then: how far, and indeed how, are we to be “faithful” in love? The answer that comes here is a strikingly precise

model of the relation to the other: Love in translation, and this is surely true for all love, is situated between two flaws: not foreign enough, and too foreign.

Tendo em conta o caso particular que constitui o tradutor de *MTC* para inglês (e que se analisará de forma mais demorada no Capítulo III) e, portanto, o seu admitido “amor ao original” – que, aliás, motivou a tradução –, bem como a sua pretensão de traduzir “açorianamente” (Fagundes 2014:35), poder-se-á colocar a questão: terá Cota Fagundes encontrado o equilíbrio entre “not foreign enough” e “too foreign”? Na sua condição de açoriano emigrado, há mais de 50 anos, e formado nos EUA, terá padecido da “fidelidade infiel” de que falava (ainda que noutro contexto) Derrida (1989): quanto mais fiel, mais infiel? Servirá o último capítulo para abordar e procurar responder a estas questões.

Entretanto, convirá ainda relembrar que, durante séculos, o heterolinguismo – e o hibridismo linguístico, como adiante se verá – foi encarado com desaprovação ou desconfiança, também em virtude da ideologia romântica que associava uma única língua a um povo, uma literatura e uma nação, prevenindo-se, assim, a combinação de línguas e/ou o recurso a variedades regionais na literatura. A tradução parece ter-se apropriado desse paradigma, sendo – ou tendo sido – amplamente considerada mera transposição de uma língua para outra³⁶.

Essa ideologia teve profundo impacto na forma como as línguas têm sido aprendidas e utilizadas (ou não utilizadas), lembra Grutman (2020:343), advertindo, contudo, que as atitudes em relação à língua têm mudado. Mas mesmo que a alternância, combinação e mistura de línguas sejam também uma antiga característica da escrita (*ibid.*:342), desde a Pedra de Roseta, passando pela *Divina Comédia* de Dante até *The Waste Land* de Eliot,

[t]he degree to which different languages are allowed to be displayed and foregrounded also appears to be commensurate with the status of the literary system. Postcolonial literature, immigrant writing and texts pertaining to linguistic minorities all tend to exhibit more diversity than the firmly established canons of Europe’s major ‘old’ literatures. (*ibid.*)

O ideal de uma língua única, universal, é, porém, ainda mais antigo, remontando ao mito da Torre de Babel – tropo comumente associado à tradução, aliás –, espelhado ainda na definição de uma língua mãe comum (o Indo-Europeu, por exemplo) para diferentes

³⁶ No início do século XXI, ainda afirmava Meylaerts (2006a:1): “translation is still viewed as the full transposition of one (monolingual) source code into another (monolingual) target code”. Até porque muitas vezes o público-alvo é também entendido como monolíngue. “Yet a theory of translation cannot limit itself to the most common or plausible scenarios” (Grutman 2006:17).

línguas ou na criação de línguas universais, como o Esperanto, que surgiu precisamente no século XIX, em 1887, pela mão de Ludwik Zamenhof.

Porém, tanto em termos históricos, como geográficos, o monolinguismo tem sido não a regra, mas a exceção (Hokenson e Munson 2007 *apud* Bennett 2020:294). Daí que também os tradutores tenham desenvolvido estratégias para lidar com a presença de várias línguas num texto. No artigo “Translating ‘others’ as ‘us’ in Huckleberry Finn: dialect, register and the heterogeneity of standard language”, Jing Yu (2017) faz uma síntese das estratégias avançadas por investigadores para, em tradução, lidar, especificamente, com a presença de variedades linguísticas no TP. Tais estratégias incluem, por exemplo, a substituição da variedade linguística do TP por outra (seja regional, social ou híbrida) – estratégia cuja identificação o autor atribui a Perteghella (2002:50); a invenção de um dialeto artificial – que atribui a Ramos Pinto (2009:296); ou a utilização de uma variedade com características reconhecidas como dialetais, mas que não possam ser identificadas como pertencentes a um único dialeto – que atribui a Hervey e Higgins (1992:118 e 2015).

Também Birgitta Englund Dimitrova avançou, em 1997, com algumas possibilidades, argumentando que, na prosa ficcional, os marcadores dialetais fonológicos/ortográficos – que indicam um desvio da pronúncia padrão – são, em tradução, muitas vezes substituídos por marcadores lexicais. Significa isto que são substituídos por marcas de coloquialidade, por vocábulos associados a registos linguísticos populares – ou seja, a variação diatópica (regional) passa, em tradução, a variação diafásica (registro). Outra estratégia comumente utilizada pelos tradutores para lidar com variedades regionais é simplesmente omiti-las, refere Englund Dimitrova, que sugere como motivações a perceção que os tradutores têm do seu próprio estatuto/prestígio enquanto produtores de texto e a sua perceção da conotação ou valor das variedades dialetais.

O prestígio poderá, por seu turno, conferir certa liberdade criativa aos tradutores (e naturalmente aos autores do TP). Contudo, por diversas questões, que ultrapassam a dificuldade em encontrar equivalentes dialetais, como questões de ordem cultural ou até política da CC – que poderão restringir a utilização de certos registos ou variedades –, as traduções tendem, como refere Englund Dimitrova (2004:127), a ser mais normativas do que os TP.

Assim, a prática corrente – nomeadamente nas traduções de *MTC* em análise – consiste na substituição da variedade pela língua-padrão, com consequências, como se verá, ao nível

da caracterização das personagens, ao nível da relação entre elas e, bem assim, entre as personagens e o leitor. Tudo isto terá consequências para o entendimento da obra.

Contudo, Yu (*ibid.*:55) chama a atenção para o facto de se assumir que a utilização da língua-padrão para traduzir dialetos resulta necessariamente no apagamento da diferença linguística registada no TP:

However, this is only true when the TT standard language used is of one single register and applied to translate both the ST dialect itself and the ST standard language against which the dialect is set in relief. These assumptions³⁷ are derived either from the misconception that standard language is a unified single register, or from the misconception that all varieties of the standard language carry the same socio-cultural meaning concerning the identity of the characters. No language, even in its standard form, is uniform. Standard language has stylistic variations, and different varieties from standard language may indicate different social identities of speakers as dialect varieties do.

Alertando para a heterogeneidade da própria língua-padrão, o autor (*ibid.*:63) sugere que traduzir variedades dialetais significa traduzir a relação entre duas variedades linguísticas do TP, por oposição a apenas traduzir o dialeto do TP como uma formação independente:

While translated language may manifest greater standardization or normalization in terms of stylistic variation when compared to the ST, it may also introduce heterogeneity within the standard that is different from that in the ST but not insignificant.

Como relembra (*ibid.*:62), o valor de uma variedade linguística não é intrínseco, ou neutro, mudando em função da variedade com que é contrastada. Porém, no caso de *MTC*, esta utilização da língua-padrão comporta, pelo menos, uma vantagem para o leitor: os TC tornam-se mais “legíveis” do que o TP, em que abunda o dialeto visual (ou *eye-dialect*), ou seja, a alteração da ortografia de modo a apresentar o discurso como não se conformando com a língua-padrão (cf. Ramos Pinto 2009:304). Efetivamente, as variedades regionais não têm, muitas vezes, uma forma escrita, uma ortografia estabelecida, pois tendem a existir apenas na oralidade. Não havendo então um código escrito, esse código é criado sempre que o dialeto é utilizado por determinado autor (incluindo, possivelmente, o tradutor).

³⁷ Yu (*ibid.*) refere ainda outro pressuposto: o de que a língua de partida, sendo padrão, é sempre traduzida para uma língua de chegada padrão unificada, o que explica a escassez de estudos sobre a tradução da norma padrão.

No entanto, para ser eficazmente utilizado, o dialeto deve ser reconhecido como tal pelo leitor, que deve ser capaz de diferenciá-lo da língua-padrão e também do registo coloquial. Muitas vezes, tal pode tornar o texto ilegível (ou quase) e essa é uma questão que se pode levantar relativamente ao discurso dos baleeiros em *MTC*, até porque o que se cria não é um dialeto real, mas a “ilusão de um dialeto”. Não obstante, enquanto o vocabulário híbrido – que surge também em algumas falas da protagonista Margarida – é quase sempre mantido nos TC francês e inglês, o dialeto visual é normalizado. É como que um meio-termo dos tradutores.

Poder-se-á questionar esta escolha, analisada em pormenor no Capítulo IV, sendo, porém, verdade que o próprio dialeto visual patente no TP já dificulta a leitura, como aliás advertem Martins Garcia, referindo-se à “tentação foneticista” de Nemésio, ou Machado Pires, referindo-se às “páginas dialectais” de *MTC*. É possível, portanto, que os tradutores tenham deliberadamente procurado evitar a reprodução do dialeto visual.

Conclui-se, assim, que a utilização de variedades dialetais no texto literário não envolve apenas questões linguísticas, visto que a sua utilização tem uma relevância também pragmática, acrescentando significado ao texto e podendo até criar hierarquias entre as personagens, sendo que, tendencialmente, os falantes atribuem maior prestígio à língua-padrão (Ramos Pinto 2009:291). Daí que a opção de traduzir/reproduzir ou não dialetos ou outras variedades tenha implicações importantes no entendimento da obra.

No caso específico de *MTC*, da amplitude de discursos representados deriva a dificuldade de os classificar. Por uma questão de organização e clarificação, a terminologia a utilizar será a seguinte:

- “Socioleto” para as falas dos baleeiros, visto que apenas os baleeiros utilizam o léxico em causa;
- “Dialeto” ou “falares regionais” para os restantes casos, referindo-se a dialeto no sentido lato e abrangendo diferentes falares regionais (falar do Pico, falar do Faial e falar de São Jorge, por exemplo).

Em *MTC*, além da substituição dos marcadores dialetais por marcadores de coloquialidade ou da sua simples omissão – o que sucede com frequência na tradução francesa (e igualmente na polaca, o que é visível pela reduzida dimensão do TC relativamente ao TP), sendo que se tratará mesmo de uma tendência tradutória no mercado literário francês, ou não ocupasse este uma posição central no panorama literário mundial

(cf. Casanova 2004) –, sobressai a normalização, a mais utilizada estratégia nas traduções para francês e inglês ao nível do discurso direto que mimetiza sotaques regionais. Aliás, esta será a estratégia preferida nestes casos (cf. Baker 1993), ou não se associasse a escrita à norma-padrão e, bem assim, a um registo cuidado: “The common association made between standard variety and written discourse leads to a tendency to translate towards the standard variety)” (Ramos Pinto 2009:292). Outra estratégia utilizada nestas situações e que se verifica nas traduções de *MTC* é a redução da variação linguística a formas de tratamento³⁸: “Even though it erases the non-standard features, this strategy allows the reader to understand the power relations between the characters” (*ibid.*:295).

Uma outra questão relevante neste âmbito é a de que um tradutor, sendo proficiente na língua de partida, poderá não o ser nas variedades dessa língua ou mesmo noutras línguas que surjam ao longo do TP. Nestes casos específicos – discurso dos baleeiros e vocábulos híbridos –, a língua é utilizada como representação, o objetivo do dialeto visual e do hibridismo utilizados por Nemésio é mais representar um grupo social do que comunicar (no sentido estrito), situação que se inverte na tradução, dada a dificuldade de representar o dialeto nas LC e CC. Assim, a tensão gerada no TP entre língua-padrão e dialeto/socioleto desaparece nos TC e as personagens acabam por se expressar, de um modo geral, da mesma forma. Não será suficiente para alterar a hierarquia das personagens, pois a sua posição social está bem vincada no romance, mas a normalização nas traduções interfere claramente na caracterização das personagens, como se verá no Capítulo IV.

Por outro lado, a utilização de variedades linguísticas pode constituir (e contribuir para) uma democratização do discurso/língua – ou da sua representação, pelo menos –, contribuindo também para preservar a memória da língua falada, associada a um determinado grupo, que também é identitário. É o caso dos baleeiros da ilha do Pico representados em *MTC*. Dá-se, assim, uma “dessacralização” da língua escrita – o que, em última instância, também poderá contribuir para esbater a hierarquia entre a língua-padrão e as suas variedades (ou, em contrapartida, reforçá-la).

Nemésio parece então dedicar-se, em *MTC*, ao que Bakhtine, em *Esthétique et Théorie du Roman* ([1975]1978), apelidou de “hibridismo intencional”: a justaposição deliberada de línguas no mesmo espaço literário, com vista a produzir um artefacto artístico. A este

³⁸ Também na tradução para polaco se mantêm em português as formas de tratamento, com recurso a itálico.

hibridismo subjaz, portanto, uma intenção estética. Contudo, a tradução pode subverter esse hibridismo intencional, pois, como advogava Venuti em *The Translator's Invisibility* ([1995]2008:1), “[a] translated text [...] is judged acceptable by most publishers, reviewers, and readers [...] when the absence of any linguistic or stylistic peculiarities makes it seem transparent, giving the appearance that it reflects the foreign writer’s personality or intention”. Não sendo exatamente esse o caso das traduções de *MTC* para francês e inglês, que mantêm alguns regionalismos (mais o TC de língua inglesa do que o de língua francesa), a verdade é que o dialeto visual é, de um modo geral, normalizado.

Ainda assim, o tradutor Cota Fagundes, na sua tentativa de manter a açorianidade do romance, segue, até certo ponto, a proposta de Venuti (*ibid.*) de que se deve adotar uma estratégia de estrangeirização extrema, a fim de manter a peculiaridade linguística e cultural do texto de partida, aumentando a visibilidade do tradutor e de uma literatura menos conhecida.

3.1. Híbridismo Linguístico

Do grego *hybris* – injúria ou ultraje associado a miscigenação ou mistura contrária às leis naturais, que ultrapassa a medida humana –, por via do latim *hybrida* – animal que resulta do cruzamento anômalo ou irregular de espécies –, o adjetivo “híbrido” transporta já na sua etimologia uma conotação negativa. Não surpreende, portanto, que o híbridismo – linguístico ou outro – tenha sido, durante muito tempo, olhado com desconfiança. Trata-se, contudo, muitas vezes, não tanto de uma fusão, mas de uma justaposição, em que as características dos elementos hibridizados podem sair reforçadas ou reduzidas.

Bakhtine (1978), aliás, recuperara o termo para se referir ao processo pelo qual duas vozes caminham juntas e lutam no âmbito do discurso, num encontro entre consciências linguísticas. Porém, é no advento da literatura e dos estudos pós-coloniais, com a valorização da alteridade e diversidade, que definitivamente parece estabelecer-se o conceito de híbridismo linguístico, “understood broadly as the mixing of two or more languages in the same communicative event or artefact, whether through code-switching or the creation of new syncretic structures” (Bennett 2019:1). Note-se que ambos os casos – *code-switching* e estruturas sincréticas – se registam em *MTC*.

Como também relembra Bennett (*ibid.*), o híbridismo linguístico não representa uma novidade. O que é novidade é a forma como ele é encarado. E, tal como a intraduzibilidade, o híbridismo linguístico parece “estar na moda”. Esta alteração de paradigma – do homogêneo para o heterogêneo, do híbridismo como fonte não de impureza, mas de inovação – resulta também num novo olhar sobre a tradução, levando a repensar não só esse conceito, mas outros a ela associados, como fidelidade, equivalência, transparência e fluência. Alarga-se, assim, o escopo do conceito e as possibilidades/liberdades dos tradutores ao nível da criatividade, pois que é na diversidade que reside a possibilidade de fecundidade e inventividade. Nas palavras de Bennett (2020:293), “[l]inguistic hybridity, or heteroglossia, now began to be embraced as a form of identity affirmation and resistance”³⁹. Ou no dizer de Delabastita e Grutman (2005:11):

³⁹ Há, contudo, um paradoxo: a possibilidade de o híbridismo linguístico/cultural servir para abafar um certo imperialismo cultural, o qual, irá, por sua vez, apropriar-se desse híbridismo – ou de alguns dos seus elementos – para os reutilizar com base nos modelos de aceitabilidade das culturas hegemónicas. Ainda assim, o híbridismo linguístico tem a capacidade de subverter o vocabulário da língua/cultura hegemónica, desafiando os paradigmas essencialistas de identidade associados à língua/cultura. Nesse

In today's world, talk of multilingualism no longer raises eyebrows but is seen, quite matter-of-factly, as a sign of the times. Whether this is due to Deleuze's and Guattari's work on the 'deterritorializing' powers of language, or Bakhtine's forceful critique of 'monologic' and 'monoglossic' tendencies in Western thought, or the 'hybrid' character of postcolonial texts and cultures, or all of the above, the times they are indeed a-changin'. Translation studies can justifiably be said to have been in the forefront of this paradigm shift.

Não obstante estes argumentos, é na periferia que o hibridismo tende a desenvolver-se, nas culturas que ficam à margem das culturas hegemónicas, daí que os estudos pós-coloniais tenham recuperado e valorizado o conceito. Afinal, como afirma Casanova (2010), as nações e línguas centrais (e, portanto, dominantes) não precisam de recorrer ao multilinguismo. Daí que, ainda segundo Bennett (2020:293), "[h]ybrids (...) have developed at the margins of cultures (...) as the result of migrations and diasporas". Nesses trânsitos se misturam costumes e línguas, tendo sido nessa periferia, em que se encontra também grande parte da diáspora açoriana, que surgiu o seu léxico híbrido – uma combinação de português com inglês americano –, o qual constituirá um dos focos do presente estudo.

Esse vocabulário híbrido é um testemunho, como adiante se verá, da capacidade de inovação dos falantes, da sua capacidade de negociar a(s) diferença(s). Nemésio procurou prestar a sua homenagem a essa inventividade e expressão populares (e não só em *MTC*, como já se viu). Aliás, lamentava até que outros autores não o fizessem também: "O nosso povo tem uma sintaxe e expressões próprias. Ora os poetas e escritores açoreanos não escrevem com o sentido regional do vocábulo, com a sintaxe e a expressão populares" (Nemésio 1995:28). Para esta "presença do linguista" na obra literária – como lhe chamou Helena Mateus Silva (1994) – terá contribuído não só a sua vontade de ver os Açores representados na literatura, mas também o percurso de Nemésio na Filologia Românica, bem como a sua experiência como tradutor.

Em *MTC*, este vocabulário hibridizado surge quase sempre na fala dos baleeiros – que, pelos motivos já descritos, misturam português e inglês –, num discurso pejado de dialeto visual, como foi já referido.

sentido, poderá gerar-se algo análogo ao que Homi Bhabha (1994) chamou "Third Space" – uma nova identidade que emerge de um entrelaçar de elementos (do colonizado e do colonizador, no caso) e que contesta – qual antídoto – uma noção essencialista de identidade cultural (conceção, aliás, posterior à de hibridismo).

Nestes casos, a normalização apresenta-se como a estratégia mais recorrentemente utilizada por Chast e Cota Fagundes. Porém, não ocorre a todos os níveis, pois, como se verá, muitos dos regionalismos de base anglo-americana são mantidos nas traduções para francês e inglês (e especialmente nesta última). Assim, a não-tradução do hibridismo linguístico no TC de língua inglesa, em particular, pode ser vista como afirmação da açorianidade.

3.1.1. Regionalismos de base anglo-americana

As comunidades diaspóricas parecem permeáveis a um desejo de ultrapassar os limites da sua própria identidade, num ato de identificação cruzada (Larkosh 2014:74). Um tal desejo poderá, em parte, justificar o aparecimento do léxico híbrido criado por diversas comunidades emigrantes, nomeadamente pela comunidade açoriana nos EUA e Canadá⁴⁰.

Entre o velho e o novo – mundo, idioma –, estes emigrantes desenvolveram a sua própria “variedade” linguística, combinando a língua materna com o pouco inglês que conheciam (ou ouviam), contribuindo, assim, para uma nova paisagem linguística e social no país de acolhimento. Mas também no local de origem, com as visitas ou mesmo o retorno de alguns emigrantes aos Açores, nomeadamente dos baleeiros que regressaram para pôr em prática o ofício da baleação, “acentuou-se consideravelmente no linguajar açoriano o impacto de anglicismos levados pelos emigrantes regressados ou de passeio pela região” (Silva 1985:132). E continua Heraldo Gregório da Silva (*ibid.*):

Trata-se sobretudo de empréstimos de palavras inglesas e muito menos de empréstimos semântico-sintáticos. Normalmente o termo em inglês é incorporado na linguagem do emigrante mas com pronúncia portuguesa, embora ocasionalmente apareça a mistura de códigos fonéticos.

Ora, admitindo que vocábulos como “marqueta” (do inglês *market*) podem ser considerados empréstimos, é, não obstante, necessário ter em conta que a palavra sofre

⁴⁰ Este não é, porém, um fenómeno exclusivo dos emigrantes portugueses nos EUA e Canadá, visto que também acontece com emigrantes portugueses em países francófonos. A este propósito, consultar, por exemplo, o artigo “A literatura como espelho das migrações entre Portugal e França: análise de interferências e variações linguísticas” (2013), da autoria de Isabelle Simões Marques, ou a obra *Falares Emigreses: Uma Abordagem ao seu Estudo* (1989), de Eduardo Mayone Dias. Do mesmo modo, o fenómeno regista-se, entre outras, com as comunidades falantes de italiano ou castelhano nos EUA (cf. Anzaldúa 1987).

alterações significativas no seu processo de hibridização com o português, incorporando regras de formação de palavras neste idioma, nomeadamente ao nível da flexão de género e de número, bem como, noutros casos, da flexão verbal. Trata-se, portanto, de vocábulos com origem numa língua estrangeira – o inglês americano –, mas formalmente independentes dessa língua. Além de “empréstimo”, Heraldo Gregório da Silva utiliza a expressão “corruptela do inglês” para se referir a este fenómeno lexical, o que não será também desadequado, visto que estes vocábulos híbridos surgem por desconhecimento da língua inglesa, adaptando o falante a língua desconhecida ao sistema da sua língua materna.

Por conseguinte, é vária a terminologia utilizada para fazer referência ao léxico híbrido. Nessa medida, Cota Fagundes (2022:81) lembra as expressões utilizadas por alguns autores:

Leo Pap (1949) calls the phenomenon “Portuguese-American Speech”; Adalino Cabral (1985), in his doctoral dissertation, refers to it as *portinglês*; and Eduardo Mayone Dias (1989), who works with several languages besides English, refers to the phenomenon of loanwords as *emigrês*.

Por sua vez, Emily Linares (2019:128) relata a reduzida atenção que o tema tem recebido ao nível da investigação, mencionando, ainda assim, outros autores além dos referenciados por Cota Fagundes:

Within linguistic research on Azorean Portuguese, few studies have addressed the potential of speakers’ contact with English to contribute to lexical change. Bruemmer (1960) surveyed American whaling terms in the Azores, and da Câmara Borges’s (1960) *Influência Anglo-americana no falar da Ilha de S. Miguel (Açores)* examined English influence on the Portuguese of São Miguel.

No caso específico da baleação, e como se poderá comprovar na análise apresentada no Capítulo IV, bem como no levantamento patente no Anexo A (p. 68), Nemésio documentou “uma série de americanismos ou corruptelas do léxico inglês, recolhidos da boca de pescadores, alguns dos quais tinham “baleado” em navios baleeiros americanos” (Silva 1985:133). Esse vocabulário diz respeito, essencialmente, a locais frequentados pelos baleeiros (“Ariôche” [Arctic Ocean], “Oeste Negrão” [Western Ground]), equipamento utilizado (“chipeira” [spade]) e atividades (“puláiete” [pull ahead]).

Nemésio parece fazer aquilo que os romancistas, aliás, por tradição, fazem, de acordo com Lane-Mercier (1997:46): “traditionally novelists have employed non-standard linguistic patterns to achieve comic relief, picturesqueness, or the illusion of sociolinguistic and cultural realism, using extratextual speech phenomena to suit their aesthetic project”.

Não haverá dúvidas de que Nemésio se empenhou no “projeto estético” que é *MTC*, particularmente numa construção discursiva que não é neutra e em que o autor manipula as relações que existem na realidade (cf. *ibid.*), acentuando também certas diferenças de classe:

What is at stake is not so much linguistic difference, as the social and cultural representations of the Other that linguistic difference invariably presupposes, as well as the underlying antagonisms, interests and power struggles upon which such representations are constructed. (*ibid.*)

Por outro lado, Nemésio, ao representar quase foneticamente as falas não só dos baleeiros – nomeadamente, Ti Amaro de Mirateca e João da Cezilha –, mas do povo em geral – através de personagens como a do caseiro Manuel Bana, da doméstica Maria das Angústias e de Cândia Furoa, entre outros –, talvez procurasse não só acentuar diferenças de classes, mas também – ou sobretudo – preservar vozes menos ouvidas na vida e na literatura portuguesas: a voz do baleeiro, a voz do “criado”, a voz do emigrante. De facto, a representação em que Nemésio embarca não é parodística. Trata-se, pelo contrário, de uma espécie de tributo, efetivado pelo registo de um testemunho linguístico de herança cultural, de património coletivo, em perigo de subrepresentação ou mesmo de extinção, senão na sociedade, na literatura.

Tanto o socioleto dos baleeiros como o dialeto utilizado por outras personagens do povo, nomeadamente os caseiros, incluem os referidos vocábulos híbridos a que convencionei chamar, apoiando-me na investigação de Montenegro (2004), “regionalismos de base anglo-americana”. A este respeito, importa, antes de mais, lembrar que o léxico em causa não se regista na norma da língua portuguesa, mas sim ao nível dialetal e socioletal, restrito, portanto, a uma região e a um grupo social.

A nível dialetal, ainda que, na atualidade, este léxico híbrido praticamente só seja utilizado por uma parte específica da população açoriana – os emigrados em países de língua inglesa ou retornados – e cada vez menos, nomeadamente devido ao estigma social que lhe é associado –, não será talvez demasiado ambicioso considerar este vocabulário como um conjunto de regionalismos, pois que a maioria dos açorianos reconhece e conhece o significado dos vocábulos em causa, alguns até listados em dicionários com a indicação “Açores”⁴¹.

⁴¹ É o caso da “alvarozes”: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/alvarozes>. Acesso em 23/03/2023.

No que respeita à formação deste léxico, trata-se de uma “regularização morfológica ‘à portuguesa’” (Mateus Silva 1994:60), tendo por base analogia fonética. Na aceção da linguista⁴², a maioria destes vocábulos é formada apenas através de acomodação fonética ao sistema de sons da língua portuguesa, processo que denomina “analogia direta”. Estes regionalismos mantêm, em português, o significado que apresentam em inglês. Refira-se ainda que as palavras terminadas em –s deram origem, em português, a nomes flexionados no plural, ainda que no inglês o –s não seja sempre morfema de plural.

A título de exemplo do processo de analogia direta, vejamos os casos abaixo, retirados das obras de José Machado de Serpa e de Nair Borges (a que a corresponderão as iniciais JMS e NB, respetivamente), assim como do *Dicionário de Falares dos Açores*, de J.M. Soares de Barcelos (SB):

- a) **Angrim** (*dungaree*) – *s. m.*, espécie de ganga com que se fazia a roupa de uso diário (SB);
- b) **Bisnas** (*business*) – *s. f. pl.*, negócios (NB); (JMS);
- c) **Alvarozes** (*overalls*) – *s. m. pl.*, jardineiras (NB).

Por outro lado, a linguista distingue este processo de formação do de “analogia indireta”, fenómeno que se regista quando, além da aproximação fonética, intervêm regras fonológicas e morfológicas relativas à flexão do feminino e do masculino, bem como à flexão verbal. Refira-se que a tendência para formar verbos da 1.^a conjugação – por ser a mais comum na língua portuguesa –, assim como para formar substantivos masculinos em –o e –e, quando os nomes anglo-americanos terminam em vogal muda e –t, e femininos em –a, demonstra a interiorização de regras básicas da língua portuguesa, ainda que a maioria dos emigrantes fosse praticamente iletrada.

Este processo denomina-se então “analogia indireta” e são dele exemplos:

Nomes masculinos:

- a) **Basquete** (*basket*) – cesto (NB);
- b) **Blanquete** (*blanket*) – cobertor (também utilizado na baleação) (SB);

⁴² Cf. também a sua obra sob o nome Montenegro (2004).

c) **Mapa** (*mop*) – esfregona (SB);

Nomes femininos:

a) **Clauseta/claseta** (*closet*) – guarda-roupa (SB); de *water closet* – casa de banho (JMS).

b) **Pana** (*pan*) – alguidar de plástico ou alumínio (SB); frigideira (JMS);

c) **Gama** (*chewing gum*) – pastilha elástica (SB); (JMS).

Verbos:

a) **Aparcar** (*to park*) – estacionar (NB);

b) **Draivar/Raivar** (*to drive*) – conduzir (SB); (NB); (JMS);

c) **Jampar** (*to jump*) – saltar (NB); (JMS); (SB).

Note-se, em todos os casos, o facto de a própria língua inglesa parecer permitir estas aproximações fonéticas, que se refletem em equivalentes morfológicos. Mas também, fonética e morfológicamente, este léxico apresenta características comuns às palavras portuguesas de origem latina, pois que, como se viu, frequentemente segue as regras de formação de nomes e verbos do português.

Nair Borges (1960:61) regista ainda outro processo de formação verbal, em que se utiliza o verbo *fazer* como auxiliar, exemplificando com *fazer stop*, *fazer clina*⁴³, entre outros. De facto, no *Dicionário de Falares dos Açores*, Soares Barcelos regista a expressão “fazer o bau a linha”, de *to bow*, que significava, na baleação, recolher a linha pela proa do bote. Não obstante, predomina, no processo de formação verbal, como mencionado, a criação de verbos da 1.^a conjugação.

Importa, por fim, salientar que alguns destes vocábulos acabaram por ser aculturados, embora sejam poucos os que se encontram perfeitamente enraizados no vocabulário da população açoriana, como é o caso de “gama”, “pana” ou “mapa”, sendo que a sua utilização praticamente se restringe à oralidade e, como se verá, à literatura açoriana. Na verdade, com o declínio do movimento emigratório⁴⁴ e com a progressiva escolarização dos açorianos, o uso deste léxico foi decaindo. No entanto, estas palavras constituem uma parte fulcral da cultura açoriana, refletindo a história do arquipélago.

⁴³ Limpar.

⁴⁴ O declínio do movimento emigratório deveu-se não apenas à melhoria das condições de vida após a revolução de 25 de abril de 1974, mas também às restrições que os EUA foram impondo à imigração.

Quanto ao léxico utilizado pelos antigos baleeiros, como também se já viu, a história da baleação açoriana está intimamente ligada à norte-americana. Como tal, a grande maioria dos termos utilizados pelos antigos baleeiros é de origem anglo-americana:

- a) **Bote** (*boat*) (a.i.) – *s. m.*, barco (NB);
- b) **Chipeiro/Chipeira** (*spade*) (a.i.) – *s. m./s. f.*, lança para cortar o toucinho (JMS); (NB);
- c) **Esparto/Espoute/Espaute**⁴⁵ (*spout*) (a.i.) – *s. m.*, bufo dos cetáceos (JMS); (NB); (SB);
- d) **Grampelim/grapnel** (*grapnel*) (a.d.) – *s. m.*, arpão; fateixa de três braços com um olhal de ferro forjado, que era atado a um cabo fino, sendo utilizada para recuperar a linha afundada (SB); (NB); (JMS);
- e) **Rofo** (*rough*) (a.d.) – *adj.*, mar bravo (SB);
- f) **Tofo** (*tough*) (a.d.) – *s. m.*, partes duras do tecido adiposo da baleia, como as barbatanas, por exemplo (SB).

Com base no exposto, poderá assumir-se que o hibridismo linguístico representa, para a população em causa, uma alternativa à assimilação/perda de identidade (cf. Simon 2011:49), colocando ainda em evidência que o contacto linguístico nem sempre resulta da proximidade geográfica. Na verdade, como refere Linares (2019:149), o *locus* do contacto linguístico é o falante, destacando “the Azores as an important site for research on language contact, meriting greater attention in the fields of comparative Romance linguistics and Lusophone linguistics”.

Estas formas híbridas⁴⁶ são, portanto, o reflexo da experiência de um falante que vive dois processos de socialização (cf. Montenegro 2004). Na esfera privada, existe uma língua de socialização primária, isto é, a língua aprendida na infância, neste caso o português. Nas restantes áreas, existe uma língua de socialização secundária, o inglês, que acaba por não ser totalmente adquirido. Surgem, assim,

vocábulos onde a substância se sobrepõe à forma, e se nas formas linguísticas que as palavras tomam se reconhecem processos análogos à formação nominal, adjetival e verbal do Português, nomeadamente na derivação prefixal ou sufixal, essas formas não

⁴⁵ Note-se que Nemésio utiliza “espalmo” (1994:254).

⁴⁶ Refira-se, por fim, que o hibridismo é um fenómeno que se encontra com frequência na língua portuguesa corrente, sendo particularmente comum nas áreas técnicas e científicas, fruto da globalização. No entanto, no caso em análise, o léxico híbrido não está associado à língua “erudita”, mas antes a um falar até estigmatizado e desvalorizado.

escondem os contextos sócio-culturais em que tais palavras foram modeladas (Montenegro 2004:126).

Formados através de processos que evidenciam o reconhecimento, por parte dos emigrantes, da gramática, mais propriamente, dos processos de formação de palavras, da língua portuguesa, estes regionalismos constituem o “léxico de sobrevivência” (*ibid.*) dos emigrantes açorianos nos EUA e Canadá, resultando de um sistema de analogias: aos sons que ouviam, os falantes “aplicavam” um sistema gramatical que já conheciam – ainda que mal –, i.e., o da sua língua materna.

Assim, neste contexto específico, poder-se-á dizer que *MTC* está, a um tempo, histórica e culturalmente próximo e distante da CC norte-americana, o que justifica alguma da sua sobretraduzibilidade, como atrás se viu.

4. História Externa e História Interna de Tradução

Até à “viragem cultural” que se consolidou na década de 1990, os Estudos de Tradução (ET) tendiam a centrar-se no processo de tradução e no envolvimento do tradutor nesse processo, em particular na transformação textual que dele resultava. Mas a “cultural turn” veio alargar o âmbito dos ET do “nível micro-textual para o macro-contexto sociocultural” (cf. Bassnett 2003) em que a tradução tem lugar. Embora a mediação do tradutor continue a ser considerada um aspeto crucial, existe agora uma maior ênfase na compreensão das implicações culturais da tradução.

Efetivamente, a investigação sobre tradução não se limita ao texto, antes se estendendo ao contexto. Afastando-se, assim, da ideia de “tradutor solitário”, a tradução passa a ser encarada como processo colaborativo, o que possibilita a inclusão nele de outros intervenientes – ou agentes.

Nessa medida, e tendo em conta o papel dos tradutores enquanto agentes sociais, também algumas teorias e conceitos da sociologia têm sido aplicados aos Estudos de Tradução, com particular destaque para as teorias de Pierre Bourdieu. Nas palavras de Hélène Buzelin (2005:203), “scholars have used Bourdieu’s sociology in order to avoid the depersonalization of translation production”, de modo que conceitos como “capital simbólico” (reconhecimento, prestígio de um indivíduo), “capital cultural” (conhecimento, educação, competências e recursos culturais), “capital linguístico” (competências linguísticas) ou poder simbólico (capacidade de estabelecer e impor normas e gostos culturais) são hoje frequentemente empregados nos ET. A eles recorrerei também quando relevante.

Deste modo, alguns investigadores têm vindo a considerar a tradução uma importante ação social levada a cabo por várias entidades, além do tradutor. Inicialmente proposto por Juan Sager (1994), no âmbito dos Estudos de Comunicação, o conceito de “agente de tradução” – então entendido como um indivíduo que ocupa uma posição intermediária entre o tradutor e o utilizador final de uma tradução – foi retomado e expandido por Milton e Bandia (2009). Para estes autores, qualquer entidade envolvida num processo de inovação e intercâmbio cultural – logo, capaz de provocar mudanças no seu meio sociocultural através da tradução – é um agente de tradução. Assim, nesta definição incluem-se não só

entidades individuais, como tradutores, revisores, editores, mecenas ou políticos, mas também entidades coletivas, como editoras, empresas, revistas ou instituições. Aliás, segundo os autores, uma entidade pode até acumular mais do que um desses papéis. Outros teóricos, como Tahir-Gürçaglar (2003), incluem ainda os leitores⁴⁷ na definição de agente de tradução.

No âmbito deste trabalho, por agentes de tradução entender-se-á, assim, na linha de Milton e Bandia, além dos tradutores, revisores e editores, também instituições, fundações e governos. São estes agentes que, de facto, fazem o que se denomina história externa e história interna de tradução. Segundo Pięta-Cândido (2013:16),

o grupo de Göttingen estabelece uma distinção entre a história da teoria e da prática da tradução. Como o próprio nome indica, a primeira vertente centra-se explicitamente na teorização em torno do conceito de tradução, produzida por estudiosos, críticos e tradutores (...). No que toca ao segundo tipo, este conhece uma subdivisão em história externa e interna da tradução.

A história interna analisa, portanto, as características textuais das traduções, “acompanhando cronologicamente as diferentes formulações que as sucessivas traduções de uma mesma obra foram evidenciando, o que permite fazer um historial do estilo e da interpretação da obra traduzida no respectivo contexto” (Bernardo 1999:623).

Já a história externa centra-se, precisamente, no contexto em que surgem as traduções. Com o intuito de estudar as circunstâncias, as instituições e os agentes envolvidos na tradução de obras literárias, a história externa pergunta, segundo Kittel (2004:808), *o que se traduz* (que autores, géneros, etc.); *quando se traduz* (nomeadamente, com que frequência); *onde se traduz* (e também onde se publica, etc.); *quem traduz* (quais as competências, formação, género, etc., dos tradutores) e *como se traduz* (por exemplo, em tradução direta ou indireta – i.e., por via de outra língua que não aquela em o texto foi originalmente escrito, com que objetivo, etc.)⁴⁸.

⁴⁷ Para outras teorias sobre agência de tradução, ver, por exemplo, Jansen e Wegener (2013) (autoras que cunharam o termo “multiple translatorship”) ou Siri Nergaard (2013), cuja investigação sugere que todos os agentes envolvidos na publicação de uma tradução poderiam ser denominados tradutores: “they all in some way [are] translating the text” (Nergaard 2013 *apud* Podlevskikh Carlström 2022a:48).

⁴⁸ Note-se que Anthony Pym propôs em 1998, na sua obra *Method in Translation History*, o termo “translation archaeology” para uma noção afim à de história externa: “a set of discourses concerned with answering all or part of the complex question “who translated what, how, where, when, for whom and with what effect?” It can include anything from the compiling of catalogues to the carrying out of biographical research on translators (*ibid.*:5). Contudo, neste trabalho, por uma questão de clareza, a

Neste sentido, de acordo com Koster (2002:24), como se viu, é possível escrever uma história externa – com relevância e utilidade – sem a sua componente interna, mas o oposto – escrever uma história interna relevante sem tomar em linha de conta fatores externos, i.e., a contextualização da tradução, – será pouco viável.

Por conseguinte, este trabalho procura contribuir tanto para a história interna, como para a história externa das traduções de *MTC*, que são quatro, lembre-se: a tradução para as línguas francesa, russa, polaca e inglesa.

Dessa análise, a apresentar no Capítulo III, procurarei dar destaque ao papel dos tradutores e tradutoras. Como refere Pym (1998: ix), “the central object of historical knowledge (...) should be the human translator (...). Only through translators and their social entourage (clients, patrons, readers) can we try to understand why translations were produced in a particular historical time and place”.

Por sua vez, a história interna – em análise no último capítulo – focar-se-á nas traduções para francês e inglês, com referência, portanto, às alterações textuais que tenham ocorrido ao longo das suas várias edições.

Trata-se, assim, de um método que permite adquirir um conhecimento aprofundado do(s) texto(s), bem como identificar necessidades de revisão e atualização ou mesmo novas possibilidades de investigação. Como também advoga Pym (*ibid.*: xi), “[t]ranslation history need not point only to the past”.

terminologia a utilizar será a de história externa e história interna, já que a compreensão do seu significado se afigura mais imediata do que a de “arqueologia”.

5. Outros conceitos relevantes

5.1. Autorrevisão de tradução

Ao longo dos últimos anos, a investigação em Estudos de Tradução tem também revelado um interesse crescente na área da revisão enquanto parte integrante e essencial do processo de tradução.

Em virtude do processo de revisão levado a cabo pela tradutora de *MTC* para língua francesa, Denyse Chast, bem como da nova edição da tradução do romance para inglês, a qual foi, como referido, “completamente revista” pelo tradutor, é a atividade de autorrevisão a mais significativa no âmbito desta tese. Tratando-se das mesmas traduções (não de retraduições), e, no caso do inglês, com texto revisto pelo próprio tradutor cerca de vinte e um anos após a primeira edição, importa, portanto, explorar o conceito de autorrevisão: processo de releitura que pode levar o tradutor a reconsiderar as escolhas feitas anteriormente e/ou a adotar novas estratégias.

Brian Mossop (2014) define revisão sobretudo como um “exercício de leitura”, em oposição à ideia normalmente associada ao termo, a de tarefa de correção ou de reescrita. Para Mossop, a principal competência de um revisor deverá ser a capacidade de realizar uma leitura cuidada. O autorrevisor, porém, enfrentará sempre uma dificuldade acrescida, dado o seu envolvimento com o texto e o conhecimento que dele tem: a de olhar e examinar o seu próprio trabalho de modo distanciado. De qualquer forma, um certo distanciamento entre o tradutor e o seu texto decorre inevitavelmente da passagem do tempo, como terá sucedido no caso do TC de língua inglesa, sendo o intervalo de tempo entre a tradução e a autorrevisão uma importante componente do processo de revisão e uma eficaz estratégia de distanciamento.

Na definição de Chesterman e Wagner (2002:68), distanciamento implica: “stepping back mentally from what you are creating to get a better perspective on it”. Neste sentido, os autores sugerem estratégias para “aprender a esquecer” (*ibid.*:71), aconselhando o tradutor/autorrevisor a tomar consciência das diferenças entre a experiência de ler a sua própria tradução e a de ler, pela primeira vez, um texto escrito por outrem.

Estes conceitos podem, assim, contribuir para a compreensão das alterações levadas a cabo pelos tradutores, em particular por Francisco Cota Fagundes na segunda edição da tradução para inglês de *MTC*, contando-se ainda com o auxílio da correspondência trocada

com o próprio tradutor, bem como com os seus escritos sobre o tema, em que afirma: “Ninguém exige que uma leitura crítica de uma obra seja uma visão não melhorável. Porque seria insusceptível de melhorar uma tradução que, ao fim e ao cabo, é uma outra forma de leitura e de interpretação?” (Fagundes 2014:44).

Curiosamente, na sua Introdução à primeira edição da tradução de *MTC*, Cota Fagundes (1998:18-19) assume como desejáveis várias versões de uma tradução:

a translation needs to be two translations (although, hopefully, with many, many versions in between): a translation of the original (the translator being as faithful to the source-text as is possible: some particularly difficult passages of the starting version could even be a ‘crib’); and another (or many) translation(s) of this translation, this time the object of fidelity being the reader’s language.

Mas, tal como um texto pode ser retraduzido, também uma introdução pode ter várias versões. E, na mais recente edição, Cota Fagundes (2019:20) expressa-se já de outra forma⁴⁹, tirando o foco à quantidade de traduções, mas mantendo-o no conteúdo da tradução enquanto próprio texto de partida (ou “berço”):

in practice, a translation involves two levels of focus: a translation of the original (staying as faithful as possible to the source text, with some particularly difficult passages even beginning as a crib) and subsequent translations of the original translation (concentrating on the reader’s language).

A propósito de “língua do leitor”, ou seja, a língua de chegada, importará agora introduzir o conceito de direcionalidade⁵⁰, que se refere à direção linguística em que decorre o processo de tradução (ou interpretação): para a primeira língua (L1) do tradutor (ou intérprete) ou para a sua língua segunda (L2) (cf. Ferreira e Schwieter 2017). Segundo Apfelthaler (2020:152), a direcionalidade tem sido estudada principalmente no âmbito dos estudos cognitivos de tradução, através de experiências que procuram determinar o que distingue a tradução a partir de L1 da tradução a partir de L2, de um ponto de vista processual/cognitivo.

⁴⁹ Apesar de manter as referências a conceitos e termos já obsoletos no âmbito dos ET, como “original” e “fidelidade”.

⁵⁰ Inicialmente utilizado por Pym (1992 *apud* Apfelthaler 2020:152), o termo foi retomado mais tarde, na edição de 1998 da *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (Baker e Saldanha), no título de uma entrada de Beeby Lonsdale. Como explica Apfelthaler (*ibid.*), na entrada “Directionality” já da edição de 2020 da referida enciclopédia, o título de 1998 – “Direction of translation (directionality)” – revela alguma incerteza quanto à sobrevivência do novo termo. E adverte o autor (*ibid.*): “even today, publications relevant to this area of research might not mention the term”. No âmbito deste trabalho, e apesar da sua relativa disseminação, o termo será utilizado, quando necessário.

Naturalmente, como alerta o autor (*ibid.*:153), apoiando-se em outros autores que vai mencionando ao longo do seu texto, esta perspectiva (à semelhança de outras aqui já discutidas noutros contextos) parece assumir que o monolinguismo – ou, pelo menos, a ideia de que existe apenas uma língua materna/nativa – é a norma. Apfelthaler relembra, porém, que a maioria dos países e das pessoas do mundo são bi- ou multilingues, o que permite entender a “língua materna” a partir de outros critérios, que não são mutuamente exclusivos. Como se viu, também na aceção de Bennett, o monolinguismo é a exceção, e não a regra.

A noção de direcionalidade poderá então ser útil para analisar o caso do tradutor Francisco Cota Fagundes, cuja “língua materna” é de difícil identificação, segundo o próprio. Cota Fagundes nasceu em Portugal, de onde saiu com 19 anos para os EUA. Foi neste país, onde vive desde a década de 1960, que fez praticamente todo o seu percurso escolar e académico. Em inglês, como é evidente. Assim sendo, os estudos sobre direcionalidade, visando garantir que a tradução e a interpretação “não nativas” – e os seus protagonistas – recebem um tratamento objetivo e justo (*ibid.*:156), poderão contribuir para a presente análise, ainda que direcionalidade não seja para ela um conceito central. É, no entanto, um conceito em expansão e que importa reconhecer.

Relativamente à tradução francesa de *MTC*, como em pormenor se verá no Capítulo IV, com base na correspondência de Denyse Chast a Nemésio, conclui-se que a tradutora levou a cabo diversos processos de revisão, os quais, no entanto, parecem ter contado com a interferência de vários outros agentes. O longo processo – tudo indica ter-se iniciado em 1951, sendo que a publicação de *Le Serpent Aveugle (LSA)* data de 1953 – terá sido muito laborioso para Chast, que parece ter acabado a rever uma tradução que não era já bem a sua. No que respeita às poucas alterações que se foram verificando no TC francês ao longo das suas várias edições – lembre-se que, após a edição de 1953, só em 1988 voltará o texto a ser publicado –, dificilmente terão contado com a participação de Chast, apesar de uma nota de rodapé que indica o oposto, como se verá. Até porque revelam algum descuido, pouco característico do trabalho de Chast, segundo parece indicar a sua correspondência, bem como as observações de Nemésio.

Por fim, refira-se que, no caso do TC francês, a revisão mais significativa se prende com a alteração do título de *Le Serpent Aveugle* para *Gros Temps sur l'Archipel*, tratando-se, ao que tudo indica, de uma decisão editorial, como se verá no Capítulo III.

5.2. Paratexto/Peritexto

Paratexto é o que permite que um texto se torne um livro e se apresente como tal aos seus leitores. Assim afirma Gérard Genette (1997:1), que cunhou o termo, primeiramente utilizado em *Palimpsestes: la littérature au second degré* (1982) e posteriormente explorado em *Seuils* (1987).

O paratexto consiste, portanto, no conteúdo além do corpo de texto de uma obra, por exemplo, títulos, notas de rodapé, prefácios, entrevistas, entre outros, sendo que, de acordo com o teórico francês, possibilita uma leitura mais pertinente da obra, estando ao serviço de uma melhor recepção. Não obstante, ressalva Genette que tanto as formas, como os significados do paratexto estão em constante alteração, dependendo nomeadamente do período e da cultura em que surgem, bem como do autor, da edição e do género da obra. Os paratextos funcionam, por conseguinte, como mediadores entre o texto e o leitor, enquadrando o conteúdo e, conseqüentemente, orientando a escolha de ler ou não o texto. Uma vez feita a escolha de ler, o paratexto funciona também como orientador dessa leitura, daí que tenha, necessariamente, em consideração o contexto histórico e cultural em que surge e daí que a sua natureza seja intermitente, estando em constante mutação.

Segundo a classificação de Genette, os paratextos podem ser definidos a nível espacial (que diz respeito à sua localização na obra), temporal (referindo-se ao momento em que surgem ou desaparecem em relação ao texto, podendo ser prévios, posteriores, etc.), substancial (referindo-se à forma do paratexto, que pode ser textual, icónica ou factual), pragmático (remetendo para a situação comunicativa, nomeadamente para a autoridade do emissor e/ou do recetor, para a força ilocutória da mensagem, etc.) e, finalmente, funcional (que remete para a finalidade do paratexto). No que se refere às características espaciais do paratexto, Genette cria duas categorias: o peritexto e o epitexto. O primeiro mantém com a obra uma relação de proximidade, surgindo no mesmo volume do texto, como é o caso do título, do prefácio, dos títulos de capítulos, entre outros. O epitexto, por sua vez, surge distante do texto, como é o caso de entrevistas dadas pelo autor, cartas, diários, etc. É no primeiro – o peritexto, em particular o peritexto icónico e textual – que se concentrará o Capítulo III deste trabalho, nomeadamente nas capas, títulos, prefácios e notas de rodapé das edições traduzidas de *Mau Tempo no Canal*. Não obstante, contar-se-á, para essa análise, com

importantes contributos de diversos epítextos, nomeadamente entrevistas e correspondência.

Genette veio, assim, atribuir relevância a um fenómeno, até então, esquecido, porque considerado marginal, abrindo a porta a novos estudos e perspectivas. O teórico não elabora, contudo, sobre o paratexto de textos traduzidos – cujas particulares características exigiriam um aturado trabalho de investigação –, embora reconheça a sua relevância⁵¹. Genette, aliás, enfatiza a importância do paratexto no âmbito da receção literária ao contrapô-lo à natureza imutável do texto – ou seja, considera que o texto é imutável e fixo num tempo e lugar, enquanto o paratexto pode ser adaptado para acomodar várias interpretações. Pressupõe esta visão que o autor não teve em conta que os textos podem ser traduzidos (e retraduzidos) e adaptados, não se fixando necessariamente no tempo e no espaço.

Não obstante, a obra do teórico francês tem servido de ponto de partida para muitas das pesquisas levadas a cabo em Estudos de Tradução, em particular para o relativamente recente conceito de “paratradução”⁵². Garrido (2005), indo beber ao conceito teorizado por Genette, avança então com o termo, mais tarde também utilizado por Yuste Frías (2012), para se referir à importância dos paratextos em tradução – implicando questões de natureza ideológica. Nessa medida, intervêm os “paratradutores”, ou seja, intermediários como editores, revisores ou tradutores. De acordo com Yuste Frías (2012:118), a paratradução é o que torna completa uma tradução no mundo editorial, não podendo haver tradução sem paratradução:

The prime objective of the creation of the concept of paratranslation is to remind ourselves and stress the essential role performed by paratextual elements in translation, that is, their participation, together with the text, in the construction of meaning of the published work.

Assim sendo, o conceito de paratradução pretende levar à análise dos elementos paratextuais que surgem na tradução, mas não no texto de partida. De acordo com Garrido, as causas que levam a essa mudança de conteúdo estão relacionadas com a própria sociedade, com questões de poder e ideologia. Ou seja, é a sociedade que decide o que, onde,

⁵¹ “I have likewise left out three practices whose paratextual relevance seems to me undeniable, but investigating each one individually might demand as much work as was required here in treating this subject as a whole. The first of the three practices is translation” (Genette 1997:405).

⁵² “Paratranslation is a term coined by a group of scholars at the University of Vigo, Spain as a methodological tool for studying paratextual elements, such as orthography, in translation. Paratranslation is supposed to encompass the process of translating any paratext that surrounds, wraps, accompanies, extends, introduces and presents the translated text” (Yuste Frías 2012:118).

quando, porque, para quê e, sobretudo, como se traduz, sendo que este género de alterações se dá com maior “naturalidade” nos paratextos do que nos textos – conforme, aliás, sugerira Genette –, uma vez que os paratextos envolvem a intervenção de mais agentes, afetando menos a autoridade e a essência do texto de partida (cf. Garrido 2005:33).

Mais recentemente, Kathryn Batchelor (2018) aplicou também aos ET a teoria da paratextualidade de Genette. Segundo Batchelor, o paratexto consiste num limiar deliberadamente criado para um determinado texto, tendo a capacidade de moldar a forma como é recebido. A autora sugere nova terminologia, tendo em conta a existência de peritextos que apenas surgem no TC⁵³.

De facto, no contexto da tradução, o paratexto (em particular, o peritexto) adquire ainda outra relevância, ou não implicasse o seu estudo um afastamento do foco tradicional da tradução: a análise textual. E, à semelhança do paratexto, o tradutor é, não raras vezes, também encarado como o mediador entre um texto e o seu leitor. O próprio tradutor de *MTC* para língua inglesa admite: “I worked to re-create a physical, historical, social, and psychological reality that is generations removed from the personal and cultural experiences of most American readers—even, for some readers, entirely alien” (Fagundes 2019:20). Assim, quando paratexto é da autoria do próprio tradutor, este desempenha várias funções ao nível da agência de tradução, evidenciando o seu papel de mediador entre textos e culturas.

Em suma, ao contextualizar histórica e culturalmente o texto, o paratexto orienta a leitura e oferece possibilidades de interpretação. Sendo o “texto” a que o leitor, normalmente, primeiro tem acesso – e mantendo-se presente ao longo da leitura da obra –, o paratexto, e em particular o peritexto, molda a receção das traduções, antecipando ou ajustando as expectativas e exigências do leitor. Pela forma como apresenta o texto, permite tirar ilações sobre o público-alvo, o objetivo da tradução, a visibilidade do tradutor e da própria tradução, bem como sobre o conceito de tradução favorecido pela cultura de chegada ou pela editora.

No Capítulo III, proceder-se-á então à análise de elementos peritextuais que, na sua maioria (exceção feita a algumas notas de rodapé), apenas surgem nas traduções – como

⁵³ Ainda que, nesta tese, o foco recaia nos peritextos que apenas surgem nas traduções de *MTC* (sendo, portanto, distintos dos do TP), não recorrei nem ao termo “paratradução”, nem às prolixas classificações de Batchelor, de forma a evitar a proliferação de terminologia. Por conseguinte, utilizarei apenas a terminologia de Genette, que se encontra já bem estabelecida.

prefácios ou notas biobibliográficas do autor – e que, portanto, envolvem a participação e, em alguns casos, a visibilidade de diversos agentes. Assim, o peritexto, podendo ou não evidenciar o papel do tradutor, torna com certeza visível o papel de outros agentes, como editores, revisores e/ou prefaciadores, aos quais o presente trabalho também pretende dar relevância.

CAPÍTULO II
O OVO E A AVE

Autor e obra em contexto

1. O Navio Desarvorado

“Autobiografia? Só atropelando o relato”.

Assim inicia Vitorino Nemésio uma sua “autobiografia”¹. Tentando não “atropelar o relato”, tarefa desafiadora considerando a multiplicidade de atividades e publicações que coube ao autor, o que se segue é uma sucinta – tanto quanto possível – cronologia da sua vida e obra.

Nascido em 1901, “numa rodela de lava atirada ao Atlântico – a Ilha Terceira”², Vitorino Nemésio Mendes Pinheiro da Silva, “o mais universal de todos os açorianos” (Machado Pires 2013:18), calcorreou quase todo o século XX e, dos 76 anos que viveu, quase todos os dedicou à escrita, com publicações impressas ao longo de 63 desses anos.

“Açoriano de treze gerações”, como se retrata no ensaio “Açorianidade”, Nemésio conta, entre os seus antepassados, “representantes da mais velha fidalguia terceirense (...) e, simultaneamente, vergôntes bem mais plebeias (avô marceneiro, pai pequeno comerciante e amador musical), a quem nunca deixou de render o mais enternecido culto” (Mourão-Ferreira 1987:5).

Assim o demonstra o desabafo de Nemésio de 14 de fevereiro de 1962 (Diário LIX, E11/cx. 62):

Dia de S. Valentim. Meu avô Vitorino fazia anos: o velho rijo, de barba branca, que cantei na FESTA REDONDA. Quando sigo, dele até ao meu neto Jorge, a minha varonia, muito penso no pão que ganhou ao bano de marceneiro, meu pai ao balcão e ao côvado. De mim para diante, até ao filho, as profissões de cabeça. O que virá depois? Deus deu-me na árvore de geração exemplos de todas as castas de fruto: a burguesia comercial e os pobres mas fortes ideais estéticos do pai; a mãe senhora em nova e dona rústica ao envelhecer, numa família de lavradores abastados e de burocratas locais; a nobreza vilã em ascendência de navegadores na linha masculina da bisavó paterna feminina... (Álvaro Martins Homem, Pero de Barcelos); o bisavô paterno carpinteiro e a parentela de pescadores da mãe do avô paterno.... Lindo e sortido ramo de humanidade!

Filho único, Nemésio cresceu também rodeado de mulheres – mãe, tias, vizinhas. Talvez por isso a mulher seja frequentemente convocada na sua obra poética e ficcional,

¹ Conjunto de textos denominados pelo próprio autor “Autobiografia”. Datáveis de 1958 e 1971, os textos podem ser consultados na página web do catálogo da exposição *A Rotação da Memória*, organizada pela Biblioteca Nacional, detentora do espólio de Nemésio, para assinalar o centenário do nascimento do autor, em 2001. Disponível em <https://purl.pt/161/1/index.html>. Acesso em 17/07/2023.

² Vitorino Nemésio, “O ilhéu”, in *Diário de Lisboa*, 20 de maio de 1936. Disponível em <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05761.025.06133#!1>. Acesso em 27/07/2023.

sendo a complexa protagonista de *Mau Tempo no Canal*, Margarida Clark Dulmo, como que o expoente da combinação dessa influência feminina (e possivelmente até um reflexo do próprio autor).

Das memórias de infância, ficaram-lhe imagens que serão repetidamente evocadas ao longo da sua obra. Imagens de mar, ilha, família, vizinhança, escola, igreja, música – esta última muito associada ao pai e aos cantadores e contadores de histórias da ilha Terceira –, “coisas vividas e coisas ouvidas, o bastante, enfim, para que, pela sua ilha, intuísse a verdade histórica e geo-humana do arquipélago inteiro” (Machado Pires 1986:503).

O gosto pelas letras revelou-se cedo e ainda jovem, em 1915, publica, em *O Torneio: Jornal dos Novos*, o seu primeiro texto impresso, “Fitando a Natureza”. No ano seguinte funda a sua primeira revista literária, *Estrela d’Alva*, naquela que virá a ser a primeira carreira profissional de Nemésio, o jornalismo. Como explica Fátima Freitas Morna³:

Aparentemente fugaz e logo abandonada, a profissão de *repórter* (...) acaba por marcar todo o percurso de Nemésio, apenas inflectindo de um sentido directo e imediato para um registo quase metafórico, tornando-se ele durante décadas relator de factos e ideias, comunicador de acontecimentos, intérprete de informação de todo o tipo. Não por acaso, essa primeira carreira profissional volta a abrir-se, embora em termos diferentes, no momento em que termina a outra, mais dilatada, a carreira académica, pois é quando o limite de idade impõe a reforma ao professor que este se torna, finalmente, e após uma tentativa frustrada, director de um jornal diário. Por episódica que tenha sido essa função, ela veio, simbolicamente, trazer à superfície o jornalista que a colaboração ininterrupta nos periódicos mais variados apenas tinha mantido latente por mais de cinquenta anos.

O próprio Nemésio, em entrevista à revista *Flama*⁴, em 1973, reconhece que a sua vida e carreira “sempre estiveram ligadas à imprensa periódica”, lembrando a “forte tradição jornalística” da ilha Terceira, “onde houve jornais desde 1831 e diários desde 1900”:

A cidade de Angra, como antiga capital das ilhas e sede da Regência do reino em 1830, tem uma forte tradição de opinião liberal e até de jornalismo literário. (...) No meu caso, a meio do curso liceal e através de um jornalzinho, tive – como costume dizer – facilidades tipográficas antes do tempo (o que ia até perturbando a regularidade dos estudos). (*ibid.*)

Após várias publicações no jornal *O Torneio*, bem como em *Eco Académico*, o jovem Nemésio publica, ainda em 1916, o seu primeiro livro de poemas, *Canto Matinal*, assim

³ Catálogo da exposição *A Rotação da Memória*. Disponível em <https://purl.pt/161/1/memoria/rotacao06.html>. Acesso em 25/02/2021.

⁴ *Flama*. Ano 29, n.º 1308. 1973: 32. Acesso em 25/02/2021.

intitulado por influência de um seu professor, que lhe sugerira o título (em vez de *Canto Vespéral*, como o seu autor propunha). Em 1917, publica *O Poeta Povo*, texto dedicado a Teófilo Braga.

Por culpa ou não do “jornalismo”, facto é que os estudos no Liceu de Angra não lhe correm de feição, sendo transferido para o Liceu da Horta. O ambiente (relativamente) cosmopolita que então se vivia na cidade faialense haverá de deixar marca, vindo a servir de pano de fundo a *Mau Tempo no Canal*.

Em 1919, interrompe os estudos para assentar praça como voluntário na Infantaria 25, em Angra do Heroísmo, transferindo-se depois para o continente, onde presta serviço, como primeiro-cabo, no polígono de Tancos e no Depósito de Adidos. Não voltará a viver nos Açores.

No ano seguinte, abandonada a vida militar, publica, pela Editora Andrade, de Angra do Heroísmo, a sua única peça de teatro, *Amor de nunca mais*, tendo ainda publicado os “sonetaços”, dirá Nemésio ao evocá-los” (Mourão-Ferreira 1987:8), de *A Fala das Quatro Flores*. Em 1921, torna-se redator do jornal *A Pátria*, “coroando” a sua “experiência insulana com outra experiência de jornalismo profissional” (*Flama, ibid.*).

É já em Coimbra, em 1922, que conclui o liceu, matriculando-se de seguida na Faculdade de Direito. Colabora como revisor na Imprensa da Universidade e ainda na revista *Byzancio*. É nesse ano que publica, na Imprensa Académica, o longo poema *Nave Etérea: em memória do descobrimento do caminho celeste para o Brasil*, por ocasião da primeira viagem aérea entre Lisboa e Rio de Janeiro, realizada por Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Em abril do ano seguinte, morre-lhe o pai, ausência que indelevelmente o marcará (e à sua obra). A 26 de junho é admitido na loja maçónica “A Revolta”, em Coimbra, adotando o nome Manuel Bernardes. Nesse ano, integra também o Orfeão Académico. É através do Orfeão que visita, pela primeira vez, Salamanca, onde conhecerá um dos seus “mestres”, Miguel de Unanumo, com quem se corresponderá e de cuja “hispanidad”, como se viu, Nemésio decalcará a sua “açorianidade”.

Em 1924, abandona o curso de Direito e matricula-se em Ciências Histórico-Filosóficas, também na Universidade de Coimbra. Ainda nesse ano, transitará finalmente para aquela

que será a sua principal área de atuação a nível académico. Como dirá em entrevista à RTP⁵, no ano de 1972, “acantonei-me na Filologia Românica”. É ainda em 1924 que publica o livro de contos *Paço do Milhafre*, prefaciado por Afonso Lopes Vieira, e que, juntamente com Afonso Duarte, António de Sousa, Branquinho da Fonseca e João Gaspar Simões, funda a revista coimbrã *Tríptico*. Ainda nesse ano, viaja até aos Açores, embarcando, fruto do acaso, no mesmo navio em que segue Raul Brandão. Dessa viagem resultarão as suas *As Ilhas Desconhecidas*, obra que grande influência exercerá em Nemésio.

Com atividade intensa no Centro Republicano Académico de Coimbra, Vitorino Nemésio funda, dirige e participa em vários jornais académicos – *Vida Nova* (1922), *Humanidade* (1925) e *Gente Nova* (1926) –, além de colaborar com as revistas *Seara Nova* e *Presença*, apesar de sempre se ter distanciado de correntes literárias⁶. Em carta a Miguel de Unamuno⁷, de maio de 1939, refere, porém, que deve a Coimbra “o contacto com a meia dúzia de grandes almas de que me abeirei pela escrita”.

A 12 de fevereiro de 1926, casa com Gabriela Monjardino de Azevedo Gomes, também açoriana. Do casamento nascerão quatro filhos.

É em 1927 que publica o seu primeiro (e penúltimo) romance, *Varanda de Pilatos*. Em 1930, por se considerar mal classificado em Coimbra, pede transferência para a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde, em 1931, concluirá o curso de Filologia Românica e onde começará por lecionar literatura italiana.

É no ano seguinte que, além de publicar os ensaios *Sob os signos de agora: temas portugueses e brasileiros*, escreve o ensaio “Açorianidade”, cunhando o termo. Dois anos depois, em 1934, presta, na mesma faculdade, provas de doutoramento com a tese *A mocidade de Herculano até à volta do exílio*.

Em 1935, lecionando em Montpellier, uma das muitas estadas no estrangeiro por conta da vida académica, publica em francês o livro de poemas *La Voyelle Promise*. Em carta a

⁵ *Entrevista I*. Disponível em <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/entrevista-a-vitorino-nemesio-i/>. Acesso em 17/07/2023.

⁶ Em carta de abril de 1937 a Adolfo Casais Monteiro (E11/cx.41), escreve: “Apesar da admiração que tenho por toda a *Presença* e da amizade que, pelo menos, me liga a V. e ao Simões, a verdade é que, sempre que se me põe o problema de colaborar nela, há um não sei quê que me retém, uma inibição, um pudor. [...]. Explica-se muito simplesmente pelo facto de a *Presença* ter sido e ser a bandeira de uma corrente literária precisa, debaixo das dobras da qual quem não se abrigou a tempo não pode decentemente enfileirar.”

⁷ Disponível em <https://purl.pt/161/1/itinerario/030.html>. Acesso em 17/07/2023.

Frederico Lopes, expõe a sua “vida de vagabundo”: “natural dos Açores, professor em Lisboa, residente em Coimbra e acidentalmente em Montpellier”⁸.

Em 1936, publica *Relações francesas do romantismo português e outros estudos*, bem como a biografia de *Isabel de Aragão, Rainha Santa*; no ano seguinte, editam-se as novelas de *A Casa Fechada*. Ainda nesse ano de 1937, funda – sob o nome da revista dirigida por Eça de Queirós publicada de 1889 a 1892 – a *Revista de Portugal*, de que serão publicados dez números e onde surge, pela primeira vez, em 1939, uma versão daquele que virá a ser o primeiro capítulo de *Mau Tempo no Canal*, “A Serpente Cega”, então intitulado “Um ciclone nas Ilhas”⁹. É ainda em 1939 que publica, também na *Revista de Portugal*, “O poeta e o isolamento: Roberto de Mesquita”, dando visibilidade ao poeta simbolista florentino.

Segundo Nemésio, na já referida entrevista de 1972 à RTP (minuto 20:27), a *Revista de Portugal* foi “uma tentativa [que eu fiz] de congressamento e ecletismo literário”. De facto, a revista surgiu, segundo Freitas Morna¹⁰, “num momento de viragem importante na literatura portuguesa, no crepúsculo dos modernismos nítidos do final dos anos 30, para o qual, de resto, não pouco contribuiu. Ela foi a *sua revista* e da sua geração, como disse a Casais Monteiro”. Também em carta a Mário de Castro (a quem virá a dedicar *MTC*), de agosto de 1937 (E11/cx. 41), Nemésio anuncia:

Estava para lhe escrever sôbre uma revista que vou dirigir, a *Revista de Portugal*, com pretensões a representar com autenticidade a moderna literatura portuguesa. Digo literatura, e não cultura ou pensamento, porque gisei [sic] uma revista do tipo NRF, em que naturalmente tem de predominar a ficção e o ensaio puro, mas que não quer [sic] excluir, pelo menos, a atenção pelas outras formas culturais. Arredamos toda a erudição e técnica; mas tudo o que se apresente sob um ângulo universalista e humano há-de lá caber. (...)

Na *Revista* está empenhada a geração tôda. Colaboração efectiva e entusiástica de Régio, Sant’Ana, Casais, Torga, Martins de Carvalho, Simões, João Falco, Almada, Alberto de Serpa (secretário), etc. e até brasileiros, como Jorge de Lima e Ribeiro Couto e Jorge Amado. Como vê, assim pode haver fé.

O percurso da revista haveria, contudo, de ser breve, com o último número publicado em 1940.

⁸ Passagem retirada de *Vitorino Nemésio: As Fibras do Mormaço* (2018:21). Na mesma carta, e referindo-se aos filhos, Nemésio lamenta ainda: “o que me rala é não poder incliná-los para esse mar largo e sem fundo donde me veio e onde está tudo o que sou e desejo”.

⁹ Como adiante se verá, o texto sofreu várias alterações que considero muito significativas para o presente estudo, uma vez que, na sua maioria, parecem apontar para um reforço das marcas da açorianidade no texto.

¹⁰ Fátima Freitas Morna. “O percurso Biográfico”. *A Rotação da Memória*. Disponível em <https://purl.pt/161/1/memoria/rotacao06.html>. Acesso em 27/07/2023.

Ainda entre 1937 e 1939, Nemésio lecionou na Universidade Livre de Bruxelas, cidade onde, curiosamente, nasce o seu “romance de ambiente ilhéu”, *Mau Tempo no Canal*¹¹. Entretanto, em 1938, publicará o livro de poesia *O Bicho Harmonioso* e, mais tarde, em 1940, *Eu, comovido a Oeste*.

O ano de 1942 vê-o já professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dois anos depois, publica, pela Bertrand, o seu segundo e último romance, *Mau Tempo no Canal*, que lhe vale o Prémio Ricardo Malheiros pela Academia das Ciências de Lisboa. No seu discurso de agradecimento, confessa, com um certo humor que lhe era característico, que na sua “coleção de sensações faltava a de premiado, e é sempre instrutivo, além de agradável, saber por experiência própria como reage o bichohomem a essa espécie de carícias” (E11/cx. 81)¹².

Em 1945, é publicada a compilação *Ondas Médias*, que reúne as palestras de Nemésio sobre diversas personalidades da literatura portuguesa aos microfones da Emissora Nacional de Radiodifusão. Emitida entre 26 de abril de 1942 e 15 de novembro de 1944, a rubrica intitulava-se “Ciclo de Cultura Popular”. É também nesse ano de 1945 que se torna o primeiro presidente da Alliance Française em Portugal.

Em 1950, “após dez anos de ‘silêncio editorial’ em matéria de poesia” (Mourão-Ferreira 1987:18), é editado o volume de versos *Festa Redonda: décimas e cantigas de terreiro oferecidas ao Povo da Ilha Terceira*, “o livro mais miudamente e emocionalmente biográfico” de Nemésio (*ibid.*), ou não tivesse nele “cantado” o seu avô Vitorino.

Já 1952 é o ano da publicação de *Nem toda a noite a vida*. Além disso, fruto de diversas viagens ao Brasil no âmbito académico, vai publicando ao longo da década de 1950 várias obras: *Portugal e Brasil no processo da história universal* (1952), *O campo de São Paulo - A Companhia de Jesus e o plano português do Brasil (1528-1563)* (1954) e *O segredo de Ouro Preto e outros caminhos* (1954).

Em 1955, publica *O Pão e a Culpa* e visita os Açores, viagem que se verá refletida em *Corsário das Ilhas* – esse livro de “percursos exteriores e interiores” (Machado Pires 2007:67) – com publicação no ano seguinte. Em 1958, viaja novamente para o Brasil, onde, nas

¹¹ “Em Bruxelas, a cujo ambiente civil e espiritual tanto devo [...], concebi e gizei um romance de ambiente ilhéu que dormiu anos na gaveta e só agora acabei. Intitula-se *Mau Tempo no Canal*.” Entrevista ao *Correio dos Açores*, 27 de agosto de 1944, pouco antes da publicação da obra. Aliás, em informação peritextual das primeiras edições, lê-se “começado em Bruxelas a 17 de janeiro de 1938 e longamente interrompido, foi continuado em Coimbra e acabado em Lisboa a 21 de fevereiro de 1944”.

¹² Igualmente disponível em <https://purl.pt/161/1/itinerario/071.html>. Acesso em 16/07/2023.

idades da Baía e do Ceará, desempenha as funções de professor visitante e rege cursos sobre o século XV em Portugal e sobre poesia portuguesa contemporânea. Nesse ano, publica as crónicas de *O Retrato do Semeador*.

O ano de 1959 será o da publicação de *O Verbo e A Morte*, sendo que, no seguinte, recebe o grau de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Montpellier. Torna-se, em 1963, sócio efetivo da Academia das Ciências de Lisboa e publica *O Cavalo Encantado*.

O ano de 1964 encontra-o de novo no Brasil “a fazer cursos e conferências por aqui e por ali, com base no Rio”, como refere em carta a João Afonso, na qual afirma ainda: “Depois de uns tempos crescidos de infidelidade às origens (infidelidade na preocupação), creio que volto ao cerne dos meus temas: pelo menos na intenção de me fazer um homem das ilhas – e mais nada. Escritor das ilhas, professor das ilhas, tudo só das ilhas”¹³.

Ainda em 1964, vê publicado *Andamento holandês e poemas graves* e, em 1965, *Ode ao Rio: ABC do Rio de Janeiro*. Nesse ano, recebe, pelo conjunto da sua obra, o Prémio Nacional de Literatura, sendo ainda agraciado com o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade do Ceará e pela Universidade Paul Valéry, de Montpellier.

No ano seguinte, desloca-se novamente aos Açores, à Terceira natal, onde inaugura uma exposição comemorativa dos seus 50 anos de vida literária, promovida pela então designada Biblioteca Pública e Arquivo de Angra do Heroísmo. Nesse âmbito, vê publicados os volumes de poesia *Canto de Véspera* e *Vesperais: 1916-1918*. Em 1967, dá-se a publicação das crónicas de *Viagens ao Pé da Porta*.

Em 1968, ano do falecimento da sua mãe, publica os poemas de *Violão de Morro...* seguido de nove romances da Bahia e as crónicas de *Caatinga e Terra Caída, Viagens no Nordeste e no Amazonas*.

No ano seguinte, nasce o programa da Rádio Televisão Portuguesa *Se bem me lembro*, que faz de Vitorino Nemésio uma figura conhecida da maioria dos portugueses e que terá a sua última emissão em 1975.

Entretanto, em 1970, publica os ensaios de *Conhecimento de Poesia* e, em 1971, jubila-se do exercício da atividade docente na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – ainda que o homem exerça “enquanto vive” – e profere a sua última lição a 9 de dezembro. Resulta dessa retirada da vida académica a obra *Limite de idade*. Em 1972, é convidado para dirigir

¹³ Vitorino Nemésio: *As Fibras do Mormaço* (2018:30).

o jornal *O Século* – jornal que, curiosamente, Januário Garcia “[p]assava horas a ler” (Nemésio 1994:132), convite que acabará por declinar¹⁴. Ainda nesse ano dá-se a publicação de *Poemas Brasileiros* e, em 1973, a reedição de *Nem toda a noite a vida*.

Em 1974, vê publicado o *Jornal do Observador* e recebe o Prémio Internacional Montaigne¹⁵ pela Fundação Freiherr von Stein/Friedrich von Schiller, de Hamburgo. Na cerimónia de entrega do prémio, na Fundação Calouste Gulbenkian, a 13 de março desse ano, afirma a sua condição de “ilhéu do mundo” (E11/cx. 98):

Enfim, velho e gasto, já não aprendo linguagem. Foi aliás a fabricá-la que me gastei. Mas se por fabricar se entende o recebê-la em menino como matéria semiótica do segundo grau (depois do gestual, da careta e do berro), enfim como forma de descobrir e entrar na alteridade regressando sempre ao meipsum, – então sim, tenho de reconhecer que fui um bom operário da fala, oral e escrita. (...) Já agora morrerei na ilusão de que sou um homem de palavra, sujeito do meu pensamento. E que há palavra de honra, bem o prova a concessão que me foi feita do Prémio Montaigne, embora com mais clemência que justiça. (...) [S]ou ao mesmo tempo e acima de tudo português açoriano europeu, americano brasileiro, e por tudo isto românico hispânico e ocidental, e gostava de ser homem de todo o mundo.

86

Em 1975, inicia-se na direção do jornal *O Dia*, da qual se demite em outubro de 1976 por conflito com a direção no caso das acusações feitas por Henrique Cerqueira a vários antifascistas¹⁶, nomeadamente Humberto Delgado.

Em 1976, dois anos antes da sua morte, vê a publicação de *Sapateia Açoriana, Andamento Holandês e Outros Poemas*, das crónicas de *Era do Átomo / Crise do Homem* e do ensaio/biografia *Retrato de Herculano pelos Contemporâneos*.

Com o tempo, a sua obra, em especial a poesia, vai-se tornando mais lacónica, quase lapidar no final, e as imagens da infância e da pátria parecem fundir-se numa noção única e

¹⁴ Em carta, de novembro de 1972, a Marcello Caetano (E11/cx. 41), com quem, aliás, mantinha uma cordial relação, Nemésio congratula-se por Caetano ter recebido com agrado a notícia do seu nome para a direção de *O Século*, referindo que pensara em procurar um emprego que lhe permitisse “deixar de falar na TV” e fazer face às despesas (as dificuldades financeiras, aliás, nunca deixaram de ser preocupação na vida de Nemésio). Na missiva, elenca alguns contras para a aceitação da proposta, nomeadamente “o nível de idade” e “o condicionamento da direção de uma unidade industrial de informação que não deixa de ser órgão de opinião também”. Ainda assim, afirma inclinar-se a aceitar proposta, por respeito a Jorge de Brito (que lhe formulara o convite) e pelo assentimento de Marcello, o que acabará por não suceder.

¹⁵ Criado em 1968 e atribuído “a uma personalidade notável da vida cultural europeia nos países de línguas românicas, para a distinguir pelos seus méritos excepcionais nos domínios das artes, do urbanismo paisagista, do folclore ou das letras. (...) Era, na verdade, a consagração europeia de Vitorino Nemésio.” (Enes 2007:29).

¹⁶ Mais informações sobre o caso: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/livrosqueforamnoticia/LivrosQueForamNoticia_Acuso3.htm. Acesso em 27/07/2023.

generalizada, como aliás o demonstra o discurso acima citado. Nos seus “Poemas Ilhéus”¹⁷, Nemésio chega a declarar-se, no fim da vida, em 24 de novembro de 1977, “farto se ser ilhéu” (Nemésio 1986:151):

Farto de ser ilhéu com leivas na cabeça
Tenho fumos das Fumas a servir-me de bafo; (...)
Respiro vapor de água, quando o que me falta é o ar:
Gostam? Acham vulcânico e ciclónico?
Estar fechado em caneiras dá prestígio à Poesia?
Pois venham cá cheirar todo este gás carbónico
(A rima, aqui, é «maresia»).

Cheira a mofo nas lojas, (...)
Mas – se isto da rima me persegue –
Passo a escrever corrido:
Bolor, musgo, calhau-rolado, sonolência.

«Ilhéu: Troca-se por papua ou índio dos Andes.»
«Perdeu-se uma bezerra-lavrada num baldio.»
Estou farto de ser o pretexto humano destas coisas
E quem ouve os sinos no nevoeiro e o boi berrar.
Dorido de me terem feito nascer numa pedra,
Peço licença, a quem tenha pena de mim, para chorar.

Palavras que outrora Nemésio imprimira com afincado e ternura à sua obra – *ilhéu, bafo, vulcânico, ciclónico, maresia, calhau, nevoeiro, pedra* – tomam neste poema um tom de desespero e revolta. Até o ar ilhéu e a vida nas ilhas se tornaram decadentes, com o cheiro “a mofo nas lojas”.

Cerca de dois meses depois de escrever o poema, a 20 de fevereiro de 1978, morre, em Lisboa, Vitorino Nemésio. A seu pedido, é sepultado no cemitério de Santo António dos Olivais, em Coimbra, onde, também a seu pedido, os sinos tocam *Aleluia*, trinta e quatro anos – “mês por mês, dia por dia, quase hora por hora” (Mourão-Ferreira 1980:7) – após ter terminado *Mau Tempo no Canal*, com o registo “*Lisboa, 7h 25m P.M. de 21 de Fevereiro de 1944*”.

A par de inúmeras publicações ao longo da vida, bem como colaborações com jornais e revistas (além das citadas, também *Cadernos de poesia, Vértice, Rumo* ou *Colóquio/Letras*, entre outras), a título póstumo foram publicadas várias obras de Nemésio. Entre elas, os ensaios de *Vultos e Perfis: Quase que os vi viver* (Bertrand, 1985) e a poesia de *Caderno de*

¹⁷ Publicados inicialmente pela revista *Colóquio/Letras*, n.º 41, em janeiro de 1978, um mês depois de Nemésio completar 77 anos e um mês antes da sua morte.

Caligraphia e Outros Poema a Marga (INCM, 2003), coleção de poemas dedicados a Margarida Victória, Marquesa de Jácome Correia, com quem viveu uma marcante relação nos últimos anos de vida, a qual motivou diversas viagens aos Açores, especialmente à ilha de São Miguel, de onde era natural Margarida Victória.

Além disso, continuam a ser publicadas diversas antologias da sua poesia, crónicas e ensaios, sendo que uma edição conjunta da INCM-Companhia das Ilhas, sob direção literária de Luiz Fagundes Duarte, se propõe editar a obra completa de Nemésio, anteriormente editada pela INCM. Até à data de submissão da presente tese, foram sete os volumes publicados (entre os quais não se encontrava ainda *MTC*).

A terminar, e em suma, ficam as palavras de David Mourão-Ferreira (1994:707), para quem a produção literária de Nemésio,

embora multiforme, não deixa todavia de ser unívoca; por detrás desta obra (que constitui ela própria uma espécie de arquipélago) manifesta-se o incessante apelo do arquipélago natal: através de uma arte de sugestão e de evocação, por meio dos cercos estilísticos mais sábios ou das intuições mais fulgurantes e mais simples, com toda uma simbólica de grande poesia e, ao mesmo tempo, a frescura da genuína inspiração popular, – sempre V. N. se tem esforçado por atingir-se *inteiro*, por se reconduzir à infância e à ilha natal, que representam, uma e outra, e uma na outra, as imagens de uma perdida unidade.

2. *Mau Tempo no Canal e a sua açorianidade*

2.1. Para uma cronologia da literatura açoriana

Antes de abordar o romance que, segundo Bettencourt Machado (2013:61), lançou a “primeira pedra” da literatura açoriana, importará discutir, ainda que tão brevemente quanto possível, a própria questão da literatura açoriana.

O debate que surge no século XX sobre a existência – ou mesmo sobre a possibilidade de existência – de uma literatura açoriana vai encontrar raízes ainda no século anterior. Embora não seja consensual a relação entre as movimentações literárias e as movimentações de ordem política que se vão verificando ao longos dos séculos XIX e XX, torna-se difícil, a meu ver, dissociá-las.

Não se debruçando ainda sobre a literatura propriamente dita, da pena de *J.S-d’A.de S.* – o jorgense João Soares d’Albergaria de Sousa – sai, em Lisboa, em 1822, a *Corographia Açorica ou Descrição Phizica, Politica, e Historica dos Açores*¹⁸. Segundo Irene de Amaral (2011:13), “[t]rata-se de um texto polémico que será retomado no pós-vinte e cinco de abril, por uma fação pró-independência de açorianos”, procurando já estabelecer a especificidade dos ilhéus açorianos face ao restante povo português.

A associação dessa especificidade à literatura surge 30 anos depois, a 28 de abril de 1852, no n.º 70 da *Revista dos Açores*, numa rubrica de José de Torres precisamente intitulada *Literatura Açoriana*, dando conta da biobibliografia de alguns autores açorianos, nomeadamente D. Fradique da Câmara e Toledo, com vista à sua divulgação. A utilização da fórmula “literatura açoriana” – aqui entendida como literatura produzida por autores naturais dos Açores, sem distinção de géneros literários, – haveria de contribuir também para a formação de uma consciência cultural e literária associada ao arquipélago açoriano.

Mais tarde, em 1884, Arruda Furtado – proeminente naturalista micaelense radicado em Lisboa, com papel significativo no avanço das ciências naturais em Portugal – publica, em Ponta Delgada, *Materiais para um estudo antropológico dos povos dos Açores. Observações sobre o Povo Micaelense* (Tipografia Popular). O texto marca um novo esforço de exploração das características dos Açores numa perspetiva antropológica, tendo lançado as bases para

¹⁸ Digitalização disponível em http://www.culturacores.azores.gov.pt/biblioteca_digital/corographiaacorica/corographiaacorica_itm1/index.html?page=2. Acesso em 30/03/2023.

futuros estudos antropológicos centrados na região. Contudo, como o próprio título do artigo indica, o autor estabelece uma distinção entre os “povos dos Açores”, afirmando ser implausível conceber a população açoriana como uma entidade coesa, até porque se constituiu a partir de povoadores provenientes de diferentes regiões mundiais.

Nos anos 90 do século XIX, espoletados pela insatisfação de alguma burguesia micalense, devido à crise gerada pelo declínio do próspero ciclo económico associado à laranja e à indústria baleeira, começam a surgir os primeiros movimentos separatistas e autonomistas¹⁹. A publicação do opúsculo “A Independência açoriana e seu fundamento”, de António d’Ávila Gomes, e dos fascículos das “Questões Açorianas”, do autonomista Mont’Alverne de Sequeira, marca o início de um movimento que procura alcançar a autonomia político-administrativa em relação ao poder central: a “livre administração dos Açores pelos açorianos”. A 2 de março de 1895, o decreto que estabelece a autonomia administrativa vê finalmente reconhecido esse esforço.

No ano seguinte, o jornal *A Actualidade* (Ponta Delgada) publica, em duas edições consecutivas, um ensaio de Armando da Silva, que defende formalmente a criação de uma literatura açoriana, enfatizando o papel da literatura na mudança social. Avançando com algumas prescrições sobre como deveria ser essa literatura, Armando da Silva dirige-se particularmente aos poetas açorianos, instando-os a escrever sobre a realidade insular.

É, de facto, através da imprensa – que, retomando Anderson, desempenha um papel fulcral no desenvolvimento da ideia de comunidade, neste caso, no desenvolvimento de uma consciência açoriana, precisamente por formar ideias, gostos e por promover a comunicação – que se vão levantando as vozes da literatura nos Açores, nomeadamente a dos chamados “contistas da Horta”, precursores da ficção açoriana. Entre eles, destacam-se Florêncio Terra²⁰ (1858-1941), Rodrigo Guerra (1862-1924) e Nunes da Rosa (1871-1946).

¹⁹ Em resposta a essa situação, procurou-se desenvolver outras indústrias, como as do álcool e do tabaco, bem como se reivindicou a redução da carga tributária nos Açores e a descentralização de poderes. O governo central opôs-se e essa oposição gerou resistência, também reflexo do descontentamento dos açorianos por não verem reconhecido o seu empenho na implantação do regime liberal.

²⁰ Refira-se que Nemésio desenvolveu especial interesse por Terra, tendo recolhido elementos biográficos sobre o autor, de acordo com carta de José da Silva Peixoto Jr. (s.d.) (E11/cx. 96), que envia a Nemésio contos de Terra e escreve “é possível que com estes dados fique V. Ex^a com os elementos biográficos necessários”. Necessários para quê não se sabe exatamente, mas tendo em conta o especial interesse do académico pela história da literatura portuguesa e pela escrita biográfica – bem como os muitos projetos que gizava e em que se envolvia –, poder-se-á supor que estaria a preparar algum trabalho num desses campos.

Pouco mais tarde, mas já no século XX, Armando da Silva retoma o tema no seu prefácio ao romance de Augusto Loureiro *A Bruxa* (1901)²¹. Sintomaticamente subtitulada *Scenas açorianas*, a obra apresenta um *Post-scriptum* em que também o autor defende a construção da literatura insular, através da representação histórica e cultural da vida nas ilhas açorianas.

Em 1908, surgem no jornal *Correio Micaelense* vários artigos – sob a epígrafe “Pelos Açores!” – a apelar à realização de um Congresso Açoriano que colmatasse o desconhecimento dos dirigentes nacionais sobre o arquipélago. O evento, contudo, não se realiza, segundo Carreiro da Costa (1995:17), devido ao “indiferentismo que não raras vezes tem caracterizado o povo dos Açores”.

Em 1914, João de Matos Bettencourt publica o livro de poemas *A Minha Terra*. Na sequência dessa obra de exaltação da paisagem açoriana, e da sua terra natal, o poeta jorgense funda, no ano seguinte, a revista *Atlântida*, que se articulava “com essa ideia acalentada por João de Matos Bettencourt de promover «uma escola açoriana de literatura, altiva e forte, de maneira que ao longe se falasse dos poetas e dos pensadores açoreanos»” (Bettencourt Machado 2011:38-9). Contudo, a *Atlântida* não terá mais de sete números, o último publicado em 1916 (alguns meses após o suicídio do poeta), por iniciativa de amigos como tributo ao fundador da revista.

Os ideais de João de Matos Bettencourt encontrarão, ainda assim, eco em outros autores, entre eles Vitorino Nemésio. Em 1917, Nemésio publica, como referido, o texto *O Poeta Povo*, dedicado ao açoriano Teófilo Braga e em que apela aos escritores para que deem preferência à tradição popular. Nemésio será ainda fortemente influenciado, como se viu, pela visão de Luís da Silva Ribeiro, que, em 1919, publica o seu *Os Açores de Portugal* e recupera a ideia do congresso açoriano, em busca de um espírito açoriano coletivo e de uma união que defenda interesses comuns. Isto em resposta aos autonomistas micaelenses e em especial contra a ideia de independência dos Açores sob tutela dos EUA, como defendiam alguns.

²¹ Irene de Amaral (2011:21) dá conta de que o romance “corresponde a uma terceira edição de uma obra publicada inicialmente sob o título de *O cego* e uma segunda edição dispersa, no *Diário de Notícias* de Lisboa”, referindo ainda que o “prefaciador apresenta *A bruxa* como um exemplo a seguir, na medida em que ‘Os seus typos, a sua linguagem, os seus costumes são lidimos açorianos’”.

Em 1920, em Ponta Delgada, José Bruno Carreiro e Francisco Luís Tavares fundam o jornal *Correio dos Açores*, grande veiculador dos ideais autonomistas. Assim, no ano seguinte, tem início um segundo movimento autonomista, novamente a partir da ilha de São Miguel.

É em 1923 que, na entrevista sugestivamente intitulada “Por que não temos literatura açoreana?”, concedida a Rebelo de Bettencourt e publicada no *Diário dos Açores* de 2 de maio desse ano, Nemésio reconhece o caráter precursor do poeta João de Matos Bettencourt.

No ano seguinte, com a publicação do volume de contos *Paço do Milhafre*, começa Nemésio já a dar forma ao seu projeto literário – que segue as linhas sugeridas pelos seus precursores e a que se manterá fiel do longo da sua obra²². Em 1928, profere a já referida conferência “O Açoriano e os Açores” e, em 1932, como se viu, é publicado o seu “manifesto” em forma de comemoração, “Açorianidade”. Mas ainda em 1928 um outro terceirense, Gervásio Lima, publica *Pátria Açoreana*, assegurando, porém, no seu prefácio, que

o conceito de ‘pátria açoreana’ não coloca em causa a pertença à nação portuguesa. Antes, revela-se como a afirmação de um destino épico e grupal, na medida em que os ilhéus são apresentados como os descendentes de uma velha elite bélica e navegante portuguesa. (*apud* Amaral 2011:16)

Mais tarde, em 1936, Luís da Silva Ribeira publica, como referido no capítulo anterior, os artigos que irão compor os *Subsídios para um Ensaio sobre a Açorianidade*. E, em 1938, realiza-se, finalmente, em Lisboa, o Primeiro Congresso Açoriano, com o objetivo de debater e divulgar, no continente, a realidade açoriana. Francisco Carreiro da Costa, ainda estudante, participa no evento com duas intervenções sobre literatura açoriana, uma delas intitulada “Breve notícia sobre elementos para uma literatura regional açoreana”. Nas suas intervenções, além de explorar a especificidade de cada ilha, sugere a literatura como meio de divulgação do arquipélago.

A organização coube ao Grémio dos Açores, presidido pelo jorgense Armando da Cunha Narciso, tendo o congresso servido como plataforma para tocar em múltiplos temas, como geografia, clima, etnografia, literatura, imprensa, política administrativa, agricultura, pesca, comunicações, turismo, emigração, entre outras.

²² Escreve Nemésio: “a minha verdade mais recôndita é uma verdade da Terceira, verdade de pedra e espuma. Foi essa íntima substância que procurei exprimir nos contos do Paço do Milhafre”. Disponível em <https://purl.pt/161/1/itinerario/140.html>. Acesso em 20/04/2023.

Na década de 1940, a ideia da literatura açoriana começa a manifestar-se de forma mais sistemática através da comunicação social e de eventos culturais, especialmente na cidade de Ponta Delgada. Inspirado pelos autores cabo-verdianos da *Claridade*, um desses grupos cria o Círculo Literário Antero de Quental²³, que surge em 1946, associado ao jornal *A Ilha*. O grupo era composto por estudantes do Liceu Antero de Quental, entre eles Eduíno de Jesus, Jacinto Soares de Albergaria, Fernando Aires e Fernando de Lima.

Entretanto, em 1944, publicara-se, em Lisboa, o romance *Mau Tempo no Canal* – para muitos “pedra de toque” da literatura açoriana, como anteriormente referido. Em 1948, Fernando de Lima escreve, no artigo “Independência Literária”, que o objetivo da literatura açoriana é “lançar lá fora obras que falem de nós, que falem de nós sem o carácter turístico, e sim como Aquilino Ribeiro fala da sua Beira e Manuel da Fonseca das suas lezírias” (*apud* Bettencourt Machado 2013:61).

Já na década de 1950, numa série de artigos posteriormente reunida no opúsculo “Por uma autêntica literatura açoriana”, Eduíno Borges Garcia vem advogar uma mentalidade do ser açoriano, ativamente construída e divulgada pelos escritores, enquanto Ruy Galvão de Carvalho, em 1956, propõe uma outra designação: “literatura de significação açoriana”, patente no título do seu artigo “Possibilidades de uma literatura de significação açoriana”. Na sua aceção, essa literatura está vinculada a uma identidade e a uma realidade particulares, que resultam da condição de insularidade e da sua influência no carácter ilhéu.

Já em 1957, Eduíno de Jesus publica, no volume I da revista *Atlântica*, o artigo “Para uma teoria da literatura açoriana”, concluindo pela inclusão da literatura açoriana na literatura portuguesa e alertando para os perigos do folclorismo e do regionalismo, apelando, como revela o título, à formulação de uma teoria da literatura açoriana²⁴.

²³ Também conhecido como Grupo do Bar Jade, local onde se reuniam.

²⁴ Já em recente entrevista ao *Correio dos Açores*, em outubro de 2022, Eduíno de Jesus afirma “a minha opinião variou muito a esse respeito. Já disse que sim, que devia haver literatura açoriana; já disse que não, que não há literatura açoriana. (...) A meu ver, é a historiabilidade de um conjunto de obras de um determinado local [que está em causa]”. Contudo, a historiabilidade, como se vê, parece existir e atualmente continuam a ser vários os autores – nascidos ou não nos Açores, a escrever ou não em português – a expressarem a vivência açoriana ou a produzirem literatura sobre e através dos Açores, nomeadamente Joel Neto, Vamberto Freitas, Nuno Costa Santos ou Blanca Martín-Calero. Entrevista disponível em <https://correiodosacores.pt/NewsDetail/ArtMID/383/ArticleID/41016/A-literatura-a23loriana-%E2%80%9Ctem-de-ser-um-corpo-de-obras-liter225rias-que-exista-ao-longo-do-tempo-e-que-adquira-determinadas-caracter237sticas%E2%80%9D>. Acesso em 19/07/2023.

Na década seguinte, é de referir o suplemento literário *Glacial*, do jornal *A União*, de Angra do Heroísmo, que, sob a coordenação de Carlos Faria, publicou, entre 1967 a 1974, diversos poetas açorianos.

Em 1974, com a revolução do 25 de abril, vive-se nos Açores um período conturbado, devido ao surgimento do movimento separatista da Frente de Libertação dos Açores (FLA). A FLA – que, segundo conta Margarida Victória (2010:168) no segundo volume das suas memórias, propôs a Vitorino Nemésio “ser o Presidente da República se os Açores se tornassem independentes”²⁵ – terá declarado guerra aos escritores que não defendessem os seus ideais.

Contudo, após esse período, e com o fim da censura, a produção literária açoriana desenvolve-se de forma considerável, incorporando várias tendências e temáticas literárias. Ainda que se mantenham, de um modo geral, os temas da emigração e da consciência insular (Assis Brasil 2003:23), a estes junta-se o tópico da guerra colonial, especialmente patente nas obras de José Martins Garcia, Cristóvão de Aguiar, Álamo Oliveira e João de Melo, que haviam sido mobilizados.

Em 1977, o autor florentino Pedro da Silveira – autor de *A Ilha e o Mundo* – escreve um polémico prefácio à sua *Antologia de Poesia Açoriana*, vincando a existência da literatura açoriana – independente da portuguesa – e admitindo a possibilidade de a produção literária açoriana remontar ao historiador Gaspar Frutuoso, ou seja, ao século XVI, com a ressalva de que só séculos mais tarde, em 1829, chegaram a tipografia e a imprensa aos Açores²⁶ e, portanto, a possibilidade de maior divulgação dessa obra.

²⁵ “Vitorino pensava e não dizia nada, pois o assunto era de enorme responsabilidade. Não se comprometeu nada. (...) Contudo, a posição de Vitorino coincidia na generalidade com a de Luís Ribeiro, seu mestre e amigo, expressa no livro *Os Açores de Portugal* e que citava com muita frequência.” (*ibid.*). Como se viu, Ribeiro opunha-se à independência dos Açores sob protetorado dos EUA, posição sugerida no título da sua obra e que chocava com a posição da FLA.

Mais adiante, Margarida Vitória (*ibid.*:171) discorre sobre o papel de Nemésio na estabilidade na região no período pós-25 de abril, tendo chegado a encontrar-se com o General Ramalho Eanes (então candidato à Presidência da República) por ter “pertencido à Comissão que elaborou o Estatuto da Região Autónoma que seria consagrado na Constituição”. Ao descrever os antecedentes desse encontro, a Marquesa refere que, juntamente com Natália Correia, telefonara a Nemésio, então em Barcelona, em casa do filho Jorge, pedindo-lhe que se deslocasse a Lisboa. Um tal episódio seria traçado no poema “Corsários à Vista”, incluído em *Sapateia Açoriana, andamento holandês e outros poemas* (1976).

²⁶ Esta tardia chegada da tipografia teve consequências ao nível do desenvolvimento cultural e literário, pois a impressão só poderia ser realizada fora da região, o que, naturalmente, não estava ao alcance de muitos autores. Ainda assim, a obra de Gaspar Frutuoso – cujos manuscritos ficaram inéditos até 1964 – não fora esquecida, tendo sido reavivada até pelo próprio Nemésio, que à sua obra faz referência em *MTC*. O mesmo fizeram José Martins Garcia (*A Fome*) e Daniel de Sá (*Crónica do Despovoamento das Ilhas*).

Relativamente à imprensa, apesar do atraso na chegada, saliente-se o vibrante papel que acabou por desempenhar nos Açores nos séculos XIX e XX, mantendo-se ainda hoje em atividade muitos dos jornais

Em 1978, publica-se nova antologia, desta feita a *Antologia panorâmica do conto açoriano (séculos XIX e XX)*, de João de Melo, que, por seu lado, considera a literatura açoriana parte integrante da literatura portuguesa.

Também Machado Pires vem reforçar – como João de Melo ou José Martins Garcia – a importância da qualidade na definição de uma literatura. Para o académico, o fenómeno literário açoriano é “mais fruto do acaso do que de um processo ou de um movimento global insular” (Machado Pires 1987a:62), o que parece contrariar o aqui exposto, sendo até possível fazer história da literatura açoriana.

Refira-se ainda que, ao longo das últimas quatro décadas, foram também surgindo editoras especialmente empenhadas na publicação de literatura açoriana, como a extinta Salamandra, a VerAçor ou as já mencionadas Companhia das Ilhas e Letras Lavadas. Têm sido várias também as publicações a cargo – ou com o apoio – da Direção Regional da Cultura ou associadas à Universidade dos Açores. Além disso, no ano de 2011, foi estabelecido o Plano Regional de Leitura (PRL), através do RCG n.º 82/2011. Ainda que regido pelos princípios do Plano Nacional de Leitura, e complementando-o, o PRL promove a leitura de obras de autores açorianos e/ou de temática açoriana, divulgando e dando prossecução ao fenómeno literário açoriano.

Constata-se, assim, que, especialmente com a autonomia política, se reinicia a velha discussão sobre literatura açoriana, com diversos artigos publicados na imprensa insular e continental, assinados por autores como Cristóvão de Aguiar, Eduíno de Jesus, João de Melo, João Gaspar Simões, Victor Rui Dores, entre outros²⁷.

São, portanto, múltiplas as perspetivas sobre o tema, desde a de que a literatura açoriana simplesmente não existe (é a visão de Cristóvão de Aguiar, por exemplo), à de que a questão não é a da sua existência, mas a da sua classificação como literatura independente da portuguesa. De acordo com esta última perspetiva, a problemática centra-se nos critérios que a definem.

Sendo que a maioria dos estudiosos que aceita a existência da literatura açoriana parece confluir também na ideia de que ela pertence à literatura portuguesa – sob pena de aquela

então fundados. Aliás, o diário *Açoriano Oriental*, fundado em 1835 por Manuel António de Vasconcelos, constitui-se como o mais antigo jornal português ainda em circulação e um dos mais antigos da Europa.

²⁷ Os artigos em causa, bem como outros textos, podem ser consultados, por exemplo, nas obras *A questão da literatura açoriana* e *Da literatura açoriana: subsídios para um balanço*, da responsabilidade de Onésimo Teotónio Almeida.

se tornar “uma ilha dentro da ilha” (Galvão de Carvalho *apud* Almeida 1983:19), e também porque uma não exclui ou suplanta a outra –, “resta” definir os seus critérios²⁸. Ora, a delimitação dessa literatura – que, relembre-se, defendo existir, pelos motivos já referidos – representa um desafio que não cabe no espaço desta tese em Estudos de Tradução.

Em qualquer caso, gostaria de tecer algumas considerações, visto que os critérios avançados por vários dos autores a que aludi configuram uma perspectiva que permite incluir, por exemplo, *As Ilhas Desconhecidas*, de Raul Brandão, na literatura açoriana²⁹ e, bem assim, qualquer obra literária que tenha como temática os Açores – ainda que a temática não seja o único critério –, independentemente da língua em que seja produzida.

Nesse sentido, poderá considerar-se a literatura açoriana – tal como a açorianidade – multilingue. Veja-se o caso de autores como Romana Petri (*La Donne delle Azzorre*, entre outras obras de temática açoriana) ou Antonio Tabucchi (*Donna di Porto Pim*). Ou, mais evidentemente, os casos de autores açorianos ou açor-descendentes, emigrados ou nascidos nos EUA ou Canadá – e, portanto, associados à diáspora –, que escrevem em inglês sobre os Açores e as suas raízes açorianas, frequentemente incluindo nos seus textos literários vocábulos da língua portuguesa ou mesmo regionalismos. São exemplos Alfred Lewis³⁰ ou, mais recentemente, Katherine Vaz, Frank X. Gaspar ou Scott Edward Anderson³¹. Por norma, esta literatura é conhecida como luso-americana e, portanto, como parte da literatura norte-americana. Porém, poder-se-ia afirmar que literatura açoriana e literatura

²⁸ As primeiras propostas literárias, como mencionado, apontavam para o descritivismo e exaltação da paisagem açoriana. Essa ideia foi ganhando críticos ao longo das décadas (nomeadamente Eduíno de Jesus, Pedro da Silveira ou Borges Garcia), os quais, temendo o folclorismo, propunham que a literatura açoriana se focasse antes no ilhéu açoriano, no seu contexto histórico e social, ou nas idiosincrasias desse ser ilhéu e na sua forma de estar e compreender o mundo.

Outros autores avançam com propostas concretas para a definição de critérios, nomeadamente Onésimo Teotónio Almeida (1983:212) e Machado Pires (1987a: 57-8), que admite que o adjetivo “açoriana” apenso a “literatura” permite englobar: “1) as obras relativas à região; 2) a obra de autores nascidos na região; 3) de autores não nascidos na região mas que escrevem sobre ela; 4) de autores açorianos ausentes, mas cuja obra se reporta à região de forma sistemática; 5) de autores que, estando dentro dos Açores deles se ocupam nesse ou naquele sentido particular; 6) de autores que, vivendo dentro dos Açores, se preocupam com a insularidade como ‘prisão’ e poetizam a evasão”.

²⁹ Como se verá no Capítulo III, esta obra está mesmo incluída na coleção “Bellis Azorica”, da Tagus Press, coleção que integra a tradução para inglês de *MTC*, bem como várias obras de temática açoriana e de autores açorianos. Brandão é, até à data de submissão da presente tese, o único autor não nascido nos Açores a integrar a coleção. Refira-se ainda que, por exemplo, Santos Barros (1981:53) defende essa inclusão, admitindo-a “pouco rigorosa do ponto de vista conceptual, mas autorizada por uma tradição secular de uso”.

³⁰ Natural da ilha das Flores, Alfredo Luís emigrou para os EUA, onde, em 1951, a Random House publicou o seu *Home is an Island*. É tido como o primeiro autor açoriano publicado nos EUA.

³¹ Também tradutor para inglês de alguns poemas de Nemésio, bem como do seu *Corsário das Ilhas* (cf. Anexo C, p. 192).

luso-americana são como que duas faces da mesma moeda. Até porque, como defende Larkosh (2014:89), “authors, translators and others negotiate the transfer of cultural material from beyond the margins of national language”.

É certo que a língua em que são produzidas as obras poderá determinar a sua inclusão na literatura portuguesa, se se pretender tal inclusão. É ainda verdade que muitas das obras mencionadas foram produzidas e publicadas fora da região – mas também o foi a obra de Nemésio³². Além disso, à semelhança do que sucede com a tradução para inglês de *MTC*, muitas das obras de literatura açoriana publicadas nos EUA, por exemplo, têm sido, nos últimos anos, também publicadas e distribuídas em território regional e, por vezes, continental.

Assim, haverá que ter em conta alguns aspetos nesta ponderação de cariz linguístico. Em primeiro lugar, a língua portuguesa é frequentemente (senão recorrentemente) incluída nos textos destes (e de outros) autores. Segundo, a língua em que uma literatura é produzida afigura-se como um critério volátil, pois existe literatura escrita em português que não é, de um modo geral, considerada literatura portuguesa, como a literatura produzida por autores brasileiros ou oriundos dos PALOP. Por fim, a corroborar essa volatilidade, note-se que muitos autores nascidos nos Açores, mas que fazem parte da diáspora açoriana, se expressam tanto em português, como em inglês – e com frequência sobre temas relacionados com a região. É o caso, entre muitos, do tradutor de *MTC* para língua inglesa, Francisco Cota Fagundes, ou de Onésimo Teotónio Almeida. Ora, leva-me esta situação a questionar: os autores que, normalmente, por força das suas circunstâncias diaspóricas, se expressam na escrita tanto em português, como noutras línguas, neste caso o inglês, veem as suas obras incluídas na literatura norte-americana quando escrevem em inglês e na literatura açoriana/portuguesa, quando escrevem em português?

Por conseguinte, estes autores – e outros em circunstâncias semelhantes – tanto podem integrar uma literatura como a outra, sendo a língua o principal critério para essa integração. Ora, considerando o peso que a diáspora tem na literatura açoriana – quer em número de autores/obras, quer em relevância e prestígio dos seus autores – e, bem assim, no conceito de açorianidade, não se me afigura descabido que a literatura açoriana pudesse englobar

³² Talvez o “apartamento” fosse mesmo condição necessária – ou pelo menos benéfica – para essa criação: *sair da ilha para ver a ilha*. Ou, no caso de grande parte da obra de Nemésio, *sair da ilha para idealizar a ilha*.

obras escritas maioritariamente em língua inglesa – as quais, muitas vezes, recorde-se, incluem também português.

E, na linha da tal “açorianidade bilingue” defendida por Simas (2009), menos descabido me parece que o inglês se possa considerar uma língua da açorianidade – e consequentemente em que se manifesta uma parte da literatura açoriana – se se pensar que *MTC*, publicado em 1944, numa época em que o francês era a língua de prestígio, e na qual o nível de proficiência de Nemésio era muito mais elevado³³, tem como língua estrangeira mais recorrente o inglês.

Deste modo, se a literatura norte-americana admite o seu multilinguismo³⁴, não poderá a literatura portuguesa fazê-lo também? Da mesma forma que há literatura escrita em português que não é portuguesa, poderá porventura existir literatura portuguesa que não seja escrita em português.

Em suma, e com estas observações, procuro apenas contribuir para um tema adormecido nas mais recentes décadas – dada a dificuldade em chegar a uma conclusão. Sem pretender tornar a questão da literatura açoriana o tema desta tese, afigura-se-me relevante ter em consideração uma possível vertente dessa literatura que tem sido – compreensivelmente talvez – posta de parte.

Para outros trabalhos ficará o estabelecimento dos critérios que definem e delimitam a literatura açoriana, para aqueles que defendem a sua existência. No âmbito desta tese, conforme mencionado na Introdução, utilizarei a expressão “literatura açoriana”, nomeadamente para me referir a *MTC* e as outras obras de autores açorianos, bem como de autores não açorianos sobre os Açores, passadas no meio insular açoriano e/ou sobre a vivência açoriana, ainda que se possa questionar se a ilha não tem perdido lugar na literatura açoriana, atualmente mais debruçada sobre outros temas menos específicos da insularidade açoriana.

³³ Refira-se já que Nemésio não dominava o inglês, pelo que, mesmo nas mais recentes edições de *MTC*, existem diversos erros ortográficos e sintáticos nas passagens em língua inglesa.

³⁴ Ao reconhecer a diversidade cultural, étnica e linguística dos Estados Unidos, a “transnational turn” veio admitir a construção da América como um país multicultural, considerando, assim, o conceito de nação um conceito constrangedor. O campo dos Estudos Americanos passou então a encarar a literatura como um fenómeno transnacional. Esta viragem foi fundamental para o reconhecimento de diferentes literaturas dentro da “literatura americana”, nomeadamente a Literatura Luso-Americana. Sobre este tema, como leitura complementar, nomeadamente sobre “Transatlantic Studies”, consultar Straub (2016).

2.2. A génese e os Açores de *Mau Tempo no Canal*

2.2.1. A génese

Nunca se tendo afiliado a escolas ou correntes literárias, Nemésio – numa vida dedicada ao jornalismo, ao ensino e à literatura – procurou também afastar-se da “tendência monolítica de classificar os autores num género” (*Entrevista III*, 7:34), ou, no dizer de Miguel Torga (1999:992), essas “camisas-de-força complacentes que cada possesso alarga à sua medida”. Ainda assim, Nemésio considerava-se, acima de tudo, poeta. Ou, antes, um “poeta que se exprime também em prosa” e que, estilisticamente, admite, na mesma entrevista, ter atingido o mesmo nível em ambas.

Mesmo salvaguardando que não se constituía “propriamente um romancista, visto que seria preciso reiterar” (*ibid.*:7:04), reconhece que, enquanto tal, se arrisca “a ter alguma significação, com mais ou menos favor, mais ou menos indulgência, porque gozei das vantagens de um romance português um pouco enfraquecido ao nível do 1.º quartel deste século, depois do grande caso de Eça de Queirós” (*ibid.*), sendo que, para Nemésio (1995:157), foi “Aquilino Ribeiro o caso mais forte da prosa portuguesa, a ponto de se oferecer solitário no meio da geral decadência”.

Por diversas vezes procurou retomar, sobretudo, a escrita romanesca, sendo que a dificuldade em concretizar constituía fonte de frustração: a “sublime vergonha da m.a [sic] esterilidade novelística” (Diário LI, E11/cx. 62). Em dois escritos, de março e abril de 1962 (*ibid.*), desabafa: “Às vezes, penso que sob tudo isto há uma gestação secreta; outras vezes sinto que é puro tempo incorporado de meditações descosidas. Já nem poesia me vem...” e ainda “[m]ais um esforço de pontualidade ao dia a dia escrito... fraca esperança de apanhar na memória o tempo interior que se desfigura em encontros”.

Registo há de alguns projetos de romance. Um deles data de 1956 e teria como título *Confissões*. Mais tarde, em 1958, Nemésio tem já a “chave dos nomes das personagens do meu romance de confissões” (E11/cx. 57), tendo afirmado, em entrevista a um jornal da Baía³⁵, nesse ano:

Quanto a romance, depois de *Mau Tempo no Canal*, cuja 3.ª edição se acaba de esgotar, trago entre mãos um outro, de fundo confessional e na primeira pessoa, que aparecerá quase ao mesmo tempo em português e francês, na colecção FEUX CROISÉS da

³⁵ Disponível em <https://purl.pt/161/1/itinerario/303.html>. Acesso em 18/07/2023.

livraria Plon, onde saiu a tradução daquele, *Le serpent aveugle* (título de um capítulo-chave).

Mesmo tendo a tradução aparentemente garantida, o projeto não se concretizará, sendo que, em agosto de 1961, há já registo de um outro projeto romanesco, em algumas páginas datiloscritas (E11/cx. 57) com indicação “FNR” e informação adicionada *a posteriori*: “Publicado in Observador. Entregue no Observador a 9/3/73”. A sigla significa “O farol já não responde”, sendo que um fragmento correspondente às primeiras quatro páginas das treze existentes foi realmente publicado no n.º 109 do *Observador*, de 16 de março de 1973, sob o título “Corn! Corn!”, surgindo também no *Jornal do Observador*.

Num escrito de julho de 1962 (E11/cx. 62), declara Nemésio: “Se não ataco o resto de O FAROL JÁ NÃO RESPONDE, morro autor de romance único... E, daí, que importa a um poeta, entre estes corredores de best-seller da sua língua, ficar por aqui?”. Além de a sua afirmação confirmar que o autor se considera mais poeta do que romancista, indicia também que Nemésio não considerava o seu primeiro romance, *Varanda de Pilatos* (1927), digno de nota. Aliás, em carta a Hélio Simões, de julho de 1969 (E11/cx. 56), Nemésio discorre sobre esse romance, de forma não muito abonatória – apesar dos elogios que recebera de Unamuno³⁶ –, mas conclui que “talvez o livreco seja melhor do que o julgo”. Menciona ainda o projeto *O farol já não responde* e afirma que constituiria “a solução do conflito deixado em aberto por *Mau Tempo no Canal*” (E11/cx. 57), referindo-se porventura ao conflito entre Dulmos e Garcias ou, talvez mais plausivelmente, ao conflito interior de Margarida, que rejeita João Garcia, pois que declara ainda:

Creio que não sou romancista nato, nem nunca o seria de carreira, mas um poeta que recorreu ao romance como a um órgão de recuperação de amores frustrados: a reconstituição psicológica – e narrativamente “arranjada” do comportamento da requestada (Margarida), que teria dito “não” sentindo “sim”. No fundo, uma história de amores tiranizados (obstaculizados) pelo meio social. (*ibid.*)

Veja-se, assim, que o projeto de *O farol já não responde* tomou pelo menos uma década da vida de Nemésio, de 1961 a 1973 (data de publicação no *Observador*), sendo que não chegou a concretizar-se como romance. Semelhante destino teve *Rosa Magra* (E11/cx. 57),

³⁶ Em carta de maio de 1929, escreve Unamuno (E11/8346): “Leyendo, y con que deleite! su *Varanda de Pilatos*, me he dado cuenta de por qué gusta usted de mis *Recuerdos de Niñez y de Mocedad*. Nos hermanamos en guardar la infancia a flor de alma.”

projeto do qual existem cerca de 14 páginas, datadas de 1974, e *O Cárcere*, cuja concepção remontará a 1976, quando Nemésio escreveu (*ibid.*):

Há dias imaginei subitamente [sic] um romance, O CÁRCERE, em q. exprima os m/ fracassos e remorsos e esta sensação de prisão atlântica, com cheiro a mofo, da ilha³⁷. Começaria c. a recordação dos m.os idos em menino ao M.e Francisco da Cadeia, na Cadeia da Praia (carcereiro), buscar botins meus.

No ano seguinte, a 14 de maio de 1977, escreve Nemésio, em Paris (E11/cx. 62):

M.a de Lourdes Belchior almoçou comigo [...]. Li-lhe 17 pp. de O CÁRCERE: gostou deveras; e eu, lendo o conjunto, tomei melhor consciência da boa embalagem que levo. Parece-me verdadeiro romance, apesar da autobiografia de situações seleccionadas segundo o seu dramatismo sob o símbolo do cárcere. A vida da Praia da Vitória – e talvez de Angra também – repercutida na minha sensibilidade de criança e de adolescente tal como ma representa a imaginação na velhice. Uma certa influência subjacente de Raúl Brandão combinada com uma técnica romanesca do nosso realismo, etc. Os outros que digam!

101

Saliente-se, nesta passagem, a referência à “influência subjacente” de Brandão e que permeia toda a obra nemesiana. Mas, novamente, o projeto não chegará a tomar a forma de romance, sendo que o primeiro capítulo foi publicado postumamente no *Diário de Notícias*, a 30 de março de 1978.

Ficará assim Nemésio autor de dois romances, sendo que a primeira “aparição” pública do que viria a ser o primeiro capítulo de *Mau Tempo no Canal* – que poderá ter estado para se intitular *Longitude Oeste*³⁸ – surge em abril de 1939, no Volume 2, n.º 7, da *Revista de Portugal*³⁹, fundada, dois anos antes, pelo próprio Nemésio, recorde-se.

³⁷ Note-se novamente, nesses seus últimos anos de vida, os tropos da prisão e do mofo associados à ilha – tantas vezes idealizada – e que retomará, pouco depois, nos seus “Poemas Ilhéus”.

³⁸ E11/cx. 61. Cf. também <https://purl.pt/161/1/itinerario/261.html>. Refira-se que, como o *ovo*, elemento simbólico e mítico de eleição para Nemésio – enquanto fonte de vida e, portanto, para o autor, representante da ilha –, também o *oeste* é recorrente na obra nemesiana. Atente-se, por exemplo, no primeiro verso do poema “O ovo”, precisamente: “Enchi de Oeste a minha vida”. Ou o volume de poesia *Eu, comovido a oeste*. Ora, simbolicamente, o oeste é também a ilha na obra nemesiana, conquanto o ponto cardinal diga respeito à localização dos Açores relativamente ao continente europeu.

De qualquer forma, o título *Mau Tempo no Canal* surgiu muito antes de o romance estar delineado, conforme o “Plano do romance” (E11/cx. 54), datado de 10/11/1937, em Bruxelas. Nesse plano datiloscrito, existe um acrescento autógrafo onde se lê: “Mau Tempo no Canal: título ocorrido a 13.XI.37.” Também disponível em <https://purl.pt/161/1/itinerario/274.html>. Acesso em 20/07/2023.

³⁹ Disponível em https://digitalis-dsp.uc.pt/bg4/UCBG-RB-38-41_3/UCBG-RB-38-41_3_master/UCBG-RB-38-42/UCBG-RB-38-42_item1/P412.html. Acesso em 14/07/2023.

O texto publicado denominava-se “Um Ciclone nas Ilhas” e viria a ser, com alterações que, no âmbito do presente estudo, se mostram muito significativas, o primeiro capítulo do romance, “A Serpente Cega”. Segundo Maria Margaria Gouveia (1994:83):

O *Mau Tempo no Canal* não surgiu, como se pode pensar, de um conto, mas inicialmente de um plano premeditado de um romance, concebido e gizado como tal. “Um ciclone nas ilhas” não se nos afigura susceptível de se autonomizar como um conto (ainda que o pareça), mas tão só como aquilo para que realmente nasceu: o primeiro capítulo de um romance.

Entre “Um Ciclone nas Ilhas” e “A Serpente Cega”, a autora (*ibid.*:85) salienta “transformações várias⁴⁰, que mais explicitamente enunciam as linhas de força determinantes na construção do texto, (...) sendo de registar que a reelaboração estilística passa também pela transformação de estruturas frásicas”. De registar também a alteração do próprio título para “A Serpente Cega”, cuja “ambivalência simbólica [que] dominará toda a obra” (*ibid.*:87) e servirá de título à primeira edição francesa do romance, em análise no Capítulo III.

Ora, ao nível do corpo do texto, as alterações implementadas por Nemésio parecem apontar para a adição ou o reforço do que convencionei chamar marcas da açorianidade, nomeadamente através de referências à flora açoriana, do retrato de uma sociedade mais arcaica (até porque a ação do romance tem lugar na segunda década do século XX) e, bem assim, do recurso a uma linguagem arcaizante e/ou de registo mais popular. Vejam-se as alterações que, desse ponto de vista, se me afiguram mais significativas:

<i>Um Ciclone Nas Ilhas</i>	<i>A Serpente Cega – MTC</i>
1) (...) a luz da lâmpada eléctrica em frente – p. 380	(...) a luz da lâmpada defronte – p. 35
2) (...) lá para os lados da doca – p. 381	(...) lá para Porto Pim – p. 35

⁴⁰ Gouveia (*ibid.*:82-83) traça a cronologia do texto: “a primeira tentativa ou o embrião da obra está hoje para nós documentada no manuscrito 2: autógrafa, uma página datada de Bruxelas, 17 de Janeiro de 1938 (existente na Biblioteca Nacional de Lisboa), que é anterior a ‘Um ciclone nas ilhas’. Ao todo são quatro os textos: o manuscrito autógrafa (1938), ‘Um ciclone nas ilhas’ (1939), a página dactilografada com correcções autógrafas (também existente na Biblioteca Nacional), sem data, mas tudo indica ser posterior àquele ano, e, finalmente, ‘A serpente cega’, I capítulo de *Mau Tempo no Canal* (1944)”. Sendo que apenas me focarei nos textos publicados – i.e., em “Um ciclone nas ilhas” e no capítulo I de *MTC*, para mais informações sobre os diferentes textos, remeto para o referido artigo de Gouveia (1994) na revista *Insulana*, também disponível em [http://www.icpd.pt/fotos/edicoes/insulana_vol.050-n.%C2%BA1%20\(1994\).pdf](http://www.icpd.pt/fotos/edicoes/insulana_vol.050-n.%C2%BA1%20(1994).pdf). Acesso em 19/07/2023.

3) (...) como na quinta . Olha que no campo é a mesma coisa... – p. 381	(...) até nas Vinhas! Olha que no Pico é a mesma coisa... – p. 36
4) (...) o vento começava a enrodilhar as folhas dos eucaliptos e dos cedros – p. 382	(...) o vento começava a enrodilhar as folhas das faias e dos cedros – p. 36
5) (...) Um pé de vento abalou os eucaliptos – p. 383	(...) um pé de vento abalou as faias e os cedros – p. 38
6) Às vezes entra pelo portão do pasteleiro ... – p. 384	Às vezes entra pelo portão da canada ... – p. 38
7) (...) debaixo de um bafo. – p. 384	(...) debaixo de um bafo. Um cheiro a lava salgada e a seiva de cedro inebriava . – p. 38
8) (...) Tinham enveredado por ali - p. 385	(...) Tinham metido por ali – p.38
9) (...) estavam sentados numa banqueta de tejo [sic] – p. 385	(...) estavam sentados num banco de lava e tijolo – p. 39
10) (...) cingia a ilha num anel cinzento, como uma folha de piteira seca e estendida . – p. 387	(...) cingia a ilha num grande anel, como se tivessem armado um laço de cinza às gaivotas . – p. 40
11) (...) Apesar de quase só servir aos velhos pescadores do pasteleiro que se entretêm no caranguejo – p. 388	(...) Apesar de quase só servir aos velhos pescadores de Porto Pim que iam fisgar caranguejo – pp. 40-41
12) (...) As pernas corriam-lhe em rampa sobre uma montanha de almofadas . – p. 390	(...) As pernas corriam-lhe em rampa sobre uma montanha de coxins . – p. 42
13) – Não consegui encostar as portadas – p. 390	– Não fui capaz de encostar as portadas – p. 43
14) (...) como se dispusesse da mola de um portilhão automático – p. 391	(...) como se deitasse a mão a uma cancela de mola – p. 43

Repare-se que “lá para os lados da doca” (caso 2), em “Um Ciclone nas Ilhas” (1939a:381), passa ao mais específico “lá para Porto Pim” (1994:35). O mesmo acontece com o caso 3: “Olha que no campo é a mesma coisa...” (1939a:381), transformado em “Olha que no Pico é a mesma coisa...” (1994:36). Semelhante situação ocorre no caso 11. Outros exemplos que remetem para um ambiente especificamente açoriano seriam o caso 7, em que

se acrescenta, no romance, a frase “Um cheiro a lava salgada e a seiva de cedro inebriava” (1994:38), ou o acrescento de “lava” (caso 9) à frase “(...) estavam sentados numa banquetta de tejolo” (1939a:385), tomando “lava”, sugestivamente, o primeiro lugar. Já nos exemplos 1, 8, 12, 13 e 14 nota-se, no texto de *MTC*, uma linguagem mais arcaizante – a condizer com a linguagem mais conservadora e arcaica utilizada nos Açores –, bem como um registo mais popular. Nos restantes casos, as referências à fauna e à flora introduzidas no texto do primeiro capítulo do romance remetem especificamente para o ambiente do arquipélago.

Ao reforçar a açorianidade do romance, não só pelo recurso a um léxico quase temático, que remete para a flora açoriana, mas também pela utilização de um vocabulário mais arcaizante e, portanto, mais representativo do conservadorismo linguístico e social dos Açores, Nemésio parece, assim,

movido por uma série de constantes míticas que sempre subjazem à sua produção literária, na impregnação de açorianidade a ambientes e personagens, na subtil cumplicidade entre descrição e vida, escrevendo "vivo aquilo que vive vivo" como diria em 1946 ("O problema do romance"), enfim, na mestria com que dá corpo a arquétipos insulares. (Gouveia 1994:90)

De facto, reitera-se, a ilha e o seu magnetismo – e, bem assim, com frequência, a sensação de apartamento a ela associada – permeiam toda a obra nemesiana. E a “ilha” surge em *Mau Tempo no Canal* ainda antes da própria narrativa, ou o título não aludisse ao *Canal* que separa três ilhas açorianas⁴¹.

Em 1944, ano da publicação de *MTC*, em resposta a carta de Cândido Pamplona Forjaz sobre o romance, escreve Nemésio⁴²:

A tua carta de leitor do *Mau tempo no canal* comoveu-me deveras. Se um homem escreve um livro daqueles para alguém, é certamente para os seus; e os meus, neste caso, são os ilhéus todos – os cagarros da rocha – e à frente desses os amigos velhos e companheiros de meninice. (...) Agora só peço a Deus vida e saúde para escrever mais dois ou três romances, tentando assim fechar as minhas saudades e lembranças das nossas ilhas num milheiro ou dois de páginas. (...) Mas a tua carta e mais três ou quatro que recebi de ilhéus que prezo considero-as a minha justificação de escrevedor das ilhas.

⁴¹ E, não o bastasse, também as epígrafes remetem para o ambiente ilhéu, incluindo uma passagem de *As Ilhas Desconhecidas*, de Raul Brandão.

⁴² In *As Fibras do Mormaço* (2018:25).

Aqui se percebe que o autor nutre, desde logo, a vontade de escrever outros romances, e romances “ilhéus”, partindo das “saudades e lembranças das nossas ilhas” e, portanto, com cunho autobiográfico, como, até certo ponto, o é *MTC*.

Mais tarde, em agosto de 1963, ao passar pela Horta, escreveu Nemésio (Diário LIX, E11/cx. 62): “Daqui se vê o Pasteleiro e as ruínas da casa que deve corresponder à dos Dulmos do *Mau Tempo no Canal*”. E, dias depois, já no Pico, questiona-se e confessa-se (*ibid.*), misturando ficção e realidade:

D. Carolina Amélia ainda viverá?... Num casarão amarelo da Rua do Mar teimo em ver o granel dos Clarks onde ocorre estar o binóculo de Margarida. A igreja do Carmo prolonga o quartel, onde a Gabriela nasceu. No céu, a lua em quarto minguante. As araucárias. As antenas do cabo. Entramos a doca. Não escrevo mais.

Estes desabafos indiciam que Nemésio, no que à Horta diz respeito, não só criou *MTC* à medida da cidade que conheceu na sua juventude, como foi recriando, ao longo da vida, a Horta à medida de *MTC*. É o próprio autor que assevera “a função ‘compensatória’ do romance em relação ao seu pressuposto existencial, rigorosamente biográfico: ‘menti’ no livro o que ‘falhei’ na vida”.⁴³

Como se viu, *MTC* começou a ser gizado em Bruxelas, havendo um plano do romance datado de novembro de 1937 (E11/cx. 54). Nesse breve plano⁴⁴, Margarida chama-se Maria Dulmo⁴⁵. Ora, é sabido que a inspiração para a protagonista Margarida seria um amor da juventude de Nemésio, de nome Maria Castro⁴⁶, o que poderá, precisamente, justificar a alteração do nome da protagonista.

Na “oscilação sempre presente em Nemésio entre a escrita autobiográfica e a sua metamorfose”⁴⁷, o autor, na mesma carta a Simões, afirma que a cena inicial do romance

⁴³ Carta de julho de 1969 a Hélio Simões (E11/cx. 56).

⁴⁴ Curiosamente, na referida carta a Hélio Simões, afirma Nemésio sobre *MTC*: “não me lembro de plano algum. Sou narrador de ‘inspiração’: tipo ‘recherche du temps perdu’, isto é, fiado na memória: explorador da memória. E quase autobiográfico.”

⁴⁵ Margarida Clark era, nesse esboço, a mãe (posteriormente Catarina Clark) da protagonista, e Roberto Clark, o avô, depois Charles.

⁴⁶ A própria terá entregado a David Mourão-Ferreira a correspondência que Nemésio lhe dirigira ao longo de cerca quarenta anos (1939 – 1977). Nessas epístolas, terá o autor confessado à destinatária ser ela “a bonequinha de sangue do *Mau Tempo no Canal*” (cf. Mourão-Ferreira 1988:10).

De facto, e de acordo com a correspondência a Maria Castro disponível no espólio de Nemésio (anterior a 1939), a destinatária teria já servido de “símbolo perfeito desse meu livro ilhéu” (referindo-se a *Paço do Milhafre*), escreve Nemésio em agosto de 1924 (E11/cx. 41), afirmando ainda ter começado a nela conceber o seu “ideal ilhéu”, de que Margarida Clark Dulmo será, talvez, o culminar.

⁴⁷ Fátima Freitas Morna. “O pressuposto ‘criador’ da personalidade”. Disponível em <http://purl.pt/161/1/memoria/rotacao03.html>. Acesso em 20/07/2023.

“é inventada”: “A cena de namoro com entrevista é inventada, gratuita. Biograficamente não houve (cap. I) namorados que se ‘falassem’”. No entanto, não passarão despercebidas as semelhanças entre essa cena e a que a seguir se transcreve, descrita por Nemésio (Diário LXI, E11/cx. 62), em março de 1964, recordando o encontro, no verão anterior, na ilha Terceira, com um outro amor de juventude:

Foi um amor fortemente preso ao *locus amoenus* da lava; a casa e a trepadeira, a varanda de pedra e o caramanchão do mar; o pai (...) malicioso e ruivo entrando em casa; a prima (...) complacente. E aquele bater de vaga nas pedrinhas do calhau [sic]... tudo passou a uma esfera de símbolo sem alma, como o búzio sem bicho.

Ora, além das semelhanças no que toca ao ambiente – manifestadas na utilização de palavras-chave como *lava*, *mar* ou *calhau*, que sublinha –, não será desprezível a similitude entre “o pai malicioso e ruivo” e Diogo Dulmo, ou mesmo entre “a prima complacente” e D. Corina Peters. Em 1972, em entrevista à RTP, Nemésio (*Entrevista III*, 13:20), respondendo ao jornalista, admite: “É claro que no João Garcia há bastante de meu, pois como não. Bastante, por um lado, e, por outro, não”. O tradutor Cota Fagundes (2014:190) considera, aliás, João Garcia “um mais do que evidente *alter-ego* de Vitorino Nemésio”.

Ainda assim, relembre-se, estudiosos há que consideram que é Margarida quem mais se aproxima de Nemésio, ou porventura o poeta Pragana, que apenas surge no epílogo. Nessas cenas finais, em conversa casual com Margarida a bordo do navio que a levará à lua de mel, o poeta lê, a pedido dela, alguns dos seus versos: “Também eu!/ também eu velo a noite no porto/Tão azul, apesar da escuridão perfeita...” (Nemésio 1994: 347). São esses versos, como assinala Machado Pires (1994:34), uma versão portuguesa do poema “La Nuit dans le Port”⁴⁸, publicado, em 1935, em *La Voyelle Promise*.

Talvez Nemésio esteja um pouco em todas estas personagens, sem se fixar em nenhuma. A verdade é que a sua passagem, enquanto estudante do secundário, pela Horta – de que confessou gostar “como de nêspas!” (1998:99) – o terá marcado ao ponto de ali situar o seu romance⁴⁹, donde afirma Machado Pires (2013:10) que *MTC* se desenrola “num tempo histórico e interior, pessoal e coletivo, passado e futuro”.

⁴⁸ “Moi aussi, j'ai passé cette nuit dans le port tellement bleu, malgré l'épaisseur de la nuit déchirante”.

⁴⁹ O que permitiria também distanciar da Terceira natal as passagens mais autobiográficas. Recorde-se que a ação decorre entre 1917 e 1919, coincidindo em parte com o período em que Nemésio permaneceu na cidade (ano de 1918).

Mas no centro da teia que Nemésio vai tecendo está, como o próprio afirma, uma “luta de símbolos sociais” (*Entrevista III*, 9:46), até porque, no mundo insular que retratou, caso se tivesse limitado à “aristocracia” e burguesia locais, teria pintado um quadro necessariamente incompleto da sociedade açoriana de então.

2.2.2. Os Açores do romance

Para José Enes (2007:54), “Vitorino Nemésio elaborou a sua obra como um espelho em que os Açores e Portugal inteiro se podem rever, reconhecer, avaliar e descobrir os vectores do seu próprio histórico a fazer-se”. Em *MTC*, está, de facto, boa parte da história (e dos mitos) dos Açores, e, portanto, de Portugal. Desde o achamento (incluindo o mito da suposta ilha de Fernão Dulmo, explorador de quem Margarida descende⁵⁰), ao sismo de Vila Franca do Campo, à erupção vulcânica da Urzelina, aos movimentos autonomistas, ao flagelo da peste e da filoxera, à indústria baleeira, à emigração e à vida (relativamente) agitada da Horta, por via de famílias e empresas estrangeiras que lá se fixaram para a instalação dos cabos telegráficos⁵¹, *MTC* como que combina realidade, ficção e mito, numa espécie de história (relativamente) ficcionada dos Açores.

Quando Nemésio estudou na Horta, no final da Primeira Guerra Mundial, a cidade vivia em prosperidade económica. Além das empresas de cabos telegráficos, a diplomata e empreendedora família norte-americana Dabney desempenhava um papel significativo

⁵⁰ Rosa Simas (1998:260) descreve mesmo Margarida como “dividida entre o fundo mítico e espiritual dos Açores, e o plano físico e social dos açorianos.”

⁵¹ Um momento histórico que deixou marcas na sociedade faialense e que as próprias instituições locais fazem questão de relembrar: “O primeiro cabo ficou operacional em 1893, ligando Carcavelos à Horta e a partir desta data outros se foram ligando. Em 1928 concentravam-se na Horta quinze cabos telegráficos submarinos ligados à Inglaterra, Estados Unidos da América, Canadá, Irlanda, França, Cabo Verde, Itália e Alemanha, o que fazia com que a cidade constituísse um dos maiores centros de comunicações do planeta, unindo o mundo e globalizando informações de carácter essencialmente meteorológico, naval e bélico, particularmente úteis em períodos como as duas Grandes Guerras Mundiais. Companhias telegráficas de nacionalidade alemã, inglesa e americana instalaram-se na cidade e aqui permaneceram durante seis décadas, influenciando naturalmente a vida social, cultural e desportiva da comunidade faialense. Aprendem-se e falam-se diferentes línguas. Criam-se orquestras que atuam com regularidade e ouve-se jazz. Fundam-se clubes desportivos e praticam-se novas modalidades como o remo, a vela, o polo aquático, o ténis ou o futebol. A Horta torna-se, devido às circunstâncias, numa cidade cosmopolita e cheia de vida, onde inevitavelmente se fazem alguns casamentos entre os funcionários estrangeiros das companhias e jovens faialenses. O encerramento da última companhia estrangeira de cabos telegráficos submarinos dá-se em 1969 pela natural obsolescência do sistema”. Website da Câmara Municipal da Horta. Disponível em <http://turismo.cmhorta.pt/index.php/pt/historia-e-tradicoes/cabos-submarinos>. Acesso em 20/07/2023.

nessa prosperidade, devido aos seus empreendimentos nas indústrias da laranja, do vinho, da baleia e do carvão. A juntar ao movimentado comércio marítimo, enquanto porto de escala vital, a Horta via então as suas ruas repletas de ingleses, americanos, alemães e italianos.

Ainda antes de escrever *MTC*, Nemésio (1995:99) descrevia, em 1928, na referida conferência “O Açoriano e os Açores”, a vida de sociedade na Horta como “talvez menos discreta (...). Por isso mesmo, toma as formas desembaraçadas do *sport* e da dança”. Enquanto lugar de passagem, a Horta permitia certa intromissão de costumes, de novas vivências, não deixando, contudo, de ser uma sociedade fechada, conservadora e patriarcal (na qual, aliás, a protagonista de *MTC* se não reverá, mas à qual acabará por ceder).

É, nessa medida, um cenário mais do que adequado para colocar Margarida Clark Dulmo, como assinala o tradutor Cota Fagundes (2019:xvi) na introdução à sua tradução do romance, na qual traça um relevante panorama histórico dos locais da ação, destacando a Horta como porto de abrigo dos baleeiros americanos e de exportação de laranjas para Inglaterra⁵²: “By making his heroine part-English, Nemésio gives his “historian-narrator” (as António Machado Pires has labeled this voice) an opportunity to shed fictive light on that important period of Azorean history”.

Procurando talvez apelar ao público americano e inglês, o tradutor alude precisamente, ao longo da sua introdução, à família Dabney – várias vezes mencionada no romance – e à sua importância também enquanto cônsules, agentes de navios e filantropos.

Outro elemento que remete para a “componente histórico-verídica da experiência açoriana” (Fagundes 2014:71), mas também para elementos autobiográficos, é o retrato da peste bubónica em *MTC*. Inexorável, a doença levará à morte de Emília, a proscrita mãe de João Garcia, bem como à de Roberto, com consequências para o destino de Margarida, que assim vê desfeito o seu sonho de partir para Inglaterra.

Além de evocarem um trágico momento histórico, os episódios de peste em *MTC* remetem para a vivência de Nemésio, que assistiu, ainda criança, à doença do pai. Além disso, como alerta Fagundes (2014:73), a peste serve como metáfora para o “desarranjo social, familiar, psicológico e moral”, ou mesmo o ódio, enquanto doença contagiosa, que

⁵² Relembre-se que os Clarks descendem de um agente inglês de navios laranjeiros, o que explica o seu estabelecimento na cidade da Horta.

a todos pode contaminar. Saliente-se que o tradutor associa ainda a peste ao símbolo da serpente, enquanto salvação/expiação⁵³.

Em contraponto a este espaço urbano e cosmopolita da Horta (para os padrões açorianos da época), surge o Pico, onde se proporcionam encontros com as camadas populares e, sobretudo, com a comunidade baleeira. Como se verá no Capítulo IV, a ilha do Pico é, normalmente, associada não só a boas pessoas – a tal “nata do insulano” –, como a boas recordações de Margarida, além de a montanha do Pico funcionar quase como indicadora dos estados de espírito da protagonista.

A ilha de São Jorge, por sua vez, apresenta-se como retrato de uma região ainda diferente, onde domina o sistema feudal, representado pelo Barão da Urzelina – e ao qual Margarida acabará por pertencer. Esse sistema encontra contraste em personagens do povo, nomeadamente a já referida Cândia Furoa. Além disso, não foi esquecida a presença flamenga nos Açores, responsável pela introdução da indústria queijeira que ainda hoje se mantem na ilha de São Jorge. O “holandês dos queijos” é, precisamente, o seu representante.

Segundo Cota Fagundes (*ibid.*: xvii):

An important strand of the novel involves the Flemish presence in the Azores, which in both the novel and history is obscured in myth and mist. Scholars do, however, agree on a few facts. In 1430, Isabel, the only surviving daughter of Portugal's King John I (who ruled from 1385 to 1433) and his wife Philippa of Lancaster, married Philip the Good, Duke of Burgundy, a duchy that included Flanders. After the Hundred Years' War (1337–1453), many Flemish families were scattered and dispossessed. Isabel convinced her brother, Prince Henry the Navigator (who had been charged with managing the settlement of the recently discovered Azores) to allow up to 2,000 individuals (some immigration estimates are much smaller) to settle in the archipelago. Today vestiges of their presence are limited to a few place names and a considerable number of family names, primarily on Fayal, Terceira, Pico, São Jorge, and Flores.

Por fim, e como também se verá no Capítulo IV, outro local significativo – e simbólico – da ação é a ilha Terceira, terra natal de Nemésio. É o derradeiro palco do romance, onde descrições pormenorizadas da vivência açoriana se fundem e confundem com o mundo interior de Margarida.

⁵³ Consulte-se Fagundes (2014:69) para mais interessantes associações entre doença e simbologia em *MTC*.

Também a emigração açoriana é retratada no romance através de diversos dispositivos, como a utilização de léxico híbrido ou mesmo através de personagens, como Roberto Clark ou Damião Serpa.

Conforme mencionado, Roberto Clark, emigrado em Inglaterra – filho (ainda que bastardo) de um aristocrata – não será a personagem mais representativa da emigração açoriana, que se estabeleceu, sobretudo, no Brasil e na América do Norte, e que se compunha, de um modo geral, de camadas populares que procuravam melhores condições de vida.

Desse papel aproxima-se antes Damião Serpa, ainda que não seja também o emigrante mais paradigmático:

Damião foi concebido como paródia das estórias fantásticas de tantos emigrantes retornados. Mas (...) rompe com a comum representação literária do emigrante açoriano. A vida de Damião na América foi de trabalho, mas também de aventura, incluindo *séances* em Boston, amizades com raparigas alemãs e rapazes espanhóis e bailarinas – num imaginativo, mas saudável romper de barreiras experienciais. (Fagundes 2014:241)

Esse outro lado, mais representativo, da emigração açoriana é retratado no romance pelos baleeiros do Pico, a quem Nemésio dedica um capítulo inteiro, pois por eles nutre especial admiração.

Mas o facto de este “romance das ilhas” quase apenas nelas se centrar⁵⁴ e desenvolver não faz de *MTC* uma obra regionalista. Pelo contrário, nas palavras de Paulo Meneses (1994:119), o facto de Nemésio eleger “as *ilhas do triângulo* [Faial, Pico e São Jorge] para palco da sua narração não o aprisiona ao estatuto do *romance regionalista*, antes o abre a uma *universalidade de significação*”. Aliás, sob o manto da história dos Açores e das muitas marcas da insularidade açoriana, o que *MTC* faz é discorrer sobre a condição humana.

A este propósito, atente-se no que escreve Vasco Grança Moura (2014:15) no seu prefácio a *Gros Temps sur l'Archipel*:

Il est curieux que le travail d'écriture de ce livre ait coïncidé presque exactement avec la durée de la Deuxième Guerre mondiale (Nemésio l'aurait commencé 1939 pour le terminer en 1944), tandis que l'action se déroule à l'époque de la première (1917, sauf pour l'épilogue qui se passe en aout 1919) : comme si l'auteur voulait affirmer l'essentialité de certaines valeurs permanentes de l'âme humaine, de la nature de la

⁵⁴ Refira-se que a cidade de Lisboa é também um dos cenários de *MTC*, mas com pouca representatividade – surge essencialmente no Capítulo VII (“Má Tática”). Ainda assim, poderá considerar-se que se trata, até certo ponto, de um elemento autobiográfico, visto que João Garcia lá se encontra, na Escola de Oficiais Milicianos, onde “era de infantaria” (Nemésio 1994:91), como Nemésio fora.

culture et de l'histoire, (...) contre les tragiques catastrophes de notre civilisation contemporaine.

De facto, no pequeno mundo açoriano da ação, a guerra – tal como a peste – não é esquecida, ainda que haja apenas cerca de uma dezena de referências ao conflito mundial nas muitas páginas do romance. Mas esse reduzido número reflete também o isolamento das personagens – e dos ilhéus em geral relativamente aos grandes eventos mundiais.⁵⁵

Em *MTC* cabe, portanto, tudo: a ilha e o mundo. Na viagem da ilha para o mundo, do mundo para a ilha, na ilha que é mundo e no mundo que é ilha, cabe a história e a experiência dos Açores, de Portugal e de tantos eventos que marcaram a história mundial, congregando assim a humanidade. Daí a universalidade deste romance que, praticamente confinado a um canal, vai tocar, especialmente através da protagonista Margarida Clark Dulmo, em tantos pontos da fragilidade, da força, enfim, da vivência humana. Essa universalidade explicará, em parte, o relativo interesse internacional no romance (nomeadamente por parte de editoras norueguesas, inglesas e americanas, como a seguir se verá) e as suas efetivas traduções para quatro línguas e culturas tão díspares como a francesa, a russa, a polaca e a norte-americana.

De certa forma, como afirma o tradutor Cota Fagundes (2014:xviii): “with the islands’ history, [Nemésio] weaves together myth, geology, history, geography, economy, art, religion, folklore, flora, and fauna into a tight fictional fabric. In doing so, he performed a miracle of sorts: he created an extraordinarily rich book from a miniscule world”.

E assim se cumpre a açorianidade.

⁵⁵ Sem esquecer, contudo, que as duas guerras mundiais muito contribuíram para o reconhecimento da importância estratégica do arquipélago, porquanto reforçaram a sua relação com os EUA, que estabeleceram nos Açores uma base área.

CAPÍTULO III
ESPELHOS PARALELOS

Mau Tempo no Canal *em tradução: história externa*

1. Nemésio e Tradução

Ocupando-se este capítulo da história externa da tradução de *Mau Tempo no Canal*, debruçar-se-á, conforme exposto no Capítulo I, não sobre as características textuais – o *texto* – das traduções, mas antes sobre as circunstâncias em que os processos de tradução ocorreram – o *contexto*. Analisa-se, assim, a conjuntura (social, temporal, cultural, histórica e/ou política) em que ocorreram as traduções e publicações dos TC, bem como os agentes (tradutores, editores, instituições e, neste caso, o próprio autor) envolvidos na tradução.

Se tradução é ação (cf. Buzelin 2005), importa conhecer, quando possível, as condições em que essa ação decorre, nomeadamente as questões editoriais, comerciais, ideológicas e institucionais que a possam influenciar. Sendo a tradução uma atividade socialmente regulada, os seus agentes – e as relações entre eles – podem impactar o produto final (cf. Kung 2009:124).

Como se viu, desde a publicação de *The Translator's Invisibility*, de Lawrence Venuti, em 1995, a visibilidade dos tradutores – e mais recentemente das traduções (cf. Podlevskikh Carlström 2022) – tem sido tema amplamente debatido, sendo que a viragem cultural já havia despertado um maior interesse dos investigadores pelos tradutores¹ (Milton e Bandia 2009:2).

Por seu turno, os paratextos – particularmente os peritextos² – dos TC ajudam também a compreender o tratamento que é dado a tradutores e traduções³, de modo que este capítulo

¹ A consciência de que existem “tradutores por detrás das traduções” (cf. Chesterman 2009:14) – isto é, a visão do tradutor como indivíduo que atua sob a influência de aspetos identitários, socioculturais e profissionais – resultou numa tendência de investigação focada nos tradutores, em vez de focada nas traduções. Uma tal tendência levou Chesterman (*ibid.*) a proclamar uma nova área de estudo: “Translator Studies”. Este campo de estudo não está, porém, relembrando o académico, contemplado no seminal mapa de Holmes, associado ao estabelecimento dos ET como disciplina, na década de 1970. Para Chesterman, “[a] broad outline of Translator Studies would cover sociology, culture and cognition, all looking at the translator’s agency, in different ways” (*ibid.*). Refira-se, além disso, que, mais recentemente, em 2021, abordando esta “viragem sociológica”, foi publicado o volume *Literary Translator Studies*, com edição de Klaus Kaindl *et al.*

No presente estudo, não se considera, porém, necessário distinguir entre “Translator Studies” e “Translation Studies”, visto que tanto tradutores, como traduções são foco da análise em curso, âmbito suficientemente abarcado pelo termo “Estudos de Tradução”.

² À luz do exposto no Capítulo I, o paratexto, na aceção de Genette (1997), que cunhou o termo, diz respeito aos textos que contextualizam a obra. Existem diversos tipos de paratexto, constituindo o peritexto as informações que mantêm com a obra uma relação de proximidade, surgindo no mesmo volume, nomeadamente títulos, notas de rodapé, prefácios, entre outros.

³ Segundo Malin Podlevskikh Carlström (2022a:46), “translator visibility in the peritext of translated works should also be given more scholarly attention”, fazendo também menção à visibilidade da

contempla ainda uma análise dos peritextos das traduções de *MTC* (para francês, russo, polaco e inglês) considerados mais relevantes para o caso: capas (peritexto icónico), títulos, prefácios (ou introduções/notas biobibliográficas) e notas de rodapé.

Note-se, contudo, que a prossecução da história externa de tradução é muitas vezes obstaculizada pela dificuldade em obter informações de e sobre os agentes de tradução, o que se verificou, em especial no caso da tradução para polaco. Neste aspeto, particular exceção é a edição de *MTC* em língua inglesa, uma vez que foi possível contactar o próprio tradutor e o coeditor da coleção “Bellis Azorica”, os quais sempre se disponibilizaram para fornecer as informações solicitadas. Além disso, o tradutor Cota Fagundes escreveu exaustivamente sobre a sua experiência de tradução de *MTC*. Também no espólio de Vitorino Nemésio (BNP/E11) foi possível encontrar correspondência relevante para o estudo, nomeadamente com a tradutora Denyse Chast, o diretor da coleção “Feux Croisés”, Gabriel Marcel, e o então diretor da Plon, Maurice Bourdel, editora que inicialmente publicou a tradução francesa de *MTC*. Em contrapartida, outras individualidades e/ou editoras contactadas (nomeadamente a EDLD) no âmbito das restantes traduções não providenciaram qualquer resposta.

Ainda assim, de um modo geral, foi possível traçar não só a intervenção de alguns destes agentes no processo de tradução e publicação do romance, mas também o percurso da própria obra traduzida. Na linha de Evan-Zohar ([1990] 2009), e ainda que se possa contestar o seu modelo binário centro-periferia, importa salientar que a importação/exportação de obras literárias ocorre num mercado de fluxos e influências desiguais. Portugal importa mais literatura do que exporta⁴, sendo que muitas das suas exportações dependem do apoio de instituições regionais e nacionais, como, neste caso, o Governo Regional dos Açores ou a Fundação Calouste Gulbenkian.

tradução, que remete para a identificação de uma tradução como tal. A título de exemplo, a autora refere que a indicação do título original aumenta a visibilidade da tradução (*ibid.*:62).

Neste âmbito, poderá ser interessante complementar a leitura com o artigo de Cecilia Alvstad “The Translation Pact” (2014). Nele, a autora sugere que tanto o texto, como o paratexto das traduções convidam os leitores a encará-las como “originais”, pois são apresentadas como produção de um único agente, o autor.

⁴ Quando o português é a língua de partida, o portal da UNESCO *Index Translationum* apresenta-o, entre 50 línguas europeias, na 18.^a posição (11583 obras). Quando é a língua de chegada, o português sobe para a 8.^a posição (78904 obras), o que é consistente com a ideia de que o sistema literário português é periférico (Heilbon 1999, Even-Zohar 2009), consumindo mais literatura traduzida do que exportando a sua literatura. Acesso em 28/09/2023.

Se se “afunilar” da literatura portuguesa para a literatura açoriana, maior será a dificuldade de exportação. Nesse sentido, e de acordo com Kung (2009:126), “[i]n cultural exportation, the translation of the lesser-known culture and its literature is initiated by the source culture in order to enhance the visibility of its literary voice”. É, de facto, este o caso das traduções de *MTC*, pois que, como adiante se verá, quase todas partem, em certa medida, da iniciativa de um agente da CP. É também este o caso das traduções de outras obras ou textos de Nemésio, que, não obstante, existem em número significativo (cf. Anexo C, p. 192), embora a maioria contemple poemas incluídos em antologias coletivas.

Assim, sem esquecer o texto das traduções, a analisar no capítulo seguinte, pretende-se agora dar especial destaque às traduções e aos tradutores de *MTC*, bem como a outros agentes, também a partir da análise da sua visibilidade nos peritextos. Ou seja, ao examinar os peritextos, como se fará no Ponto 3 deste capítulo, é possível tirar ilações não só sobre a visibilidade do tradutor, mas também sobre a visibilidade da tradução.

Importa então “quem, quando, onde, como, porquê e para quem” (se) traduziu *MTC*. Mas importa também lembrar um facto frequentemente esquecido: o próprio Nemésio foi tradutor, e, em alguns casos, consideravelmente “visível”.

1.1. Nemésio tradutor

Antes de ser traduzido, Nemésio traduz. E traduz, quase com a mesma frequência, em tradução indireta (TrI), a partir das edições francesas, como em tradução direta (TrD), a partir do francês ou italiano originais, como ilustra o quadro patente na página 190 (e seguinte) do Anexo C.

De acordo com Pascale Casanova (2004), a cultura e a língua francesas têm historicamente atuado como um canal de transmissão de obras literárias de vários países para a cena internacional, destacando o facto de o sucesso dos autores ter sido frequentemente influenciado pela sua capacidade de obter reconhecimento no mercado literário francês, o que será, aliás, notório no caso da tradução de *MTC*.

Ao que foi possível apurar, data de 1933 a primeira tradução publicada por Nemésio. Trata-se da obra *O que é vivo e o que é morto na filosofia de Hegel*, do filósofo italiano Benedetto Croce, e a tradução parece ter sido realizada diretamente do italiano para o português, mas com consulta – e certa interferência – da tradução francesa. Isto porque, não raras vezes, existem notas de rodapé com indicação “(N. do T.)”, ou seja, da autoria do tradutor, remetendo para o “texto francês” e assinalando uma diferente interpretação ou construção sintática patente nesse texto. A título de exemplo, na página 76, existem as seguintes notas de tradutor: “Parêntese suprimido na tradução francesa, pág. 72. (N. do T.)” ou “acrescento da tradução francesa, págs. 72-73. (N. do T.)”. Nemésio não parece coibir-se de introduzir notas de tradutor, seja, como as mencionadas, para dar conta de diferenças entre o TP italiano e o TC francês, seja para fazer esclarecimentos de índole cultural. Por fim, note-se ainda que, como se pode constatar no referido quadro do Anexo C, o nome de Nemésio surge na capa, dando-se, assim, visibilidade ao tradutor e à tradução.

Relativamente ao seu segundo trabalho enquanto tradutor, a seleção e tradução das *Cartas de Madame de Sévigné* (1939), Nemésio – indicado na capa como “Prof. Victorino Nemésio” – apensa-lhe um prefácio. Nele, escreve exaustivamente sobre a autora e o seu contexto social, deixando breves palavras para justificar a sua seleção¹ das cartas e para fazer referência ao trabalho de tradução:

¹ “[P]referimos amostras simplesmente humanas, cartas inquietas, engraçadas – o campo, a côrte, a morte, a moda, o pecado, tudo isto o mais livre possível de factos e figurantes familiares aos destinatários, mas fastidiosos para nós” (p. 27).

A respeito da tradução, pareceu-nos legítimo contornar a dificuldade do “vous”, dado a Madame de Grignan e a Bussy, com: “a minha filha” isto, “o primo” aquilo, tão naturais em português entre pessoas de boa roda.

O francês de Madame de Sévigné não é fácil. Além do vocabulário que se arcaizou, há não sei quê de contraído em certos grupos sintácticos, uma urdidura que resiste muito mais ao discurso português do que a de um Voltaire, de um Flaubert ou de um Gide. Daí a necessidade de mãos livres. Mas sempre que tivemos de recorrer a equivalências arredadas do pé da letra o sentido essencial ficou intacto. (Nemésio 1939: 28)

Nemésio serve-se, portanto, do seu prefácio para advertir o leitor de que se deu a algumas liberdades enquanto tradutor, fruto, segundo sugere, da própria escrita de Madame de Sévigné.

Quanto à tradução da obra *História da Arte* (1949), de Élie Faure, importa realçar que se trata de uma obra em cinco volumes, com tradução do “Professor Dr. Vitorino Nemésio”, como consta da folha de rosto.

Com efeito, em vários casos, é apresentado o nome do tradutor com o seu título académico – “Professor Dr.” ou “Prof.” – ou mesmo a negrito, como é o caso das referidas *Cartas*. Além disso, é frequentemente mencionado em epitextos o facto de as obras terem como tradutor Vitorino Nemésio, quer em artigos da época de publicação das obras², quer atualmente em *websites* de vendas em segunda mão ou alfarrabistas, o que é revelador do seu estatuto enquanto intelectual.

Em 1950 é publicada a tradução portuguesa, pela Bertrand, de *A vigésima quinta hora*, a mais conceituada obra do autor romeno Constantin Virgil Gheorghiu. Com esta obra, Nemésio inicia uma série de traduções por via indireta. Importa referir que o romance em causa foi escrito originalmente em romeno, mas publicado primeiro em francês³. A editora responsável por esta publicação, em 1949, é a Plon – que virá também a editar a primeira tradução de *MTC*, precisamente na mesma coleção (de romance estrangeiro), “Feux Croisés”, criada em 1926 pelo editor e filósofo Gabriel Marcel e ainda hoje existente⁴.

² Cf., por exemplo, a breve notícia do jornal *Ler*, Ano 1, n.º 7, de outubro de 1952, sobre a publicação da tradução do terceiro volume de *Historia da Arte*: https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/ler/in-issue/iss_0000003234/12. Acesso em 09/08/2023.

³ Sendo *A vigésima quinta hora* uma obra que retrata os horrores da II Guerra Mundial perpetrados por diversos regimes na Roménia, o texto romeno original apenas viu a luz do dia em 1991, com o fim da cortina de ferro, pela Editura Omegapres.

⁴ Atualmente, porém, o catálogo da coleção já não inclui *MTC*, que, recorde-se, passou a ser publicado pela Éditions de la Différence.

Na edição portuguesa, Nemésio assina uma “Advertência” (designação, já por si, sugestiva), fazendo saber que o romance, “conservado inédito no texto romeno original, acabamos de traduzir da versão francesa de Monique Saint-Côme, aparecida numa das melhores colecções europeias do romance mundial (“Feux Croisés”), [sendo] um dos testemunhos mais vivos e pungentes da última guerra” (Nemésio 1950:19).

Contudo, à tradução indireta, via francês, para língua portuguesa subjaz não o facto de o texto ter permanecido inédito em romeno (o que, obviamente, não impediu a tradução para francês), mas antes o desconhecimento, por parte de Nemésio, da língua romena. Considere-se, além disso, que tanto português, como romeno são línguas periféricas, isto é, línguas que não ocupam uma posição central no sistema internacional de tradução, na medida em que importam mais literatura do que aquela que exportam, pelo que a comunicação entre ambas seria, normalmente, mediada por uma língua central. Nas palavras de Hanna Pięta-Cândido (2013:25),

o que é traduzido de uma língua periférica para outra com estatuto semelhante depende em larga medida do que é traduzido da primeira para a língua central. Com efeito, a existência da respectiva tradução em língua central constitui tipicamente uma pré-condição para um texto em língua periférica ser traduzido para outra periférica.

120

Como não bastasse, considere-se ainda que, “quanto mais central é uma língua, maior a probabilidade de ela desempenhar o papel da língua mediadora” (*ibid.*) – caso, como se viu, do francês, especialmente na época em questão (décadas de 1940/1950).

Por fim, poder-se-á ainda ter em consideração as preferências dos leitores da época e, sobretudo, o prestígio da cultura mediadora (CM), a cultura francesa, como também refere Pięta-Cândido (*ibid.*:41):

uma tradução filtrada pela língua mediadora, com as adaptações e desvios impostos pela cultura central, poderá ir mais ao encontro dos gostos e expectativas dos leitores da CC do que a TrD, que não passa por essa filtragem. (...) [o] recurso à tradução poderá ser motivado pelo prestígio da cultura mediadora. Nestes casos trata-se não só de tolerância em relação à TrI mas antes à sua preferência perante TrD.

Além de a possibilidade acima descrita poder aplicar-se também à primeira tradução de Nemésio (da obra de Croce), em que o tradutor faz questão de informar o leitor, em notas de rodapé, de que consultou a tradução francesa, no caso de *A Vigésima Quinta Hora*, a advertência de Nemésio serve, além de breve introdução à obra (“estranho documento

humano”, Nemésio 1950:19), como alerta para um peritexto introduzido por um agente da CM. Trata-se de uma introdução anteposta ao texto francês pelo “insigne filósofo e dramaturgo Gabriel Marcel” (*ibid.*), diretor da coleção e cuja introdução “os editores portugueses deste livro em boa hora quiseram manter” (*ibid.*)⁵.

Ainda no que respeita a esta tradução, em carta de 4 de janeiro de 1951 (E11/2265) dirigida a Nemésio, Gheorghiu diz-se “profundamente tocado” pelo prefácio (neste caso, “Advertência”) do tradutor e pela tradução de *A Vigésima Quinta Hora*, agradecendo-lhe “de coração”. Pede também a Nemésio que o informe, de tempos a tempos, das reações do público de língua portuguesa ao seu livro (não foi possível apurar se tal desejo se concretizou). Gheorghiu refere ainda que trabalha, à data, noutro romance, intitulado *La Seconde Chance*. Embora o autor não aborde a possibilidade de ser Nemésio a traduzir o romance para língua portuguesa ou sequer a possibilidade de publicação em Portugal, a verdade é que será Nemésio a fazê-la. Publicada em 1952 pela Bertrand, a tradução, sob o título *A Única Saída*, é novamente realizada, de acordo com informação peritextual, por via indireta, tendo por base a versão francesa de Livia Lamoure.

Ao contrário do que sucede em *A Vigésima Quinta Hora* – em que o nome de Nemésio, bem como o do prefaciador Gabriel Marcel surgem na capa –, em *A Única Saída* não se dá essa visibilidade, sendo que a editora é a mesma, a Bertrand. No entanto, na contracapa desta publicação, pode ler-se que o primeiro romance de C. Virgil Gheorghiu foi traduzido em 36 línguas e 26.000 exemplares foram vendidos em português, o que reflete o sucesso editorial da obra e significa alguma visibilidade para o tradutor Nemésio⁶.

Ainda em 1952, a Bertrand publica, em tradução direta do francês realizada por Nemésio, uma breve história de Portugal, apresentando locais de referência para visitantes. A obra é da autoria do diplomata e escritor belga, de língua francesa, Jo van der Elst, que se

⁵ Chegando a Paris, Gheorghiu propõe o manuscrito do seu romance ao filósofo e escritor Gabriel Marcel, associado à Plon, que então publica e prefacia a edição francesa (1949). O livro foi rapidamente traduzido para diversas línguas em todo o mundo, com exceção das línguas dos países do Bloco de Leste. Apesar do seu abonatório texto, Gabriel Marcel virá a demarcar-se de Gheorghiu e a exigir que o prefácio fosse retirado da obra, na sequência de acusações de antissemitismo contra o autor romeno, decorrentes dos seus relatos de 1941 enquanto repórter de guerra associado às forças armadas alemãs. Contudo, e mesmo abandonando o autor temporariamente a França pela Argentina, as obras de Gheorghiu continuarão a ser publicadas pela Plon.

⁶ A título de curiosidade, veja-se também que, a propósito da liberalização da entrada no Brasil de traduções realizadas em Portugal, “[o] senador Flávio Guimarães, apoiado pelo jurista Alexandre Marcondes Filho, que pouco antes se deslocara a Portugal para estudar o assunto, apresenta em 1952 no Senado Federal um projeto de lei liberalizador, que justifica com as “traduções perfeitas” em que Portugal sempre primou. Cita explicitamente *A 25.ª Hora*, em tradução de Vitorino Nemésio” (Seruya 2018:140).

estabeleceu em Lisboa, no âmbito da sua carreira diplomática, em 1946⁷. Neste caso, o nome de Nemésio também não surge na capa.

Por fim, com base na data da última tradução (ao que se conseguiu apurar) realizada por Nemésio – *O homem que viajou sozinho*, também de Constantin Virgil Gheorghiu, publicada em 1955 –, conclui-se que o autor, já consagrado e ele próprio traduzido, não traduziu nos últimos vinte anos da sua vida. Contudo, as obras do romeno Gheorghiu – o autor mais traduzido por Nemésio – continuarão a ser publicadas em Portugal⁸.

Ainda a propósito da atividade de Nemésio enquanto tradutor, refira-se que, em carta de 5 de agosto de 1940 (E11/cx. 42) à esposa, Gabriela Nemésio, o autor afirma estar a traduzir *Carmen*, de Prosper Mérimée, para a coleção de novelas da Editorial Inquérito, ainda que não tenha sido possível localizar essa publicação. Também nessa carta, escreve Nemésio: “Eu tenho agora tais e tantas encomendas de responsabilidade, que em rigor não devia gastar tempo com traduções (não sei ao certo quanto eles pagam; como é rapaz amigo do Salgueiro, tive vergonha de perguntar)”. E acrescenta que, com as traduções, “vou entretendo a mão”.

As palavras de Nemésio são reveladoras da posição que assume perante a atividade de tradutor, que, claramente, vê como paralela e quase amadora: serve como prática de escrita e o pagamento não é prioritário.

Também em carta a Miguel Torga (E11/cx. 42), datada já de 8 de janeiro de 1959, Nemésio refere que acaba de traduzir (rasurou “copiar”) “o artigo de Vauthier sobre a Criação do Mundo (II)”. De igual modo, não foi possível localizar esta tradução, sendo que, de novo, as palavras de Nemésio, que inicialmente escreve “copiar” em vez de “traduzir”, parecem ser sintomáticas de uma certa depreciação do ofício de tradutor.

⁷ A título de curiosidade, refira-se que, no ano anterior, o mesmo autor publicara, em Lisboa, em coautoria com Arthur Maurício, uma obra escrita em português, *O noivo do chapéu grande e outros contos*, traduzida para japonês e italiano. Informação disponibilizada no Portal de Literaturas Belgas: <https://objectifplumes.be/author/jo-van-der-elst/>. Acesso em 08/07/2023.

⁸ Além das três obras de Gheorghiu traduzidas por Nemésio, foram publicadas em Portugal, entre 1958 e 1969, pelo menos dez outras obras do mesmo autor, sempre pela Bertrand, cabendo a tradução a diversos tradutores. Independentemente do/a tradutor/a, e de acordo com informações peritextuais, as traduções são realizadas, até cerca de 1967, por via indireta, mantendo-se o francês como língua de ligação entre o romeno e o português. Porém, a partir desse ano, Gheorghiu, então radicado em França há vários anos, começa a escrever em francês, de modo que as traduções seguintes são realizadas diretamente do francês para o português, como refletido, mais uma vez, em informação peritextual. Veja-se, por exemplo, *A Infelicidade de me chamar Virgílio* (Bertrand, 1968), em que se lê, na folha de rosto, “Edição original francesa”, por oposição a edições de obras anteriores, em que se lia o “Título original” em romeno, seguido da informação “Traduzido do francês”, como é o caso de *O Crime de Kyrlessa* (Bertrand, 1967). Estes elementos contribuem, portanto, para a visibilidade da tradução.

Em suma, e ao que tudo indica, Nemésio deixa de traduzir, pelo menos de forma recorrente, dois anos após a publicação de tradução francesa de *MTC*, o que poderá apontar para o seu capital simbólico enquanto autor: cessa de traduzir para (ou por) ser traduzido.

1.2. Nemésio traduzido

O capital simbólico – ou prestígio – de um autor pode assumir-se como ponto de partida de um projeto (Bourdieu 1986), o qual poderá, ainda assim, necessitar de capital económico por parte de uma ou várias instituições. Por sua vez, um escritor traduzido poderá ver aumentado o seu prestígio, nomeadamente no seu país⁹ (Casanova 2010:296).

Nesse sentido, e, portanto, independentemente do capital simbólico de Nemésio – que, nesta linha de raciocínio, seria já considerável¹⁰ –, constata-se (cf. quadro na página 192 do Anexo C) que diversas das suas obras (ou partes das suas obras) foram publicadas em tradução com o apoio de instituições, algumas delas governamentais, ao contrário do que sucede com as obras traduzidas pelo autor. O próprio Nemésio pronunciar-se-á em entrevista sobre a questão, como adiante se verá.

Curiosamente – ou talvez não, considerando que Nemésio inicia, nos primeiros anos da década de 1930, a sua carreira académica com a lecionação de literatura italiana –, a primeira língua de que traduz é o italiano, em 1933, sendo também para italiano as primeiras traduções registadas de poemas seus, em 1942.

Curioso é também o facto de, mesmo tendo em conta as muitas e antigas vagas de emigração açoriana para os EUA e Canadá, o romance *MTC* ter sido traduzido para três línguas antes de chegar ao inglês. Em concreto, antes de entrar no mercado editorial norte-americano, em 1998, *MTC* viu-se publicado em duas edições de língua francesa, em russo e até em polaco.

Conquanto não seja de estranhar a tradução do romance para francês, considerando a relação de proximidade que Nemésio mantinha com França e com a própria editora Plon¹¹,

⁹ Não deixa de ser curioso notar a incongruência entre a visibilidade que adquire um autor traduzido – não raras vezes, o número de línguas para o qual se traduz uma obra é tido como manifestação da sua qualidade (ou, pelo menos, do seu sucesso) – e a indiferença que ainda grassa relativamente a tradutores e traduções, tantas vezes “invisíveis”.

¹⁰ Além de a própria seleção para tradução ser já indiciadora de prestígio, também os peritextos das traduções realizadas por Nemésio – nomeadamente a frequente inclusão do seu nome na capa e a negrito, por vezes com indicação do título académico – apontam para o seu capital simbólico.

¹¹ Relembre-se que, nos anos 1930, Nemésio lecionou em Montpellier, chegando mesmo a publicar, em 1935, um livro de poemas em francês, *La Voyelle Promise* (Éditions R.-A. Corrêa). Em 1937, já em Bruxelas, em carta de 3 de março (E11/cx. 41), inicia contacto com Gabriel Marcel, diretor da coleção “Feux Croisés” da Plon. Nemésio diz-se encarregado pelo Instituto para a Alta Cultura para averiguar a possibilidade de lançamento de traduções de grandes escritores portugueses em francês, o que, curiosamente, parece funcionar a seu favor. Como exposto, além de a Plon ter publicado as obras de Gheorghiu posteriormente traduzidas por Nemésio, viria a publicar, em 1953, a tradução francesa de

as traduções para russo e polaco – especialmente antes de existir uma tradução para inglês – poderão causar certa perplexidade. Não obstante, já em 1953, nove anos após a publicação da primeira edição de *MTC* em Portugal e ano da publicação da sua tradução para francês, o mensário *Ler* noticiava (Figura 1) que o romance de Nemésio iria ser “vertido em inglês, norueguês, dinamarquês e flamengo, para o que o seu autor já recebeu propostas de editores estrangeiros”¹².

De facto, tendo em conta a sua correspondência¹³, Nemésio parece ter recebido algumas propostas de tradução mesmo antes da publicação de *MTC* em francês, inicialmente intitulado *Le Serpent Aveugle (LSA)*, o que atribuía, ainda assim, ao prestígio da editora e da coleção francesas em que o romance viria a ser incluído.

Isso mesmo escreve a Gabriel Marcel, em carta de outubro de 1951 (E11/cx. 56), referindo que associava a proposta de uma editora norte-americana, a Macmillan, à garantia que “a sua amável escolha do meu romance para a coleção FEUX CROISÉS representa para o público anglo-saxónico”¹⁴.

Nesse mesmo mês, Nemésio escreve (E11/cx. 56) a Eleanor Daniels, representante da Macmillan, em resposta à sua carta de 20 setembro com proposta de tradução e publicação de *MTC* nos EUA. Nessa missiva, o autor procura estabelecer uma relação entre o seu romance/obra e a cultura/literatura norte-americanas. Para tal, começa por falar no “eco” que *Moby-Dick* deixara no canal do Faial e no recrutamento de açorianos pelos baleeiros norte-americanos; faz ainda referência aos seus contos de temática emigratória (dos Açores

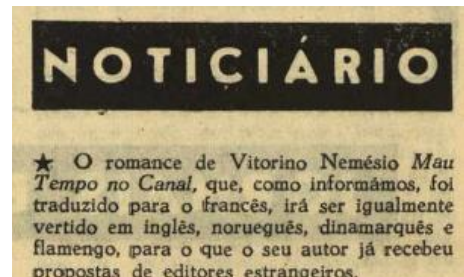


Figura 1 – Excerto do jornal *Ler*, Ano 2, n.º 16, julho de 1953.

MTC. A relação literária e cultural entre Nemésio e França será reconhecida ainda antes, em 1945, quando o autor se torna o primeiro presidente da Alliance Française em Portugal. Em carta desse ano (E11/1853), Georges Duhamel – então presidente da Alliance Française (e anteriormente diretor da revista e da editora Mercure de France, a que mais adiante se regressará), agradecendo a aceitação, refere que melhor escolha teria sido difícil: Nemésio é um dos amigos “mais vigilantes da França e da civilização francesa”.

¹² Disponível em <http://ric.slihi.pt/Ler/visualizador?id=20003.016&pag=6>. Acesso em 26-09-2022.

¹³ A correspondência citada no presente capítulo, nomeadamente com Eleanor Daniels, Maurice Bourdel, Gabriel Marcel, Georges Duhamel, Livja Flood Benatov e Robert Harben, encontra-se redigida em francês. Apenas a correspondência com James Clark foi redigida em inglês, sendo que as cartas de Isabel Meyrelles se encontram (como seria expectável) em português, bem como as de Denyse Chast. Em alguns casos, optei por traduzir as passagens para português, de modo a integrá-las no corpo de texto. Noutros casos, são mantidas no francês ou inglês originais.

¹⁴ Nemésio reforçará essa ideia, já em 1953, após a publicação da tradução francesa, em nova carta a Marcel (E11/cx. 41). Referindo-se, uma vez mais, à importância da coleção, admite que prova dela é o facto de, poucos dias após a publicação de *LSA*, ter recebido contactos da editora Gyldendal, de Oslo, e da Hutchinson & Co, de Londres, como adiante se verá.

para os EUA), “Ouro! Ouro” e “I’m very well, thank you!”; menciona Alfred Lewis, que vira nesse ano de 1951 o seu romance *Home is an Island* publicado pela Random House. Por fim, refere que *MTC* foca “um pouco o sentido geográfico e humano dos Açores como avançada história da Europa sobre o Novo Mundo” e afirma estar a corrigir a versão francesa do romance, salvaguardando que os direitos para os EUA estão livres. O projeto não viu, porém, a luz do dia, sem que me tenha sido possível apurar o motivo.

Em outubro de 1953, já após a publicação de *LSA*, parece surgir nova proposta de um editor americano. Em carta a Maurice Bourdel (E11/cx. 41), diretor geral da Plon, Nemésio refere-se à missiva em que aquele- (E11/813) o informava de que um “grande editor americano”, sem especificar, escrevera à Plon demonstrando interesse em negociar imediatamente os direitos de tradução de *LSA*. Nessa sua resposta, Nemésio afirma que o agente literário Helmut Meyer¹⁵, de Nova Iorque, já lhe havia proposto negociar a tradução para inglês, a publicar nos EUA, e eventualmente em Inglaterra e no Canadá. Refere ainda que, entretanto, a Editora Farrar recusara a proposta do agente por já ter o catálogo do ano fechado. Ainda que as restantes editoras em causa não sejam mencionadas, Nemésio afirma ter dado a Meyer permissão para se ocupar da colocação da obra no mercado americano, o que, novamente, não se concretiza.

Ainda nessa missiva, Nemésio procura negociar as comissões com a Plon e faz referência ao interesse manifestado por Bourdel em traduzir para francês o seu livro sobre os “jesuítas portugueses” (*O campo de São Paulo - A Companhia de Jesus e o plano português do Brasil*), publicado em Portugal em 1954, advertindo que pretende avançar com a redação da obra antes de enviar ao diretor as linhas gerais do plano de publicação. Também este projeto de tradução parece não ter visto a luz do dia.

Importa ainda discorrer sobre o interesse de uma outra editora na tradução de *MTC* para inglês, desta feita sediada em Londres. Trata-se da Hutchinson & Co¹⁶, que, na pessoa de James Clark, escreve a Nemésio em maio de 1953 (E11/1415) – ainda antes do caso anteriormente relatado – a indagar sobre os direitos da obra. Em resposta, Nemésio assegura: “I grant you option on the English language rights in my book *Mau Tempo no*

¹⁵ Agente literário (1912-2004) cujo espólio se encontra, em parte, na Universidade de Princeton. Cf. https://library.princeton.edu/special-collections/find/all/helmut%20meyer#catalog_block-catalog_pudl_results. Acesso em 18/07/2023.

¹⁶ Fundada em 1887, é hoje uma chancela da Cornerstone, propriedade da Penguin Random House. A editora publicou, por exemplo, algumas das primeiras traduções para inglês de obras de Vladimir Nabokov, bem como do filósofo Karl Popper.

Canal”, fazendo também referência à tradução para francês e ao interesse de um “editor americano”, o que o leva a pedir a Clark celeridade na resposta. Há ainda registo de um telegrama da Hutchinson & Co (E11/2583), de 10.6.1953, a agradecer o envio de *MTC* e *LSA*, mas, ao que tudo indica, os contactos terminam em agosto desse ano. James Clark informa (E11/1416) Nemésio de que: “we have reluctantly come to the conclusion that we would not be able to make you an offer for the English language rights. We are most grateful for this opportunity of seeing the work of a leading Portuguese novelist”.

Assim sendo, e apesar das várias manifestações de interesse, a notícia então avançada pelo mensário *Ler* não se concretiza, ainda que haja, de facto, registo de interesse numa possível tradução norueguesa e que Nemésio tenha também estado em contacto com um editor neerlandês. Com efeito, em maio de 1953, o autor recebe uma carta de Livja Flood Benatov (E11/680), representante, em Paris, da editora norueguesa Gylendal. Benatov afirma ter lido “*Mau Tempo no Canal*, em francês *Le Serpent Aveugle*”, que a encantou, e sugere a tradução para norueguês, propondo apresentar o romance à editora em Oslo.

Ainda no mesmo mês, Nemésio responde a Benatov, agradecendo o contacto e dando conhecimento do interesse das editoras inglesa e norte-americana. Propõe, por isso, que a resposta de Benatov seja rápida, para que a tradução para inglês não concorra com a edição de Oslo no mercado escandinavo. O contacto, porém, parece terminar por aqui.

No caso do neerlandês, no final de 1954, há registo de correspondência (E11/2533) com o agente literário Robert Harben a propósito de um artigo de Nemésio para o número de Natal do “principal semanário neerlandês” (*ibid.*) de Amsterdão, *Elsevier's Weeklab*. Harben (por intermédio de Stephanie Harben) agradece antecipadamente o envio de *LSA* e oferece-se para fazer o romance chegar a editoras inglesas, holandesas e alemãs, por ter “relações excelentes” com editores desses países. Já em 1955, Robert Harben diz enviar a Nemésio cópia do seu artigo publicado no semanário e afirma que, depois de ler o que Nemésio lhe escrevera sobre o livro (não especifica), seria preferível publicar excertos de livros de viagem (talvez Nemésio lhe tivesse já falado de *CI*, a publicar em Portugal em 1956) ou contos em jornais holandeses, caso estivessem traduzidos para francês, inglês ou alemão, pois o português seria uma língua conhecida de poucos neerlandeses, o que dificultaria a publicação em editoras e jornais do país. E assim parece cessar também esta comunicação.

Deste modo, entre os muitos projetos não concretizados, cerca de cinco décadas passariam até surgir uma tradução de *MTC* para língua inglesa. E, ainda se verá, em

circunstâncias editoriais bastante particulares. Relativamente a outras traduções da obra nemesiana, como se poderá constatar no quadro 1.2. do Anexo C (p. 192), a maioria foi publicada após a morte do autor. Trata-se, além disso, sobretudo, de traduções maioritariamente “avulsas” de poemas ou contos, incluídos em antologias, normalmente coletivas.

Entre elas, refira-se, por exemplo, a *Anthologie de la Poésie Portugaise du XIIe au XXe siècle*, organizada pela poetisa portuguesa radicada em França Isabel Meyrelles (1929-) e editada ainda em vida do autor, em 1971. Sabe-se que a preparação dessa antologia teve início muito antes, pois que, em agosto de 1955, Meyrelles escreve (E11/3343) a Nemésio apresentando-se e dizendo-se encarregada de realizar uma antologia a pedido da Librairie Plon. E afirma:

A parte que me compete na Antologia em questão é a escolha de poemas. Caso lhe interessasse, gostaria que fosse você a fazer a apresentação à moda de prefácio, dado o seu conhecimento da literatura portuguesa. Estimaria que se empenhasse na tradução de alguns poemas, em virtude da dificuldade que tenho tido em encontrar bons tradutores. Se tiver traduções de poemas seus em francês, gostaria que mas enviasse.

128

Mais tarde, em nova carta (E11/3344), os papéis parecem inverter-se e a autora envia a Nemésio as “traduções pedidas”, admitindo: “A sua poesia é extremamente difícil de traduzir e espero que goste das minhas traduções”.

Já em abril de 1957, Meyrelles escreve (E11/3345) a “reclamar-lhe o prometido prefácio para a Antologia”, pois “agora só esperamos por si... ansiosamente!”. Em setembro desse ano, uma última carta de Meyrelles (E11/3346) vem solicitar o prefácio, “pois o Editor está à espera para dar à impressão a Antologia”, acrescentando o seguinte:

Pedia-lhe encarecidamente o favor de me comunicar se continua disposto a escrever esse prefácio e quando posso contar com ele, caso contrário terei de pedir a outra pessoa para o fazer, pois já esgotei as minhas desculpas para com o editor, que espera desde Abril o malfadado prefácio.

Ora, o prefácio que Nemésio aparentemente prometera a Meyrelles nunca chegará¹⁷, e será a própria autora a assiná-lo, como o comprova a consulta da obra, de que constam as

¹⁷ Lembre-se que Nemésio se lamentava recorrentemente, nos escritos pessoais ou em correspondência, dos seus muitos deveres e compromissos. É, aliás, frequente encontrar, entre as cartas recebidas pelo autor, vários pedidos – de diversas pessoas – semelhantes aos de Meyrelles, o que atesta não só a sobrecarga a que Nemésio se votava, mas também alguma desorganização. Em carta a Mário de Castro (E11/cx. 41), de 4 de outubro de 1944, escreve: “Deixo-me afogar em mil e uma coisas que tenho para

traduções – nomeadamente da autoria de Meyrelles – de quatro poemas de Nemésio (cf. Anexo C, p. 196).

De realçar também a tradução de um dos contos de *O Mistério Paço do Milhafre* – intitulado “Cabeça de Boga” –, publicada na revista literária *Mercure de France*¹⁸, n.º 1056, de 1 de agosto de 1951. O conto de Nemésio – “La Bourrique” na versão francesa e também traduzido para inglês, por Kelly Washbourne, como “Fishhead”, como a seguir se verá, – é descrito, na revista, como “Conte açoréen traduit du portugais par Damien Saunal”. Esta tradução vem, aliás, mencionada na nota bibliográfica que Denyse Chast antepõe à sua tradução, na 1.ª edição francesa de *MTC*. Note-se que Nemésio considera “Cabeça de Boga” o seu melhor conto¹⁹ e o facto de Damien Saunal, professor universitário, ser seu amigo, como refere em carta de 1951 a Gabriel Marcel (E11/cx. 56), o que poderá ter influído na escolha do texto e, bem assim, do tradutor.

Mais recentemente, no que toca à tradução de excertos da obra nemesiana, em particular poemas e contos, destaque para a antologia *Vitorino Nemésio and the Azores* (2007). Com coordenação de Francisco Cota Fagundes (2007:xvii), o tradutor e académico justifica a seleção com as dificuldades que certos textos de Nemésio colocam à tradução:

As is well known, until today very little of Nemésio’s poetry has appeared in English translation, the exception being the poem “O Bicho Harmonioso,” translated by John Brooksmith and originally published in an issue of *Modern Poetry in Translation* and afterward included in the volume *Críticas sobre Vitorino Nemésio*. The translations featured in this issue amount to more than a dozen poems, including texts as famous and as challenging to a translator as “O Canário de Ouro,” “O Sonho Vivo,” and “Ode ao Mar,” (...). The choice of the three short stories in English translation—in this case the responsibilities for the selection belonging to the translator Kelly Washbourne and the guest editor—is based on our perception of their aesthetic quality and accessibility to translation, but also on an attempt to establish a thematic link between the chosen stories and Azorean e/immigrant experience in the US. The stories portray the latter

fazer e não faço e que se torna noutras tantas inibições. É uma forma de fadiga e de certa lassidão de nervos, mas também fruto de mau método e de vontade mal guiada.”

¹⁸ Importa referir que a revista literária *Mercure de France* tem por base uma gazeta francesa publicada pela primeira vez no século XVII, sob o título *Le Mercure Galant*. Após várias interrupções e diversas denominações, em 1724, o título da gazeta é definitivamente alterado para *Mercure de France*, tendo, no entanto, a sua publicação cessado em 1825. Já em 1890, o nome é reavivado por Alfred Vallette, tanto para uma revista literária, como (em 1894) para uma editora. Atualmente, apenas existe a editora *Mercure de France* – a que adiante se fará alusão –, uma chancela das Éditions Gallimard, que a adquiriu em 1958. O conto “La Bourrique” está disponível em: <https://www.retronews.fr/journal/mercure-de-france-1890-1965/01-aout-1951/118/4215883/76>. Acesso em 16/02/2023.

¹⁹ Em carta de julho de 1969 a Hélio Simões (E11/cx. 43), escreve Nemésio: “Sou fraco contista, em sentido formal e rigoroso: talvez o meu melhor conto seja “Cabeça de Boga” (...). É o antologado conto português/Portugália, e mereceu tradução (“La Bourrique”) de Damian [sic] Saunal in-*Mercure de France*”.

in its preliminary phase (“Fishhead”); they reveal Nemesio’s re-creation of some highly imaginary aspects of Azorean immigrant experience in the US (“I’m very well, thank you”); and they evoke key moments in American history, like the Gold Rush, with which Azorean migrations are intimately connected (“Gold! Gold!”).

Assim, segundo Washbourne (2007:353)²⁰, “[s]ome poems are simply prohibitive for a translation project (e.g., “Cantigas à Ilha Terceira”, from *Festa Redonda*, in part because their *portuguesidade* is tied so intimately to the mode of expression; their poetry lies *in* the word rather than resulting *from* it”.

Também aludindo à “intraduzibilidade” de alguma poesia nemesiana, Richard Zenith – que publicou na antologia *Portuguese Poetry after Pessoa* (Contexto 1998) uma tradução do poema “O Canário de Oiro” –, em entrevista ao *Asymptote Journal*²¹, refere que, na posterior antologia *28 Portuguese Poets* (Dedalus Press 2014), optou por não incluir Nemésio. Apesar de o considerar “talvez o único ‘poeta de brio’ a aparecer nos últimos anos da vida de Pessoa”, Zenith admite não se ter sentido capaz de captar realmente o poema, afirmando:

Vitorino Nemésio is very erudite. There are a lot of references woven into his poetry, but they're not obvious literary references. I think part of the problem is taking him out of the Portuguese context—the Portuguese language context. He plays tricks with the language that are so intricate, so subtle, it's as if you'd have to take the entire Portuguese language and transfer it over into English . . . and that's a bit of a challenge!

Talvez por isso sejam quase sempre os mesmos os poemas traduzidos, entre eles “A Concha”, “A Árvore do Silêncio”, “Arte Poética” ou “Outro Testamento”. Bastará constatar que, só em inglês, existem três traduções (de três tradutores) do poema “A Concha”. Contudo, também no caso de outras línguas, como o italiano e até o letão²², surgem estes poemas traduzidos. Em contrapartida, a explicação poderá também passar pela sua índole autobiográfica e representativa da escrita nemesiana. Note-se, além disso, que a maioria das traduções da obra nemesiana (cf. Anexo C, p. 192) incide na poesia e surge,

²⁰ Afirma ainda Washbourne (*ibid.*:354) que “[a] translator of Nemésio is an actor “playing” Nemésio”. Mas não será essa afirmação verdadeira para (quase) todos os tradutores?

²¹ Disponível em <https://www.asymptotejournal.com/interview/an-interview-with-richard-zenith>. Acesso em 07/10/2022.

²² Os poemas de Nemésio surgem, em letão, na *Antologia da Poesia Açoriana* (cf. p. 193 do Anexo C), traduzida pelo reconhecido autor e tradutor Leons Briedis, em coorganização, segundo informação peritextual, com o escritor açoriano Urbano Bettencourt. A obra contou com o apoio da Direção Geral do Livro e das Bibliotecas.

como se viu, em antologias coletivas, as quais – no caso da literatura açoriana – incluem também quase sempre os mesmos autores²³.

Importará ainda salientar, com base no mesmo quadro, um interregno na tradução de obras de Nemésio entre 1972 e 1983²⁴, sendo que 1978 foi o ano da sua morte. De facto, nessa década de 1970 – conturbada também a nível nacional –, Nemésio apresenta o programa televisivo *Se bem me lembro*, jubila-se e volta a enveredar (ou tenta) pelo jornalismo. Recorde-se que, em 1974, lhe foi atribuído o Prémio Internacional Montaigne, da Fundação Freiherr von Stein/Friedrich von Schiller de Hamburgo, o que poderia ter despertado algum interesse internacional pela obra nemesiana. Tal não parece ter sido o caso.

A partir do final dos anos 1980 (a nova edição da tradução francesa, já intitulada *Gros Temps sur l'Archipel*, surge em 1988), parece, sim, haver um reavivar do interesse na tradução da obra nemesiana, que se mantém nos anos 1990, década em que surgem as restantes traduções de *MTC*. Segue-se, contudo, nova pausa. A partir de 2007 parece novamente ressurgir o interesse, e de forma mais consistente, não só com a obra *Vitorino Nemésio and the Azores*, mas também com a edição de bolso, em 2014, da tradução francesa de *MTC* e com a nova edição da tradução para inglês, em 2019, pela Tagus Press, com distribuição em Portugal pela Letras Lavadas Edições (e com a provável edição da tradução para inglês de *Córsário das Ilhas* em 2025 ou 2026). Recorde-se também que, em 2018, teve início a republicação da *Obra Completa de Vitorino Nemésio*, em edição conjunta da Companhia das Ilhas e Imprensa Nacional-Casa da Moeda, com direção literária de Luiz Fagundes Duarte.

Das mais recentes aparições de obras de Nemésio em tradução, destaque é igualmente devido à publicação, em 2017, da antologia *Le Goût du Portugal*, no âmbito da coleção de bolso “Le Petit Mercure”, da editora Mercure de France. Dedicada a cidades e países (e, mais tarde, numerosos outros temas), a série “Le Goût de...” apresenta ao visitante/turista uma cidade ou país com base em excertos de romances, contos, peças de teatro, poemas, etc., sobre o local em questão. No caso de *Le Goût du Portugal*, a antologia, com seleção do jornalista e argumentista Jacques Barozzi, propõe visitar o país através de textos de diversos autores, entre eles José Saramago, Fernando Pessoa ou Vitorino Nemésio. Os textos são

²³ Designadamente Antero de Quental, Roberto de Mesquita, Natália Correia, Pedro da Silveira, João de Melo e, nas mais recentes antologias, Urbano Bettencourt, Victor Rui Dores ou Emanuel Félix.

²⁴ A título de curiosidade, note-se ainda que, entre 1973 e 1980, não houve também qualquer reedição de *MTC* em Portugal (cf. Anexo B, p. 168), embora Nemésio tenha publicado outras obras, como se viu no capítulo anterior.

truncados, não ultrapassando, geralmente, as duas páginas. Precedendo os excertos, lê-se uma breve apresentação do autor e/ou da obra de que se retira o excerto. No caso de Nemésio, o excerto apresentado contempla os primeiros quatro parágrafos do Capítulo VIII de *GTA*, intitulado “Schermo” tanto no TP, como no TC francês. O título atribuído ao excerto – supõe-se que da autoria de Barozzi, responsável pela seleção e apresentação dos textos – é “La mort aux Açores”, ou não discorresse sobre a peste no arquipélago. Tendo em conta a obra em que se insere o excerto – uma antologia-guia de Portugal –, não se tratará talvez do texto mais convidativo ou apelativo sobre o arquipélago os Açores, pelo que se poderia questionar a escolha deste excerto de entre os 37 capítulos de *MTC*. Ainda assim, o romance é apresentado como “obra maior da literatura do séc. XX” (Barozzi 2017:85), fazendo ainda menção ao conceito nemesiano de “açoréenneté” (*ibid.*).

Mais recente (2023) é o volume *Into the Azorean Sea*, antologia bilingue de poetas açorianos e açor-descendentes, da qual constam dois poemas de Nemésio (cf. Anexo C, p. 192). A tradução é de Diniz Borges, que reitera, em entrevista ao *Açoriano Oriental*²⁵, a importância de levar a literatura açoriana e portuguesa até aos EUA e, portanto, a relevância da tradução. O autor alude a uma vasta procura de conteúdos em inglês sobre Portugal, declarando que o intuito da antologia “era trazer a literatura e a poesia açoriana para os Estados Unidos. (...) Precisamos de cada vez mais literatura, quer seja especificamente dos Açores, quer seja de Portugal. (...) Precisamos de mais traduções” (*ibid.*).

Evidentemente, é real a possibilidade de existirem outros textos de Nemésio traduzidos, esparsos, a que não tenha conseguido ter acesso. Considero, contudo, que a lista de traduções apresentada é já exaustiva, bem como representativa do interesse pela obra nemesiana no estrangeiro, sendo dela possível retirar as ilações que foram sendo expostas.

Em suma, e em linha com Susan Sontag, no ensaio “The World as India”²⁶, a própria escolha de traduzir um texto é, como atrás se disse, já dignificá-lo, prestigiá-lo, podendo ser um importante indicador de receção da obra e uma afirmação do valor da própria literatura.

²⁵ Disponível em <https://www.acorianooriental.pt/noticia/bruma-publications-lanca-antologia-de-poetas-dos-acores-e-da-diaspora-acoriana-349935>. Acesso em 19/07/2023.

²⁶ Disponível em <http://www.susansontag.com/prize/onTranslation.shtml>. Acesso em 05/07/2023.

2. Os tradutores e as editoras de *Mau Tempo no Canal* em tradução

2.1. Denyse Chast e as edições francesas

Sobre Denyse Chast (1914-2007)²⁷ a informação é relativamente escassa. Como anteriormente sugerido, é essa uma das dificuldades de fazer história da tradução: obter informações sobre tradutores e traduções, sintoma e consequência, a um tempo, da invisibilidade de quem traduz e, por vezes, do que traduz.

Em virtude da sua tese de doutoramento, *Eugénio de Castro et le symbolisme français* (Sorbonne 1947), e da sua investigação sobre as relações entre a literatura francesa e a portuguesa²⁸, Chast é referida como investigadora e citada em alguns trabalhos académicos²⁹.

Denyse Chast é também autora do livro de poesia *Le Retour de l'Enfant Prodigue* (René Debresse 1953), cópia do qual envia a Nemésio em 1954, juntamente com a última missiva (de que há registo) que escreve ao autor (E11/2264). Parece também ter assinado três obras sob o nome Denyse Dalbian. São elas a biografia *Dom Pedro, Empereur du Brésil, Roi de Portugal (1798-1834)* (Plon 1959), o romance *La Châtelaine d'Almodovar* (Plon 1962) e a biografia de Giuseppe Balsamo *Le Comte de Cagliostro* (Éditions Robert Laffont 1983), além da tradução *La Vie et son Évolution* (Union générale d'éditions 1964), obra de F.H.T. Rhodes, a partir do inglês.

A associação entre Denyse Chast e Denyse Dalbian é abertamente estabelecida na resenha a *Dom Pedro, Empereur du Brésil, Roi de Portugal (1798-1834)*, assinada por Robert

²⁷ De acordo com informação associada à sua tese de doutoramento, na página da Bibliothèque Interuniversitaire de la Sorbonne, Chast terá nascido em 1914 e, segundo o site *Libra Memoria*, falecido em 2007. Informação disponível, respetivamente, em https://catalogue.bis-sorbonne.fr/iii/encore/record/C_Rb1391921_Sdenyse%20chast_Orightresult_U_X4?lang=frf&suite=cobalt e em <https://www.libramemoria.com/defunts/chast-denyse/ce29f2532c0749faa740e49c651293fc>. Acesso em 31/05/23.

²⁸ Cf., por exemplo, os artigos “Eugénio de Castro et Stéphane Mallarmé”, *Revue de Littérature Comparée*, n.º 21, 1947:243-253, e “Les écrivains français et la revue portugaise *Arte* (1895-1896)”, *Revue de Littérature Comparée*, n.º 24, 1950:94.

²⁹ A título de exemplo, veja-se a seguinte passagem da tese de doutoramento de Prune Iris Catteau, *Le Portugal à Paris, Médiations et représentations de 1880 à 1914*, apresentada à Université Laval, Québec, em 2017: “Les rapports franco-portugais – politiques, culturels, économiques, diplomatiques et littéraires – entretenus depuis plusieurs siècles ont suscité l'intérêt de nombreux chercheurs qui justifie cette étude sur la présence du Portugal à Paris. Pierre Bourdon, Jean-François Labourdette, Anne Gallut, Denyse Chast, Daniel-Henri Pageaux, Álvaro Manuel Machado, Pierre Rivas et Anne-Marie Quint sont les principaux spécialistes contemporains de ces échanges”. Disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/442656471.pdf>. Acesso em 21/10/2022.

Ricard (sob a indicação da afiliação *Sorbonne, Paris*, pelo que os autores se movimentariam nos mesmos meios) e publicada no n.º 1, Vol. 17, de *The Americas*, de julho de 1960. No texto, Ricard revela “Miss Denyse Dalbian’s (Denyse Chast) book has no pretensions of erudition (...). But the author (...) knows the world of Portuguese language very well”³⁰. O conhecimento de Chast relativamente à língua e cultura portuguesas é, aliás, corroborado por Nemésio em entrevista a João Alves das Neves, do mensário *Ler*, quando da deslocação do autor a Paris para o lançamento da tradução francesa de *Mau Tempo no Canal*: “Denyse Chast (...) conhece a fundo o português e tem uma vasta cultura”³¹, o que, de resto, a sua correspondência com Nemésio também evidencia.

O nome Denyse Chast surge igualmente associado a publicações em revistas de Direito, quer como tradutora, quer como autora de resenhas, nomeadamente em *Revue de Science Criminelle et Droit Pénal Comparé* e *Revue Internationale de Droit Comparé*³². Numa das publicações, Denyse Chast é identificada como tradutora de alemão e assistente de investigação no Centre Français de Droit Comparé³³.

Não obstante os diferentes campos de atuação e áreas de estudo, os aspetos mencionados parecem indicar tratar-se da mesma pessoa, cuja vida profissional tem como fio condutor o vínculo à prática da tradução, à língua e cultura portuguesas e à Plon, editora para a qual Denyse Chast traduziu também *Cangaceiros* (1956), de José Lins do Rego.

A Plon é então a primeira editora da tradução de *MTC* em língua francesa, com o título *Le Serpent Aveugle* (1953) [*A Serpente Cega*] e com uma tiragem de 60 exemplares, segundo informação peritextual, sendo que a obra passará posteriormente para as Éditions de La Différence, já sob título distinto, como se viu. A Éditions Plon surge inicialmente em 1845 pela mão da família Plon e o seu catálogo abrange, especialmente, três domínios: história política, literatura e ciências humanas. A coleção “Feux Croisés”, em que se insere a

³⁰ Disponível em <https://www.cambridge.org/core/journals/americas/article/abs/dom-pedro-empereur-du-bresil-roi-de-portugal-17981834-by-denyse-dalbian-paris-librairie-plon-1959-pp-295-2-maps-10-illus/FFF73A2A8FA22350A6ED00579062263C#article>. Acesso em 05/01/2023.

³¹ *Ler*, Ano 2, n.º 17, agosto de 1953, pp. 1-2. Disponível em <http://ric.slihi.pt/Ler/visualizador/?id=20003.017#>. Acesso em 13/1/2022.

³² Cf., por exemplo, a resenha, de 1965, à obra *Temas e Soluções* (Borsoi 1963), de Geraldo Bezerra de Menezes, disponível em https://www.persee.fr/doc/ridc_0035-3337_1965_num_17_2_14219, ou a resenha (1976) à obra *As Represálias, Estudo de História do Direito Português (Sécs. XV e XVI)* (Atlântida 1972), de Ruy de Albuquerque, disponível em https://www.persee.fr/doc/ridc_0035-3337_1976_num_28_3_16733. Acesso em 05/1/2023.

³³ Veja-se a nota de rodapé constante da página 108 do texto disponível em https://www.persee.fr/doc/ridc_0035-3337_1977_num_29_1_16848?q=denyse+chast. Acesso em 13/01/2023.

tradução de *MTC*, foi criada em 1933 e dirigida pelo filósofo Gabriel Marcel, assegurando a publicação de literatura estrangeira. A coleção existe ainda, como referido, sendo que, à época da publicação de *LSA*, incluía autores como Aldous Huxley, D. H. Lawrence, Sommerset Maugham ou Tennessee Williams. Atualmente, a coleção de literatura estrangeira da Plon contempla, por exemplo, obras de Norman Mailer e Salman Rushdie, continuando a integrar obras de Aldous Huxley, um dos primeiros autores publicados na “Feux Croisés”.

Como mencionado, a coleção era muito apreciada por Nemésio, que, na referida entrevista a João Alves das Neves, para o mensário *Ler*, elogiava a sua “consistência e alcance”. Nessa entrevista, o jornalista refere, por sua vez, que

conforme a tradição, [Nemésio deslocou-se a Paris para] assinar o seu livro aos colecionadores de autógrafos e ao público de Paris que passeia através dos cocktails literários. Aí foram organizadas algumas recepções em sua intenção, a que compareceram, entre outros, escritores e críticos, André Maurois, Gabriel Marcel (...).

Uma “operação” que Nemésio considera “mundana intimamente e latinamente ‘repugnante’” (*ibid.*). Além disso, o autor parece encarar a tradução do seu livro com – talvez excessiva – humildade, considerando que “o português não deve candidatar-se voluntariamente à língua alheia”, visto que “os nossos maiores escritores mal conhecem a voga estrangeira”. Nemésio menciona Antero de Quental e Fernando Pessoa como poetas que provocaram “versões ocasionais e restritas” em línguas estrangeiras e admite que os “editores de Paris” tendem a hesitar em publicar tais obras “sem apoio”.

Importará aqui fazer o paralelismo entre estas afirmações de Nemésio e o que virá a suceder durante largas décadas no âmbito da tradução da sua obra, especialmente a poética, que, conforme referido, é publicada esparsamente e, não raras vezes, com o apoio de fundações – o tal capital económico de que falava Bourdieu. De facto, assim era (e é?) a exportação de obras de autores portugueses para os mercados estrangeiros. A corroborar Casanova, Nemésio encarava o mercado editorial francês como ponto de partida da literatura portuguesa para outros mercados (anglo-saxão e escandinavo, nomeadamente), devido à fiabilidade do “aval literário de Paris” (*ibid.*). De facto, tratava-se do mercado literário dominante à época, em que o recurso à língua e cultura francesas era praticamente acrítico, o que se espelhava, por exemplo, na ausência de análise às traduções que chegavam de França.

Como se viu, o contacto entre Nemésio e a editora Plon parece remontar a 1937, quando Nemésio escreve a Gabriel Marcel³⁴, em nome do Instituto para a Alta Cultura, a fim de averiguar a possibilidade de lançamento de traduções de escritores portugueses em francês. Já o contacto entre Nemésio e Chast parece remontar a meados da década de 1940. Em carta de 4 de fevereiro de 1946 (E11/2257) – a primeira das sete existentes no espólio –, Denyse Chast (que, lembre-se, escreve em português), desculpando-se pelo atraso, agradece as indicações que Nemésio lhe deu para o seu “trabalho” e que foram uma “ajuda preciosíssima”. Declara ainda esperar “passar o doutoramento” nessa primavera. Conforme mencionado, a tese de doutoramento de Chast incidia em Eugénio de Castro e o simbolismo francês, sendo plausível que o “trabalho” a que se refere diga respeito à tese (datada do ano seguinte) e à sua investigação sobre as relações entre literatura francesa e literatura portuguesa³⁵, tendo, nesse âmbito, contactado Nemésio, possivelmente por intermédio de Georges Le Gentil, professor de Chast na Sorbonne e amigo de Nemésio, como parece sugerir a correspondência.

Ainda nessa carta, escreve Chast:

Li com imenso interesse *Mau Tempo no Canal* – a atmosfera tão empolgante que envolve as personagens, cuja sugestividade psicológica tanto atrai, tem qualquer coisa de hallucinante! As descrições das cenas tipicamente açorianas até me inspirou o desejo de conhecer estas ilhas! E também mergulhei outra vez nas suas poesias e espero ainda ter a ocasião de falar-lhe nelas. (...) Como falei ao senhor Le Gentil no seu romance, vou emprestar-lhe o exemplar que me obsequiou³⁶.

Desta passagem, diversas inferências se podem fazer. Primeiro, parece ter partido de Nemésio a iniciativa de facultar a Chast um exemplar de *MTC*³⁷, sendo que a futura tradutora do romance parece desenvolver pela obra um interesse imediato. Segundo, pelo menos à data, Chast nunca visitara os Açores. Terceiro, já conhecia a obra poética nemesiana. Na restante correspondência de Chast a Nemésio (a do autor para a tradutora não se encontra no espólio), Chast assume já o papel de tradutora de *MTC*.

³⁴ Mais tarde, numa outra missiva ao filósofo (E11/cx. 41), já de 1951, Nemésio alude ao “amigo comum” Pedro Moura e Sá, diretor do Teatro Nacional, dando a entender que fora ele a estabelecer relação entre o autor português e Marcel.

³⁵ Recorde-se, a este propósito, a obra de Nemésio sobre *Relações francesas do romantismo português e outros estudos* (Coimbra Editora 1936).

³⁶ Note-se que, nas suas primeiras missivas, Chast utiliza a ortografia anterior a 1911, o que poderá porventura indicar que começara a aprender português relativamente jovem, numa época em que a reforma ortográfica não estava ainda perfeitamente consolidada.

³⁷ Era frequente Nemésio apensar à sua correspondência exemplares da sua obra. O mesmo fará com *LSA*, especialmente para os seus correspondentes estrangeiros.

Refira-se ainda uma carta, de agosto de 1949, de Nemésio (E11/cx. 96) ao diretor da Plon (não especificado), em que o autor agradece a proposta de tradução do seu romance, fazendo menção a “Mademoiselle Susanne [sic] Chast” enquanto tradutora, bem como “antiga e distinta aluna”, na Sorbonne, “do amigo e colega Georges Le Gentil”. Nemésio pede antecipadamente para rever e comentar a tradução, pedido que será satisfeito³⁸.

Ainda nessa missiva, Nemésio comenta o valor proposto pela editora para os direitos da obra: 60.000 francos, pagos na assinatura do contrato e representando os direitos dos primeiros 5000 exemplares (em caso de reimpressão, seria necessário novo acordo). O autor afirma que o valor resulta da aplicação, ao seu livro, de um “barómetro muito modesto”, mas não se opõe, pois “figurar numa coleção de tal prestígio [“Feux Croisés”] é já uma grande compensação”. Uma tal atitude reflete a importância que teria para Nemésio a tradução do seu romance, em particular no mercado editorial francês, e a sua inclusão em “Feux Croisés”.

Conclui-se, assim, que a proposta de tradução de *MTC* partiu da Plon, embora não seja possível determinar de que forma teve a editora conhecimento do romance: poderá ter sido o próprio Nemésio a fazer-lho chegar – pois que, muito antes da publicação de *MTC* em Portugal, já estabelecera contacto com a Plon – ou alguém próximo de ambos, visto a rede de contactos entre a editora e o autor ser considerável³⁹.

Constata-se, portanto, e apesar da confusão com o nome, que Nemésio se correspondera com Denyse Chast antes de ela se tornar tradutora do romance. Aliás, considerando que Chast o lera já, poderá colocar-se a hipótese de ter sido Nemésio a sugerir o seu nome à Plon, sendo que, posteriormente, Chast continuará a colaborar com a editora, quer como tradutora, quer como autora, conforme se referiu.

Assim, em 1951, a Plon preparava já a publicação de *LSA*, pois na já mencionada carta a Marcel (E11/cx. 56), Nemésio agradece o envio do manuscrito da tradução, elogiando o conhecimento de Chast da língua portuguesa. Já em maio de 1953, após a publicação da tradução francesa, noutra carta a Marcel (E11/cx. 41), Nemésio agradece a primeira cópia

³⁸ Mais adiante se voltará à correspondência entre Chast e Nemésio, bem como ao tema da revisão de *LSA*.

³⁹ Recorde-se outro elo, já explorado, entre Nemésio e a Plon: a de tradutor para português de várias obras de Gheorghiu, autor publicado em França pela Plon. A escolha do tradutor português de Gheorghiu não terá sido, portanto, uma casualidade, dada a relação estabelecida entre a editora e Nemésio e considerando que o próprio autor romeno se coloca, depois, em contacto com o tradutor, para lhe agradecer o seu trabalho. Além disso, sabe-se que Nemésio enviou cópia da sua tradução de *A Vigésima Quinta Hora* a Gabriel Marcel, conforme carta de 11 de outubro de 1951 (E11/cx. 56).

de *LSA* e, novamente, o facto de o romance estar inserido na coleção “Feux Croisés”, “le guide le plus prestigieux du lecteur de romans étrangers en France et en Europe”. Aborda ainda as suas expectativas relativamente à receção do romance pela crítica francesa: “[a]ttendons les possibles réactions de la critique française, et Dieu veuille que mon livre puisse se conduire avec un minimum de décence et de sagesse en pareille compagnie.”

A resposta chegará alguns anos mais tarde, em dezembro de 1957, pela mão do diretor da Plon (E11/814). Maurice Bourdel informa Nemésio de que as vendas de *LSA* foram “honorable sans plus”, atribuindo à própria obra alguma responsabilidade: “comme vous me le disiez vous-même l’autre jour, il s’agit d’un roman un peu lent, qui manque d’action”. Ainda assim, Bourdel mantém a expectativa de voltar a editar um romance nemesiano, ressaltando que deverá ter em conta as objeções levantadas a propósito de *LSA*. Não obstante, como se sabe, não haveria outros romances de Nemésio a publicar.

No que toca à Éditions de la Différence (EDLD), que dará à estampa *Le Serpent Aveugle*, em 1988, sob o título *Gros Temps sur l’Archipel*, a editora foi fundada, em 1976, em Paris, pelo poeta português Joaquim Vital, juntamente com o filósofo belga Marcel Paquet e o escritor e historiador de arte francoamericano Patrick Waldberg, aos quais se juntou mais tarde, nesse ano, a escritora Collette Lambrichs-, como diretora literária. Fortemente dedicada à arte e à poesia, a editora publica Nemésio (*L’animal harmonieux et autres poèmes* 1994) também na sua conceituada coleção de poesia, “Orphée”, que inclui poetas clássicos e contemporâneos, como Homero, Virgílio ou Fernando Pessoa. A edição francesa de *O Bicho Harmonioso* conta com prefácio de Vasco Graça Moura, que prefaciara já *Gros Temps sur l’Archipel*. Por impulso de Joaquim Vital, a EDLD dá então voz a diversos autores portugueses (além dos citados, Eça de Queirós, Maria de Sá-Carneiro, Urbano Tavares Rodrigues, etc.), sem prejuízo de *Gros Temps sur l’Archipel* ter sido publicado, como vaticinara Nemésio, com o apoio do Centre National de Lettres e da Fundação Calouste Gulbenkian, de acordo com informação peritextual (cf. Anexo B, p. 171).

Inicialmente incluído na abrangente coleção de literatura francesa e estrangeira “Littérature”, o romance vê uma segunda edição no mesmo ano, 1988, desta vez inserido numa outra coleção, intitulada “Latitudes”, que apenas publica prosa de autores estrangeiros (entre eles, Sophia de Mello Breyner, Vergílio Ferreira ou Virginia Woolf). Em 2014, *GTA* é incluído na coleção de bolso Minos, criada em 2002 com vista a reeditar obras da EDLD que se haviam tornado inacessíveis (além de *GTA*, *Paysage sans bateaux*, de Maria

Judite de Carvalho, *Contes exemplaires*, de Sophia de Mello Breyner, ou *Une vie à Londres*, de Henry James, por exemplo).

Nesta medida, importará realçar as diversas edições que *MTC* tem conhecido no mercado francês⁴⁰, embora não seja despreciando o facto de França ser um dos cinco países que mais traduz literatura no mundo⁴¹, com cerca de 30 prémios de tradução atribuídos anualmente. Ainda assim, exporta mais literatura do que aquela que importa, sintoma da sua posição central no sistema literário internacional.

Ainda em relação à EDLD, após o súbito falecimento de Joaquim Vital em 2010, a editora enfrentará, alguns anos mais tarde, dificuldades financeiras, chegando a ser colocada em liquidação judicial em 2017, com Claude Mineraud na presidência e Lambrichs na direção literária. Em 2019, o Tribunal do Comércio de Paris reverte a decisão, permitindo que a editora retome a sua atividade. Quer o falecimento de Vital, quer a liquidação da editora, quer ainda a retoma da sua atividade foram noticiados na imprensa francesa⁴², nomeadamente no *Le Figaro* e no *Le Monde*, o que é revelador da importância da editora na vida literária e cultural do país.

Ao que foi possível apurar⁴³, desde 2021, a direção da editora está a cargo de Soufiane Bensabra e a direção literária a cargo de Ariana Saenz Espinoza. A casa editorial foi contactada diversas vezes, via correia eletrónico, a propósito da publicação de *GTA*, nomeadamente sobre determinadas alterações textuais e peritextuais, bem como sobre a tiragem do romance, mas nunca providenciou resposta, não dispondo, à data de submissão desta tese, de um *website* ativo. Trata-se, aliás, de uma dificuldade que Bourdieu (2008:127)

⁴⁰ Com base em dados encontrados em *websites* de venda de artigos (usados e não só), é possível que tenham existido reimpressões do romance em 1990 e 1995. Refiro-me a reimpressões, pois na ficha técnica da obra existe quase sempre a indicação de 2.^a edição. Por outro lado, a capa – como se poderá verificar através das ligações abaixo, bem como no Anexo B – difere das restantes, sendo que se poderá tratar também de uma sobrecapa. Como não foi possível ter acesso a qualquer exemplar com estas características, e considerando que, no que respeita às datas, poderá haver um lapso, estas eventuais reimpressões não serão tidas em conta na presente tese.

⁴¹ Cf. <https://www.unesco.org/xtrans/bsstatexp.aspx?crit1L=1&nTyp=min&topN=50>. Acesso em 03/06/2023.

⁴² Veja-se <https://www.lefigaro.fr/flash-actu/2010/05/10/97001-20100510FILWWW00479-1-editeur-joachim-vital-est-decede.php>, https://www.lemonde.fr/livres/article/2017/06/28/la-maison-d-edition-la-difference-placee-en-liquidation-judiciaire_5152563_3260.html e <https://actualitte.com/article/14735/distribution/sauvees-les-editions-de-la-difference-reviennent-avec-orphée-des-enfers>. Acesso em 27/01/2023.

⁴³ Cf. <https://entreprises.lefigaro.fr/soc-nouv-editions-litteraires-75/entreprise-439975814>, <https://www.livreshebdo.fr/article/changement-de-direction> ou <https://actualitte.com/article/101573/edition/ariana-saenz-espinoza-directrice-litteraire-des-editions-de-la-difference>. Acesso em 27/01/2023.

identificou, em particular no que se refere ao contexto editorial francês, denunciando “the extremely secretive attitude of a professional milieu that is ill disposed to the prying questions of outsiders and therefore disinclined to disclose (...) tactical information”.

2.2. Francisco Cota Fagundes e as edições norte-americanas

Francisco Cota Fagundes (1944-) é, dos tradutores de *MTC*, aquele de que de mais informação se dispõe, pois tem escrito exaustivamente sobre a sua experiência de tradutor do romance de Nemésio. Afirma-se não como tradutor profissional, mas como

tradutor académico de obras literárias. Mais especificamente, não traduzo para ganhar a vida (não sou tradutor profissional), pois, excepto num caso, não tenho sido remunerado pelas traduções que tenho feito. Aliás, o meu estatuto de professor catedrático de literatura portuguesa na minha universidade pouco ou nada tem beneficiado os meus esforços de tradutor. Então, poderão perguntar-se, porque traduzo? Traduzo por gosto. Só traduzo obras que estética e culturalmente me interessem. (2014a:234)

140

A tradução “por gosto” responde à questão, avançada por Pym (1998:167), “[w]hy would anyone dedicate themselves, body and soul, to such a task?” (à tradução, entenda-se), para a qual, aliás, o próprio sugere uma resposta: “Some kind of answer might be found in the biographical details.”⁴⁴ (*ibid.*). E assim é, pelo menos – ou também – neste caso.

Francisco Cota Fagundes é um tradutor com características particulares, não só por não ser remunerado, mas também porque, tendo nascido em Portugal, na mesma ilha de Vitorino Nemésio, traduz maioritariamente para inglês. Emigrado desde jovem nos EUA, após alguns anos de trabalho na lavoura no seio da comunidade portuguesa, foi nesse país que completou os estudos secundários e seguiu a via académica, tendo concluído o doutoramento, na UCLA, em Línguas e Literaturas Hispânicas. De 1967 a 2017, lecionou Português e Espanhol na UMass Amherst, bem como Literaturas Lusófonas Africanas e Literatura Brasileira. Desde 1966, vive no seio de uma comunidade não-portuguesa, pelo que o inglês – que estudou informalmente em Portugal e formalmente nos EUA – é a língua

⁴⁴ Curiosamente, Pym ilustra a sua afirmação com o caso de Henri Albert, tradutor – com origens germânicas – que via como sua missão divulgar a obra de Nietzsche em francês. Contudo, segundo Pym (1998:169), as motivações de Albert prendiam-se, precisamente, com aspetos biográficos: “In promoting Nietzsche, Albert’s overall strategy was to deny the Germanness of his source texts, making Nietzsche as anti-German and as pro-French as Albert himself”. Sobre tradução como manipulação, consultar Lefevere (1992a).

que utiliza, de modo diário, há mais de 50 anos. Por isso, adverte: “viver em duas línguas é viver entre duas línguas – com um pé numa e outro pé na outra. E o preço que se paga por isso é o nunca se estar com ambos os pés solidamente plantados... em nenhuma” (Fagundes 2014a: 237).

Por outro lado, Cota Fagundes, numa palestra realizada em 2022⁴⁵, admite: “I continue to be a native speaker of Portuguese, but with all the linguistic wear and tear that is to be expected in the case of someone who has lived away from that language for 60 years” (14:40). Ainda assim, quer por via do ensino, quer por via do contacto com a comunidade imigrante, o académico nunca se afastou totalmente da língua portuguesa.

Na mesma ocasião, e numa tentativa de responder à questão expressa no título da palestra, o tradutor (11:47) defende o seguinte:

a person is all the more apt to be a good translator the more he or she approximates the condition of being truly bilingual or bicultural. There are, I am sure, individuals who meet those criteria. Unfortunately, I am not one of them. (...) I am, at best, a person who is highly knowledgeable about two languages and two cultures. Portuguese language and culture, as spoken and lived in Portugal. And English language, as it is spoken in the US, and American culture.

141

A este propósito, importa retomar o conceito de direcionalidade, que, como se viu no Capítulo I, se aplica, *grosso modo*, à direção em que é realizada a tradução, incluindo para uma língua que não a nativa do tradutor. Ora, o paradigma do monolinguismo a que a prática da tradução esteve, durante tanto tempo, subordinada associa-se, como se viu, à ideia de uma única língua, partindo do princípio de que a existência de apenas uma língua nativa é a norma.

Ora, Apfelthaler (2020:154) refere que a tradução (mesmo a literária) para uma língua não nativa é mais comum do que se pensa, sendo que, por vezes, as dificuldades podem mais facilmente advir da combinação de línguas do que do facto de o tradutor não ser falante nativo da língua de chegada. Alguns autores (cf. *ibid.*) defendem até que os tradutores falantes não nativos da LC – e nativos da LP – estão numa posição de vantagem no que se refere à compreensão do TP (*ibid.*), o que, como se verá no capítulo seguinte, realmente parece ser o caso de Cota Fagundes em relação a Denyse Chast.

⁴⁵ Sugestivamente intitulada “Who Is More Apt to Translate – The Native of the Source Language and Culture, or the Native of the Target Language? Some Reflections”. Bristol Community College LusoCentro. 19 de outubro de 2022. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=WOvompmJ4FQ>. Acesso em 17/01/2023.

Apfelthaler (*ibid.*) advoga ainda: “directionality is only one factor among many, and no fundamental difference exists between translation into or out of the native language once the translator has reached a certain level of competence”. De novo, parece ser esse o caso de Cota Fagundes. E não só relativamente ao conhecimento linguístico, mas sobretudo cultural. Na verdade, admite que a principal qualificação que apresenta enquanto tradutor de Nemésio “é o facto de ter sido nado e criado nos Açores e de conhecer profundamente certos aspectos da realidade açoriana evocada (ou, se preferirem, recriada) em *MTC*” (Fagundes 2014:42). Corroborando Pym (1998:172), “translators are never simply ‘in’ a culture or society”.

Cota Fagundes é ainda tradutor de outras obras, não só de português para inglês, mas também de inglês para português. Neste último caso, as obras traduzidas constituem quatro autobiografias de açorianos emigrados nos EUA – Charles Peters, Lawrence Oliver, Laurinda C. Andrade e o próprio Cota Fagundes, que, portanto, se autotraduziu⁴⁶:

Se as minhas traduções do português para o inglês foram sempre motivadas pelo meu desejo profissional de levar um pouco da minha cultura de origem – a minha cultura erudita de origem, que estudei na América – ao meu país adoptivo (Jorge de Sena, Branquinho da Fonseca, poetas cabo-verdianos, Vitorino Nemésio, Agustina Bessa-Luís) – as minhas traduções do inglês para o português foram, todas elas, motivadas por um desejo de carácter não só intelectual mas também afectivo: levar ao povo dos Açores um pouco da nossa experiência emigrante. (Fagundes 2014a:242)

142

Assim, quanto às traduções de português para inglês, além de *MTC*, destacam-se *O Barão*, de Branquinho da Fonseca, uma antologia de poesia cabo-verdiana e a cotradução, com James Houlihan, de dois livros de poesia de Jorge de Sena, *Metamorfoses* e *Arte de Música*. Cota Fagundes afirma mesmo, na já referida palestra (2022:23:02), que estes últimos constituem os trabalhos de tradução mais difíceis que já teve entre mãos, a par de *MTC*.

Foi, aliás, a editora Gávea-Brown a propor a Cota Fagundes a tradução do romance de Nemésio: “I only translate books that I like. (...) With two exceptions, I have always chosen the books that I translated. And those exceptions include *Stormy Isles*” (*ibid.*:21:28), tendo

⁴⁶ Refira-se que, quanto ao processo de autotradução, Cota Fagundes considera que “não é tão simples como se possa pensar” (2022:29:19). Isto porque, apesar de o autotradutor conhecer o significado e as interpretações do que é dito, não devendo, portanto, “ter problemas em pintar a mesma história uma segunda vez” (*ibid.*:29:31), a história é precisamente a do próprio tradutor, que não tem de lhe ser “fiel” (*ibid.*:29:47). Por conseguinte, segundo Cota Fagundes, o autotradutor pode aproveitar a oportunidade para melhorar ou alterar o seu texto, o que o leva a questionar se essa opção não constitui uma traição da confiança do leitor da primeira versão. Por este e outros motivos, para a sua segunda autobiografia, decidiu não se traduzir.

partido para a tradução “com o propósito de *captar e traduzir* a Açorianidade do romance” (Fagundes 2014:33), o que “influencia directamente determinadas opções tradutórias” (*ibid.*), ou não se tratasse do “principal exemplar ficcional da açorianidade” (2022:32:28).

À semelhança do que sucede com o TC francês, também o TC de língua inglesa se vê publicado por editoras diferentes (embora com mais similitudes entre si do que as editores francesas). A primeira editora de *Stormy Isles: An Azorean Tale (SI)*, a Gávea-Brown Publications (que, entretanto, se fundiu com a Tagus Press⁴⁷, a segunda editora da tradução do romance, em virtude da aposentação do seu principal responsável, Onésimo Teotónio Almeida), foi fundada em 1980, no contexto do então Centro de Estudos Portugueses e Brasileiros da Universidade de Brown (hoje Departamento⁴⁸). Tinha como objetivo dar a melhor conhecer a literatura e a cultura portuguesas ao mundo de língua inglesa.

Como afirma o fundador da editora, em artigo de opinião publicado, em outubro de 2022, no *Diário dos Açores*⁴⁹, na época do estabelecimento da editora, praticamente não existiam obras literárias portuguesas/açorianas nos EUA:

o panorama editorial de obras portuguesas nos EUA era limitadíssimo e, no que respeita a obras açorianas, mesmo nulo. (...) A Gávea-Brown não se dedicava exclusivamente à tradução de autores do arquipélago, contudo teve desde o início a intenção de incluí-los no seu programa editorial. Surgiram assim as traduções de *Mau Tempo no Canal*, de Nemésio; *Pedras Negras*, de Dias de Melo; duas antologias de poesia açoriana (*The Sea Within* e *Voices from the Islands*); e ainda *A Viagem Possível*, de Emanuel Félix. Mas editámos também muitas obras da literatura portuguesa, desde Fernando Pessoa a Miguel Torga. E até publicámos Camilo Castelo Branco – *Amor de Perdição* – pois Camilo até então nunca tinha sido traduzido para inglês. A intenção era sermos supletivos: publicar obras com valor, mas que não haviam atraído as atenções das grandes editoras norte-americanas.

Ora, em 1995, Lawrence Venuti ([1995] 2005) alertava já para o reduzido mercado da tradução para língua inglesa, o que Kung (2009:127), mais recentemente, confirma no que se refere ao mercado dos Estado Unidos: “By and large, translated foreign literature has a

⁴⁷ Consequentemente, as obras de literatura açoriana publicadas pela Gávea-Brown serão reeditadas pela Tagus Press, e as restantes pela Dilúvio Editora.

⁴⁸ O Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros da Universidade de Brown é ainda responsável pela publicação anual da *Gávea-Brown: Revista Bilingue de Letras e Estudos Luso-Norte-Americanos*, que, contando com o apoio da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD), tem como diretores, precisamente, Onésimo Teotónio Almeida e Francisco Cota Fagundes.

⁴⁹ Disponível em <http://diariodosacores.pt/NewsDetail/ArtMID/380/ArticleID/10111/Bellis-Azorica-a-s233rie-de-livros-a231orianos-em-tradu231227o-nos-EUA>. Acesso em 01/02/2023.

small market and low reception in the United States”⁵⁰. O resultado é um lucro reduzido, o que não encoraja as editoras a traduzir e publicar literatura estrangeira (*ibid.*).

Daí que a publicação de *MTC* no mercado norte-americano tenha demorado tanto a vir a público e tenha partido de editoras académicas com particular interesse em literatura de língua portuguesa. Como sugere Kung (2009:130), “for a university press, profit may not be a priority, yet seeking financial support from other organizations is crucial to the business”. De facto, assim é, pois ambas as publicações da tradução contaram com o apoio do Governo Regional dos Açores. Além disso, como referem Milton e Bandia (2009:8), “academic and literary power relations will certainly have a great deal to do with who gets published”. Nesse sentido, refira-se que a primeira edição de *MTC* em língua inglesa – lançada em 1998, com uma tiragem de 2000 exemplares nos EUA e outros 2000 em Portugal – contou com uma “contribuição generosa” da Direção Regional da Cultura do Governo Regional dos Açores, conforme informação peritextual (cf. Anexo B, p. 181).

Mas também encontrar tradutores para estas obras é complexo e, atestando as anteriores afirmações de Cota Fagundes, refere Almeida no mesmo artigo:

Não é grande a rede de tradutores capazes de bem traduzir obras de literatura portuguesa para inglês. Os poucos existentes são muito solicitados e têm de ser pagos. Já lá vai o tempo em que voluntários se sacrificavam por amor à causa empenhando-se nesse labor. Foi assim com todos os tradutores da Gávea-Brown. Excetuadas as reedições que a Tagus Press está a levar a cabo das anteriores edições da Gávea-Brown, os tradutores atuais faturam e têm direito a isso pois a tradução de um livro é trabalho longo e penoso que não se coaduna com amadorismos. Nos EUA, é mesmo uma atividade profissional compensada segundo uma bitola bem mais elevada do que a portuguesa.

Assim, é inegável a utilidade de uma rede intercultural de agentes de tradução, que estabelecem a ponte entre a CP – no caso, a cultura da sua origem – e a CC – a cultura que

⁵⁰ Contudo, de acordo com o site governamental *Share America*, o número de traduções publicadas nos EUA tem vindo a aumentar, o que parece suceder também com os prémios de tradução no país. Tome-se como exemplo os diversos prémios estabelecidos pela American Literary Translators Association (ALTA) (cf. <https://share.america.gov/americans-read-more-including-literature-in-translation/> e <https://www.literarytranslators.org/awards>. Acesso em 13/06/2023).

Segundo a *Publishers Weekly* – que recentemente criou uma base de dados de tradução incluindo todas as obras de ficção, não-ficção, poesia e literatura infantil traduzidas para inglês e publicadas nos EUA após janeiro de 2008 –, entre 2008 e 2022, foram publicadas cerca de 7600 obras de ficção e poesia em tradução nos EUA, sendo o francês, o espanhol e o alemão as línguas de partida mais comuns. Não se tratando de um número muito significativo, especialmente tendo em conta o espaço temporal das publicações, a criação da própria base de dados parece já ser um sinal de valorização da literatura traduzida no país. Cf. <https://www.publishersweekly.com/pw/by-topic/international/london-book-fair/article/92072-london-book-fair-2023-the-u-s-translates-a-huge-range-of-books.html>. Acesso em 05/05/2023.

habitam. De acordo com Kung (2009:134), “subvention network, formed by agents who are in both the source and target cultures and who have individual social power, can be effective in translating and exporting a lesser-known literature”, alertando, porém, para as limitações de uma tal rede: “it produces translations that still conform to the target culture’s expectations” (*ibid.*:135). Não será, porém, esse o caso de *SI*, em que a prioridade é traduzir “açorianamente”. Ainda assim, o leitor não é esquecido, espelho da particular condição de “biculturalidade” de que parte o tradutor.

Já a segunda publicação da tradução para inglês de *MTC*, que surge em 2019 – com uma tiragem de 500 exemplares nos EUA –, vem incluída na coleção “Bellis Azorica” da Tagus Press, com indicação de copublicação com a Gávea-Brown Publications.

Também editora universitária, neste caso afeta ao Centro de Estudos e Cultura Portuguesas da Universidade de Massachusetts Dartmouth, a Tagus Press afirma-se como: “leader in bringing Portuguese literature, history, and culture to an English-speaking audience; [its] groundbreaking translations and journals address both Portuguese life abroad and in the United States.”⁵¹

A coleção “Bellis Azorica”, que tem Mario Pereira e Onésimo Teotónio Almeida como editores, dedica-se, de acordo com informação disponibilizada na mesma página, à literatura, cultura e história dos Açores: “The series focuses on publishing new translations and reissuing out of print translations of classic works of literature, poetry, and essay” (*ibid.*). Além de *SI* – o volume inaugural –, a coleção contempla diversas obras de autores açorianos, açor-descendentes e/ou sobre os Açores⁵².

⁵¹ Disponível em https://www.umasspress.com/books/partners/tagus-press/?series=bellis-azorica&page_number=1&publisher=tagus-press. Acesso em 31/01/2023.

⁵² São elas *Poems in Absentia & Poems from the Island and the World* [*Poemas Ausentes e poemas de A Ilha e o Mundo*], de Pedro da Silveira (2019, trad. George Monteiro); *Smiling in the Darkness* [*Sorriso por Dentro da Noite*], de Adelaide Freitas (2020, trad. Katharine F. Baker *et. al.*); *The Unknown Islands* [*As Ilhas Desconhecidas*], de Raul Brandão (2020, trad. David Brookshaw); *Dark Stones* [*Pedras Negras*], de Dias de Melo (2022, trad. Gregory McNab); *Sonnets and Selected Poems* [*Sonetos e Poemas Seleccionados*], de Antero de Quental (2023, trad. Aubrey F. G. Bell, Roy Campbell, Richard Garnett, George Monteiro, S. Griswold Morley, Fernando Pessoa, Edgar Prestage e Richard Zenith), bem como *In America, I discovered I was European* [*Descobri que era Europeia*], de Natália Correia (2023, trad. Katharine F. Baker e Emanuel Melo). Publicações futuras incluem, segundo o artigo, *Corsário das Ilhas*, de Nemésio, com tradução de Scott Edward Anderson, e um volume sobre a História dos Açores, por J. G. Reis Leite. Onésimo Teotónio Almeida admite ainda que também vários autores mais jovens têm abordado a editora. Contudo, para já, “há que divulgar os clássicos, os autores do cânone açoriano. Depois (...) iremos aos mais recentes”, o que se poderá afigurar algo redutor no que respeita ao futuro da literatura açoriana.

Refira-se que o lançamento oficial da coleção “Bellis Azorica” decorreu em agosto de 2022, em New Bedford, no estado de Massachusetts, onde se encontra a maior comunidade portuguesa dos EUA⁵³. De facto, segundo o editor Mario Pereira⁵⁴, a coleção, sendo a única exclusivamente dedicada aos Açores no mundo de língua inglesa, poderá ajudar a compreender a diáspora açoriana. O lançamento contou mesmo com a presença do Presidente do Governo Regional dos Açores, que salientou a importância das traduções para a valorização da “identidade dos Açores nos EUA”⁵⁵.

À luz do exposto, poder-se-á concluir que a literatura açoriana traduzida e publicada nos EUA – e, na verdade, grande parte da literatura portuguesa traduzida e publicada no estrangeiro – conta com o apoio de instituições (governos, fundações, entre outros) e que a sua publicação se deve, na maioria das vezes, à iniciativa de um agente associado à CP, neste caso, portugueses na diáspora.

Note-se também que os tradutores de literatura açoriana para inglês parecem ser, na sua maioria, de ascendência açoriana (nomeadamente Katharine F. Baker, Scott Edward Anderson e George Monteiro), senão mesmo açorianos (designadamente Francisco Cota Fagundes e Onésimo Teotónio Almeida). Tudo isto atesta a fraca capacidade de exportação cultural (Heilbron 1999) da literatura açoriana, em particular, e da portuguesa, em geral, o que advém da sua condição periférica (Even-Zohar 1990), por ser proveniente de uma pequena região/nação e, portanto, com limitado capital económico e simbólico/literário.

Nesta medida, uma notável exceção é o escritor açoriano João de Melo, daí merecer que, nesta tese, lhe dedique alguns parágrafos. Dois dos seus romances – *O Meu Mundo não*

⁵³ Mais de 143 mil pessoas em 2020, de acordo com dados do American Community Survey, do United States Census Bureau.

⁵⁴ Cf. <https://eu.heraldnews.com/story/news/2022/08/31/president-azores-joins-center-portuguese-studies-and-culture-celebrate-creation-bellis-azorica-book/7949817001/>. Acesso em 01/02/2023.

⁵⁵ Cf. <https://observador.pt/2022/08/30/traducoes-para-ingles-de-obras-acorianas-ajudam-a-valorizar-identidade-dos-aco-res-nos-eua/>. Acesso em 26-09-2022.

O Governo Regional dos Açores, aliás, apoia financeiramente esta coleção e outras semelhantes, sendo que o principal investimento é da Universidade de Massachusetts Dartmouth e do Governo de Massachusetts. O apoio do executivo regional é, segundo Onésimo Teotónio Almeida, no já citado artigo, “sobretudo simbólico, a fim de se demonstrar à Universidade e ao Estado de Massachusetts que a nossa iniciativa era reconhecida e apreciada pelos Açores” e “destina-se exclusivamente a pagar as traduções”. Almeida esclarece ainda que “os livros são oferecidos a editoras açorianas [Companhia das Ilhas e Letras Lavadas – cujo mote é precisamente “Expandir a Açorianidade no Mundo”], para que os imprimam e distribuam, a fim de serem colocados ao alcance dos turistas interessados”. Curiosamente, em 1972, em entrevista à RTP, admitia Nemésio que, estando *MTC* de tal modo “impregnado da atmosfera insulada”, poderia o “turista curioso complementa[r] a sua visão lendo o livro” (01:51). Disponível em <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/entrevista-a-vitorino-nemesio-iii/>. Acesso em 15/02/2023.

é deste Reino (Assírio & Alvim 1983) e *Gente Feliz com Lágrimas* (Publicações Dom Quixote 1988) – foram traduzidos para inglês pelos conceituados tradutores Gregory Rabassa⁵⁶ e Elizabeth Lowe (com Deolinda Adão), respetivamente, sob os títulos *My World is not of this Kingdom* (Aliform 2003) e *Happy People in Tears* (Tagus Press 2015).

Foi por insistência do próprio Rabassa que se concretizou a tradução para língua inglesa de *O Meu Mundo não é deste Reino*. Nas suas memórias, *If This Be Treason* (New Directions 2005), Rabassa explica que fora uma sua antiga aluna, a Professora Adelaide Batista – novamente uma agente associada à CP –, a enviar-lhe o romance de João de Melo. Ao lê-lo, sentiu que tinha de o traduzir: “[a]s I read the book, I kept saying to myself ‘I’ve got to do this, it’s asking me to translate it. So I went about translating the novel completely on my own” (Rabassa 2005:170), significando que iniciou a tradução por sua conta, sem editora assegurada. Mas, só anos mais tarde, um antigo aluno de Rabassa dá à estampa a tradução, na sua editora Aliform, com vasto catálogo de autores de língua portuguesa (brasileiros, por exemplo) e língua castelhana (nomeadamente mexicanos). Atestando o renome do tradutor, este vem indicado na capa, sendo que o volume conta ainda com introdução de Katherine Vaz, autora norte-americana de ascendência açoriana (também com obra publicada pela Aliform). Vaz contribuiu também para a revisão da tradução, assim como Onésimo Teotónio Almeida, explica Rabassa nas suas memórias (*ibid.*).

Já a tradução para inglês de *Gente Feliz com Lágrimas* (*GFL*) pertence à Coleção “Portuguese in the Americas”, da Tagus Press (pelo que conta também com o apoio do Governo Regional dos Açores). No entanto, os capítulos 1 e 2 da tradução haviam já sido publicados, em 2000, na revista online *Margin: Exploring Modern Magic Realism*, segundo informação peritextual.

O romance recebeu diversas e importantes distinções, nomeadamente o Grande Prémio de Novela e Romance da APE, o Prémio Fernando Namora, o Prémio Cidade de Lisboa/Eça de Queiroz, o Prémio Internacional Cristóvão Colombo das Cidades Capitais Ibero-Americanas e o Prémio Livro do Ano da Antena 1⁵⁷.

⁵⁶ Também tradutor de António Lobo Antunes, além de muitos autores conceituados de língua castelhana, nomeadamente o Nobel da Literatura Gabriel García Márquez. Em 2011, em Washington, Rabassa foi agraciado pelo antigo Presidente da República Portuguesa Aníbal Cavaco Silva com a Ordem de Mérito.

⁵⁷ Curiosamente, na introdução a *My World is not of this Kingdom*, Katherine Vaz refere que estes prémios foram atribuídos a esse romance, numa aparente confusão entre *O Meu Mundo não é deste Reino* e *Gente Feliz com Lágrimas*.

Talvez por isso o romance tenha alcançado significativa exposição internacional, sendo primeiramente traduzido para neerlandês (*Gelukkige Mensen met Tranen*, de Prom 1991), com tradução de Hennie Bos. Um ano depois, surge a tradução castelhana, de Eduardo Naval, com edição da Alfaguara. Em 2002, a mesma editora publica nova edição do romance, bem como *Antología del cuento portugués*, traduzida por Mario Merlino. Três anos depois, a editora Linteo publica uma antologia de dezoito histórias de João de Melo, sob o título *Crónica del principio y del agua y otros relatos*, numa tradução de María Tecla Portela. Em 2007, publica também *Mi mundo no es de este reino*, traduzido por Rebeca Hernández Alonso, ainda responsável pelas traduções de *Autopsia de un mar de ruinas* (Texto Editores 2007) e *Mar de Madrid* (Linteo 2009)⁵⁸.

Além do neerlandês e castelhano, *Gente Feliz com Lágrimas* foi ainda vertido para francês (*Des gens heureux parmi les larmes*, Actes du Sud 1993) por Claude Barousse; para alemão (*Glückliche Menschen mit Tränen*, TFM 1997), traduzido por Maralde Meyer-Minnermann, numa edição apoiada pelo Instituto Camões; em 1997, surge também a tradução romena (*Oameni Fericiți Printre Lacrimi*, Editura Univers 1997) e, em 2000, a versão búlgara, com tradução de Plamen Oushev. Por fim, é publicada a tradução para italiano (*Gente felice con lacrime*, Cavallo di Ferro 2007), da autoria de Clelia Bettini. Antes ainda, haviam surgido as traduções italianas de *Autopsia de un mar de ruínas* (*Autopsia di un mare di rovine*, Cavallo di Ferro 2005), por Agnese Purgatorio, e de *Antologia do conto português* (*Antologia del racconto portoghese*, Cavallo di Ferro 2006), por Vincenzo Barca.

É de notar que, à semelhança do que sucede com *MTC*, e talvez ao contrário do que seria expectável, o romance *Gente Feliz com Lágrimas* é traduzido para línguas tão diferentes como neerlandês e romeno antes de ser traduzido para inglês. De facto, a literatura parece sempre demorar mais a chegar ao inglês, apesar da forte presença portuguesa e açoriana nos EUA (e no Canadá) e de os romances em causa versarem temas da diáspora. Talvez a própria diáspora não se interesse por literatura que procura representar a sua experiência, ao que poderá não ser indiferente o nível de literacia de algumas comunidades. Além do baixo consumo de literatura traduzida nos EUA, em particular, também a distância geográfica e a disparidade entre o sistema literário central norte-americano e o periférico português poderão ajudar a explicar a demora na entrada nesse mercado editorial, em

⁵⁸ Informação disponibilizada no *Diccionario Histórico de la Traducción en España*: <https://phte.upf.edu/dhte/portugues/melo-joao-de/>. Acesso em 08/02/2023.

contraste com outros mercados mais reduzidos e também periféricos, como o neerlandês e o romeno.

Considerando que ambos os romances traduzidos para língua inglesa – *My World is not of this Kingdom* e *Happy People in Tears* – têm os Açores como pano de fundo e versam sobre temáticas da vivência açoriana – e mesmo tendo o romance *Happy People in Tears* sido publicado também pela Tagus Press –, o que justifica a diferença de tratamento entre estas obras de João de Melo e a de outros autores açorianos, como Nemésio, ao nível da escolha de tradutores ou mesmo de volume de tradução (João de Melo tem mais obras traduzidas e para mais línguas)? Poder-se-á, porventura, dizer que tradução gera tradução.

Por outro lado, os autores portugueses – especialmente vencendo prémios nacionais e internacionais – terão hoje uma maior visibilidade. A própria literatura portuguesa tem hoje outra visibilidade desde que José Saramago venceu o Prémio Nobel da Literatura, em 1998 (o que não, explica, porém, as traduções de *GFL* anteriores a essa data).

Seja como for, e de acordo com Kung (2009:135), na linha de Cronin, Tzymocko e Venuti, “[l]iterary translation has become a useful tool for identity recognition and cultural transmission, especially when a culture that is perceived as weak or small attempts to export its literature to the dominant culture”.

2.3. Liliana Brevern e a edição russa

Liliana Brevern (1929-?) – também, por vezes, grafado Liliani Brieviern –, “lusitanista de longa data”⁵⁹ de nacionalidade russa, é tradutora de diversos autores de língua portuguesa. A título de exemplo, Brevern traduziu, de Jorge Amado, *O gato malhado e a andorinha sinhá; Gabriela, Cravo e Canela* (anteriormente traduzido, em 1961, por Iúri Kalúguin) e *Tereza Batista, Cansada de Guerra*, traduções publicadas em 1980, 1982 e 1997, respetivamente, pela Editora de Literatura Estrangeira e pela Editora Lokid⁶⁰.

Brevern traduziu também *São Bernardo* (1934), de Graciliano Ramos, tradução publicada em 1977 igualmente pela Editora de Literatura Estrangeira; *Sombras de Reis Barbudos* (1972), de José J. Veiga, com publicação em 1981 pela Editora Literatura de Ficção (tradução literal de Khudozhestvennaia Literatura, que publicará a tradução de *MTC*); no mesmo ano, *O Trigo e o Joio*, de Fernando Namora, e, em 1983, *Jorge, um brasileiro* (1967), de Oswaldo França Júnior, publicado pela Editora de Literatura Estrangeira.

Já em 1990, é novamente a Khudozhestvennaia Literatura que edita a tradução, da autoria de Brevern, de *Barranco de Cegos*, de Alves Redol, e, no mesmo ano, a sua tradução de *MTC, Niepogopa v prolivie*. Em 1994, pela mesma editora, são publicadas as suas traduções (em cotradução com Nadezda Poljak) de *O Primo Basílio*, *O Mandarin* e *A Relíquia*, de Eça de Queirós⁶¹.

O investigador Michael Anthony Lavery, que, na sua tese de doutoramento⁶², discute o papel da editora Khudozhestvennaia Literatura na divulgação de literatura estrangeira na

⁵⁹ Expressão do jornalista José Milhazes, no seu blogue, na entrada “Festa da língua portuguesa em Moscovo”, de 24 de abril de 2009: <http://darussia.blogspot.com/2009/04/festa-da-lingua-portuguesa-em-moscovo.html>. Acesso em 31/05/2023. O jornalista foi contactado por via eletrónica, não dispondo, contudo, de mais informações sobre Brevern.

⁶⁰ Informações disponibilizadas nos seguintes trabalhos: *Literatura Brasileira na União Soviética: Políticas Editoriais e Traduções* (2021), de Marcos Viola Cardoso, disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/246503/001131799.pdf?sequence=1>; *Caso Jorge Amado: O poder soviético e a publicação de Gabriela, Cravo e Canela* (2020), de Marina Fonseca Darmaros; *O Significado e o Sentido na Unidade da Tradução* (2010), de Elena Beliakova e Zoia Prestes, disponível em <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3648>. Acesso em 16/01/2023.

De referir que, nestes últimos dois trabalhos, algumas escolhas tradutórias de Brevern são alvo de críticas, por alegadamente contribuírem para alterações significativas ao nível da representação das personagens (cf. página 222 e página 5, respetivamente).

⁶¹ Cf. [Index Translationum](#).

⁶² *Soviet Translations of Latin American Literature, 1956–1991*, apresentada, em 2021, à Universidade da Califórnia, Los Angeles. O investigador foi contactado via eletrónica e forneceu diversas informações sobre a editora Khudozhestvennaia Literatura, bem como sobre Brevern, que, em 2019 – ano em que Lavery entrevistou alguns colegas da tradutora em Moscovo –, estaria ainda viva.

URSS, menciona, no seu trabalho, Liliana Brevern e o seu livro de memórias *Sud'ba, sud'boiu, o sud'be...* (Tsentr knigi Rudomino 2014)⁶³.

Em correspondência eletrônica, Lavery começa por fornecer-me um sumário do percurso de Brevern enquanto revisora e tradutora de língua portuguesa:

Brevern became a translator of Portuguese in a rather unusual fashion. She learned Spanish as a university student in linguistics and worked in radio, where she helped prepare broadcasts in Spanish. She was then asked to work on Portuguese-language broadcasts. At some point, she improved her Portuguese working as an interpreter for a visiting cardiologist from Brazil. Afterwards, she worked for the news agency TASS, and then for the Izdatel'stvo literatury na inostrannykh iazykakh (the Publishing House of Literature in Foreign Languages). In 1963, the translator Elena Iakuchanis invited her to work at Khudozhestvennaia Literatura. The head editor of the editorial board for Spanish- and Portuguese-language literature, Valerii Stolbov, convinced her to join despite her warnings that she knew nothing about literature.

Segundo o investigador, Brevern (2014:225-7) afirma que, em 1976, realizou uma viagem de duas semanas a Portugal no âmbito da Associação de Amizade URSS-Portugal (*Obshchestvo druzhby SSSR – Portugaliia*). Apesar de não ser membro do partido comunista, devido à sua origem familiar nobre, foi convidada a participar nessa viagem enquanto especialista em língua portuguesa. Durante a sua estada em Portugal, Brevern conheceu vários escritores e académicos portugueses de renome, que lhe ofereceram os seus livros e lhe recomendaram autores a traduzir. Após esses encontros, a Associação Portuguesa de Escritores, no período temporal em questão, dirigida por José Gomes Ferreira e Maria Velho da Costa, enviou a Brevern cinco caixas repletas de livros de escritores e poetas portugueses, entre eles Fernando Pessoa, Vitorino Nemésio, Agustina Bessa-Luís, Vergílio Ferreira e José Rodrigues Miguéis. Destes autores, Brevern fornece, nas suas memórias, uma nota de rodapé explicativa apenas para Nemésio, o que poderá indicar que os leitores estariam menos familiarizados com o escritor açoriano do que com os restantes. Eis o que se lê na nota de rodapé (*ibid.*: 227): “Vitorino Nemésio (1901-1978) – Escritor português, natural das ilhas dos Açores. O seu romance *Nepogoda v prolive* foi publicado, em tradução minha, em 1990 pela editora Khudozhestvennaia Literatura, inserido na coleção ‘Romance Estrangeiro do Século XX’”.

⁶³ Dada a dificuldade em encontrar a obra fora de território russo, e uma vez que não se encontra traduzida, o investigador amavelmente transcreveu, via correspondência eletrônica, algumas informações contidas nas memórias de Brevern, nomeadamente sobre a tradução de *MTC*, como de seguida se verá. As citações de Lavery e as informações apresentadas com indicação às memórias de Brevern foram, assim, fornecidas por correio eletrónico em 12/06/2023, 17/06/2023 e 23/06/2023.

Em 1989, já membro da União dos Escritores, Brevern (*ibid.*:265) decidiu terminar a sua carreira como revisora na Khudozhestvennaia Literatura e dedicar-se exclusivamente à tradução. O diretor da editora, Georgii Andreevich Andzhaparadze, pediu-lhe que fizesse três coisas antes de se despedir: editar a tradução de *La sexta isla*, de Daniel Chavarría; republicar *Barranco de Cegos*, de Alves Redol; e, por fim, terminar a tradução de *Mau Tempo no Canal*. Os três livros acabaram por ser integrados na referida (e prestigiada) coleção. No entanto, a tradução de *MTC* viu-se quase adiada, pois Andzhaparadze queria afinal que Brevern traduzisse primeiro o romance *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães. Isto porque a telenovela baseada no romance era muito popular na União Soviética na altura e Andzhaparadze viu uma oportunidade de alcançar algum lucro. Após ler *A Escrava Isaura*, Brevern declina a oferta para traduzir a obra, pois considerava que a versão televisiva tomava muitas liberdades com o texto e que a tradução russa seria uma desilusão para os fãs da telenovela. Em vez disso, Brevern optou por continuar a trabalhar em *MTC*, como planeado inicialmente.

Assim, embora não seja claro por que razão a Khudozhestvennaia Literatura virá a publicar essa tradução específica, em 1990, foi, pelo menos, possível reunir alguns pormenores sobre a forma como Brevern obteve uma cópia do romance de Nemésio – e novamente através de um agente da CP, como se viu.

De notar que, em 1995, uma breve peça da RTP⁶⁴ dá conta da tradução, realizada por Liliana Brevern, de *O Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queirós, para russo. O jornalista Carlos Fino refere que a publicação pretende assinalar o 150.º aniversário do nascimento do autor e conta com o apoio do Instituto Nacional da Biblioteca e do Livro, bem como do Instituto Camões, apoio sem o qual muito dificilmente seria possível editar obras de autores portugueses na Rússia – indo ao encontro do que o próprio Nemésio dissera, 40 anos antes, relativamente ao mercado francês e do que nesta reflexão se tem procurado demonstrar. O jornalista da RTP afirma também que a publicação se deve “sobretudo ao entusiasmo de uma mulher que passou mais de 30 anos da sua vida a traduzir e a compilar textos de autores portugueses para serem publicados na Rússia” (00:30).

Novamente se constata, portanto, que, apesar da intervenção de um agente da CC com fortes ligações à CP – a tradutora –, o apoio de agentes da CP foi essencial para esta

⁶⁴ Disponível em <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/traducao-da-obra-eca-de-queiros/>. Acesso em 26/01/2023.

publicação em particular. Liliana Brevern surge, na peça, “diretamente” associada à publicação, entre 1963 e 1991, pela Editora Literatura de Ficção, de traduções para russo de Camões, Bocage, Camilo Castelo Branco, Fernando Pessoa e Fernão Mendes Pinto (contudo, não foi possível confirmar a publicação dessas traduções). Curioso é o facto de, entre os diversos autores mencionados, não constar Vitorino Nemésio, nem existir qualquer referência à tradução que Brevern realizara de *MTC*, publicada cinco anos antes da peça, em 1990. Uma tal omissão poderá até dizer mais acerca do mercado editorial português do que do russo, parecendo apontar para certo desconhecimento e/ou esquecimento de Nemésio (ou, pelo menos, do romance *MTC*) em Portugal.

Na reportagem, refere-se ainda que Brevern está a trabalhar na tradução de *Em Nome da Terra*, de Vergílio Ferreira, e que gostaria de editar “dez volumes com as principais obras da literatura portuguesa de sempre” (02:07). Nenhum dos projetos, tanto quanto foi possível apurar, terá visto a luz do dia, até porque, advertia o jornalista, o mercado russo do livro teria então pouco espaço para a literatura portuguesa.

Não obstante, a editora que publicou a tradução de *MTC* na URSS era, de acordo com Lavery (2021:112), a mais importante editora da União Soviética. Responsável pela publicação de clássicos da ficção mundial, bem como das mais relevantes obras de autores estrangeiros, a editora criara, em 1960, um conselho editorial para a publicação de obras de autores da América Latina, Espanha e Portugal (*ibid.*:22). O prestígio da editora seria, portanto, abonatório para a imagem de Nemésio no estrangeiro, como o corrobora, adiante se verá, o prefácio de Elena Ryauzova à tradução do romance. O prefácio de Ryauzova dará também algumas pistas sobre a seleção de *MTC* para tradução.

Fundada em 1930, em Moscovo, a editora passou, em 1934, a designar-se Goslitizdat (abreviação de *Gosudarstvennoe izdatel'stvo khudozhestvennoi literatury*, significando Editora Estatal de Ficção; as editoras eram, no sistema soviético, detidas pelo Estado). Em 1963, foi então renomeada Khudozhestvennaia Literatura (Literatura de Ficção, recorde-se).

Segundo publicação do blogue do COSEELIS (Council for Slavonic and East European Library and Information Services), datada de junho de 2022, a editora existe ainda, mas não publica⁶⁵. Essa informação é corroborada por Michael Anthony Lavery⁶⁶:

⁶⁵ “Some publishing houses like Khudozhestvennaia Literatura and Peterburgskii pisatel’ still exist but they do not publish anything. Why they still exist – is some kind of mystery for us”. Disponível em <https://coseelis.wordpress.com/newsletter/newsletter-no-28-june-2002/>. Acesso em 03/06/2023.

⁶⁶ Correspondência eletrónica (17/06/2023).

Khudozhestvennaia Literatura still exists, but it is a shadow of its former self. In the Soviet era, especially during the 60s-80s, it was the major publisher of book-length translations into Russian. At the end of *perestroika* and the first post-Soviet years, the publisher was badly mismanaged and suffered from the sudden lack of state funding. This was especially harmful regarding translations, because translators suddenly lost their former status and financial/professional security.

Assim, e em suma, apesar do algo inusitado ingresso⁶⁷ de Liliana Brevern no mundo da tradução e revisão literárias, o seu contributo para a divulgação da literatura de língua portuguesa parece incontestável, tendo, por alvará de dezembro de 2004, sido condecorada Oficial da Ordem do Infante D. Henrique, de acordo com a informação disponibilizada em *Diário da República*, n.º 31/2005⁶⁸.

⁶⁷ No entanto, à época, a verdade é que, de um modo geral e global, os intérpretes e tradutores se faziam “na tarimba”, visto os estabelecimentos de ensino não providenciarem oferta formativa específica na área da tradução.

⁶⁸ Disponível em <https://files.dre.pt/2s/2005/02/031000000/0201902019.pdf>. Acesso em 26/01/2023.

2.4. Wojciech Chabasiński e a edição polaca

Wojciech Chabasiński (1918-1995) foi embaixador da Polónia no Brasil entre 1956 e 1965, em Itália entre 1967 e 1971 e em Portugal no período pós-25 de abril, entre 1974 e 1979⁶⁹. Traduziu cerca de uma dezena de obras de autores portugueses, em muitos casos em cotradução, nomeadamente com a esposa, Krystyna Chabasińska. São exemplos dessas traduções *Quandos os lobos uivam*, de Aquilino Ribeiro (Wydawnictwo Literackie 1976); *Seara de Vento*, de Manuel da Fonseca (Wydawnictwo Literackie 1977); *O milagre segundo Salomé: lenda contemporânea*, de José Rodrigues Miguéis (Wydawnictwo Literackie 1980); *A Casa Grande Romarigães*, de Aquilino Ribeiro (Wydawnictwo Literackie 1980) ou *Os Maias*, de Eça de Queirós (Wydawnictwo Literackie 1988)⁷⁰.

No programa da RTP *Etnologia e Literatura*⁷¹, emitido em julho de 1977, Wojciech Chabasiński aborda (a partir do minuto 16:29) o “restabelecimento das relações diplomáticas” entre a Polónia e Portugal, na base de um “acordo cultural” entre os dois países. Em virtude desse acordo, Chabasiński afirma que se publicou na Polónia Aquilino Ribeiro e uma antologia do conto português. Porém, não refere ser ele próprio o tradutor (no caso da antologia, em cotradução com Krystyna Chabasińska e Janina Zofia Klave). Além disso, menciona estar em preparação a publicação de outras obras “dos mais eminentes autores” portugueses, nomeadamente Camões, com uma “nova edição” de *Os Lusíadas*, com “tradução de bons poetas polacos”.

Relativamente à tradução de *Mau Tempo no Canal – Dziewczyna z Azorów* (Wydawnictwo Iskry 1992), significando literalmente “Rapariga dos Açores” –, realizada apenas por Chabasiński, a publicação contou com a colaboração da Fundação Calouste Gulbenkian,

⁶⁹ É de salientar que, “[a]té 1974, os governos da República Popular da Polónia (PRL) e de Portugal não mantiveram relações diplomáticas. As autoridades da PRL eram críticas do regime de António Salazar e não previam a possibilidade do estabelecimento das relações diplomáticas com Lisboa. A situação era semelhante em Portugal: os políticos portugueses eram igualmente adversos ao regime comunista em Varsóvia. Contudo, a Revolução dos Cravos e a mudança da situação política em Lisboa tornaram real o restabelecimento das relações diplomáticas bilaterais. Em resultado, a 11 de julho de 1974, a República Popular da Polónia e a República Portuguesa estabeleceram relações diplomáticas a nível de embaixadas. Em consequência dessa decisão, o Embaixador da PRL, Wojciech Chabasiński, apresentou a 2 de dezembro de 1974 credenciais ao Presidente Francisco da Costa Gomes.” Disponível no website do Governo da República da Polónia, em <https://www.gov.pl/web/portugal/centenrio-das-relaes-diplomticas-entre-a-polonia-e-portugal>, e <https://www.gov.pl/web/portugal/portugal>. Acesso em 21/10/2022.

⁷⁰ Cf. [Index Translationum](#) para outras traduções.

⁷¹ Disponível em <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/etnologia-e-literatura/>. Acesso em 01/02/2023.

“que [a] tornou possível”, conforme informação peritextual na folha de guarda (cf. Anexo B, p. 187). A publicação é, assim, pontual, não se inserindo em qualquer coleção.

Trata-se, contudo, de uma tradução com muitas omissões, o que é evidente logo pelo número de páginas. Enquanto a maioria das edições (portuguesas ou estrangeiras) ronda as 400 páginas, a versão polaca apresenta 283, ainda que o número de capítulos (37) seja mantido no TC. O facto de este TC apresentar cerca de metade das páginas do TP contraria a expectativa de que TC e TP tenham aproximadamente o mesmo volume – ou de que as traduções sejam mais longas do que o TP pela necessidade de explicitação. Derrida (2001:180) fala, a este propósito, de “quantitative law”, fenómeno que não se esgota, porém, no número de palavras de uma tradução. O autor, aliás, adverte: “[t]his quantitative unit of measurement is not in itself quantitative; it is rather qualitative in a certain sense” (*ibid.*). Isto porque a unidade de medida é a palavra, mas a palavra e o seu valor, significados, conotações: “[a]t the beginning of translation is the word” (*ibid.*).

Assim, e dada a reduzida extensão da tradução relativamente ao TP, com necessárias implicações ao nível do significado e entendimento da obra, impõe-se uma breve análise textual, dentro das limitações ditadas pelo meu desconhecimento da língua polaca, como referido inicialmente. É notório, porém, que são omitidos textos secundários, ou seja, textos de outros autores, folclóricos ou cuja autoria é atribuída às personagens (caso de rimas improvisadas ou de epistolografia). Ao que tudo indica, a tradução polaca reduz o romance à sua trama, o que se reflete, portanto, na sua dimensão.

As omissões registadas no TC polaco poderão remeter também para uma visão monadista⁷² da tradução, segundo a qual

due to the asymmetries between languages and cultures and the organic link between language, thought and culture, translation – understood as a linear discourse replicating another discourse with regard to both length and meaning – [translation] is not possible. (Hermans 2020:604)

Constata-se, assim, que a tradução polaca de *MTC* apresenta um texto muito mais breve do que o TP não necessariamente pela distância linguística, mas talvez pela distância cultural (em particular, com a cultura açoriana), embora esta distância dificilmente possa

⁷² Como se viu no Capítulo I, George Steiner ([1975]1998) distingue duas perspetivas relativamente à tradução: a universalista e a monadista. A primeira encara a tradução como uma possibilidade; a segunda, ou nega essa possibilidade ou vê a tradução como altamente problemática.

explicar a totalidade das omissões (se assim fosse, justificarseia que também o TP russo tivesse sido truncado).

A título de exemplo, no Capítulo XVII, a primeira parte do citado soneto de Antero de Quental é omitida (p. 132 do TC), bem como os versos populares “cantarolados” por João Garcia no mesmo capítulo (pp. 134 e 139 do TC). Os versos do Capítulo XXXI (p. 227 do TC) – retirados do *Romance que se fez de algumas mágoas, e perdas que causou o tremor de Vila Franca do Campo em 1522*, na versão apresentada por Gaspar Frutuoso – são também omitidos. Desaparecem ainda as passagens em francês de *La Carrière d’un Navigateur* (p. 148 do TC). Refira-se ainda que os títulos dos capítulos VIII (“Schermo”) e XIII (“Feria Sexta in Parasceve”) são simplesmente traduzidos para polaco, com implicações ao nível do heterolinguismo característico do romance, embora, no caso do Capítulo VIII, se mantenha a intertextualidade com a obra de Dante pela manutenção da expressão “schermo” (p. 75 do TC) no corpo do texto e pela referência a *Vita Nuova* (p. 76 TC).

Não obstante, o heterolinguismo do TP é, de um modo geral, mantido no TC, especialmente no caso do inglês, francês (*prie-dieu*, por exemplo, p.112), latim e castelhano, sendo omitidas algumas passagens em neerlandês e alemão (p. 237 do TC). Além disso, como muitos vocábulos são mantidos em português (a analisar no ponto relativo às notas de rodapé), o TC polaco continua a apresentar um elevado nível de heterolinguismo.

É igualmente de notar que os erros verificados no TP ao nível da língua inglesa – de que no próximo capítulo me ocuparei – são também mantidos no TC polaco, nomeadamente “shoking” (pp. 116 e 200 do TC), aos quais se acrescentam outros não existentes no TP, como “Mathaphysies society” (p. 137 do TC) e “Britisch subject” (p. 172 do TC).

As passagens em inglês são, inicialmente, apresentadas com tradução no próprio corpo do texto⁷³, sendo que, posteriormente, tal já não sucede (cf., por exemplo, pp. 88, 146 e 177 do TC). O mesmo se dá com as passagens em francês que foram mantidas (p. 99, por exemplo) e em latim (p.111). A tradução do castelhano – dado o particular contexto tauromáquico em que é utilizado – surge em rodapé, como no seguinte capítulo se verá.

Por fim, algumas expressões híbridas, como “alvarozes” e “Sissique”, são mantidas no TC polaco (p. 78 e p. 147, respetivamente). Preservadas são também algumas formas de tratamento, como *Dona*, *Senhora* e *Dom*.

⁷³ A título de exemplo: “*Slowly! Let go him alone* [sic]. Spokojnie, puść go wolno.” (p. 77 do TC).

No que se refere à editora, a Wydawnictwo Iskry, fundada em 1952, parece pouco vocacionada para a publicação de romance estrangeiro⁷⁴, tendo-se especializado ao longo dos anos em literatura infanto-juvenil. De acordo com o seu *website*⁷⁵, nas últimas décadas, a Wydawnictwo Iskry tem-se centrado menos na ficção, e mais em obras de não-ficção, como biografia, ensaio, monografia, entre outros. A sua produção editorial compreende mais de 6.000 títulos, com uma circulação superior a 170 milhões de exemplares. A título de curiosidade, refira-se que a mesma editora virá a publicar, a título póstumo, em 1997, o volume *Vasco da Gama, Wyprawy, Odkrycia, Dyplomacja* (“Vasco da Gama, Expedições, Descobertas, Diplomacia”), da autoria de Wojciech Chabasiński.

⁷⁴ Ainda assim, a editora publicou outros autores de língua portuguesa, nomeadamente Alexandre Cabral (*Terra Quente*, em 1957) e José de Alencar (*O Guarani*, em 1962).

⁷⁵ Cf. <https://iskry.com.pl/o-iskrach/>. Acesso em 31/01/2023.

3. Os peritextos das traduções de *Mau Tempo no Canal*

3.1. Capas⁷⁶

3.1.1. Edições francesas

No que se refere à capa, e começando pela edição francesa de 1953 – que não apresenta qualquer imagem/ilustração –, importa, acima de tudo, referir que o nome da tradutora, Denyse Chast, surge destacado, com indicação de tradução a partir do português. O mesmo acontece, aliás, na edição seguinte (1988), já da Éditions de la Différence. No caso, ao nome da tradutora junta-se, na capa, o nome do prefaciador, Vasco Graça Moura.

Apesar disso, entre as várias edições da EDLD, existem diferenças significativas. Na primeira edição de 1988, a capa também não inclui qualquer imagem, como sucede, aliás, com as restantes publicações da coleção “Littérature”.

Já na 2.^a edição de 1988 – que pertence, como se viu, à coleção “Latitudes” –, a capa exhibe um pormenor de *Pêche de la baleine*⁷⁷, desenho de Antoine Morel-Fatio em gravura de Alphonse Rouargue, datado de 1837, bem como a indicação “Latitudes”. Curiosamente, será essa a única capa das edições francesas que se aproxima dos desejos de Nemésio, que, na já referida carta de 1951 a Gabriel Marcel (E11/cx. 56), adverte que gostaria de manter, na capa, “pelo menos a sugestão” de que o seu país natal está presente no romance. Mais tarde, em abril de 1952, em carta a Charles Orengo (E11/cx. 43), diretor literário da Plon, Nemésio – após informar que corrigiu as provas de *LSA*, as quais enviou para a editora por intermédio de Chast – solicita a Orengo que acrescente, na página onde é mencionado o título da obra em português, a dedicatória do TP: “a mon amie Mário de Castro”. Na sequência, acrescenta julgar importante preparar futuros compradores do livro com algumas palavras sobre o cenário da ação, incluindo a caça à baleia e a atmosfera insular, mas cosmopolita, do enredo.

⁷⁶ A partir da página 170 do Anexo B são apresentadas as capas das diversas traduções.

⁷⁷ Na contracapa, lê-se *Scène de chasse à la baleine* como título da obra apresentada na capa. No entanto, o título encontrado na própria gravura é “Pêche de la baleine”, como se pode verificar na página do museu do MIT: <https://mitmuseum.mit.edu/collections/object/AF-WF-0490>. Acesso em 14/02/2023.

Será de estranhar esta imprecisão, uma vez que tanto a obra, como Morel-Fatio (1810-1871) – pintor oficial da marinha francesa e curador do museu naval e etnográfico do Louvre – serão relativamente conhecidos, pelo menos em França.

As observações do autor espelham a importância dos peritextos e da sua função junto de quem adquire a obra (que pode, ou não, ser o leitor). Além disso, comprovam o exposto no Capítulo I, relativamente à imagologia, ou seja, a relevância das representações nacionais, regionais ou culturais veiculadas pela literatura, nomeadamente pelos peritextos, e que contribuem para uma dada perceção. Essa era, de facto, uma das preocupações de Nemésio.

Não obstante, a Plon não acatará nenhum dos pedidos do autor, comprovando que a “última palavra” é, por norma, da editora (por vezes, mesmo ao nível textual, não apenas peritextual), porquanto a dedicatória a Mário de Castro também não chega a aparecer em nenhuma das edições francesas (nem nas edições de outras línguas, refira-se).

Por outro lado, nas edições da EDLD, surge (além do prefácio) um novo peritexto em relação ao TP: um mapa dos Açores, bem como um mapa que apresenta a localização do arquipélago em relação a Madeira, Portugal Continental e América do Norte (Nova Iorque e Montréal). Revelam esses mapas que o leitor/comprador do romance poderá não ser capaz de reconhecer ou localizar o arquipélago do título, sem ajuda.

Em todas as edições francesas (incluindo a de 1953, da Plon), a capa exhibe o género literário (romance), o que poderá ser sintomático ou do desconhecimento do leitor relativamente à obra ou apenas um costume do mercado editorial francês. Segundo Genette (1997), as indicações de género literário podem influenciar a receção ao informarem o leitor sobre o tipo de texto que o espera. Como relembra Podlevskikh Carlstrom (2022:144), “paratext is thus a valuable tool in book marketing”. Quanto à contracapa, é de notar que tanto a sinopse, como a breve biografia de Nemésio diferem ligeiramente consoante a edição (cf. Anexo B, p. 177).

Já na edição de 2014, inserida na coleção de bolso Minos, o nome da tradutora e do prefaciador apenas surgem na contracapa, sendo que na capa não existem imagens (excetuando-se o logótipo da editora). Esta exclusão poderá significar que o nome da tradutora já não seria reconhecido à época da publicação – provavelmente seria autora de renome à data de 1953 – ou, tendo em conta que as informações surgem na contracapa, a negrito, que essa opção se deveu apenas ao facto de se tratar de uma edição de bolso. De referir ainda que, nesta publicação, na folha de guarda, pode ler-se “Cet ouvrage a paru pour la première fois à La Différence en 1988”.

3.1.2. Edições norte-americanas

No caso das edições norte-americanas, todas incluem o nome do tradutor na capa, sendo que, na edição de 1998, se lê “Edited, translated, annotated, and with an introduction by Francisco Cota Fagundes”, enquanto na mais recente edição apenas se lê “Edited and translated by Francisco Cota Fagundes” (cf. Anexo B, p. 180). Ao nível de peritexto icónico, a capa da primeira publicação é bastante simples, com motivos náuticos, exibindo a capa da segunda publicação nos EUA um pormenor de carta náutica, com foco nas ilhas do Faial, Pico e São Jorge, onde decorre maioritariamente a ação do romance.

Já a capa da edição de 2019 distribuída em Portugal apresenta uma conhecida fotografia de José Henrique Azevedo, *O Neptuno da Horta*, datada de fevereiro de 1986 e realizada, na cidade da Horta, durante a passagem de uma forte tempestade pelas ilhas açorianas. A capa poderá, de facto, apelar tanto a locais, como a estrangeiros, uma vez que, estando a fotografia em exibição no internacionalmente conhecido Peter Café Sport (propriedade, aliás, do fotógrafo), ponto de paragem obrigatório na cidade da Horta, para iatistas e não só, será provavelmente familiar a muitos habitantes e visitantes dos Açores.

Na folha de rosto desta edição, pode ler-se “Edited, translated, annotated, and introduced by Francisco Cota Fagundes” e ainda, conforme mencionado no Capítulo I, “Second edition, completely revised”.

Os textos da contracapa diferem consideravelmente entre as edições, uma vez que, na mais recente, apenas se apresenta um sumário do romance, enquanto a primeira exhibe, além da sinopse, uma brevíssima biografia do autor e também do tradutor (cf. Anexo B, pp. 184-5). As notas biográficas do autor e do tradutor surgem, na edição de 2019, na orelha.

3.1.3. Edições russa e polaca

Destas duas publicações, é o peritexto icónico que se destaca (cf. Anexo B, pág. 186), uma vez que, a nível textual, na capa, ambas as edições apenas exibem o título e nome do autor. Contudo, a nível icónico, as capas são bastante ricas, especialmente a edição russa, que inclui diversos elementos associados à cultura e vivência açorianas, tematizados no romance. Com ilustração de V. Safranova (de acordo com informação peritextual), a capa apresenta a montanha do Pico e uma praia, enquanto na contracapa se vê – além de, novamente, a montanha – uma igreja, um toureiro e um touro.

Como refere Podlevskikh Carlström (2022:153), no âmbito da sua investigação sobre a tradução de literatura policial sueca na União Soviética, “it is common to have a decoratively illustrated first title page that conveys information about the book series (if any), the author, the title of the novel, the publishing house, and the year of publication”. No caso da tradução de *MTC* (cf. Anexo B, p. 187), na primeira página existe, de facto, uma ilustração, com representação de uma marina e de uma igreja, sugerindo ser a cidade da Horta, principal local da ação, bem como de uma montanha, que tudo indica ser a do Pico. Seguem-se a folha de guarda e a folha de rosto, esta que contém toda a informação acima referida por Podlevskikh Carlström.

Após o prefácio de Elena Ryauzova, e, portanto, antes do primeiro capítulo, que inicia com uma conversa entre João Garcia e Margarida, surge também uma imagem de um casal junto a um muro, durante um temporal, sugerido pelo movimento da saia da personagem e das árvores (cf. Anexo B, p. 189). O romance termina com uma ilustração do anel da serpente lançado ao mar (*ibid.*), sem, no entanto, incluir o local, a hora e data que Nemésio explicitou e que foram mantidas nas edições portuguesas e nas traduções para francês e inglês (o TC polaco também não inclui esta referência espacial e temporal).

Nesse sentido, e aludindo aos resultados da investigação de Tatiana Chulanova⁷⁸ sobre paratextos de tradução, lê-se em Lavery (2021:177): “during the periods of stagnation and perestroika, the ideological value of the works chosen for translation decreased, whereas their artistic value increased”, o que pode explicar o destaque dado ao peritexto icónico.

A capa da edição polaca é também particularmente interessante no sentido em que, a par do título – *Rapariga dos Açores*, numa tradução literal do polaco –, se altera abertamente o foco do romance, expresso no título, do clima, geografia e paisagem para a protagonista Margarida Clark Dulmo.

Recordo, neste ponto, que, a meu ver, o clima e a paisagem são protagonistas do romance – ou não lhe dessem título. Mesmo considerando que o tempo meteorológico, ao longo da trama, possa estar associado aos estados de espírito de Margarida, o clima dificilmente será protagonista na versão polaca de *MTC*, em que o ponto central é claramente “a heroína do título”, como se lê⁷⁹ na contracapa (cf. Anexo B, p. 189).

⁷⁸*The Politics of Paratexts: Framing Translations in the Soviet Journal Inostrannaia literature*. Tese de doutoramento. Kent State University. 2020:123 (*apud* Lavery 2021:177).

⁷⁹ Relembre-se que a tradução das passagens em polaco e russo foi realizada com recurso a ferramentas de tradução automática, com posterior verificação por falantes nativos.

Interessante será também notar que a imagem na capa apresenta olhos castanhos, quando os olhos azuis de Margarida são mencionados logo na terceira frase de *MTC* – e num romance em que é rara a descrição física das personagens: “Os olhos de Margarida tinham um lume evasivo, de esperança que serve a sua hora. Eram fundos e azuis, debaixo de arcadas fortes” (Nemésio 1994:35). Constata-se que essa passagem não é uma das muitas omitidas na versão polaca, preservando-se a menção aos olhos azuis de Margarida, pelo que os leitores poderão não associar a imagem da capa à protagonista.

Por fim, de salientar que a contracapa desta publicação exhibe uma breve nota sobre o autor (com fotografia) e o romance, novamente com especial incidência em Margarida (cf. Anexo B, p. 189). Pode então ler-se que o romance *Mau Tempo no Canal* – pelo qual Nemésio é “particularmente famoso” – “foi traduzido em muitas línguas e é agora publicado na Polónia sob o título *Rapariga dos Açores*”. Dado o conteúdo da nota, esta parece indicar que o público polaco não estará familiarizado nem com o autor (cujo local de nascimento é incorretamente indicado como Angra), nem com a obra. Como é evidente, o leitor de *MTC* – um leitor, por norma, erudito – não será necessariamente o leitor das traduções do romance, o que se reflete também nos peritextos.

3.2. Títulos

3.2.1. *Le Serpent Aveugle* (trad. literal: *A serpente cega*)

Gros Temps sur l'Archipel (trad. literal: *Mau tempo no arquipélago*)

Se o título *Mau Tempo no Canal* remete para o clima/meteorologia e a paisagem/geografia, é também verdade que a obra começa e acaba com a serpente. Abrindo com a conversa entre João Garcia e Margarida, a protagonista mostra-lhe o anel em forma de serpente, herdado da avó Margarida Terra. “Cega” por lhe faltar uma das esmeraldas que “serviam de olhos ao bicho” (Nemésio 1994:348), a serpente do anel é atirada ao mar, no final do romance, por uma Margarida tomada por um “furor irreprimível” (*ibid.*:349). Isto porque André Barreto, seu marido no final, resolvera consertar o anel, colocando-lhe duas esmeraldas novas, o que Margarida interpreta como (mais) uma violação da sua vontade (e, neste caso, também da sua simbólica herança).

Nas últimas páginas do romance, o narrador faz uma espécie de percurso do anel – que é, na verdade, o percurso de Margarida –, desde a conversa com João Garcia, às muitas conversas com Roberto, ao momento em que a protagonista recebeu o anel consertado, como presente de núpcias dos sogros, e que acaba por destruir e atirar ao mar, em representação, talvez, do seu passado. Esta circularidade – representada pela própria forma do anel – é tão simbólica com a própria serpente, que pode significar tanto morte como vida, perigo como salvação, demónio como cura (daí a sua associação à medicina). A circularidade poderá também ser representativa da ilha enquanto “prisão”, daí que algumas descrições da paisagem ao longo do romance façam referência a um anel⁸⁰. E poderá ainda ser símbolo da determinação de Margarida e da sua força, que ciclicamente se renovam.

Tal é a importância da serpente em *MTC* que Nemésio – que, como se viu, acompanhou de perto o processo de tradução do romance para francês – parece não ter contestado a escolha de *Le Serpent Aveugle* para título da tradução⁸¹. Aliás, em carta de maio de 1953 a Georges Duhamel (E11/cx. 41), então presidente da Alliance Française e a quem Nemésio

⁸⁰ Por exemplo, “(...) um caminho abandonado (...) cingia a ilha num grande anel” (Nemésio 1994:40) ou “Os penedos que fechavam a língua de areia num anel douravam-se ao entardecer” (Nemésio 1994:193). Refira-se que, no prefácio à edição da *La Différence*, Vasco Graça Moura (2014:17) menciona ainda outros aspetos, nomeadamente um jogo de cartas ou a arena tauromáquica do epílogo, como símbolos de circularidade.

⁸¹ No prefácio à tradução russa do romance, Elena Ryauzova (1990:15) tece observações também nesse sentido, mencionando o primeiro título da tradução francesa.

envia um exemplar de *LSA*, o autor afirma que o título francês, ainda que distante da designação original, constitui “la clef symbolique de la destinée de l’heroïne”.

Também na já mencionada entrevista ao jornal *Ler*, João Alves das Neves pergunta a Nemésio qual o motivo de *MTC* se intitular *Le Serpent Aveugle* na edição francesa, ao que autor responde:

Pela mesma razão porque, em português, se poderia intitular *A Serpente Cega*. É esse o título do primeiro capítulo, no original. Trata-se de um anel da heroína, que se torna motivo simbólico do entrecho. *Mau Tempo no Canal* exprime a atmosfera do romance, o ambiente marítimo em que decorre. Na versão francesa preferiu-se essa outra rubrica de *fatum*, uma vez que era difícil achar equivalente eufónico ao título original, que aliás pareceu duro ou banal a muitos leitores nossos.

Ainda assim, Nemésio chegou a sugerir outros títulos a Gabriel Marcel, responsável pela coleção em que surge *LSA*. Na já referida carta de outubro de 1951 (E11/cx. 56), o autor agradece a atuação da editora em prol de *MTC* e avança com propostas de títulos: “Tempête aux Açores? Tourmente aux Açores? Brouillard sur les îles?”, alertando para um possível título em inglês: “a Macmillan chama-lhe *The Tempest on the Sea*, que me parece ser o título que mais se aproxima do meu.”

Todavia, uma tradução mais próxima da letra o romance só a irá receber quando da sua passagem para as Éditions de La Difference⁸² – passagem que a mudança de título também sinaliza. Como se verá no próximo capítulo, a editora poucas alterações fez ao corpo do texto, mas não se coíbiu de alterar o título para *Gros Temps sur l’Archipel*, o que, sendo sintomático da importância deste peritexto, manifesta uma aproximação ao texto de partida e precisamente à “atmosfera do romance”, localizando a ação no espaço. Contudo, a menos que o leitor da tradução esteja familiarizado com a obra Nemésio, não será capaz de identificar o arquipélago em causa apenas através do título (daí, provavelmente, a introdução dos mapas). De qualquer forma, a substituição de “canal” por “arquipélago” parece já procurar evitar a associação a canais com que os leitores franceses possam estar mais familiarizados, remetendo imediatamente para um conjunto de ilhas.

⁸² Por ausência de resposta da editora, não foi possível determinar se o título foi alterado por sugestão ou com consentimento da tradutora, uma vez que, confirmando-se os dados biográficos anteriormente apresentados, Denyse Chast estaria ainda viva em 1988, com 74 anos.

3.2.2. *Stormy Isles: An Azorean Tale*

(trad. literal: *Ilhas tempestuosas: um conto açoriano*)

Sobre o título da versão de língua inglesa, o tradutor admite, num artigo relativo à tradução de *MTC*, tratar-se de um dos casos em que se permitiu “maior liberdade” (Fagundes 2014:30):

[F]oram vários os factores que me levaram a essa liberdade tradutória, sendo os mais importantes: 1) a dificuldade em traduzir, para um público de língua inglesa, o substantivo “Canal” (Canal há um só: o da Mancha); 2) o desgaste semântico em inglês do termo “Weather” (para “Tempo”); e 3) a minha tentativa de sugerir, mediante o emprego do romanticamente sugestivo “Tale”, certo parentesco com Hawthorne, Poe e Dickens – todos eles autores de célebres obras que incluem o termo “Tale”.

Já na sua introdução à tradução do romance, Cota Fagundes (2019:21) menciona algumas das possibilidades que, com auxílio de amigos e colegas, foram consideradas para o título, como *Inclement Weather over the Passage* e *Tempestuous Weather over the Archipelago*. O tradutor explica, em linha com os fatores acima citados, os motivos pelos quais afastou estas hipóteses, referindo não ter optado pelo segundo título, inspirado na tradução francesa *Gros Temps sur l'Archipel*, por não gostar da vagueza da palavra “arquipélago” (além do “overly Shakespearean tempestuous”, *ibid.*). Ao intitular a tradução *Stormy Isles: An Azorean Tale*, explica o tradutor, a referência geográfica fica, assim, explicitada. O facto de existirem no romance diversas histórias embutidas (“a tale unfolding into tales”, *ibid.*), e de “tale” remeter para “the novel’s fictional qualities without detracting from the concrete reality of *isles* and *Azorean*” (Fagundes 2019:21), contribuiu também para a escolha.

Segundo o tradutor, a importância de manter a referência a “mau tempo” e à geografia insular no título prende-se ainda com a intertextualidade da expressão com certas obras evocadas no romance – por se tratar de livros que Margarida lê –, nomeadamente *Typhoon*, de Joseph Conrad, ou *La carrière d'un navigateur*, sobre a expedição do Príncipe Alberto do Mónaco aos Açores. Além disso, essa intertextualidade verifica-se também com as epígrafes (*Charts of the Anchorage and Breakwater of Horta and Fayal Channel* – esta não incluída nas edições francesas –, *Moby-Dick*, *Mémoires d'outre-tombe* e *As ilhas desconhecidas*; cf. Anexo B,

pp. 166 e seguintes), bem como com o título de alguns capítulos (*Uma Taberna de Baleeiros* ou *Velhos e Novos Métodos de Socorros a Náufragos* – cf. Anexo B, p. 143).⁸³

3.2.3. *Niepogoda v prolivie* (RU – Trad. literal: *Mau tempo no estreito*)

Dziewczyna z Azorów (PL – Trad. literal: *Rapariga dos Açores*)

A questão da intertextualidade com as epígrafes não se coloca no caso das traduções para russo e polaco, pelo simples motivo de que foram omitidas dessas publicações. O título da tradução russa, ainda assim, mantém-se próximo do TP, apesar de “estreito” aludir a um canal que liga dois mares, o que não se verifica. Poder-se-á ter dado o caso de a tradutora ou a editora desconhecer a realidade geográfica dos Açores, o que parece pouco provável tendo em conta o conhecimento da tradutora sobre Portugal, bem como a familiarização da prefaciadora com a obra e o autor. Ou poder-se-á dar o caso de “estreito” ser mais apelativo para o público de língua russa do que o vago e distante “canal” ou “arquipélago”.

No caso da tradução polaca, como brevemente abordado no ponto 3.1.3., tratase de uma alteração significativa do título do romance, com implicações ao nível do seu entendimento, uma vez que Margarida já não partilha a centralidade da obra com o tempo e a geografia, passando a ser, abertamente, o principal foco. Perde-se também, assim, a simbologia associada ao *mau tempo no canal*. Aliás, o próprio “mau tempo” - devido à sua dupla aceção - pode ser “um símbolo de vida psicológica agitada”, revela Nemésio na anteriormente referida entrevista à RTP (04:05).

No entanto, possivelmente, a escolha do título terá tido por base questões editoriais, apresentando-se assim um título mais concreto, desprovido de simbolismos, e que remete definitivamente para o arquipélago dos Açores, não sendo também de estranhar uma alteração tão abrupta, tendo em conta a facilidade com que se procedeu a omissões no corpo do texto.

⁸³ A questão da intertextualidade em *MTC* será novamente abordada em alguns pontos do capítulo seguinte. De qualquer forma, para uma leitura mais aprofundada sobre o tema, consulte-se Machado Pires (2007) e Francisco Cota Fagundes (2007, 2014, 2019). Em vários ensaios, o tradutor analisa a ligação entre o romance e *Romeu e Julieta* (considerando a relação amorosa entre membros de famílias rivais – Margarida Clark Dulmo e João Garcia), *Amor de Perdição*, a Bíblia e até composições musicais, mas também entre o romance e a tradição oral açoriana (canções, quadras e danças populares ou cantigas ao desafio).

3.3. Prefácios, introduções e similares

“Prefaces are most often written by someone other than the translator. The writers of prefaces usually have a large literary capital (literary critics, literary scholars or authors), and the prefaces usually deal with the books and/or the writers, and not with the translations” (Podlevskikh Carlström 2022a:50). Isso mesmo comprovam as edições francesas (especialmente, as da EDLD) e russa de *MTC*, visto que a versão polaca não apresenta prefácio (ou similar) e a versão de língua inglesa foge a esta “regra”, com uma introdução assinada pelo tradutor, que, entre outros aspetos, discute as dificuldades e opções de tradução. A edição francesa da Plon, por sua vez, inclui uma nota da autoria da tradutora, mas não se debruça sobre a tradução.

Como se viu, a presença, no TC, de elementos peritextuais que não existem no TP (nomeadamente prefácios ou introduções) é, por si só, sintomática de uma preocupação com a mediação entre texto e cultura de partida e os leitores do texto e cultura de chegada, que, no caso de *MTC*, se encontram também a uma relativa distância temporal⁸⁴. De facto, todas as edições das traduções de *MTC* (exceto, novamente, a polaca) incluem um prefácio ou introdução não existente no TP, assinados por intelectuais e especialistas em estudos literários, como é o caso dos próprios tradutores Denyse Chast e Cota Fagundes, bem como de Vasco Graça Moura (edições francesas da EDLD) e Elena Ryauzova (edição russa).

Assim, estando o sistema literário português numa posição periférica relativamente aos sistemas francês, norte-americano e russo, e considerando que em todas as edições figuram elementos peritextuais não existentes no TP – não só introduções/prefácios, mas também mapas e notas de rodapé –, os quais visam explicar aspetos da língua e cultura portuguesas aos leitores do TC, está-se perante o que Tymoczko (1999:28) denomina “the assertion of cultural dominance”. Isto porque estes peritextos vêm corroborar “established definitions of ‘what constitutes the domain of knowledge necessary for public discourse’ and what does not” (Klinger 2015:152), na medida em que estes peritextos podem também sinalizar o desconhecimento dos leitores dos referidos TC relativamente ao autor, à obra e à cultura de que emana.

⁸⁴ Excetuando *LSA*, todas as publicações são posteriores a 1988.

De recordar que nenhuma das traduções integra a dedicatória de Nemésio a Mário de Castro, presente em quase todas as edições portuguesas (exceto nas edições de bolso).

3.3.1. Edições francesas

Na já mencionada carta de outubro de 1951 a Gabriel Marcel (E11/cx. 56), Nemésio manifesta interesse em incluir um prefácio em *LSA*. Assinalando que, sendo Marcel o diretor da coleção, não poderá assinar o prefácio, sugere André Maurois e declara que, por sua vez, o amigo Jean Baptiste Aquarone sugere André Siegfried, “qui connait les Açores et en a parle avec enthousiasme et précision”. À semelhança do que sucede relativamente à capa, de novo Nemésio insiste – sem sucesso – na importância de conhecer (e dar a conhecer) os Açores e, bem assim, de incluir na versão francesa elementos a eles referentes.

A edição de 1953 contará apenas com uma breve nota biobibliográfica sobre Nemésio, assinada pela tradutora. A nota inicia, porém, com imprecisões, estabelecendo a data de publicação de *MTC* em 1945 (data da segunda edição, tendo a primeira sido publicada no ano anterior) e descrevendo Nemésio como professor de literatura francesa na Universidade de Lisboa. Embora a disciplina pudesse funcionar como atrativo e elemento credibilizador para os leitores francófonos que não conheciam o autor, a verdade é que Nemésio começou por lecionar literatura italiana. Assim, logo nas primeiras linhas, são notórias algumas incongruências, que, de certa forma, se refletirão ao longo da tradução, como se verá no capítulo que se segue.

Contudo, Denyse Chast procurou acautelá-la de eventuais imprecisões biobibliográficas, também sem sucesso. Numa carta sem data (E11/2260), a tradutora informa Nemésio de que Marcel Bourdel (diretor da Plon, recorde-se) lhe pedira “umas páginas para situar” *LSA*, pelo que solicita ao autor “alguns elementos” que lhe pudessem servir para o efeito, como artigos de imprensa sobre *MTC* e notas biográficas ou informações sobre o romance.

Noutra carta não datada (E11/2258), mas que se afigura posterior, a tradutora, além de mencionar “o tal prefácio” que a Plon “reclama” para *LSA*, alude a um (anexado) texto introdutório⁸⁵, que a editora exige ser breve – o que explica a reduzida dimensão da nota

⁸⁵ Existe no espólio (E11/cx. 56) um dactiloscrito que parece ensaiar a divulgação no mercado francês: «Oeuvre d'une valeur internationale par sa densité, son lyrisme et sa profondeur, LE SERPENT AVEUGLE évoque les Açores en une fresque saisissantes [sic] et, à ce double titre, était tout désigné pour figurer dans la collection FEUX CROISÉS». Será, aliás, este o último parágrafo da nota biobibliográfica

que irá assinar. Chast relata ainda que esta já teve aprovação da Plon e de Le Gentil (talvez na qualidade de consultor) e pede a Nemésio que a avise caso se aperceba de alguma inexatidão, e com alguma urgência. Informa ainda que as correções das provas (de *LSA*) devem começar “na segunda-feira” e que a Plon- as enviará também ao autor. Refere que teve de se socorrer das obras nemesianas que tinha em casa (algumas com dedicatórias – o que poderá atestar uma relação consolidada entre ambos) para elaborar o texto, visto a biblioteca da Sorbonne ser de uma “pobreza franciscana no que toca a literatura moderna” (*ibid.*). Antes de terminar, alerta para o “ritmo acelerado exigido pela Plon” (*ibid.*). Ao que parece, nem Nemésio reviu a nota, nem o texto que o autor terá enviado para servir de prefácio⁸⁶ foi publicado (com eventual exceção do último parágrafo já mencionado). Assim, apenas nas edições da EDLD, a partir de 1988, figurará um prefácio, mas já pela mão de Vasco Graça Moura.

Não obstante, a nota biobibliográfica assinada por Chast – possivelmente também influenciada pela cordial relação que mantinha com o autor⁸⁷ – é muito abonatória para Nemésio, para *MTC* e para a sua obra em geral. Apesar de não mencionar qualquer aspeto relativo à tradução do romance, Chast faz referência ao primeiro romance de Nemésio, *Varanda de Pilatos*, e à sua obra poética, revelando que existem obras nemesianas publicadas em língua francesa, a saber, o volume de poemas *La Voyelle Promise* (1935) – originalmente escrito em francês – e a tradução de um dos contos de *Paço do Milhafre* publicada na revista literária *Mercure de France* (“Cabeça de Boga”, recorde-se).

Já o prefácio de Vasco Graça Moura, intitulado “Nemésio ou l'équilibre inexorable”, publicado em todas as edições da La Différence, não se debruça, como seria expectável, sobre a tradução, mas, sim, sobre *MTC*. Não contemplando quaisquer elementos biográficos

assinada por Denyse Chast e incluída na edição de 1953, pelo que não foi possível apurar se se trata do texto enviado por Chast a Nemésio ou se terá sido o próprio autor a redigi-lo.

Além disso, existe também no espólio (*ibid.*) um exemplar de um folheto publicitário com texto semelhante, mas que nomeia já a tradutora: «Oeuvre d'une valeur internationale par sa densité, son lyrisme et sa profondeur et que nos pouvons parfaitement apprécier dans la remarquable traduction de Mademoiselle Chast, *le Serpent aveugle* évoque les Açores en une fresque saisissante. A ce double titre la collection «Feux Coisés» se devait de publier ce roman.»

⁸⁶ Noutra carta (E11/2259), s.d., Chast faz referência ao texto que Nemésio enviou para prefácio e que ela própria entregou a Mme. Horait (?), “para ela aproveitar os ‘acrescentamentos’ que julgar oportunos.”

⁸⁷ Note-se que, na primeira carta de que há registo dirigida de Chast a Nemésio, de 1946 (E11/2257), a futura tradutora de *MTC* o trata por “Exmo. Sr. Professor”. Nas cartas seguintes (1951-1953) (E11/2258-2263), saúda-o sempre com “Exmo. Senhor e Caro Amigo”. Na última carta de que há registo (E11/2264), já de 1954, após a publicação de *LSA*, lê-se na saudação apenas “Caro Amigo”. Ainda que a correspondência pareça cessar, estas alterações refletem uma evolução na relação de Chast e Nemésio, indicando uma aproximação gradual.

de Nemésio e discorrendo em pormenor sobre o romance, as suas personagens e, sobretudo, o seu simbolismo, o prefácio de Graça Moura parece escrito para um leitor já familiarizado com o romance e o seu autor, talvez por não se tratar da primeira publicação da obra em França (embora se registem 35 anos entre as duas edições).

De resto, em relação ao TP, na edição de 2014, são mantidas apenas três das quatro epígrafes (Melville, Chateaubriand e Brandão; na edição de 1953, todas figuram) e retiradas a dedicatória e a tábua de personagens.

3.3.2. Edições norte-americanas

Devido ao seu particular contexto editorial, já contemplado no presente capítulo, as edições norte-americanas apresentam-se como as mais completas no que respeita não só à reprodução dos peritextos do TP, mas também ao acrescento de informação que contextualiza o romance, o autor e a própria tradução.

Assim, as edições de *SI* apresentam uma introdução do tradutor, que fez apenas algumas alterações formais à originalmente publicada em 1998. Contrariamente ao prefácio de Graça Moura nas edições francesas (ou mesmo de Ryauzova, na edição russa), o texto de Cota Fagundes prende-se quase em igual medida com o autor e a sua obra, como com as dificuldades e opções de tradução, designadamente no que respeita ao título. Na sua introdução, o tradutor revela ter consultado a tradução francesa do romance.

De salientar ainda a adição de uma bibliografia sobre Nemésio selecionada pelo tradutor – já existente na edição de 1998 – e que terá servido de apoio ao seu texto introdutório, bem como a inclusão, na mais recente edição, da tábua de personagens (existente na maioria das publicações portuguesas, mas, até então, inexistente nas edições traduzidas, relembre-se), por forma a facilitar a leitura.

Realce-se que a tábua de personagens parece ter tido um percurso atribulado mesmo nas edições portuguesas. De acordo com a Introdução de José Martins Garcia (1994:23) à edição de *MTC* da INCM:

Essa tábua surge na 2.^a, 3.^a e 6.^a edições. Quer isto significar que, por motivos que ignoramos, Vitorino Nemésio, logo na 2.^a edição de *MTC* (1945), sentiu a necessidade de escalonar sumariamente a galeria das suas personagens. Este procedimento, muito corrente em dramaturgos e muito raro em romancistas, não se terá sempre afigurado o mais desejável no entender do próprio Vitorino Nemésio. Com efeito, a 1.^a edição não contém essa lista; a 4.^a também não (e Nemésio, na posse de todas as suas faculdades em 1972, terá decidido retirá-la).

Em 1980, David Mourão-Ferreira, ao preparar a 6.^a edição do romance, decidiu restituir a tábua de personagens, que, desde então, se tem mantido, de um modo geral, nas edições portuguesas⁸⁸.

Recorde-se ainda que as edições norte-americanas mantêm todas as epígrafes patentes no TP, não integrando, contudo, a dedicatória. Por fim, são estas as únicas edições das traduções que contêm a biografia do tradutor (patente na contracapa, na edição de 1998 – cf. Anexo B, p. 185 –, e na primeira orelha, na edição de 2019 – cf. Anexo B, p. 182), bem como uma introdução, por ele assinada, que se debruça também sobre o processo de tradução.

3.3.3. Edições russa e polaca

A edição russa de *MTC* não apresenta epígrafes, dedicatória ou tábua de personagens, mas contém um longo (cerca de 15 páginas) e elogioso prefácio sobre Nemésio e o romance. A autora do prefácio não é a tradutora (Liliana Brevern), mas a filóloga Elena Ryauzova (1936-2017), crítica literária e académica da área das literaturas africanas de língua portuguesa, com especial foco na literatura angolana.

O prefácio de Ryauzova intitula-se em tradução “Homem e Destino: fatalismo ou liberdade de escolha” e é antecedido da epígrafe “Ser a vida e não ter já vida – era um destino”, retirada do poema “O Bicho Harmonioso”. Como se pode depreender do título, Ryauzova centra o seu prefácio no que considera ser o impacto do destino – e da sua simbologia – nas personagens de *MTC*. O texto é evocativo do prefácio de Graça Moura à edição francesa, também centrado no simbolismo e na inexorabilidade do destino das personagens de *MTC*. À semelhança do que sucede no texto de Graça Moura, Ryauzova não se coíbe de desvendar as partes mais inesperadas da narrativa, de modo que o leitor, caso comece a leitura por este peritexto, já não se surpreenderá com algumas voltas do enredo – sendo que não é plausível considerar que o leitor conheça o romance, tendo em conta este peritexto, bem como as notas de rodapé.

⁸⁸ As edições de *MTC* da Editores Associados (1960 e 1973) não apresentam epígrafes, dedicatória, tábua de personagens ou data/local no final do texto. Provavelmente por se tratar de uma edição de bolso “acordada com a Bertrand Editores”, segundo informação peritextual.

Por outro lado, o prefácio inicia com informações importantes no âmbito da contextualização da tradução. Ryauzova começa por afirmar que Nemésio, “nascido nos Açores, era até agora conhecido na União Soviética apenas por um número limitado de especialistas” (1990:5), como críticos literários e tradutores. Romance que “merece a atenção de um público leitor de diferentes níveis, até aos mais exigentes e sofisticados” (*ibid.*), *MTC* é, afirma Ryauzova (*ibid.*), “um dos melhores romances portugueses deste século – e esta é a opinião dos investigadores literários portugueses”.

A prefaciadora (*ibid.*:6) fornece ainda informações relevantes sobre a publicação de literatura portuguesa na então União Soviética:

Até agora, o nosso conhecimento da literatura portuguesa tem sido limitado, pode-se dizer seletivo, porque o principal critério de seleção de autores e obras tem sido a sua importância social, a crítica de significado social.

Na poesia e ficção do século XX, estas tendências foram idealmente combinadas pelo neorrealismo (...). Por esta razão, os romances, novelas e poesia dos neorrealistas – Alves Redol, Fernando Namora, José Gomes Ferreira, Carlos de Oliveira – ou aqueles que começaram como adeptos desta tendência e mais tarde a superaram – Vergílio Ferreira, José Saramago, Urbano Tavares Rodrigues – há muito que têm sido favorecidos. Contudo, esta abordagem tem deixado muitos romancistas e poetas interessantes e originais fora de cena, entre eles Vitorino Nemésio.

A este propósito, Lavery⁸⁹ avança com algumas possibilidades relativamente à escolha de *MTC* para tradução:

By 1990, the ideological component of selecting works for translation was not nearly as important as it was in the 1960s or 70s. It is possible that Brevern [ou Ryauzova, acrescento] simply considered Nemésio's novel worth translating and it was not controversial for the editorial board. Another motivating factor would be the fact that the novel was published in 1944, and thus would not be subject to the restrictions imposed under the Universal Copyright Convention, which the Soviet Union joined in 1973⁹⁰.

Aludindo à influência da insularidade na visão e na escrita nemesianas, e mencionando mesmo o conceito de açorianidade, Ryauzova discorre sobre a versatilidade dos interesses criativos do autor, estabelecendo um paralelo com “outro ilhéu de língua portuguesa publicado na União Soviética. Manuel Lopes, um nativo da antiga colónia portuguesa de Cabo Verde” (*ibid.*).

⁸⁹ Correspondência eletrónica com o autor (12/06/2023).

⁹⁰ A este propósito, refira-se que, na edição francesa de 1953, surge em peritexto a indicação de que os direitos de reprodução e tradução se encontram reservados para todos os países, incluindo a URSS (cf. Anexo B, p. 173).

Apesar de – à semelhança da nota assinada por Chast – se verificarem algumas imprecisões biográficas (a prefaciadora refere que Nemésio se licenciou, em Coimbra, em Direito e Filologia, p. 9), o texto de Ryauzova – possivelmente influenciado pelo de Graça Moura, pelo menos no tema – é bastante completo e abonatório, demonstrando um aturado conhecimento de *MTC* e Nemésio.

Já a edição polaca, como referido, não apresenta epígrafes, dedicatória, tábua de personagens, nem introdução ou prefácio, tendo o próprio texto sido consideravelmente truncado. Não obstante, a contracapa apresenta uma breve nota sobre Nemésio e *MTC* (cf. Anexo B, pp. 186 e seguintes), com fotografia de Nemésio a tocar viola da terra. Este pormenor não é despiciendo, pois a música representa um importante elemento da vida do autor, associado à memória do pai, mas também porque *MTC* está repleto de referências musicais, incluindo nos títulos dos capítulos. Por outro lado, a nota apresentada na contracapa inclui também algumas imprecisões, designadamente ao referir que Nemésio nasceu em Angra e que a ação do romance decorre na década de 1920, sendo que, temporalmente, a ação se situa entre 1917 e 1919.

3.4. Notas de rodapé

O caso das notas de rodapé afigura-se particularmente interessante, visto que estas abundam no próprio texto de partida: são 50 as notas do autor⁹¹. Curiosamente, Nemésio recorre às notas de rodapé num processo que é já de tradução. Ao indicar, por exemplo, que se chama “«saguão», nos Açores, ao vestíbulo das casas a que dá entrada a porta principal: o portão” (Nemésio 1994:42), poder-se-á considerar que o autor inicia um processo de tradução intralinguística, na aceção de Jakobson (1959), ou seja, tradução que ocorre dentro da mesma língua.

Situações semelhantes surgem ao longo do romance, ainda que a maioria das notas introduzidas por Nemésio vise apresentar a origem e o significado das expressões e vocábulos híbridos⁹². Ao fazê-lo, Nemésio coloca o leitor perante um processo de tradução, mediando, precisamente, a leitura e sinalizando que o seu público-alvo poderá não estar familiarizado com certos regionalismos, nomeadamente os híbridos.

Saliente-se ainda que alguns erros ortográficos verificados em palavras de língua inglesa nas notas de rodapé da 1.^a edição, como “monney” ou “marcket” (cf. Anexo B, p. 145, notas 7 e 16), foram corrigidos nas edições da INCM. Esta correção parece inconsistente com a manutenção no corpo de texto de outros erros ortográficos e sintáticos em língua inglesa (e não só), como se verá no capítulo que se segue.

3.4.1. Edições francesas⁹³

Na edição de 1953, existem 30 notas de rodapé, menos 22 do que no TP. São mantidas algumas notas que “traduzem” o hibridismo, e que são da autoria de Nemésio

⁹¹ As notas de rodapé do TP encontram-se elencadas a partir da página 145 do Anexo B. Repare-se que as notas 49 e 50 são da autoria do prefaciador da edição, José Martins Garcia (J.M.G.).

⁹² A título de exemplo, referindo-se ao vocábulo híbrido “froca”, a nota 27 apresenta a seguinte formulação: “Ingl. *Frock*: espécie de blusa de homem” (Nemésio 1994:254). Considerariam alguns audacioso classificar este tipo de tradução como intralinguística, visto que o hibridismo linguístico envolve mais do que uma língua – e Nemésio até inicia, nestes casos, as notas com “Ingl.”, para indicar que a palavra tem por base a língua inglesa. Mas considerar que se trata de tradução interlinguística (entre duas ou mais línguas), porventura, mais audacioso seria. Contudo, se se considerar que as expressões e os vocábulos híbridos em causa fazem parte de um dialeto da língua portuguesa utilizado no arquipélago dos Açores, então poder-se-á falar em tradução intralinguística. Em contrapartida, a tradução interlinguística com recurso a nota de rodapé também existe, pois o autor fornece a tradução de algumas das passagens em neerlandês e alemão.

⁹³ As notas de rodapé do TC francês encontram-se elencadas a partir da página 148 do Anexo B.

(nomeadamente a nota 16, p. 266 do TC: «porigui»; «charape», etc.), mas não todas. Isto porque, como se verá no capítulo seguinte, muitas expressões híbridas ou heterolíngues foram omitidas ou normalizadas. Em contrapartida, por vezes, são adicionadas notas de cariz cultural (sobre Camilo Pessanha, por exemplo – nota 8, p. 174 do TC).

No caso das passagens que se encontram em francês no TP, existem notas de rodapé com indicação “En français dans le texte” (notas 3 e 6, por exemplo, pp. 46 e 126 do TC). No entanto, esta informação não se verifica para todos os passos que surgem em francês no TP, o que demonstra incoerência nas estratégias utilizadas. Além disso, das notas de rodapé não consta o autor, ou seja, não há indicação de nota de tradutor, autor nem editor, o que não permite distinguir entre as notas adicionadas ao TC e aquelas que já existiam no TP.

Nas edições de 1988 da EDLD, surge a indicação de nota da tradutora, mas com diferentes formatações (NdT, N.d.T., *N.d.T.*), sintoma já da ausência de revisão que se irá notar ao longo do corpo de texto⁹⁴, aspeto também analisado no Capítulo IV. Comparando com a edição de 1953, há adição de três notas: uma que indica “En français dans le texte” (nota 7), sendo que essa adição não esgota, novamente, as passagens que surgem em francês no TP, pelo que a incoerência se mantém; uma nota de cariz cultural (26) e uma nota (30) que traduz uma passagem em neerlandês, semelhante a uma passagem anteriormente traduzida, em rodapé, na mesma página (o que poderá justificar a ausência de nota na edição de 1953).

Já na edição de 2014, são 35 as notas de rodapé. A primeira nota – que pretende dar a tradução literal da expressão “rabo-torto”, referindo-se a uma raça canídea dos Açores, – não existia nas edições anteriores. Além disso, surge com indicação, entre parênteses, de que “todas as notas são da tradutora” (p. 23 do TC). Contudo, tal não poderá corresponder à realidade, visto que algumas das notas inseridas na edição de 2014 – incluindo, paradoxalmente, esta primeira – não existem nas edições anteriores, sendo que Denyse Chast terá falecido em 2007. Trata-se, ao que parece, da estratégia encontrada para evitar a inclusão de “N.d.T.” nas notas de rodapé (está-se perante uma edição de bolso, recorde-se), sendo que as notas adicionadas não serão, realmente, da tradutora, mas, sim, de um outro agente.

⁹⁴ Outro sintoma dessa ausência prende-se com a indicação, na página 40 do TC, de nota no corpo do texto (nomeadamente em *Simples*, de Guerra Junqueiro, e *Feuilles au Vent*), sendo que faltam as notas.

Em relação às anteriores edições, as notas adicionadas na publicação de 2014 revestem-se de importância não muito significativa: uma diz respeito ao significado de “morgado” (nota 14) e as restantes (18 e 19) constituem apenas a divisão de uma nota anterior em duas.

De acordo com um dos tradutores/revisores associados à La Différence, contactado via eletrónica, haveria um projeto de revisão de *MTC* para essa edição de 2014, o qual, segundo a fonte, não terá avançado, de modo que o texto foi “novamente” publicado sem revisão. Apesar de várias interpelações, esta fonte não providenciou mais pormenores.

Como o capítulo seguinte permitirá perceber, parece, ainda assim, ter havido algum processo de revisão, mas pouco aturado, o que é de difícil compreensão, dada não só a distância temporal entre as edições, mas também as imprecisões registadas.

3.4.2. Edições norte-americanas⁹⁵

Existem, na edição de 1998, 66 notas de rodapé, que passam a 79 na mais recente publicação. Assim, ao contrário da tradução para francês, a tradução para inglês apresenta mais notas do que o TP. Além disso, nas edições norte-americanas são diferenciadas as notas do autor – com indicação “Author” – das notas do tradutor – com indicação “Trans.”.

Casos há, contudo, em que, provavelmente por lapso, na mais recente edição, está em falta essa indicação, sendo que, quando tal acontece (cf. notas 6 e 13, por exemplo, Anexo B, pp. 154 e seguintes), estão em causa, sobretudo, novas notas, adicionadas pelo tradutor à edição de 2019. Por outro lado, e talvez por o tradutor introduzir ligeiras alterações na formulação relativamente ao TP, algumas notas recebem a indicação – em ambas as edições – de nota do tradutor, quando, na verdade, já existiam no TP. É o caso das notas referentes aos vocábulos híbridos *froca* (nota 44 da edição de 1998 e 50 de 2019) e *rofe* (nota 65 de 1998 e 71 de 2019).

Em ambas as edições, são 20 as notas identificadas como sendo do autor, todas relacionadas com o heterolinguismo do TP, ora para indicar a origem e significado de vocábulos híbridos, ora para providenciar a tradução das passagens em neerlandês e alemão. Ainda assim, ficam em falta algumas notas do autor relacionadas com os regionalismos de

⁹⁵ As notas do TC de língua inglesa encontram-se elencadas a partir da página 154 do Anexo B.

base anglo-americana, uma vez que, como se verá no próximo capítulo, o tradutor encontrou para eles outras soluções no corpo do texto.

As notas adicionadas pelo tradutor – que constituem a maioria, portanto, – dizem respeito, sobretudo, a aspetos da cultura e da história portuguesas, servindo para informar o leitor do TC sobre autores como Camilo Castelo Branco, Júlio Dinis, Guerra Junqueiro, entre outros, ou sobre episódios da história de Portugal. Algumas notas servem também o propósito de apresentar ao leitor a tradução para inglês das passagens em francês no TP. Uma nota adicional (20), relativamente à edição de 1998, e cujo conteúdo será abordado no próximo capítulo, informa o leitor de que, ao longo do romance, o narrador ou algumas personagens poderão enunciar frases em inglês, sendo que estas serão assinaladas com itálico. Trata-se de uma forma de lidar com o heterolinguismo do TP, especialmente neste caso, em que a passagem heterolingue do TP corresponde à língua do TC, sem interferir com a leitura (em vez de adicionar notas com a informação “Em inglês no TP”, por exemplo).

Nemésio considerava provavelmente que o seu leitor seria capaz de compreender francês, latim e castelhano, uma vez que não providenciou traduções dessas línguas, mas que não seria capaz de compreender os regionalismos híbridos, além de neerlandês e alemão. Cota Fagundes apresenta traduções para todas essas línguas (exceto o latim), reproduzindo, para tal, as notas do TP, adicionando outras, fornecendo a tradução “in-text” ou normalizando algumas expressões (o que é raro), como será evidenciado no Capítulo IV. Significa isto que se considera que o leitor de *SI*, tratando-se de um público-alvo vasto e diversificado, poderá não estar tão familiarizado com línguas estrangeiras como o leitor de *MTC*.

Por fim, ainda na edição de 2019, as notas que eram de rodapé na edição anterior passam a notas de fim de texto, apresentadas por capítulo, com maior exigência para o leitor. Poderá isto significar que a editora tem uma expectativa diferente quanto ao leitor da nova edição, possivelmente a de um leitor mais sofisticado.

Além da adição de algumas notas, como se viu, outras foram reformuladas, sendo que, essencialmente, se manteve o seu conteúdo (cf. notas 41 de 1998 e 47 de 2019, por exemplo). O facto de existirem 13 notas adicionais na mais recente edição deve-se, acima de tudo, à alteração da estrutura do texto introdutório do tradutor. Ou seja, as primeiras sete notas de fim de texto apresentadas na edição de 2019 referem-se a informação que estava, na edição

de 1998, incluída no corpo de texto da Introdução. Assim, o conteúdo das novas notas não representa, na verdade, nova informação relativamente à edição anterior.

Constata-se, portanto, e de um modo geral, que as edições norte-americanas, mesmo ao nível dos peritextos, são mais cuidadas e têm em maior consideração o TP e o seu autor do que as edições francesas (e também polaca), pelos motivos já expostos e que estão relacionados com os agentes da tradução, em particular, as editoras e o tradutor. Ainda assim, atente-se na seguinte afirmação de Cota Fagundes (2022:83), na qual justifica a omissão de uma das notas do autor:

Nemésio's (1999) footnote explanation: "Tub: um dos cinco lugares aos remos das canoas americanas (one of the five places at the paddles of an American whaleboat): harpooner, bow, midship, tub, apter-oar [...]" (p. 249). In my translation of the novel, I deemed this footnoted information linguistically unnecessary for a speaker of English and from the standpoint of whaling also easily accessible to anyone curious enough to look it up—and simply omitted it, lest I over-endnote the novel.

Como se vê, o tradutor está ciente da quantidade de notas que a sua tradução apresenta, de modo que opta por evitar algumas. Curiosamente, exclui, pelos motivos adiantados, uma nota que existe no TP, ao invés de retirar notas da sua autoria.

3.4.3. Edições russa e polaca

Antes de mais, importa ressaltar que, pelos motivos a que já aludi, a análise que se segue inclui uma análise textual, ainda que limitada, além da peritextual. Deste modo, afigura-se este ponto mais longo do que os anteriores.

O texto de chegada russo inclui consideravelmente mais notas de rodapé do que o TP, até porque, no TC, estas são utilizadas para fornecer todo o tipo de informação – sem indicação, contudo, do autor da nota.

Imediatamente na primeira página do romance (p. 22), surge uma nota de rodapé com a explicação de que “Horta é a principal cidade do Faial, uma das ilhas do arquipélago dos Açores, que pertence a Portugal”. Na página seguinte, existem duas notas que dão conta de que Pico e Terceira são também ilhas dos Açores. Pouco mais adiante, surgem outras de teor idêntico sobre a cidade de Bragança (p. 26), a Baixa de Lisboa (p. 29) e, já no final do romance, sobre o Funchal (p. 364), “capital da ilha da Madeira, pitorescamente situada à beira-mar”. Ora, o conteúdo destas notas de rodapé parece apontar para um

desconhecimento (quase total) do leitor não só relativamente ao arquipélago dos Açores, mas a todo o território português, talvez justificado pelo isolamento da URSS em relação à Europa, bem como pela distância geográfica e cultural.

Apesar de, no prefácio, já haver menção ao arquipélago dos Açores, ao facto de ser composto por nove ilhas e à Ilha Terceira em particular, por ser a terra natal de Nemésio, considerou-se haver necessidade de fornecer informações adicionais não só sobre os Açores, mas também sobre Portugal continental e Madeira, o que parece apontar para o reconhecimento da possibilidade de o leitor não ler todos os peritextos, nomeadamente o prefácio.

No TC russo, as notas de rodapé são também amplamente utilizadas para fornecer traduções relacionadas com o heterolinguismo do TP. Por exemplo, o latim é mantido⁹⁶ no texto com tradução em rodapé (p. 191 do TC) e indicação de que se trata de latim; expressões como “alvarozes” (p. 113), “monim” (p. 261), “pulaiéte” (p. 286) são preservadas, com tradução em rodapé e a curiosa indicação “inglês distorcido”; a incorreta formulação “Let go him alone” [sic] (p. 110) (que, como se verá, permanece intacta ao longo de todas as edições portuguesas do romance) é mantida também, com tradução em rodapé e indicação de que se trata de língua inglesa, o que acontece sempre que se preservam formas nesta língua (por exemplo, “camping” e “cricket” [p. 113] ou “referee”, “teams” e “yes”, todas na página 258).

O mesmo sucede com outras línguas, ou seja, quando o francês é mantido, surge a tradução em rodapé e indicação de que se trata de língua francesa (pp. 366, 367 e 372, por exemplo); o mesmo é verdade para o alemão (p. 381) e o neerlandês (p. 390), sendo que com o castelhano tal nem sempre acontece. Isto é, como os vocábulos em castelhano surgem em número considerável no Epílogo, no contexto do espetáculo tauromáquico a que Margarida assiste, no TC russo a terminologia é mantida no corpo de texto (em cirílico), por vezes com notas de rodapé (cf. pp. 268 e 373), outras vezes sem elas (cf., por exemplo, “montera”, p. 380). A exceção encontra-se na página 372 (manutenção de “luces”, com definição em nota de rodapé e indicação de língua castelhana).

Esta opção de conservar no TC as diversas línguas estrangeiras patentes no TP e, bem assim, alguns regionalismos híbridos, por oposição a simplesmente normalizá-los, e ainda

⁹⁶ Mantido, neste TC russo, significa também que os vocábulos ou frases são apresentados no alfabeto latino.

que aproxime o TC do TP, poderá refletir as “normas da ‘escola soviética’ de tradução” – a “tradução livre” – que surgiu nos últimos anos da URSS:

Free translation became synonymous with good style and competence, while “literalism” became a dirty word, an accusation of hackwork that retained its ideological undertones. However, while Soviet translators frequently stated their preference for creative, “free” translations, they could also be criticized for departing too far from the text and inserting their own content. (Lavery 2021:25)

Com base neste quadro, poder-se-á, antes de mais, concluir que, neste contexto específico, não era incomum o tradutor tornar-se “visível”; aliás, parecia até ser desejável. Como refere Podlevskikh Carlström (2022:144) – no âmbito da sua investigação sobre a tradução de literatura policial sueca na União Soviética, recorde-se –, a censura que o sistema soviético impunha ao mercado editorial – e que começou a decair com a era de Khrushchev – era, ainda assim, menor no caso da literatura traduzida. Se um autor/obra era selecionado para tradução, então era porque conformava com os ideais soviéticos. Ou, pelo contrário, o regime utilizava-o, na linha da imagologia, para criar uma certa perceção do outro, para “passar uma mensagem” aos leitores: “translated texts served as a powerful instrument for “influencing the readers’ perception of the ‘other’” (Zalambani e Lelli *apud* Podlevskikh Carlström 2022:149).

Nesse sentido,

[i]n order to describe how [this] literature illustrates the differences between the Soviet Union and the Western world, the paratext creators use different ideological buzzwords. According to them, this literature illustrates the truth about “capitalist society,” “the morally deprived bourgeois society,” “class society,” and “a society of exploitation and oppression”. (*ibid.*:166)

De facto, no seu prefácio, Ryauzova menciona várias vezes a burguesia decadente a que pertence a personagem Januário Garcia. Conquanto não o pareça fazer, necessariamente, de uma perspetiva diferente ou mais frequente do que outros estudiosos da obra⁹⁷, talvez essa particularidade de *MTC* tenha ajudado na escolha do romance para tradução, já que permitiria alertar o público para os “perigos” da burguesia.

Apesar de tudo, a literatura traduzida na URSS serviu, até certo ponto, como meio de transmissão de novas ideias e formas de estar no mundo (cf. Podlevskikh Carlström 2022),

⁹⁷ Martins Garcia (1988:140) fala até no “carácter aberrante” da burguesia autóctone representada no romance e caracteriza Januário Garcia (pai de João Garcia) – dela o maior símbolo – como “a personagem mais repelente de *Mau Tempo no Canal*” (*ibid.*).

o que poderá explicar a (relativa) “tradução livre” de *MTC*, publicada em 1990, recorde-se, já no final da era soviética.

Assim, com base no conteúdo das notas de rodapé, poder-se-á concluir que o leitor de língua russa teria dificuldade, à data de publicação, em reconhecer e identificar diversas línguas europeias (o que se poderá associar ao referido isolamento da URSS). Contudo, e apesar de parte significativa do heterolinguismo do TP ser mantido, vários regionalismos híbridos são normalizados, dada a ausência de notas de rodapé nos Capítulos XXIX e XXX, aqueles que, no TP, apresentam maior ocorrência destes vocábulos, por serem dominados pelo socioleto dos baleeiros. Esta situação aponta, tal como o tratamento da língua castelhana, para a utilização de diferentes estratégias no que respeita ao heterolinguismo – o que parece, aliás, ser prática corrente na tradução (cf. Berman 1997) –, a fim de evitar algumas das tensões que este fenómeno provoca no texto e, conseqüentemente, na leitura.

Ainda assim, a leitura do texto acaba por sofrer outro género de interferência, tendo em conta a grande quantidade de notas de rodapé. Além das referidas, existem outras, relativas a personalidades associadas à cultura e história portuguesas, em particular ao passado expansionista e colonial português, como Paulo da Gama e António Vieira (p. 366) ou Mouzinho de Albuquerque e Paiva Couceiro (p. 369). Existe ainda uma nota sobre Gungunyana⁹⁸ (p. 365), o que me leva a questionar se este peritexto (ou parte dele) não será da autoria (ou coautoria) da prefaciadora, dado o seu percurso e interesses académicos.

Já no caso da edição polaca, de salientar que a grande maioria das notas de rodapé é acompanhada, entre parênteses, da indicação de quem a autorou. E são três os responsáveis pelas notas de rodapé: o editor, o tradutor e o autor.

As notas do editor são raras e incluem, por exemplo, informações sobre aspetos da cultura portuguesa, como a definição de “azulejo” (p. 9), “fidalgo” (p. 15) ou “cozido” (p. 141), apresentado como “um popular prato da Península Ibérica de ervilhas cozidas e vários tipos de carne”, o que não corresponde exatamente ao “cozido” típico nos Açores, nem em Portugal Continental. Estes vocábulos são então mantidos em português, em itálico, no TC, sendo que a necessidade de os definir parece apontar para o desconhecimento do leitor relativamente à cultura portuguesa.

⁹⁸ Lê-se: “Poderoso rei da tribo Vátua de Moçambique, que se rebelou contra o domínio dos portugueses. Em 1895, foi feito prisioneiro e levado para Angra, onde morreu em 1906.”

Já as notas do tradutor, que perfazem a maioria, contemplam diversos tipos de informação, nomeadamente a dimensão da montanha do Pico (p. 16), sendo que a altitude fornecida – 2284 m – está incorreta (a altitude correta é 2351 metros). Do mesmo modo, a sua última erupção deu-se em 1718 e não em 1719, como se refere.

Outras notas incluem a tradução de “stick” (p. 63); a tradução de uma passagem em latim (p. 110) – sendo que as restantes passagens em latim não apresentam tradução⁹⁹; a definição do jogo de cartas “sueca” (p. 128); a indicação de que a expressão *Fókim* (utilizada pelo baleeiro João da Cezilha para se referir à marca de bebida alcoólica) é adaptada do inglês e se refere a “Foking, marca holandesa de gin”¹⁰⁰; a indicação de que “pataca” é a moeda dos Açores (p. 193); e as definições de duas importantes expressões para o ambiente do romance: *mormaço* e *Azorean Torpor* (p. 260).

Existem ainda notas do tradutor sobre personalidades portuguesas, como Miguel Bombarda (p. 241) e Camões (p. 280). O tradutor recorre também às notas de rodapé para explicitar o significado do título do Capítulo XV – “Carnet Mondain”¹⁰¹, referindo tratar-se de um “caderno de viajante do mundo” (p. 118). Contudo, a expressão alude, antes, a um registo que lista as famílias da alta sociedade belga a residir no país ou no estrangeiro, ou não fosse Margarida Clark Dulmo também de ascendência flamenga.

À semelhança do que sucede na tradução para russo, o tradutor polaco utiliza notas de rodapé também para explicitar o significado de “referee” e “teams” (p. 191), mantidos em inglês no texto. Existe ainda uma nota sobre as festividades do Espírito Santo (p. 201) nos Açores. Por outro lado, são apresentadas como notas do tradutor algumas que já existiam no TP, nomeadamente para explicar a origem e significado das expressões “puláiete” (p. 215), “froc” (p. 213 – assim escrito, em vez do híbrido “froca”) e “log head” (p. 217 – também assim apresentado, ao invés do híbrido “lagaiéte”).

Quanto às notas do autor, são, maioritariamente, as associadas aos vocábulos híbridos, sendo, assim, mantidos os existentes no Capítulo XXVIII (*Nantaque*, p. 207, *charape*, p. 208, *chipeira*, p. 209, etc.). Há, contudo, uma nota, com indicação de nota do autor, para a

⁹⁹ Talvez por se tratar de passagens litúrgicas conhecidas dos católicos (p. 124) – como é o caso da maioria da população polaca – não são apresentadas traduções.

¹⁰⁰ Na verdade, o tradutor refere-se provavelmente à marca de bebidas destiladas Wynand Fockink, pelo que a ortografia que utiliza estará incorreta.

¹⁰¹ Além do Capítulo XIX – “‘Cucumaria Abyssorum’, Théel” –, trata-se do único título de capítulo mantido numa língua estrangeira no TC polaco. Os títulos em italiano, “Schermo” (Cap. VIII), e em novamente em latim, “Feria Sexta in Parasceve” (Cap. XIII), são traduzidos para polaco.

expressão “Bife” (utilizada no TP como menção pejorativa a Roberto, devido à sua ligação a Inglaterra), com a definição “nome desdenhoso nos Açores para os ingleses” (p. 58). Uma vez que a nota não existe no TP, é de estranhar a sua atribuição ao autor, especialmente tendo em conta o seu conteúdo. Além disso, a utilização da forma pejorativa “bife” não parece ser restrita ao território açoriano.

Para a expressão híbrida “Ariôche” (p. 192), dá-se a tradução (Oceano Glacial Ártico) como nota do autor, enquanto, no TP, a explicação é fornecida no próprio título do Capítulo XXVIII: “Oceano Glacial Ártico (Em português do Pico: Ariôche)”.

Notas há ainda que, não existindo no TP, não têm qualquer indicação de autoria no TC. A título de exemplo, na página 170, apresenta-se a tradução de “chaperon”, sem autor da nota, mas com a indicação “fr.”, sinalizando que se trata de língua francesa. O mesmo acontece com alguns passos e vocábulos em inglês e com uma passagem em neerlandês (p. 237). Uma vez que, conforme ilustrado anteriormente, idêntica situação se verificou no TC russo, poderá questionar-se se trata de uma prática editorial dos países em questão, de um sintoma de que os leitores teriam dificuldade em identificar línguas estrangeiras ou até de que o tradutor polaco terá consultado a tradução russa. Na página 33, uma nota sobre Sidónio Pais (“oficial militar, presidente de Portugal assassinado em dezembro de 1918”) também não apresenta indicação de autor.

No TC polaco, existem ainda notas de rodapé para definir quase todos os termos tauromáquicos (mantidos em castelhano). No entanto, enquanto algumas se apresentam como da autoria do tradutor (“afición”, p. 262), outras surgem como notas do editor (“capindo” [sic], p. 267) e outras não apresentam qualquer indicação de autoria (“ganadero”, p. 264, ou “gana torera”, p. 267). Do mesmo modo, em algumas destas notas há indicação de tratar-se de língua castelhana (“afición” e “gana torera”, por exemplo) e noutras não (“capindo” [sic] e “ganadero”), sem qualquer critério aparente, o que, como nos restantes casos, parece apontar para uma certa incoerência e desorganização a nível editorial. Na mesma linha, expressões como “banderrillero” [sic] e “malacuetos” (p. 262) são mantidas no texto, em castelhano e em itálico, sem qualquer nota ou definição no corpo do texto.

Por fim, e ainda no epílogo, importa referir que, nas páginas 268, 269 e 270, existem, no total, sete notas de “autor” referentes a terminologia tauromáquica, como as anteriores, mas que não existem no TP. No entanto, desaparecem quase todas as notas do autor que

fornecem a tradução das passagens em neerlandês e alemão, visto que muitas destas passagens são omitidas.

Em suma, os peritextos, tanto do TP, como dos TC – mas especialmente estes, pelos motivos já desenvolvidos – desempenham uma função essencialmente informativa ou descritiva. Os prefácios, em particular, parecem colocar a ênfase ou na contextualização sociocultural da obra, preparando o leitor para a leitura do texto, ou na apresentação de aspetos biográficos do autor, o que poderá ser sintomático de algum desconhecimento em relação a Nemésio. O tradutor da versão de língua inglesa é o único que aborda o processo de tradução do romance, até porque a maioria dos prefácios não é da autoria dos tradutores¹⁰².

Constata-se igualmente que os peritextos podem ser um válido indicador do texto traduzido: isto é, podem já dar “pistas” sobre uma tradução mais ou menos cuidada e/ou mais ou menos próxima do texto e cultura de partida. Tal situação é especialmente evidente nas notas de rodapé, sendo as edições francesas da EDLD disso exemplo pertinente, uma vez que sinalizam já uma certa incoerência e descuido no tratamento da obra.

Além de os peritextos assinalarem um possível desconhecimento dos públicos-alvo relativamente ao autor, à obra, aos Açores e até a Portugal, vislumbra-se o mesmo desconhecimento em alguns dos agentes envolvidos na publicação das traduções de *MTC* em França, Rússia e Polónia, em particular no que se refere aos Açores e à cultura açoriana (por vezes, a Portugal também). Para tal assunção, contribuem – além das significativas omissões nos TC francês e polaco – as imprecisões encontradas nos peritextos em análise. No entanto, esse desconhecimento não será totalmente de estranhar, dada a dificuldade de exportação de literatura portuguesa e, especialmente, açoriana, bem como o facto de os próprios Açores se terem mantido uma região relativamente isolada até há não muito tempo.

A exceção é, assim, o TC de língua inglesa, sendo que, como se viu, dado o percurso biográfico de Francisco Cota Fagundes, o tradutor parte “em vantagem” relativamente aos restantes, mesmo em relação à tradutora Denyse Chast, como no capítulo seguinte se verá.

¹⁰² Conforme mencionado, a nota de Chast na edição de 1953 apenas diz respeito ao autor e à sua obra, não ao processo de tradução.

CAPÍTULO IV
O SAL E O RENOVO

*História interna das traduções para francês e inglês de Mau Tempo no Canal
e seus efeitos no entendimento da obra*

NOTA PREAMBULAR

É este último capítulo dedicado à história interna da tradução de *Mau Tempo no Canal*. Propõe-se, assim, analisar “as características das próprias traduções, acompanhando cronologicamente as diferentes formulações que as sucessivas traduções de uma mesma obra foram evidenciando” (Bernardo 1999:622).

Segue-se, portanto, a análise dos excertos de *MTC* que considero mais representativos dos elementos que veiculam a açorianidade do romance¹. Esses elementos foram divididos em dois grandes grupos: *Heterolinguismo* e *Paisagem e Clima*.

A parte dedicada ao *Heterolinguismo* (externo e interno, cf. Capítulo I) compõe-se de excertos que incluem línguas estrangeiras, com especial ênfase nas línguas inglesa e francesa, aquelas que apresentam maior número de ocorrências. É também neste grupo que estão incluídos os regionalismos híbridos de base anglo-americana e o socioleto dos baleeiros, bem como outros regionalismos, nomeadamente associados ao culto do Espírito Santo e a outras festividades.

Importará lembrar que considero a presença de línguas estrangeiras em *MTC* uma marca da açorianidade, na medida em que reflete a história dos Açores, desde o seu povoamento – como é o caso do neerlandês, que se poderá associar à história queijeira da ilha de São Jorge, bem como à origem flamenga da família Dulmo –, às empresas estrangeiras presentes na Horta ou às vagas de emigração para os EUA. Efetivamente, os regionalismos híbridos de base anglo-americana, como se viu, estão associados à baleação e à emigração dos açorianos para os EUA e Canadá, assim como o inglês, o francês e o alemão remetem para o “arzinho fresco, cosmopolita” (Nemésio 1998:99) da Horta, “onde o inglês e outros idiomas se ouviam pelas ruas e lojas com frequência” (Silva 1985a:50).

Conforme referido, o próprio leitor de *MTC*, o leitor do texto em língua portuguesa, entenda-se, é submetido a diversos processos de tradução, não apenas no que respeita ao heterolinguismo externo, mas também no que respeita ao heterolinguismo interno, ou seja, da própria língua portuguesa, desde a representação gráfica de dialetos (dialeto visual) à utilização de regionalismos ou à utilização da grafia portuguesa anterior à reforma de 1911. Disso ciente, o próprio Nemésio incluiu mecanismos de tradução – que auxiliam a

¹ Contudo, no Anexo A, figura o levantamento de todos os excertos do romance, e respetivas traduções para francês e inglês, considerados ilustrativos de cada ponto em análise.

leitura – quer no próprio corpo do texto, quer em informação peritextual, como analisado no anterior capítulo.

Já o segundo grupo de excertos em análise diz respeito a *Paisagem e Clima* e integra passagens com descrições do Canal e do Pico – que, a meu ver, podem ser interpretados como personagens do romance, não só pela frequência com que surgem (começando mesmo pelo título), mas também pelas suas recorrentes personificações –, bem como excertos com palavras-chave para a caracterização da paisagem e do clima açorianos. Estes vocábulos relacionam-se com a fauna e a flora dos Açores, mas manifestam-se também em expressões associadas ao clima, como *torpor*, *bafo/abafado*, *mormaço*, entre outros. No dizer de Heraldo Gregório da Silva, trata-se de elementos que têm

afetado e condicionado o ilhéu açoriano na sua actividade económica, na sua psicologia e na sua religião. Nada admira, pois, que Vitorino Nemésio, na sua aspiração de formular uma síntese narrativa da açorianidade, tenha dedicado muitas páginas da sua obra a este tema (Silva 1985a:70-1).

De facto, as passagens que integram estes dois grupos – *Heterolinguismo e Paisagem e Clima* – consubstanciam as duas facetas da escrita nemesiana, quiçá do próprio homem: o tal rouxinol e mocho, o poeta do povo e o académico erudito, a oralidade e a escrita. Segundo o tradutor de *MTC* para inglês, “Nemésio aproxima, e em alguns casos integra, os universos da escrita e da oralidade, o que equivale a dizer que efectua uma representação de várias camadas da sociedade açoriana de fins da segunda década do século XX” (Fagundes 2014:181), representação que se verá, por vezes, gorada nas traduções.

Para se compreender a configuração do presente capítulo, importa agora salientar o seguinte:

- a) Os excertos das traduções aqui apresentados (e reproduzidos nos Anexos) são retirados das edições mais recentes² (2014 no caso da versão francesa e 2019 no caso da versão em língua inglesa). Quando existam diferenças relevantes entre estas e as anteriores edições das traduções (1953 e 1988 no caso do francês; 1998 no caso do inglês), essas diferenças serão apresentadas através da introdução de outro excerto, com indicação da data de publicação;

² Recorde-se que a edição de língua portuguesa utilizada é a 7.^a edição da INCM, de 1994, por se saber ter servido de base à tradução para inglês, de acordo com informação peritextual, e por não apresentar diferenças significativas relativamente às primeiras edições, que terão servido de base ao TC francês.

- b) De modo a facilitar a consulta do Anexo A, os excertos apresentados neste capítulo são numerados de acordo com a sua ocorrência nesse documento, incluindo com indicação da página em que nele surgem. Refira-se que, no Anexo A, os excertos estão ordenados conforme a sua ocorrência no romance;
- c) O ponto 1.1.1. – dedicado às passagens heterolinguês em que predomina a língua inglesa – apresenta mais excertos em análise por se tratar da língua estrangeira mais abundante no romance³. Assim, o número de excertos em análise varia conforme a sua relevância para o tema em estudo;
- d) As notas de rodapé estão indicadas com *;
- e) Os negritos e os sublinhados são meus; os itálicos, dos próprios textos (TP ou TC);
- f) Os excertos são identificados pelas siglas respondentes aos títulos (*MTC*, *GTA/LSA* e *SI*), sendo apresentados por essa mesma ordem, que corresponde à cronologia da sua publicação;
- g) Algumas passagens poderão incluir várias línguas estrangeiras, dada a frequência com que surgem ao longo da obra.

Nesta análise da tradução (ou não tradução) das marcas da açorianidade em *MTC* – veiculadas pelos elementos descritos –, o conceito de imagologia é essencial. Assim, procurarei examinar, acima de tudo, a imagem/representação dos Açores no romance e nas suas traduções, com especial ênfase na sua manifestação ao nível do heterolinguismo, que gera diversos casos de sobretraduzibilidade, e em particular no caso da baleação, por gerar também vários desafios ao nível da tradução.

Como alertou Theo Hermans (1996), enquanto leitores de uma tradução, somos condicionados a encarar a “voz” do tradutor como uma voz sem substância, convidados a participar numa “ilusão de transparência e coincidência” (Hermans 1996:27). Porém, são várias as vozes de um texto traduzido, pois que nunca são totalmente suprimidas, e essa ilusão – a ilusão de uma única voz – “cega-nos” para a presença de outras (*ibid.*).

Também para Cecilia Alvstad (2014), esta é uma convenção sociocultural prevalecente. Alvstad advoga que os textos literários traduzidos, bem como os paratextos que os acompanham, são, geralmente, apresentados e lidos como “originais”, como se produzidos

³ Às línguas estrangeiras são atribuídos diferentes pesos no romance, sendo a língua inglesa a que apresenta maior número de ocorrências, seguida da língua francesa.

por apenas um agente, o autor do texto de partida. Existe, assim, uma construção retórica que convida os leitores a conceberem o texto traduzido como o texto “original”, escrito apenas pelo autor “original”. Para este “pacto”, que é habitualmente implícito, contribuem as características textuais e paratextuais da obra traduzida, bem como a expectativa dos leitores, e dos próprios autores, de que a tradução apresente o texto do autor e não o do tradutor, ainda que a presença deste possa ser evidente.

Na linha de Hermans, a autora propõe que, seguindo o pacto, ou seja, encarando o texto traduzido como o “original”, o leitor escolhe ignorar a presença discursiva do tradutor, ainda que seja capaz de a reconhecer. Assim, a voz do tradutor pode “esconder-se” atrás da do narrador ou, por outro lado, tornar-se visível (através dos paratextos, por exemplo). Em todo o caso, “the translator's presence is irreducibly inscribed within the target text” (Lane-Mercier 1997:44).

A voz do tradutor no texto traduzido – mesmo que o leitor opte por ignorá-la – está, assim, inevitavelmente presente e pode tomar diversas formas. Ainda segundo Lane-Mercier (*ibid.*), “it is a well known fact that any given aesthetic project is encoded with ideologically determined values”, e, em particular, o tradutor de *MTC* para língua inglesa, Francisco Cota Fagundes, que escreveu extensivamente acerca da sua tradução, parece seguir o “projeto” de Nemésio de estabelecer e difundir a açorianidade, admitindo: “o que me levou a aceitar a tradução deste romance foi a sua reconhecida e tão celebrada Açorianidade. Traduzir Vitorino Nemésio foi, para mim, um acto de fraternidade e afeição para com a minha *patria chica*” (Fagundes 2014:29).

A este propósito, importa novamente citar Lane-Mercier (1997:66):

any given translation implicitly (in the translated text itself) or explicitly (in prefaces, interviews, etc.) reflects the pre-existing “translational position” (Berman) of the translator; one which, by virtue of its binding nature, engages not only the translator's subjectivity, but also his or her responsibility.

Cota Fagundes mostra-se, assim, consciente da sua responsabilidade enquanto tradutor de *MTC*, referindo o cuidado com que se prestou à escolha de vocabulário que traduzisse “fielmente o léxico das múltiplas componentes da Açorianidade” (Fagundes 2014:32), desde as componentes linguísticas regionais, às descrições do ambiente físico (incluindo elementos relativos à vulcanologia, geografia, fauna e flora), passando pela agricultura, pela caça à baleia, até à organização social e às Festas do Espírito Santo.

Não obstante propor-se traduzir “açorianamente” (*ibid.*:35), Fagundes prefere “uma teoria que não perca de vista o texto de partida, mas que tão-pouco esqueça que, ao ser vertido para a outra língua, o texto só terá vida se se adaptar ao novo ambiente” (*ibid.*:28). Na sua introdução a *Stormy Isles*, o tradutor afirma ter seguido um “ideal”: “fidelity to the original, fidelity to reality, and fidelity to the reader” (Fagundes 2019:19):

“Fidelity to the original” is faithfulness to Nemésio’s conceptual and affective meanings, to his diction, his syntax, his style—but without betraying the grammatical, syntactical, stylistic, and artistic exigencies of English. (...) “Fidelity to reality” is a careful attempt to capture as many nuances as possible in Nemésio’s Azoreanity—for instance, pinpointing the exact English name for an Azorean plant or bird or finding an appropriate vocabulary to render an event such as the Holy Ghost celebrations that might be unfamiliar to American readers. “Fidelity to the reader” does not mean trying at all costs to make the English version read like a contemporary American novel. As the theorist Peter Newmark has argued, a foreign novel will, to a large degree, sound foreign if the translator makes an honest attempt to remain faithful to the author’s semantic meaning and aesthetic truth. (...) Nonetheless, if the cultural, conceptual, and affective meaning of the original can be conveyed without making the target language seem unfamiliar, so much the better for the reader and, I believe, the writer.

Nesta sequência, lembre-se que a edição francesa de 1953 foi a única tradução do romance publicada em vida de Nemésio, que a acompanhou de perto. Como se viu, o processo teve início muito antes da publicação. Em carta de 29 de maio de 1951 (E11/2261), à semelhança do que, conforme atrás se viu, sucedera com Isabel Meyrelles, Denyse Chast mostra-se preocupada com a postura de Nemésio perante as suas solicitações de colaboração: “O seu silêncio agora inquieta-me e ao ver os dias e os meses fugir fico preocupada pelo destino de Mau Tempo [sic]. Plon de um dia para o outro vai reclamar o manuscrito e eu ainda desejo polir alguns detalhes. E a época das férias não está longe...”. Chast termina pedindo as páginas que Nemésio já tenha revisto e, depois, o manuscrito completo.

Mais tarde, em outubro desse ano, em carta a Gabriel Marcel (E11/cx.56), diretor da coleção em que figurará a tradução de *MTC*, Nemésio refere que Denyse Chast o visitara no verão anterior e que haviam passado “duas ou três horas” a rever o texto. Ainda que valorize o trabalho da tradutora, que caracteriza como de uma “honestidade intrínseca”, e elogie o seu conhecimento da língua portuguesa, Nemésio admite pretender introduzir uns “retoques pessoais” e proceder a uma correção mais substancial:

En relisant son manuscrit, et surtout d’après l’avis de quelques amis français, je remarque néanmoins que M.elle Chast a peut-être pris, face à mon texte, une attitude

un peu trop timide en ce qui concerne certains équivalents vocabulaires et même, de temps en temps, quant à l'allure de la phrase. Je reconnais, en somme, qu'il faut repasser soigneusement toutes les pages et y introduire quelques améliorations. C'est ce que mon ami Jean Baptiste Aquarone, maître de conférences de Littérature Portugaise à Montpellier, est déjà en train de faire pour une partie, et mon amie Damien Saunal⁴ agrégé d'Université et lecteur de français auprès de moi pour le reste. Je reverrai moi-même les deux sources de refonte et tâcherai de les mettre d'accord, au besoin.

Nemésio alerta Marcel para o facto de Chast se ter mostrado incomodada com as correções, “geralmente pouco razoáveis”, sugeridas por um perito da livraria Plon e adverte: “Mon roman vi autant de l'intrigue et de l'enchaînement narratif que du mouvement du style, clef de son atmosphère, et par conséquent la précision des mots ainsi que le rythme de la phrase lui sont indispensables”.

Não tendo sido possível apurar exatamente qual o processo de revisão, sabe-se, porém, que foi longo e parece ter passado pelas mãos de diversos agentes, tanto do autor, como da tradutora, como de outros revisores, de modo que se torna difícil atribuir as opções de tradução a único agente, ainda que Chast chegue a admitir que a revisão recaiu quase totalmente sobre ela. Em carta não datada (E11/2260), a tradutora informa Nemésio:

O manuscrito está em mãos de Plon. A revisão representou um trabalho bastante grande pois raras vezes as modificações sugeridas eram adequadas e muitas vezes falsas. Quando a versão primitiva não me satisfazia tive de encontrar eu mesma a terceira versão. Como lho mostrará uma breve lista de alguns exemplos tomados ao acaso, havia grande necessidade de eu corrigir as 'correções'. Os seus correctores eram de certo [sic] perfeitamente competentes mas para traduzir uma obra de tanta envergadura, tão diversa, subtil e forte, um contacto superficial não bastava. Assim, do princípio ao fim, o trabalho recaiu praticamente 100% sobre mim. Nas provas lhe peço agora como um grande favor que não se faça uma única modificação sem eu ser consultada. Tanto puli [sic] o texto que não creio agora haver motivo para mais transformações.

Será plausível assumir que, por “os seus correctores”, Chast se refere aos anteriormente mencionados Aquarone e Saunal, que Nemésio sugerira para revisores. Porém, como se depreende, o texto vai ainda uma vez mais a Nemésio, a quem Chast solicita o envio urgente dos documentos.

Em carta de maio de 1953 (E11/2262), Chast faz referência à visita de Nemésio a Paris – que ocorrerá no mês seguinte – para a apresentação de *LSA*. E deixa uma advertência: “Se

⁴ Tradutor, recorde-se, do conto “Cabeça de Boga” (“La Bourrique”), publicado na *Mercure de France*, nesse ano de 1951.

não rectificaram a disposição das citações (...), a culpa não é minha pois mandei as provas à Plon no dia mesmo em que cá chegaram.”

Já a 16 de junho, com Nemésio em Paris, Chast escreve-lhe (E11/2263) para o hotel dizendo que o vai reencontrar nesse dia, deixando-lhe um PS: “No manuscrito final entregueado [sic] a Plon, todo o diálogo estava entre grilhetas – exactamente como na tradução do Typhoon (...). Por motivos tipográficos foi a Plon que modificou a minha pontuação a última hora – e francamente o sinto”.

Refira-se ainda que, em a carta a Georges Duhamel, de maio de 1953 (E11/cx.41), Nemésio informa o presidente da Alliance Française da sua ida a Paris no mês seguinte para se submeter ao “bain lustral du service de presse, conformément au désirs de mon éditeur”. Convida Duhamel a dar uma vista de olhos “sur le petit avorton (malgré la probité textuelle de ma traductrice), et, s’il en vaut la peine, de le recommander à l’attention de quelque critique”. Deduz-se, assim, que Nemésio não estaria feliz com o resultado final (ainda que não culpasse a tradutora), apesar de, mais tarde, enviar exemplares de *LSA* a muitos conhecidos seus.

De facto, muitas pessoas parecem ter interferido com o texto francês (e não só o da Plon), o que não parece ter afetado mormente a “fama” do autor. Na última carta de Chast a Nemésio (E11/2264), de 12 de janeiro de 1954, a tradutora lamenta não se ter cruzado com Nemésio nas férias de verão em Portugal, referindo que não recebeu resposta à sua carta. E termina afirmando: “Penso que teve o ensejo de ler as diferentes críticas dos jornais franceses sobre o *LSA*. A sua fama estendeu-se até o Cairo onde Taha-Hussein deve ter feito sobre o seu livro uma conferência na rádio”.

Assim, à luz do exposto, o que significará, então, “para fins práticos, ter um compromisso com a Açorianidade (...)?” (Fagundes 2014:33), no caso do tradutor do TC em inglês, e não ter esse compromisso, no caso dos agentes envolvidos no TC de língua francesa? Procurarei de seguida responder a essa questão.

1. HETEROLINGUISTO

1.1. Línguas estrangeiras

1.1.1. Inglês

Cedo se manifesta o heterolinguismo de *Mau Tempo no Canal*, não fosse a própria protagonista, Margarida Clark Dulmo, proveniente de uma família de ascendência britânica e flamenga. Como assinala Dominique Faria (2016:172), no romance, “o uso de léxico estrangeiro faz parte do mundo de aparências que envolve esta[s] família[s], servindo por vezes para embelezar uma realidade pautada pela decadência”.

Os diálogos são, portanto, “um dos principais recursos de caracterização” (Fagundes 2014:40) das personagens, que, no caso do círculo dos Clark Dulmo, se expressam com relativa facilidade em diferentes línguas⁵, do latim, ao francês e, em particular, ao inglês.

Além de contribuir para a caracterização das personagens (no caso do discurso direto) e de constituir um sintoma, irremediável talvez, da vasta cultura de Nemésio (nomeadamente, no caso de vocábulos/expressões em línguas estrangeiras que emanam do narrador), entendo que o heterolinguismo em *Mau Tempo no Canal* serve ainda um outro propósito: além de uma característica da prosa nemesiana, o heterolinguismo é, ele mesmo, uma marca da açorianidade.

O excerto que se segue, retirado das páginas iniciais do romance, inclui vocábulos de língua inglesa para efeitos que se poderão considerar não só de índole estética, mas também, ou sobretudo, para efeitos de afirmação do “tom” da obra, em que abundará o heterolinguismo veiculador de açorianidade.

2

(Anexo A, p. 2)

MTC	(...) os Clarks fiéis ao <i>home</i> , os Clarks de Ladlooke Grove, antes da hora da morte. Infelizmente agora, em Ladlooke Grove, já não havia Clarks: senão, Roberto talvez pudesse poupar o dinheiro das passagens. (...) Roberto era empregado num banco, na City . Viam-se de anos a anos e comunicavam de
-----	--

⁵ Armando Ventura Ferreira, na sua recensão a *Mau Tempo no Canal*, publicada no n.º 921 da *Seara Nova*, em 7 de abril de 1945, questiona mesmo “a cultura conferida a tal gente”: “Até que ponto o autor terá emprestado seus próprios conhecimentos a tal gente (...)? (...) A cultura e a erudição de Nemésio mostram-se, talvez excessivamente”. Disponível em https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss_0000001938/15. Acesso em 14/06/2023.

	Natal a Natal por cartões representando <i>cottages</i> a escorrer neve, <i>with the best wishes...</i>	p. 61
GTA	(...) les Clark fidèles au <i>home</i> , les Clark de Ladlooke Grove. Malheureusement il n’y avait plus de Clark à Ladlooke Grove, autrement Roberto aurait peut-être pu se dispenser de déboursier l’argent de la traversée. (...) Roberto travaillait dans une banque de la City . Ils se voyaient à intervalles de plusieurs années et à Noël échangeaient régulièrement des cartes représentant des châlets couverts de neige, <i>with the best wishes...</i>	p. 67
SI	(...) the Clarks who had remained faithful to <i>home</i> , the Clarks of Ladlooke Grove. Unfortunately, now there were no Clarks in Ladlooke Grove; otherwise, Roberto might have saved his fare. (...) Roberto himself worked in a downtown bank. They only saw each other every few years but exchanged Christmas cards every year depicting cottages covered with melting snow, “ with best wishes. ”	p. 33

Tanto na tradução para francês, como para inglês, é de salientar a utilização de diferentes estratégias para lidar com o heterolinguismo. Por um lado, recorre-se a estratégias gráficas, como a utilização de itálico (*home*, por exemplo, à semelhança do que sucede no TP) e de aspas (no caso do TC em inglês, “with the best wishes”); por outro, note-se também, nos TC, a não-indicação do heterolinguismo patente no TP (caso de “cottages” no TC em inglês) ou a simples eliminação desse heterolinguismo (substituição de “cottages” por “châlets” no TC francês – o que despertará talvez uma diferente imagem da veiculada por “cottages” – e da substituição de “City” por “downtown” no TC de língua inglesa). No caso do TC francês, saliente-se ainda que “City”, ao contrário dos restantes vocábulos mantidos em inglês, com recurso a itálico, não sofre qualquer alteração gráfica (à semelhança, aliás, do que sucede no TP).

Esta alternância - ou inconsistência - é já sintomática do que ocorrerá ao longo das traduções e do que parece ser o tratamento do heterolinguismo em geral: a proliferação de estratégias. Aliás, como já se aludiu e ainda se verá, o próprio TP apresenta o seu heterolinguismo sob diferentes formas. Além disso, a quantidade de vocábulos ou passagens heterolíngues, mesmo que significativa, será sempre menos relevante do que o papel qualitativo que desempenham no texto como um todo, nomeadamente, como se viu, na

caracterização de personagens: “foreign language samples may become a controlling metaphor governing character discourse and behaviour” (Delabastita & Grutman 2005:17).

O recurso ao heterolinguismo pode, portanto, contribuir para a realização de princípios narrativos básicos. Aliás: “in stories in which changes along the spatial axis play a crucial role (travel, exploration, conquest, migration...), conflicts are likely to find expression on the linguistic plane as well” (*ibid.*:24).

O excerto que se segue ilustra esta afirmação, em que o *code-switching* é reflexo da experiência de emigração:

5

(Anexo A, p. 4)

<p>MTC</p>	<p>– <i>Slowly! Let go him alone...</i> [sic] (...) <i>That's dangerous!...</i></p> <p>Roberto Clark exprimia-se correntemente em português; só tinha um nada de entonação ingénua, cheia de <i>ohs</i>, que tanto divertia a sobrinha; às vezes hesitava um pouco, à procura de certas palavras, fazendo estalar os dedos como quem deixa fugir precisamente a que convinha. Era um rapaz alto, espadaúdo. Vestia um casaco de <i>sport</i> e calção encordoado, à <u>Chantilly</u>, um boné escocês enterrado até às sobranceiras ruivas, debaixo das quais espreitavam dois olhinhos sem cor precisa, como que metidos na água.</p> <p>– Que bom, galopar! E depois, este não é como a Jóia, que apanhou aquele passo escangalhado da <i>charrette</i>...</p> <p>– Quê? A égua de teu pai, o peru?... <i>Half-bred</i> [sic]... Já lhe disse que tem de vendê-la.</p> <p style="text-align: right;">p. 107</p>
<p>GTA</p>	<p>– <i>Slowly! Leave him alone...</i> (...) <i>That's dangerous!...</i></p> <p>Roberto Clark s’exprimait couramment en portugais ; il donnait cependant aux phrases une légère intonation personnelle et multipliait les « ho », ce qui amusait beaucoup sa nièce ; parfois il hésitait un peu, cherchait certains mots et faisait claquer les doigts comme si le terme voulu lui échappait. C’Était un garçon de haute stature. Large d’épaules. Il portait une veste et des culottes de sport et était coiffé d’une casquette écossaise, enfoncée jusqu’aux sourcils ; ceux-ci étaient blonds et ombrageaient deux petits yeux sans couleur précise.</p> <p>– Comme c’est bon de galoper ! s’écria Margarida. Et puis ce cheval ne ressemble pas à Joia qui a fini par prendre une allure dégingandée à force de traîner le <u>cabriolet</u>...</p> <p>– Quoi ? La jument, ce dindon ?... <i>Half-bred</i> [sic]... J’ai déjà dit à ton père qu’il devrait la vendre.</p> <p style="text-align: right;">pp. 144-145</p>

SI

*“Easy now! Let him go alone . . .”**

“(. . .) That’s dangerous! . . . ”

Roberto Clark expressed himself fluently in Portuguese. He had only a slightly silly accent full of *ohs*, which amused his niece so much. Sometimes he hesitated a little, searching for certain words and snapping his fingers like one who lets slip away the very word he needs. He was a tall, broad-shouldered young man, and wore a **sport** coat and corduroy trousers à la Chantilly and a Scottish cap pulled all the way down to his red eyebrows, from under which peered two little eyes of no definite color, as if they were under water.

“How nice to gallop like this! And besides, this horse isn’t like Jewel, who caught that disjointed way of walking from the *charrette* . . .”

“What? Your father’s mare, the turkey? . . . *A half-breed* . . . I have already told your father that he must sell her.”

*Every so often throughout the novel, the narrator or one of the characters will utter a sentence or phrase in English. This occurrence will be indicated by italics. –Trans.

pp. 87-88

(nota não existente na edição de 1998)

Ora, sendo o francês a língua de prestígio à época da publicação do romance (1944) e pertencendo Nemésio a uma geração que tinha “aprendido (mal!) o alemão em vez do inglês, porque Portugal estava amuado com a Inglaterra por causa do Ultimato (1890) e “retirara” o inglês do Liceu”, como lembra Machado Pires (2014:11), “Nemésio tinha mau conhecimento do inglês” (*ibid.*).

Também o tradutor Cota Fagundes (2014:31) assinala:

[A] julgar pelas frases de inglês usadas neste romance, Vitorino Nemésio não conhecia bem, ou sequer relativamente bem, a língua inglesa. A primeira vez que o Autor faz Roberto proferir uma frase em inglês [caso em análise], comete um erro gravíssimo de sintaxe. (...) Sabendo que o inglês de Roberto é “supostamente exemplar”, não se poderá tratar de um traço caracterizador da personagem, que não é um “imigrante de torna-viagem”.

De facto, dir-se-ia que o nível social de Roberto não corresponde ao da maioria dos açorianos emigrados à época. Machado Pires (2014:12) nota também o “injustificado mau inglês do ‘tio Roberto’, homem que deveria, pela sua educação, pelo seu estatuto diegético, ter bom inglês de Inglaterra...”.

Nemésio não dominava, portanto, a língua inglesa e, como tal, diversos dos passos e vocábulos em inglês (mas não só) patentes no romance contêm erros, quer ortográficos, quer sintáticos, como exemplificado pelo caso em apreço.

Enquanto esses erros são, de uma forma geral, mantidos nas edições de língua portuguesa⁶ – o que, na verdade, não se justifica ao fim de tantas décadas de edições –, nas traduções para francês e inglês os erros tendem a ser corrigidos: “Let go him alone” é substituído por “Leave him alone” nas edições francesas e por “Let him go alone” na tradução para inglês, em que “Slowly” é também substituído pela mais idiomática expressão “Easy now”. Assim, são as traduções que acabam por atualizar texto.

Na sua introdução a *Stormy Isles*, Francisco Cota Fagundes (2014:31) explica que corrige os erros de modo a procurar manter o prestígio de Nemésio, o que poderia, numa primeira abordagem, remeter para a sacralização do autor, adiante desconstruída pelo tradutor, alegando que, ao corrigir o autor, protege também o tradutor:

[O]ptei pela correcção “– Easy now! Let him go alone...” Poderia ter naturalizado mais. Quis, porém, salvar o mais possível do texto original. Este erro de inglês não é o único no romance: há muitos mais. Corrigi-os todos de acordo com os princípios que apliquei a este: respeitar o autor até onde me é possível; e, até onde o não seja, corrigi-lo para que ele se possa apresentar com dignidade. Sei que há tradutores que não haveriam corrigido e que teriam aduzido poderosas razões para essa decisão. Eu discordo deles.

Em correspondência eletrônica (18/11/2021), Cota Fagundes afirma ainda:

[A] personagem de Roberto foi das mais difíceis de traduzir. Para começar, Roberto, segundo Nemésio o imaginou, exprime-se exemplarmente em inglês britânico. E isto não é ironia. Ora, o inglês de Nemésio, com o devido respeito, era muito limitado ao tempo que escreveu *Mau Tempo no Canal*. Razão essa pela qual a personagem de Roberto, ao expressar-se em inglês, por vezes dá a impressão de ser uma autocaracterização, isto é, uma personagem cómica. Eu tive de navegar cuidadosamente para não reescrever Nemésio, por um lado, e, por outro, para não dar ao leitor americano a impressão de que Nemésio e eu, seu tradutor, não distinguíamos entre inglês minimamente correto e inglês de paródia.

⁶ Importará destacar que alguns erros ortográficos em passagens de língua inglesa encontrados em notas de rodapé nas edições da Bertrand (“monney”, por exemplo – cf. Anexo B, p. 145) foram corrigidos nas edições posteriormente publicadas, enquanto outros, como os aqui analisados, se mantiveram, sem critério aparente. Curiosamente, nas provas tipográficas XII (E11/cx. 96), é Nemésio que solicita a alteração de “money” para “monney”, o que poderá dar peso ao argumento da sua falta de conhecimentos de língua inglesa.

A comprovar as suas dificuldades com o inglês, e/ou a ausência de uma revisão rigorosa do texto, os erros em passagens de língua inglesa surgem também noutras obras de Nemésio, por exemplo, na edição da INCM de *Corsário das Ilhas* (1998). Na página 100, o editor Machado Pires refere, em nota de rodapé, que “‘Saliors’ deverá ‘ler-se ‘Sailors’. Deve ter havido reimpressão (que não conseguimos confirmar), pois noutros exemplares lê-se ‘Sailors’. Porém, na mesma passagem, lê-se ainda ‘wellcome’, em vez de ‘welcome’ –, incorreção a que o editor não faz qualquer reparo, talvez por poder atribuir-se a uma ortografia mais antiga do vocábulo. A passagem em causa é a seguinte: “Horta! for ever! «Saliors are wellcome...» «O kay!»” (Nemésio 1998:100).

Tais justificações poderão eventualmente explicar também as correções verificadas no TC francês, onde, porém, é mantido “half-bred” (corrigido para “half-breed” na versão em inglês). Naquele TC, refira-se ainda a omissão de “Chantilly” e a substituição de “charrette” por “cabriolet”⁷.

Na tradução para língua inglesa, os referidos vocábulos franceses são mantidos, sendo de realçar a adição de uma nota de rodapé (em relação à edição de 1998), alertando para presença de heterolingüismo no texto de partida e para o tratamento que lhe será dado na tradução, através da utilização de itálico. Ou seja, o tradutor acaba por utilizar duas estratégias para indicar a presença de heterolingüismo no TP: a nota de rodapé e o itálico. Além de lembrar o leitor de que se trata de uma tradução, a introdução da nota deixa claro que quem está a escrever já não é apenas Nemésio: “There is, clearly, another voice at play, duplicating and mimicking the first one, but with a timbre of its own” (Hermans 1996:27). A introdução desta nota poderá ainda demonstrar que – nas duas décadas que passaram entre uma edição do TC de língua inglesa (1998) e a outra (2019) – se desenvolveu, pelo menos no meio acadêmico e/ou literário/editorial, uma maior consciência relativamente à noção e à presença de heterolingüismo na literatura.

A este propósito, importa ainda referir que, no conjunto XII das provas tipográficas de *MTC* (E11/cx. 96), se constata que o capítulo IX (p. 78 das provas) – em que surge a fala em análise – tem como título “*Slowly! No Whip!*”, numa reprodução da fala de Roberto, a qual, nesse texto preliminar, tem precisamente a formulação “– *Slowly! No Whip!*” (...) *Dangerous*”. Da mesma forma, onde agora se lê “half-bred” (“half-breed”, na forma correta), lia-se “half-blood”. Apesar de, nessas provas, não existir qualquer correção ou alteração de Nemésio às frases em causa, a 1.^a edição de *MTC* trará já o título de capítulo “Encontros” e o texto com a formulação aqui transcrita.

As provas tipográficas de *MTC* evidenciam, portanto, que Nemésio procedia a muitas alterações⁸, visto que o texto lhe chegava com muitos erros. Por exemplo, ainda no que se

⁷ “Cabriolet” é, aliás, apenas um dos vários vocábulos utilizados no TC francês para traduzir “charrette”, galicismo que surge cerca de 16 vezes ao longo do TP. Como se poderá constatar na página 61 do Anexo A (caso 9), tanto se utiliza “cabriolet” como “charrette”, “charrette anglaise”, “voiture”, “carriole” ou mesmo a estratégia de omissão no que respeita às ocorrências de “charrette” no TP. Estas escolhas não parecem ter outra justificação que não a diversificação vocabular, dadas as semelhanças entre as viaturas, ou, em contrapartida, são reflexo das múltiplas intervenções – de diferentes agentes – que o texto sofreu.

⁸ A título de exemplo, no mesmo conjunto de provas (XII, E11/cx. 96), o autor corrigiu “pendantif” para “pendentif” (p. 471 das provas – cf. p. 63 do Anexo A, caso 38), correção que não se vê plasmada, até hoje, nas publicações do romance, o que poderá indicar que algumas das emendas de Nemésio não se viram refletidas nos textos publicados.

refere a passagens em língua inglesa, Nemésio corrige “Artic” para “Arctic”, “Grownnd” para “Ground” ou “Japanese” para “Japanese” (p. 205 das provas). Contudo, não corrige “shoking” (p. 120), nem “grappe-fruit” (p. 142), formas que se mantêm ao longo das edições do romance até hoje, sem justificação aparente. De facto, como mencionei, o romance já teve tantas edições, já passou pela mão de tantos agentes, incluindo críticos literários, editores, revisores e tradutores, que justificação poderá ainda existir para, quase 80 anos depois da primeira edição, se continuar a publicar lapsos como o ilustrado pelo seguinte caso?

12	(Anexo A, p. 8)
MTC	<p>(...) É verdade que sou teu tio, quase um quarentão... Mas não é muito natural; enfim, não é costume... <i>Oh... shoking!</i> [sic] O que não diria a Horta! A lua-de-mel do tio serôdio; um pratinho... <i>Don't you think so, Margaret?</i></p> <p>(...) <i>Don't you think so, Margaret?</i></p> <p style="text-align: right;">p.147</p>
GTA	<p>(...) Il est vrai que je suis ton oncle et que je suis presque quadragénaire... Mais cela ne paraîtrait pas naturel ; enfin, ce n'est pas dans les coutumes. <i>Oh... shocking !</i> Que ne dirait-on pas à Horta! La lune de miel tardive du vieil oncle! On en ferait tout un plat! <i>Don't you think so, Margaret?</i></p> <p>(...) <i>Don't you think so, Margaret?</i></p> <p style="text-align: right;">pp. 213-214</p> <p style="text-align: center;">***</p> <p>(...) Il est vrai que je suis ton oncle et que je suis presque quadragénaire... Mais cela ne paraîtrait pas naturel ; enfin, ce n'est pas dans les coutumes. <i>Anyhow... it shocks me.</i> Que ne dirait-on pas à Horta! La lune de miel tardive du vieil oncle! On en ferait tout un plat! <i>Don't you think so, Margaret?</i></p> <p>(...) <i>Don't you think so, Margaret?</i></p> <p style="text-align: right;">p. 148 (LSA-1953)</p>
SI	<p>(...) It's true that I'm your uncle, almost forty . . . But it's not very natural; well, not common . . . He switched to English: <i>Oh . . . shocking!</i> What wouldn't they say here in Horta? The <u>dirty old uncle's</u> honeymoon; a little dish . . . <i>Don't you think so, Margaret?"</i></p> <p>(...) <i>Don't you think so, Margaret?"</i> asked Roberto in English.</p> <p style="text-align: right;">p. 136</p> <p style="text-align: center;">***</p> <p>"(...) It's true that I'm your uncle, almost forty... But it's not very natural; well, not common.... <i>Oh... shocking!</i> What wouldn't they say here in Horta! The <u>serodio uncle's</u> honeymoon; a little dish.... <i>Don't you think so, Margaret?"</i></p> <p>(...) <i>Don't you think so, Margaret?"</i> asked Roberto in English.</p>

O caso 12 ilustra novamente – e numa fala de Roberto – uma situação de erro ortográfico numa expressão heterolingue (“shoking”) patente no texto de partida e corrigido nas traduções, sendo de realçar as diferentes versões das edições francesas: enquanto a mais recente se aproxima do texto de partida, limitando-se a corrigir o erro, na edição de 1953 optou-se por substituir a expressão pela formulação, ainda que menos idiomática, “it shocks me”. Do mesmo modo, a interjeição “oh” foi substituída por “Anyhow”. Ao reintroduzir a interjeição, reforçam-se também os traços da personagem Roberto, que, como se viu no primeiro caso em análise, se exprimia numa “entonação ingénua, cheia de *ohs*, que tanto divertia a sobrinha” (Nemésio 1994:107).

De facto, as versões mais recentes das traduções – ainda que tenham sofrido poucas alterações – parecem tender para uma maior aproximação ao texto de partida. No TC francês, também o caso 17 (p. 12 do Anexo A), por exemplo, ilustra esta tendência. Além da atualização da ortografia, são recuperadas nas edições mais recentes algumas das expressões utilizadas no texto de partida.

Relativamente à tradução para língua inglesa, de notar a adição de “asked in English” em ambas as edições. Na edição mais recente, saliente-se ainda a adição, pelas razões já descritas pelo tradutor, de “he switched to English”, o que evidencia duplamente o *code-switching* de Roberto, dada a utilização de itálico e do verbo “to switch”.

Sendo estas estratégias de tradução relativamente habituais na presença de heretolinguismo, a estranheza causada pela constatação da sobretraduzibilidade, ou seja, pelas expressões “asked in English” e “he switched to English”, ao leitor de um texto que se apresenta em língua inglesa apenas será ultrapassada se o leitor admitir que o que está a ler é, de facto, uma tradução (Hermans 1996:30).

No TC de língua inglesa, de realçar é também a alteração de “serodio uncle” para “dirty old uncle”. Se “serodio” poderia tratar-se de um lapso de escrita (“serotinous” seria provavelmente a opção pretendida), a justificação do tradutor para a alteração é outra: “‘dirty old man’ é entendido por qualquer leitor, de qualquer nível de escolaridade. E, na medida em que eu queria sobretudo que o leitor não se sentisse alienado, optei por um

registo mais acessível sem alterar o significado do texto”⁹. A afirmação do tradutor parece corroborar a ideia de Kung (2009:132), segundo a qual

[m]ostly, the translators wish to produce a translation faithful to the source author and culture and acceptable to the target reader and market at the same time. However, the target reader is one of their top considerations, and a translation that is accessible to the readers is the main concern for most translators.

Contudo, poder-se-á questionar se a opção “dirty old uncle” não altera, na verdade, o significado, uma vez que parece possibilitar interpretações que o adjetivo “serôdio” não admite, lançando sobre a personagem Roberto Clark uma imagem que não será a inferida do vocábulo utilizado em português. Além disso, tendo em conta que se trata de uma expressão enunciada pelo próprio Roberto Clark, convirá refletir sobre se a personagem se referiria a si mesma como “dirty old uncle”.

Ainda assim, importa igualmente ressaltar que Roberto Clark de *Mau Tempo no Canal* e Roberto Clark de *Stormy Isles*, e de *Gros Temps sur l’Archipel*, ou de qualquer outra tradução, não será já o mesmo. Como acontecerá com a maioria das personagens em tradução. Nesta obra em particular – porque, como se viu, boa parte da caracterização das personagens está patente no discurso direto, nomeadamente através do recurso a *code-switching* –, a “transformação” é evidente e dá-se em várias personagens, até porque a mimetização dos sotaques regionais foi normalizada nas traduções, como melhor se verá adiante.

Nesta medida, em tradução, das famílias com origens aristocráticas aos baleeiros, todos em *MTC* se expressam mais ou menos do mesmo modo. De acordo com Dominique Faria (2016:171-2),

num romance em que não abundam as descrições físicas de personagens, um dos aspetos que distinguem de forma mais visível os dois mundos a que pertencem as personagens do romance, assim como a sua personalidade, é o modo como estas se exprimem.

De facto, a caracterização implícita das personagens permite-nos inferir informações de carácter a partir do comportamento linguístico (cf. Culpeper 2001:164), o que, por sua vez, permite estratificar as personagens. Isto porque o próprio *code-switching* pode refletir uma afiliação a certos grupos sociais, o mesmo acontecendo com a utilização da norma padrão. Como advoga Ramos Pinto (2016:1), “speakers tend to associate the standard variety

⁹ Correspondência eletrónica com o tradutor (18/11/2021).

(officially established as the correct language use) with greater prestige and to devalue all other varieties, which are culturally associated to peripheral geographic spaces and to lower sociocultural status”.

No entanto, no caso de Roberto Clark – e ao contrário do que sucede com os baleeiros, Ti Amaro de Mirateca em particular, e a utilização do seu socioleto e respetivos vocábulos híbridos –, o *code-switching* parece servir, precisamente, para estabelecer a posição de prestígio da personagem. Roberto é um homem culto e viajado, representante da herança britânica e aristocrática da família Clark, imagem que pode ver-se gorada no TP, precisamente pelos erros que a personagem comete ao expressar-se em inglês.

Por fim, e ainda no que respeita ao caso 12, importa fazer uma chamada de atenção para a expressão figurada “um pratinho”, com a aceção de matéria/objeto de troça, entretenimento ou escândalo. Enquanto em francês existe o equivalente “faire un plat” – a expressão utilizada no TC –, em inglês “little dish” parece não apresentar esse sentido figurado, sendo suscetível de gerar confusão nos leitores do TC de língua inglesa. Será ainda relevante referir que, mais adiante, na segunda e última ocorrência de “pratinho” em sentido figurado, a expressão é novamente traduzida por “little dish”, como ilustrado no caso 14, que se segue.

14	(Anexo A, p. 9)
MTC	<p>(...) Ele vai adiante arranjar dinheiro para salvar o cunhado (se o nosso Januário lhe der tempo...) e manda-a logo buscar, <i>all right!</i> Naturalmente casa por procuração. Lá se perde mais aquele pratinho à saída da Matriz... aquela cauda rodada por aqueles degraus abaixo... Lá isso, é sempre bonito. Mas falta a cartola do <u>bife</u>, com o seu forro de seda, "LONDON"... <i>Come on, yes!</i> O guarda do Granel do Clark, o cachimbeta!... (...) As pequenas dobravam-se a rir no canapé. – <i>Thank you, "Mârgueréte"! Thank you...</i></p> <p>Laura, com um ataque de riso, balouçava-se no canapé; as lágrimas saltavam-lhe aos dedos levados aos olhos; dobrava a cabeça até quase aos joelhos:</p> <p>– Mas é tal qual!... <u>É o bife!</u></p> <p style="text-align: right;">p. 157</p>
GTA	<p>(...) Il ira d’abord à Londres pour chercher l’argent destiné à sauver son beau-frère – si toutefois notre Januário lui en laisse le temps et ensuite Margarida se mettra en route pour le rejoindre. <i>All right!</i> Naturellement, le mariage se fera par procuração. Nous y perdrons le spectacle du cortège sortant de l’église. Dommage, c’est pourtant joli ces robes à traîne et <u>tout le tralala...</u> Enfin, <u>l’Engliche</u> enverra une <u>belle lettre</u> dans une enveloppe doublée de</p>

papier de soie, « **London** » ... *Come on, yes!* ! Et voici maintenant le gardien du *Granel*, l'homme à la pipe ! (...) Assises sur le canapé, les deux jeunes filles riaient aux éclats. – *Thank you, Margarida ! Thank you...*

Laura, prise de fou rire, était courbée en deux et ses doigts essuyaient les larmes qui ruisselaient de ses yeux.

– Mais c'est exactement cela!... C'est l'Engliche !...

pp. 230-231

– *Thank you, Marguerette ! Thank you...*

p. 160 (LSA-1953)

SI

(...) He is going first to get money to save his brother-in-law (if our boy Januário allows him enough time...), and then will send for her right away, *all right!* Naturally, they will marry by proxy. And, of course, we'll miss the chance of seeing that little dish walking out of the cathedral . . . that wide train sweeping the staircase . . . Now, that is always a pretty sight. Oh, and I almost forgot the beef's top hat, with its '**LONDON**'—**he broke into English**—*"Come on, yes!* silk lining. The guardian of the Clarks' Granary, the pipe smoker! . . ." (...) The girls, sitting on the couch, were dying of laughter. *"Thank you, 'Màrgueréte'! Thank you..." they giggled in English.*

Laura, overcome by a fit of laughter, sat rocking on the chair; the tears flowed over the hands she raised to her eyes; she bent her head almost to her knees:

"But that's exactly like him! . . . That's the beef!"

pp. 148-9

(...) He is going first to get money to save his brother-in-law (if boy Januário allows him enough time...), and then will send for her right away, *all right!* Naturally, they will marry by proxy. And, of course, we'll miss the chance of seeing that little dish walking out of the cathedral... that wide train sweeping the staircase.... Now, that is always a pretty sight. Oh, and I almost forgot the Beef's top hat, with its '**LONDON**'-*Come on, yes!* silk lining. The guardian of the Clarks' Granary, the pipe smoker!..." (...) The girls, sitting on the couch, were dying of laughter. *"Thank you, 'Màrgueréte'! Thank you..."*

Laura, overcome by a fit of laughter, sat rocking on the chair; the tears flowed over the hands she raised to her eyes; she bent her head almost to her knees:

"But that's exactly like him!... That's the Beef!"

pp. 172-3 (1998)

Relativamente à tradução para língua francesa, é de notar a manutenção do heterolinguismo, indicado também pelos itálicos, sendo que a versão mais recente substituiu "Marguerette" por "Margarida". É de salientar ainda a tradução de "bife" por "Engliche", que preserva a conotação negativa da expressão, bem como a adição do idiomático "tout le

tralala”, adequado ao contexto de chacota em que ocorre a fala, proferida por Ângelo Garcia, personagem de certa índole jocosa.

Note-se também a tradução de “cartola” por “carta” (“lettre”). Trata-se de um lapso de interpretação, que, não sendo o único (como adiante se verá), poderá, considerando-se o contexto da fala, não resultar completamente estranho para o leitor, pois que se conseguiu imprimir algum sentido à frase.

No TC de língua inglesa, atente-se novamente na tradução da expressão figurada “pratinho” como “little dish”, o que não poderá não ser perceptível para o leitor de língua inglesa. De notar, novamente também, a indicação de presença de heterolinguismo no TP através da utilização de itálicos no TC.

Comparativamente à versão de 1998, importa realçar a introdução de “he broke into English” – a escolha do *phrasal verb* “to break into” funciona, lembre-se, como uma chamada de atenção para o *code-switching* –, bem como de “they giggled in English”, o que poderá, contudo, causar alguma estranheza também, devido à associação entre o ato de rir/dar risadas (“giggle”) e o ato de se expressar em inglês (“in English”). Novamente, trata-se como que de uma dupla estratégia, quase que compensatória, por se estar perante um caso de sobretraduzibilidade, também “para lembrar ao leitor, de vez em quando, que determinadas personagens do romance (como Roberto) se exprimem em inglês. E que o uso de inglês faz parte da caracterização dessa personagem”¹⁰.

Além disso, “beef” – tradução da expressão figurada e pejorativa “bife”, utilizada como referência a cidadãos britânicos em Portugal, no caso Roberto, – já não surge com maiúscula na versão mais recente, mais próxima do TP. Poder-se-á colocar a hipótese de o tradutor ter inicialmente recorrido a maiúscula por influência da tradução francesa (“Engliche”), bem como para alertar o leitor de que “Beef”, no caso, faz referência a um indivíduo, não se tratando do substantivo comum. No entanto, na edição de 2019 essa distinção não é feita, o que poderá contribuir para causar dúvidas ao leitor, uma vez que, em língua inglesa, “beef” não é utilizado com o mesmo sentido em que “bife” se utiliza no TP.

Veja-se agora um último caso neste ponto.

29

(Anexo A, p. 17)

MTC	– <i>Shoking... Shoking!</i> ... [sic] – disse Roberto, fazendo a diligência por sorrir.
-----	--

¹⁰ Correspondência eletrônica com o tradutor (18/11/2021).

		p. 240
GTA	– <i>Shocking... Shocking!</i> ... dit Roberto en se forçant à sourire.	p. 363

	– <i>Shoking... Shoking!</i> ... [sic] dit Roberto en se forçant à sourire.	p. 305 (1988)

	– <i>Shame!... Shame!</i> ... dit Roberto en se forçant à sourire.	p. 256 (LSA-1953)
SI	<i>“Shocking . . . Shocking! . . .”</i> said Roberto in English, forcing a smile.	p. 247

Novamente, o texto de partida apresenta erro ortográfico na expressão heterolíngua “shoking” (ao invés de “shocking”), corrigido nas edições de língua inglesa, que incluem ainda a clarificação “said Roberto in English”. O tradutor opta por, de novo, corrigir o autor – estratégia que foi a eleita¹¹ –, o que, como já foi abordado, poderia ser sintoma de sacralização de Nemésio. No entanto, afirma Cota Fagundes (2014:27), “[e]ste tradutor de Nemésio (...) não reconhece a sacralidade de nada nem de ninguém, incluindo qualquer autor”. E ainda: “Dessacralizando-se autor e texto, cria-se a possibilidade de enobrecimento do desfavorecido e marginalizado tradutor e confere-se-lhe a liberdade que ele ou ela precisa para exercer optimamente as suas funções” (*ibid.*:22).

Admitindo, assim, que o tradutor corrige o inglês de Nemésio com o objetivo de manter o prestígio do autor, mas que, simultaneamente, não o pretende sacralizar, sob pena de prejudicar a sua (relativa) liberdade enquanto tradutor, poder-se-ia considerar que o que sucede é, antes, uma interpretação cultural do erro, segundo a qual as incorreções devem ser omitidas/corrigidas.

Este parece ser também o entendimento da tradutora de língua francesa, que, na primeira edição da obra (1953), altera “shoking” para “shame”. Curiosamente, na edição

¹¹ Outro exemplo é o caso Manchester/Winchester (cf. p. 60 do Anexo A). Nemésio utiliza “Manchester” para se referir, por duas vezes (pp. 236 e 246 do TP), a uma espingarda. Na versão francesa, o erro é reproduzido em ambas as ocorrências (pp. 356 e 372 do TC). Na versão de língua inglesa, “Manchester” é corrigido para a designação correta da espingarda: Winchester (pp. 242 e 254 do TC), o que não só é benévolo para com o autor e o tradutor, como não causa estranheza ao leitor.

de 1988, “shame” é substituído, precisamente, por “shoking”, reproduzindo-se o erro do TP. Na mais recente edição francesa, o erro ortográfico é corrigido, o que indica algum processo de revisão. Ainda assim, algumas das incorreções que surgem nas edições de 1988 (e também na edição de 2014) não ocorrem na versão de 1953, nem tão-pouco no TP, o que parece não ter justificação (cf. casos 16 e 24, Anexo B, p. 11 e p. 15).

A editora foi contactada, com vista a averiguar os motivos destas alterações, mas, como já foi mencionado, não se obteve qualquer resposta, sendo de estranhar que as alterações que surgem já em 1988 (incluindo provavelmente a alteração do título) sejam da responsabilidade da tradutora Denyse Chast, que claramente se apercebeu do erro no TP e o contornou no TC.

Assim, tendo em conta que existem diferentes versões em língua francesa, parece ter ocorrido algum processo de revisão. No entanto, o que se afigura surpreendente é que, muitas vezes, essa revisão resulte na eliminação de passagens textuais corretas e na introdução de erros ortográficos. Menos surpreendente será a incoerência que envolve os casos em questão, uma vez que parece sinalizar a intervenção de diferentes agentes. Atentando no caso 29, em apreço, há então a registar duas alterações textuais sucessivas relativamente à versão de 1953: a versão de 1988 reproduz o erro do TP, enquanto a de 2014 o corrige, sem, no entanto, recuperar a expressão utilizada por Chast em 1953. Deste modo, dá-se novamente uma aproximação ao texto de partida. No entanto, nos referidos casos 16 e 24, o que sucede é a introdução (na edição de 1988) de erros ortográficos e a manutenção (na edição de 2014) desses erros – que não estavam patentes na edição de 1953, nem sequer no texto de partida.

1.1.2. Francês

À semelhança dos excertos apresentados no ponto anterior, os passos que se seguem ilustram diferentes formas de lidar com o heterolinguismo do romance, quer na tradução para francês – em que a utilização da língua resulta em sobretraduzibilidade –, quer na tradução para inglês. Esta incoerência na seleção de estratégias tradutórias ao nível do heterolinguismo é reflexo da dificuldade que os tradutores sentem ao deparar-se com textos marcadamente heterolíngues, como é o caso de *MTC*. De qualquer forma, como alega Berman (1997:52), a tradução é sempre “homogénea e incoerente em simultâneo”, resultando numa “miscelânea” de estratégias.

Importará lembrar que, no texto de partida, existem menos passagens em língua francesa do que em língua inglesa (embora existam mais vocábulos isolados em língua francesa do que em inglesa; cf. Anexo A, p. 60 e seguintes). Porém, as passagens em francês são mais longas do que as que existem em inglês. Isto porque a utilização de língua inglesa ocorre maioritariamente no discurso direto – em particular nas falas de Robert Clark –, em contexto de *code-switching*. Já o francês – “the preferred idiom for (...) intellectual conversation” (Hermans 1996:27) – surge, muito frequentemente, associado a passagens literárias ou a um contexto de erudição que visa, como anteriormente se viu, intelectualizar algumas personagens do círculo dos Clark Dulmo. Além disso, surge também na narração, sintoma da escrita nemesiana.

Ora veja-se a seguinte fala de Mateus Dulmo, tio de Margarida:

1		(Anexo A, p. 21)
MTC	(...) Nem parece senão que o estou a ouvir: <i>La Louve tend ses tétines. Prends y [sic] ton bien.</i>	p. 63
GTA	(...) Il me semble que je suis en train de l’entendre: « La Louve tend ses tétines. Prends-y ton bien. »*	*En français dans le texte. p. 70
SI	(...) It seems I can’t help but still hear him: ‘ <i>La Louve tend ses tétines. Prends y [sic] ton bien.</i> ’”	p. 36

O caso 1, além de associar o heterolinguismo (em particular o francês) à elevação intelectual das personagens, destaca-se pelo facto de a edição francesa apresentar uma nota de rodapé informando que a passagem se encontrava em francês no texto de partida. Theo Hermans (1996:32), exemplificando com a tradução para língua francesa do romance neerlandês *Max Havelaar* (1860), de Multatuli, realizada por Mme Roland Garros (1968), e referindo-se à nota de tradutor “En français dans le texte”, justifica-a da seguinte forma:

the surplus value signalled in the original by the use of a different language risks being lost on the French reader. The note itself (...) reminds its readers that this is a translated text – and at the same time alerts them to the presence of an altogether different voice.

Além de ressaltar a presença da voz do tradutor no TC, a afirmação de Hermans aponta para a sobretraduzibilidade que se verifica em casos desta natureza. No entanto, esta não é a estratégia utilizada em todos os casos em que surgem passos nesta língua. Por vezes, não há, no TC, qualquer indicação relativamente ao heterolinguismo do TP (cf. caso 6, p. 25 do Anexo A). Outras vezes, a passagem em francês é simplesmente omitida, como o caso 7 adiante mostrará.

No caso do TC de língua inglesa, note-se a utilização do itálico (presente também no TP), bem como de aspas, sem, porém, se fornecer qualquer tradução do conteúdo em francês. Não será sempre este o caso, como se verá, mas a ausência de tradução de várias passagens em francês poderá ser indicadora de que o tradutor espera que o leitor de *SI* pertença a um público-alvo relativamente diversificado e erudito, conhecedor de (certas) línguas estrangeiras. Adiante se retomará este tema (caso 7), a propósito de uma estratégia e respetiva justificação que contradizem esta hipótese e que, portanto, são reveladores de incoerência ao nível das escolhas tradutórias.

Atente-se agora no seguinte excerto:

3

(Anexo A, p. 21)

MTC	<p>(...) A dois passos de si estava a mãe sentada, apoiada ao <i>prie-Dieu</i>. Margarida reparou na <u>tolice daquele nome</u> dado lá em casa ao genuflexório; mas era assim... Era do tempo da estada de Madame Laborde na Horta; era o <i>prie-Dieu</i>... <u>Metade das suas coisas tinham assim nomes falsos; ou elas é que eram postizas?</u> A mãe parecia-lhe cada vez mais trôpega e avelhentada. (...)</p> <p>Mas D. Catarina levantava-se com dificuldade da cadeira, cruzava as mãos no apoio de veludo do <i>prie-Dieu</i> (...)</p> <p>(...) e ora descansava no parapeito do <i>prie-Dieu</i> da mãe, ora se somava a ela mesma, dando-lhe debaixo da mantilha uma rigidez de estátua.</p>
------------	--

GTA	<p>(...) Sa mère était assise à deux pas d'elle, s'appuyant au <i>prie-Dieu</i>*. On avait adopté le mot français chez eux et <u>cet usage parut absurde</u> à Margarida. Cela datait du séjour de Mme Laborde à Horta. <u>La moitié des objets avaient ainsi des noms faux ; ou étaient-ce les choses qui étaient artificielles?</u> Il lui semblait que sa mère vieillissait tous les jours davantage, et avait l'air plus malade. (...)</p> <p>Dona Catarina se leva avec difficulté de la chaise, croisa les mains sur l'appui en velours du prie-Dieu (...)</p> <p>(...) et qui, tantôt s'appuyait sur le dossier du prie-Dieu de sa mère, tantôt se confondait avec sa propre personne et lui donnait sous sa mantille une rigidité de statue.</p> <p style="text-align: right;">*En français dans le texte. pp. 203-5 (<i>nota não existente na edição de 1953</i>)</p>
------------	--

SI	<p>(...) Her mother was seated two steps away, resting her arms on the <i>prie-Dieu</i>. Margarida thought about the <u>silliness of that word</u> her family used for the praying stools; but that's what they called them. It had been so ever since Madame Laborde's stay in Horta: it was the <i>prie-Dieu</i> . . . <u>Half of her things had phony names like that. Or were her family members the fake ones?</u> Her mother seemed to her more and more unsteady and aged. (...)</p> <p>Dona Catarina struggled to get up from her praying stool, crossed her hands on the velvetcovered <i>prieDieu</i> (...)</p> <p>(...) and either rested on the <i>prieDieu</i> her mother leaned on or became part of it, lending her body a statue's stiffness under her mantilla.</p> <p style="text-align: right;">pp. 129-130</p>
-----------	--

No caso 3, é novamente introduzida no TC francês uma nota de rodapé (mas que não existia na edição de 1953) com a informação “en français dans le texte”, sendo que o itálico normalmente utilizado para indicar a presença de heterolinguismo apenas surge na primeira ocorrência da expressão “prie-dieu”. De ressaltar ainda a componente metalinguística da passagem em análise, em que Margarida reflete sobre a designação utilizada pela família para se referir ao genuflexório, aludindo a uma inautenticidade que advém, precisamente, da utilização do estrangeirismo. Como advogam Delabastita e Grutman (2005:18):

When language is itself one of the topics addressed in a given novel, translations accompanying heterolinguistic utterances may focus less on referential meaning, and highlight more subdued cultural connotations.

Relativamente à tradução para língua inglesa, de referir que o tradutor, mantendo o heterolinguismo, recorre de novo à estratégia utilizada para as expressões/vocábulos que surgem em inglês no TP – o itálico (como, de resto, aparece grafada a expressão no TP).

Saliente-se ainda a interessante divergência de interpretações dos tradutores quanto ao antecedente referencial do pronome pessoal “elas”, no passo de discurso indireto livre “ou elas é que eram postizas?”. A ambiguidade sugerida por Margarida (e pelo narrador) ao utilizar uma expressão pronominal – que, por não ter referência autónoma, depende de outras expressões para estabelecer o seu referente, o qual, neste caso poderá ser tanto “as coisas” (sintaticamente o mais plausível), como Margarida e a mãe (e até Madame Laborde) – literariamente possível, dado o conhecimento extralinguístico do leitor – desvanece-se nos TC. Chast considera que, no TP, a expressão pronominal retoma, anaforicamente, o referente “as coisas”, traduzindo “elas” por “les choses”. Já Cota Fagundes parece considerar que, no TP, existe uma retoma por anáfora associativa¹², traduzindo “elas” por “family members”. Esta interpretação poderá ser reforçada pelo facto de a frase seguinte se iniciar com uma menção à mãe de Margarida.

Os tradutores optaram, assim, por eliminar a ambiguidade, que, em textos literários, poderá até ser intencional e, portanto, desempenhar uma importante função comunicativa, enriquecendo o texto. Não se sabendo da intenção de Nemésio, nem qual das interpretações a correta, teria sido simples manter a ambiguidade, recorrendo à tradução literal do pronome, em ambos os casos.

Passe-se agora à análise de um último excerto neste ponto:

7

(Anexo A, p. 26)

MTC	(...) A do Colégio, coroada do Posto Meteorológico, encerra entre os seus ouros de talha e os seus camarins de confissão a imagem de um filho da terra martirizado no Japão, o beato João Baptista Machado. (<i>Màcàdô...? Mácàdo...?</i> – dizia um bolandista em Bruxelas a um terceirense curioso. – <i>C'est bien possible. Mais vous comprenez, Monsieur... Nous autres, jésuites, nous avons tant de martyres!...</i>)
------------	--

p. 326

¹² Processo que permite construir uma cadeia referencial entre duas expressões não propriamente correferentes. Contudo, uma das expressões depende da outra para estabelecer a sua referência. Sobre questões de coesão referencial, ambiguidade e tradução, consultar Gonçalves e Colaço (2014, 2019 e 2020).

GTA	(...) Celle du Collège, que domine la Station météorologique, renferme, entre ses ors ciselés et ses confessionnaux, l'image de Saint Jean-Baptiste Machado, martyrisé au Japon. [omissão]	p. 496
SI	(...) The Church of Colégio, in whose tower the weather station is housed, includes, besides its gilt-wood altars and precious confessionals, the statue of its own son martyred in Japan—the beatified João Baptista Machado. (Màcàdô...? Màcàdô...?)” asked a Bolandist in Holland of a curious man from Terceira. “ <i>C’est bien possible. Mais vous comprenez, monsieur... Nous autres, jésuites, nous avons tant de martyres !...</i> ”)	p. 349

No caso 7, relativamente à tradução para francês, importa lembrar que as omissões – aliás, várias ao longo do TC –, bem como a normalização de regionalismos são sintomáticas das relações de poder entre línguas e culturas, em particular entre a francesa e a portuguesa. Este caso pode ser ilustrativo de uma posição secundária da tradução no sistema linguístico/cultural francês, sobretudo se considerarmos que a língua/cultura de partida é a portuguesa. Por outro lado, note-se que, no caso específico do exemplo 7, o texto omitido estava já em língua francesa, sendo que, em parte (“Màcàdô?”), procurava mimetizar o sotaque francês. Deste modo, a tradutora poderá ter feito por evitar a sobretraduzibilidade e a estranheza resultantes, num texto em francês, da situação recriada – até para não interferir com a “ilusão” de se estar perante um texto não traduzido.

Já o TC de língua inglesa manteve novamente a passagem em francês, em itálico e entre aspas, sem fornecer qualquer tradução. Este TC, aliás, sofreu, de um modo geral, menos alterações/omissões do que o francês, não por o sistema literário português não ser periférico em relação ao norte-americano, mas antes por questões editoriais, como se viu. Sendo as editoras da tradução para língua inglesa de *MTC* a Gávea-Brown e a Tagus Press, e tendo em conta os seus projetos e propósitos, não surpreende que Cota Fagundes traduza “açorianamente” (Fagundes 2014:18) e mantenha a maioria das marcas da açorianidade patentes no texto de partida.

Por fim, e a propósito do heterolinguismo mantido no TC de língua inglesa, salientem-se as quatro passagens do livro de bordo da expedição do Príncipe do Mónaco no *Hirondelle*, *Carrière d’un Navigateur* (cf. Anexo A, p. 22), transcritas em francês no texto de partida. Nestes casos, é já apresentada a tradução para inglês dos passos, em nota de fim de texto (e de rodapé na edição de 1998). Segundo o tradutor (Fagundes 2022:79):

French was, in Nemésio's time, the second language of educated people in Portugal. However, that may not be so in the case of the current Anglo-American reader—the reader I always had in mind. That is why I quote the fairly lengthy passages in French but provide in endnotes my English translations.

Significa isto que não é fornecida tradução para inglês de todas as passagens em francês, exceto no caso das acima referidas, tendo como critério a extensão do passo em causa, o que poderá não constituir uma motivação sólida, contribuindo para a proliferação de estratégias. Casos há, conforme analisado, em que o francês é mantido sem tradução para língua inglesa e outros em que o heterolinguismo do texto de partida é eliminado – como ilustrado pelo caso 6, p. 25 –, substituindo-se as expressões em francês pelas correspondentes em língua inglesa. No entanto, esta substituição, além de rara, parece ser compensada pela adição de francês à tradução para língua inglesa, como no ponto seguinte se verá.

1.1.2.1. Adição de francês no texto de chegada de língua inglesa

Ainda que, raras vezes, Cota Fagundes opte por utilizar correspondentes de língua inglesa para substituir as expressões francesas apresentadas no texto de partida, casos há em que escolhe introduzir vocábulos ou expressões em francês que não existem no TP, mesmo sem interferência do TC de língua francesa.

Referindo-se especificamente a hibridismo linguístico, Klinger (2015:76) advoga que, no caso de textos “polilíngues”, aquele pode ser adicionado ao TC como compensação, até para preservar o tipo de texto. Poderá ser esse o caso, sendo ainda possível colocar a hipótese de que um texto muito marcado pelo heterolinguismo “encoraje” ou dê liberdade ao tradutor para introduzir as suas próprias “preferências” heterolíngues (independentemente da forma como, na sua tradução, lida com o heterolinguismo do texto de partida, i. e., independentemente de manter ou omitir vocábulos/segmentos heterolíngues).

Ainda de acordo com Klinger (*ibid.*:79), “instances of deliberate foreignization can be misread as a reflection of ST hybridity and thus lead to a TT shift in perspective”. Significa isto que a introdução de elementos “estrangeirizantes” no TC pode afetar a caracterização – e eventualmente a credibilidade – das personagens ou do narrador e, portanto, o nível de empatia que o leitor com eles estabelece.

Assim, a adição de heterolinguismo ao TC, seja no discurso direto, seja na narração, irá interferir com a leitura do romance e com a percepção que o leitor dele tem, embora aí não se esgote: “The reader’s mental representations of the text therefore arise not from the text alone but from ‘the interaction between the reader’s prior knowledge on the one hand and the language of the text [...] on the other’” (*ibid.*:134).

Ora veja-se o seguinte caso, em que uma expressão francesa é introduzida, no TC de língua inglesa, no âmbito da narração:

3		(Anexo A, p. 27)
MTC	(...) Emília, com aquele sorriso descansado, de rola farta, festejava-lhe sempre os bons ditos , ouvia-a no governo da casa, deixava-a fazer tudo, destinar tudo...	p. 76
GTA	(...) Emilia souriait de ses mots spirituels , suivait ses conseils pour la direction du ménage, lui laissait tout faire, tout diriger.	p. 94
SI	(...) Emília, with the peaceful smile of a satisfied dove, always reveled in Henriqueta’s bons mots , heeded her advice about running the household, let her do everything, decide the fate of everything...	p. 53

Em correspondência eletrónica (18/11/2021), Cota Fagundes justifica assim a adição de expressões em francês à sua tradução:

Um dos meus objetivos máximos quando embarquei na tradução de MTC era que o romance fosse lido e compreendido na língua para o qual eu o estava traduzindo: o inglês dos Estados Unidos. Acontece que certos sintagmas em francês são muito usados na América, sendo os dois que menciona [*bons mots; idee fixe*] exemplos disso. Daí que utilizei esses sintagmas não para altear o registo do romance (a última das coisas que eu queria fazer), mas sim para tornar a leitura do romance uma experiência confortável, não alienante.

O tradutor considera, assim, que a adição de francês torna a leitura menos alienante para o leitor da tradução em língua inglesa, o que não deixa de ser curioso, uma vez que parece contradizer a anterior citação do tradutor.

Veja-se agora o caso 7:-

7		(Anexo A, p. 28)
MTC	(...) O Feijão mandou " rasgar ":	

		p.176
GTA	(...) Feijão se mit à jouer et Margarida entonna:	p. 259
SI	(...) <u>Feijó</u> shouted, “ Encore, ” and Margarida sang:	p. 171

Se a adição de vocábulos franceses às passagens do narrador (como sucede no caso 3) é consistente com o seu marcado heterolinguismo, o mesmo poderá não ser verdade para certas personagens. É o caso de Feijão (Feijó no TC em inglês), que manifesta dificuldades até em expressar-se na sua língua primeira, o português. Nesse sentido, poderia causar estranheza que a personagem se expressasse também em francês. Não obstante, será necessário ter novamente em conta que, na tradução para inglês, Feijão é já uma personagem diferente do que é no TP – como sucede com Roberto (e, relembre-se, virtualmente com todas as personagens em tradução). Daí que, no TC de língua inglesa, possa não causar estranheza que “Feijó” fale francês. Além disso, “encore” está de tal forma disseminado entre falantes de língua inglesa que pode nem ser considerado “falar francês”.

Por outro lado, de um modo geral, a língua francesa continua associada a erudição: “French loanwords are commonly associated with a more formal register and have therefore connotations of cultural sophistication” (Klinger 2015:174). Assim sendo, o prestígio da língua e cultura francesas nos EUA poderão também ter motivado a adição de vocábulos franceses no TC em inglês, embora no caso em apreço a elevação de registo não pareça justificar-se.

Contudo, e considerando que os leitores recorrem à própria informação textual e a conhecimentos prévios para formar uma representação mental de uma personagem (*ibid.*:159), corre-se o risco de o TC construir uma imagem do próprio autor do TP – e da sua visão do mundo – que, na verdade, difere da do TP (*ibid.*:83). Nesse sentido, corrobora Munday (2022:13–14): “subtle and even unconscious stylistic rewordings which occur in any text have the potential, because they come from a different code and a different writer, to alter the voices of the ST author and narrator”.

Quanto à perspetiva do tradutor, Klinger (2015:83) assinala que, embora, de um modo geral, os tradutores estejam conscientes das alterações linguísticas decorrentes da normalização do hibridismo (ou do heterolinguismo, acrescento) do TP, não o estão

relativamente às alterações ao nível de perspetiva e identidade cultural que essa normalização pode provocar. Adiante será possível confirmá-lo, mas, para já, diria que o oposto será também verdade. Por outras palavras, a adição de heterolinguismo acarreta também consequências para as personagens, para o narrador e para a perceção do TP.

Efetivamente, não serão os autores do TP os únicos a criar personagens, também os autores dos TC as (re)criam. Ou, por outro prisma, ecoando as palavras de João Gaspar Simões¹³, “Vitorino Nemésio não criou estas figuras: foram elas que se criaram a si próprias”. Portanto, talvez as próprias personagens tenham essa capacidade de se criar e recriar, conforme as línguas que “falam”, como, de resto, parece acontecer com a gente de carne e osso.

Como recordava Nemésio (E11/cx. 81): “Um mestre que eu tive – Miguel de Unamuno – sustenta que D. Quixote foi o autor de Cervantes, e não Cervantes de D. Quixote. Quer dizer: em novela, há mais realidade na criatura do que no criador.”

Do ponto de vista da leitura, naturalmente, a menos que o leitor tenha acesso ao TP, não será capaz de distinguir entre o heterolinguismo que já constava do TP e o heterolinguismo que foi adicionado ao TC, possivelmente motivado por uma “interferência inconsciente da língua de partida” (Klinger 2015:76). A este propósito, Maria Tymoczko (1999:25) fala numa “diferente textura lexical” do TC em relação ao TP.

Por fim, e ainda neste âmbito, de referir os casos – mesmo que em menor número – de introdução de heterolinguismo na tradução francesa, nomeadamente com a adição de inglês, latim e italiano (cf. casos 1 a 3, p. 20 do Anexo A).

¹³ Crítica a *Mau Tempo no Canal*. “Os livros da semana”. In *Diário de Lisboa*. 24-8-1944. BNP E11/cx. 56.

1.1.3. OUTRAS LÍNGUAS

1.1.3.1. CASTELHANO

As ocorrências em língua castelhana surgem maioritariamente na primeira parte do Epílogo¹⁴, no contexto de um espetáculo tauromáquico a que assiste Margarida, com a família do recém-marido, na Ilha Terceira. Estas ocorrências não se afiguram essenciais para o enredo, nem tão-pouco contribuem para a caracterização das personagens (ou não surgissem já no final do romance). No entanto, a primeira parte do epílogo é importante por dois motivos. O primeiro é o facto de contemplar uma tradição fundamental¹⁵ da ilha-natal de Nemésio, reflexo do seu “«fraco» terceirense pelos toiros” (Nemésio 1998:83) e, portanto, elemento da sua açorianidade, convergente com a história dos Açores. Já em 1928, em “O Açoriano e os Açores”, assegurava Nemésio que, dos ilhéus, é o terceirense “o mais festeiro” e que “o toiro é o seu primeiro agente de alegria” (Nemésio 1995:95), unificando até estratos sociais, como o autor procurou demonstrar em *MTC*¹⁶.

O segundo motivo consiste na quantidade de vocábulos em castelhano presentes nessas páginas. Sendo bastante numerosos, não podem ser desconsiderados, especialmente tendo em conta que resultam em mais casos de heterolinguismo nas traduções do que no texto de partida. E isto porque, ao contrário do que sucede com as expressões utilizadas em francês e inglês, boa parte da terminologia tauromáquica foi adaptada do castelhano ao português, não só pela proximidade linguística, mas também pela incidência da tradição tauromáquica

¹⁴ Note-se, contudo, uma referência a “toiros à corda” ainda no Capítulo XIII, sendo que, no TC de língua francesa, a expressão foi, incorretamente, traduzida como “combats de taureaux” (p. 202 do TC), revelando, uma vez mais desconhecimento dos agentes relativamente às tradições açorianas. No caso do TC de língua inglesa, a tradução é “roped bullfight”, com adição de nota explicativa do seu significado.

¹⁵ No n.º 14 do jornal *Ler*, de 14 de maio de 1953, Sarmento Dinis, a propósito da publicação de comunicações proferidas numa conferência em França por Saraiva Lima, o “mais representativo autor taurino português”, refere que Lima “cita os romancistas Augusto Costa e Vitorino Nemésio (...), que, impressionados pela lide de touros, lhe consagraram belas páginas”. Disponível em https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/ler/in-issue/iss_0000003241/3. Acesso em 19/06/2023. Saliente-se que também nas crónicas de *Corsário das Ilhas*, publicado já em 1956, Nemésio dedica várias linhas à tradição tauromáquica da Ilha Terceira (cf. Nemésio 1998:88).

¹⁶ A seguinte passagem ilustra essa “unificação”: “Pelos portões de São Pedro, pela Carreirinha, pela Boa Hora e Vinha Brava desciam das quatro costas da ilha os *char-à-bancs* do «monte» carregados de lavradores e de «raparigas perfeitas», trens com gente da Praia, as *charrettes* dos calafonas rangendo nos seus coiros untados e as carripas com as rodas de pândegos que, do proprietário ao professor e às vezes ao padre um pouco envergonhado no seu guarda-pó cinzento e na sua boquilha crestada, têm nas mãos o destino dos sindicatos do leite e o império das freguesias” (Nemésio 1994:327-8).

em Portugal. Assim, muitos dos termos apresentados em português no texto de partida surgem em castelhano nos textos de chegada, como exemplificado no caso que se segue.

Ora veja-se:

3 (Anexo A, p. 31)	
MTC	<p>...Uma grande tourada na Praça de S. João, com 9-TOIROS PUROS-9, <i>apartados a capricho</i> das melhores criações da ilha, 5 cavaleiros para as cortesias, 2 de lide, a quadrilha espanhola do <i>célebre Moyanito, que lidou toiros em pontas nas mais categorizadas praças da Península</i>, alguns amadores de pé e os bregas do costume, <i>neto a rigor</i>, D. Tancredo e casa da guarda <i>por um destemido grupo de forcados</i>. <i>O espada</i> passará de capote e muleta os toiros que julgar convenientes. <i>Estão em vigor todas as disposições policiais na arena. As portas da praça abrem às 3 horas e pode-se assistir à embolação. Previne-se o respeitável público de que não há meios bilhetes. – Olé! Olé Venga la 'pada!...</i></p> <p style="text-align: right;">p. 327</p>
GTA	<p>... Grande course de taureaux sur la place Saint-Jean ; avec neuf taureaux de pure caste, neuf « provenant des meilleurs élevages de l'île », cinq cavaliers pour le défilé, deux pour le combat, la cuadrilla espagnole du « célèbre Moyanito qui a toréé dans les principales arènes de la Péninsule », quelques amateurs à pied et les péons habituels, [omissão] ainsi qu'un groupe d'audacieux bandarilleros... L'espada travaillera lui-même à la cape et à la muleta les meilleurs taureaux. Tous les règlements de police seront appliqués dans l'arène. Les portes de la place ouvrent à trois heures et on peut assister à l'emboulement [sic]. L'estimable public est avisé qu'il n'y a pas de billets de faveur, Olé ! Olé Venga la espada...</p> <p style="text-align: right;">pp. 497-8</p>
SI	<p>A great bullfight in São João bullring, featuring, as the sign read, "9-PUREBRED BULLS-9," especially selected from the best breeders on the island, five horsemen for the "courtesies," or opening ceremonies, two for fighting the bull, the Spanish cuadrilla of Moyanito, "who has been fighting bulls in the most prestigious rings of the peninsula," some novice banderilleros and the customary bregas, or footmen, as well as a "group of fearless bull tacklers," led by the famous Dom Tancredo. The espada, or swordsman, himself will work with cape and red cloak the bulls of his choice. All police regulations will be in force in the arena. The doors open at three, and the public is welcome to attend the embolamento, or padding of the bull's horns. The esteemed public is hereby notified that there are no special-discount tickets available. Olé! Olé! Bring on the matadors! . . .</p> <p style="text-align: right;">p. 350</p>

Como se vê, em ambos os TC, "quadrilha" surge como "cuadrilla" e, no TC francês, incorretamente, "forcados" como "bandarilleros" (e novamente no caso 7, p. 34 do Anexo A, em que, também no TC inglês, se traduziu "moços de forcado" como "bandarilleros", sendo que, nessa ocorrência, o termo já não surge em itálico). Por seu turno,

neste caso 3, no TC de língua inglesa, “bandarilleros” parece referir-se a “amadores de pé” e não a “forcados”, traduzido por explicitação como “bull tacklers”.

Ainda na tradução para língua inglesa, os termos em castelhano são, quase sempre, apresentados em itálico, e, não raras vezes, recorrendo ao que Bandia (1996:141) denominou “in-text translation”, isto é, a tentativa de clarificar o significado de uma palavra, expressão ou frase estrangeira introduzida num discurso escrito noutra língua. É o que sucede com “*bregas*, or footmen”, “*espada*, or swordsman” e com as situações verificadas no caso 2 (p. 31 do Anexo A) e no caso 6 (p. 34). No entanto, possivelmente para compensar a introdução de terminologia em língua castelhana, ainda no caso 3, a exclamação “Venga la ‘pada” (no TC francês, das poucas apresentadas em itálico) foi traduzida para língua inglesa, ainda que com a inclusão de “matadors”. A utilização deste termo poderá, todavia, ser enganadora, visto que “matador” diz respeito ao toureiro com principal papel na corrida e aquele que, normalmente, mata o touro, prática que não se verifica no caso em questão.

A abundante presença de heterolinguismo nas passagens em causa parece assumir-se como de inevitável preservação para o tradutor Cota Fagundes (2019:20), que questiona: “[h]ow can one render a scene on bullfighting into English without sounding foreign, even with Hemingway as a model?”. Em jeito de resposta, num outro ensaio sobre a tradução de *MTC*, o tradutor, fundamentando o recurso à estratégia de “in-text translation”, afirma:

One of Hemingway’s approaches to the translation of bullfighting terminology seems to me to be worthy of imitation: utilize the Spanish term and then provide a literal translation of that term in the target language; and never overdo this technique, but rather rely on context to also convey the meaning of terms left in the source language; and always select these terms carefully to avoid undue difficulties for the reader. I believe that a scattering of untranslated words—in my case, in Spanish and in Portuguese—contributes to local color and provides a note of linguistic defamiliarization, always to be appreciated, to accompany the translation of a cultural tradition that is also not familiar to the reader (Fagundes 2022:80).

Cota Fagundes inspira-se então em Hemingway para definir a estratégia a utilizar no caso do heterolinguismo associado ao castelhano, justificando-se com o efeito de “cor local” e “desfamiliarização” criado, o qual produz valor estético¹⁷ e agrada, normalmente, ao

¹⁷ Na já citada conferência, Cota Fagundes reafirma (45:14): “We like to see in a work of art, in a literary work of art, language that is not familiar to us (...), but at the same time we don't want to be deprived of the meaning of the text. We have to understand the text, but you can throw at the reader something that you know will sort of startle him or her, and that is something that a lot of theorists agree produces

leitor. Grutman (2020:345), porém, adverte: “Without necessarily being as monolingual as is often presumed, many readers neither want to be reminded they are reading a translation nor particularly care for experimental writing that dallies with too many tongues”.

Ainda assim, relembre-se que o leitor de *MTC* – mesmo em tradução – será, de um modo geral, um leitor relativamente preparado para uma leitura exigente. O tradutor Cota Fagundes¹⁸ reflete também sobre este tema:

Many of his [Nemésio] readers in Portugal, an elitist readership, almost by definition (...) could probably read at least adequately enough the languages deployed. Would it be fair for me to assume as translator of *Stormy Isles* that my American readers or English readers in general would be able and would want to read a translated novel containing excerpts in five other languages? And if those excerpts are to be translated, which are to be translated and why? I have to make that decision.

E a decisão foi manter o heterolinguismo do TP, salvaguardando a possibilidade de o leitor – que poderá não ser apenas americano ou inglês, mas antes leitor de língua inglesa – não dominar certos idiomas. Para tais casos, é, muitas vezes, apresentada a tradução das passagens em inglês.

Já no caso do TC francês, de referir a manutenção e mesmo a adição de vocábulos em castelhano, sendo que não se considerou necessário “reforçar” o heterolinguismo com a utilização de itálico, como sucede no TC de língua inglesa. Não obstante, apesar da preservação dos elementos “estrangeiros” (ou em virtude dela), verifica-se uma omissão no TC francês. Contudo, as omissões verificadas neste ponto em particular não estão relacionadas com a língua castelhana (que não só é reproduzida, como adicionada), mas antes com passagens que remetem para a gastronomia e cultura portuguesas, o que, novamente, poderá ser sintoma das relações de poder entre línguas e culturas, com clara “vantagem” para Espanha em relação a Portugal.

Por fim, e ainda a propósito do Epílogo, importará notar também a sua vertente simbólica, retratada na partida da Ilha Terceira. No dizer de Machado Pires (2007:68), [e]mbora parte menor do espaço narrativo, a Terceira está idiossincraticamente marcada pela Tourada, mas sentimentalmente, simbolicamente assinalada pela partida do porto de Angra à noite, no final do romance”.

aesthetic value.” Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=W0vompmJ4FQ>. Acesso em 19/06/2023.

¹⁸ *Ibid.*: 49:49.

1.1.3.2. NEERLANDÊS E ALEMÃO

Em *MTC*, neerlandês e alemão surgem sempre em conjunto, uma vez que Margarida pratica a língua alemã com Van Dam, “o holandês dos queijos” (Nemésio 1994:287) que a protagonista conhece durante a estada na ilha de São Jorge, em casa dos Barões da Urzelina, seus futuros sogros.

Quanto a Van Dam, poderá considerar-se que a personagem serve dois propósitos. O primeiro será o de representar a importância da influência flamenga no arquipélago, em particular em São Jorge, sendo o queijo – cuja produção se lhe deve – o principal produto associado à ilha. O segundo propósito será o de demonstrar que Margarida, enquanto “filha-de-algo” (*ibid.*:67), com origens flamengas e aristocratas britânicas, natural de uma pequena cidade com forte influência estrangeira, incluindo alemã¹⁹, teve oportunidade de aprender outras línguas (além do francês), permitindo, assim, expandir o heterolinguismo do romance.

A passagem que a seguir se reproduz constitui a primeira ocorrência de neerlandês e alemão em *MTC*. Talvez por esse motivo, surgem notas de rodapé do próprio Nemésio com a tradução para português.

Ora veja-se:

1

(Anexo A, p. 38)

MTC	Van Dam, o holandês dos queijos, (...) [f]alava um português de trapos. Margarida aproveitava-o para desenferujar alguns vocábulos avulsos do alemão de Fräulein Wartel: – <i>Trinken Sie Kaffee und Milch gern? Der Riesenkäse!*</i> – <i>Ja, juffrouw...* Sie sind viel zu gross!*</i> E, para falar mais corrido, esperava aquele alívio da saudação da manhã, quando Van Dam despontava do lado do engenho com o seu gorro azul de estambre e as maçãs do rosto vermelhas da aguardente de nêspera e da friagem: – <i>Haben Sie gut geschlafen, Herr van Dam?*</i> – Ou variando os participios
------------	---

¹⁹ Ainda hoje existe na cidade da Horta a chamada Colónia Alemã. “Trata-se de um bairro residencial composto por 5 edifícios, construído em 1919, destinado ao alojamento dos quadros da companhia operadora alemã de cabos submarinos Deutsch-Atlantische Telegraphengesellschaft (D.A.T.). (...) A arquitetura é tipicamente germânica, merecendo relevo o painel de vitrais, provenientes de Colónia e datados de 1912, decorados com a heráldica do Império Alemão. (...) Em 1974, os edifícios foram adquiridos pelo Governo Regional dos Açores, estando aqui sedeada [sic] a Secretaria Regional da Agricultura e Florestas.” Informação disponível em <http://www.odyssea.eu/data/?markerID=21225>. Acesso em 18/06/2023.

conforme as ocasiões: —...*gegessen*;...*getrunken*;... *gekommen*?*

O holandês, instintivamente abordado à sua língua natal, respondia invariavelmente:

– *Ja, juffrouw... Danke schön!**

*Alemão: “Gosta de beber café com leite? Que grande queijo!”.

*Holandês: “Sim, menina”.

*Alemão: “É grande de mais”.

*“Dormiu bem, Sr. Van Dam?”

*“Comido”; “bebido”; “chegado”.

*“Muito obrigado”.

pp. 287-8

GTA Van Dam, le Hollandais qui s’occupait de la laiterie, (...) parlait un portugais petit nègre. Margarida profitait de l’occasion pour aérer les quelques mots d’allemand appris avec Fraülein Wartel dont elle se souvenait encore :

– *Trinken Sie Kaffee und Milch gern? Der Riesenkäse!**

– *Ja, juffrouw... Sie sind viel zu gross!**

Et pour parler plus longuement, elle attendait la rencontre du matin, quand Van Dam apparaissait du côté de la laiterie, avec sa casquette bleu marine et les pommettes rouges par l’eau-de-vie de nèfles :

– *Haben Sie gut geschlafen, Herr van Dam?* – ou, en faisant varier les participes, selon les occasions: —...*gegessen ...getrunken* ?* [omissão]

Le Hollandais répondait instinctivement dans sa langue maternelle et disait invariablement:

– *Ja, juffrouw... Danke schön!**

*En allemand : « Aimez-vous le café au lait ? Comme ce fromage est grand ! »

*En hollandais : « Oui, mademoiselle ». En allemand : « Ils sont trop grands. »

* « Avez-vous bien dormi, M. Van Dam ? » ; « mangé » ; « bu ».

* « Oui, mademoiselle... merci. »

pp. 434-5

SI Van Dam, the cheese-making Dutchman, (...) was a short, rosy-cheeked, black-haired man who spoke broken Portuguese. Taking advantage of his presence, Margarida trotted out the few random German words she had learned from Fräulein Wartel:

*“Trinken Sie Kaffee und Milch gern? Der Riesenkäse!”**

*“Ja, juffrouw . . . * Sie sind viel zu gross!”**

In order to sound more fluent, she would wait for the morning greeting, which she used when van Dam came out of the creamery with his blue woolen cap and his cheeks red from the loquat rum and the cold:

*“Haben Sie gut geschlafen, Herr van Dam?”** Or, varying the past participles to suit the occasions: . . . *gegessen; . . . getrunken; . . . gekommen?*”*

The Dutchman, instinctively reverting to his native tongue, invariably replied:

*“Ja, juffrouw . . . Danke schön!”**

*German for “Do you take your coffee with milk? What a large cheese!”—
Author.

*Dutch for “Yes, miss.”—Author.

*German for “It’s too big.”—Author.

*German for “Did you sleep well, Mr. van Dam?”—Author.

*German for “eaten . . . drunk . . . arrived . . .”—Author.

*Dutch for “Yes, miss, thank you.”—Author.

p. 302

As notas existentes no TP são então reproduzidas em ambas as traduções, sendo que, no caso das edições francesas, não há qualquer indicação de autoria da nota – nem de autor, nem de tradutor²⁰.

Por outro lado, parece existir alguma incoerência na utilização das notas de rodapé por parte do próprio Nemésio. Porquê fornecer a tradução apenas das primeiras passagens em neerlandês e alemão e não das seguintes (cf. Anexo A, pp. 38-42)? Nos restantes casos, não se fornece, aliás, qualquer tradução nem no texto de partida, nem nos textos de chegada. Ainda que, em alguns casos (cf. caso 2, p. 39, e caso 5, p. 41), Nemésio providencie uma espécie de “in-text translation” parcial, esta apresenta-se, no caso 2, como mimetização do sotaque de Van Dam (normalizado nos TC, mas reproduzido no TC de língua inglesa no caso 4, p. 41 do Anexo A), o que não facilita propriamente a leitura e/ou o entendimento do texto.

Refira-se também outras instâncias de não-tradução, nomeadamente no que toca à repetição de vocábulos ou expressões já introduzidos e traduzidos, como “juffrouw” ou “danke schön” (cf. caso 3, p. 41). Não obstante, na maioria das passagens, e em particular no caso 5, não se poderá considerar o texto perceptível para quem desconhece neerlandês e alemão. Talvez Nemésio procurasse, à semelhança do que afirmava Cota Fagundes, intrigar o seu leitor e contrariar as suas expectativas, sendo que, nestes casos específicos, os tradutores parecem seguir as estratégias de Nemésio.

²⁰ Como se viu no Capítulo III, recorde-se que, na mais recente edição francesa (2014), a autoria das notas de rodapé é atribuída, mesmo no início do romance, à tradutora, o que dificilmente corresponderá à realidade, visto que Chast – nascida em 1914 – já não estaria viva à data daquela publicação.

1.1.3.3. LATIM, ITALIANO E PORTUGUÊS ANTERIOR A 1911

Conforme exposto no Capítulo I, considero, para efeitos do presente estudo, que o heterolinguismo pode ser externo (referente às línguas estrangeiras utilizadas no romance) ou interno (referente às variações da própria língua portuguesa). Nessa medida, é possível aplicar o conceito de heterolinguismo (interno) à variação não só diatópica (no caso, dialetos açorianos) e diastrática (socioleto dos baleeiros), mas também à variação diacrónica (ou temporal) da língua. Daí incluir o português anterior à reforma de 1911 na categoria do heterolinguismo, associando-o ao latim (quase sempre eclesiástico) e ao italiano. O motivo pelo qual coloco as três línguas no mesmo plano e campo de análise prende-se com o facto de a maioria das ocorrências surgir na narração, implicando não só erudição, mas também intertextualidade²¹.

MTC está repleto de referências – umas explícitas, outras nem tanto – a obras literárias, mas também musicais ou arquitetónicas. Essas referências criam relações intertextuais que permitem não só traçar paralelos entre o romance e as obras, como contribuem para o significado geral de *MTC*, adicionando-lhe profundidade e complexidade. Ao valer-se de obras consagradas – literárias e não só –, Nemésio posiciona o seu romance numa tradição literária mais ampla, dialogando com o passado e enriquecendo a experiência do leitor.

Atente-se então no seguinte caso de intertextualidade com a Bíblia, o que se verifica na grande maioria das passagens em latim:

2

(Anexo A, p. 44)

MTC	(...) a mulher ostentada como se fosse ele o Micado e condescendente em tirar a imperatriz do Japão do seu <i>nolli</i> [sic] <i>me tangere</i> de crisântemos e ovinhos azuis...	p. 128
------------	---	--------

²¹ Cunhado por Julia Kristeva, em 1966, o já corrente termo *intertextualidade* diz respeito, *grosso modo*, à influência que os textos exercem uns nos outros. Assim, enquanto produto dinâmico, um texto resulta sempre de outros textos ou referências culturais anteriores. Para a autora, a intertextualidade não se esgota em referências ou citações explícitas, mas envolve a criação de um novo significado através da fusão e transformação de textos existentes. Kristeva sugere que os textos são compostos por "intertextos" ou fragmentos textuais de diversas fontes, sendo o seu significado gerado através da interação e tensão entre esses intertextos. Além disso, segundo Kristeva, a intertextualidade também não se limita aos textos escritos. Antes, permeia várias formas de comunicação, incluindo as artes visuais, a música e a cultura popular. Neste sentido mais lato, a intertextualidade torna-se um aspeto fundamental da forma como o significado é gerado e circula na sociedade.

GTA	(...) Et il faisait alors ostentation de sa femme comme s'il était le mikado et qu'il condescendit à retirer l'impératrice du Japon de son <i>noli me tangere</i> de chrysanthèmes dorés et de petits œufs bleus...	p. 180
SI	(...) his wife then treated royally as if he were the Mikado who had agreed to help the empress of Japan step out of her <i>noli me tangere</i> of chrysanthemums and tiny blue eggs...	p. 112

No excerto em apreço, importa referir a correção, novamente, do erro ortográfico nos dois textos de chegada. Constata-se, além disso, e de um modo geral, que as ocorrências em latim são mantidas em ambas as traduções. De realçar também o facto de, na maioria dos casos, não ser fornecida qualquer tradução das expressões latinas, nem no texto de partida, nem nos textos de chegada – talvez por se considerar que são facilmente decifráveis e/ou conhecidas do leitor (quer do TP, quer dos TC). Apenas no caso 1 (p. 43 do Anexo A), o autor providencia a tradução, novamente, no corpo de texto. No caso 5 (p. 45 do Anexo A), há também, no TP, uma tradução parcial da passagem em latim, reproduzida nos TC.

Todavia, se o conhecimento dos rituais litúrgicos facilita a compreensão das passagens – o que poderá justificar a ausência de tradução no TP –, esta circunstância poderá, precisamente, constituir um dos atuais desafios da leitura de *MTC* e suas traduções, em virtude do declínio da participação em rituais religiosos.

Como sugerido anteriormente, *MTC* não é uma obra para leitores não preparados, o que inclui, como é evidente, os leitores das traduções. Como tal, o latim eclesiástico é mantido, sem tradução, tanto no TC de língua inglesa, como no de língua francesa. Na verdade, os passos em latim representam as únicas passagens heterolíngues consistentemente preservadas nas edições de língua francesa, sem omissões ou normalizações, talvez mesmo por se pressupor a erudição do leitor da tradução.

Por seu turno, Cota Fagundes (2022:79) justifica as suas opções, corroborando o exposto:

As a translator, I left ecclesiastical Latin untouched, as I believe that *Stormy Isles* is not a novel for the literarily unprepared and that the likely reader of this work would rather be challenged than infantilized by being provided a translation of biblico-liturgical texts extremely well known in the Western world for many centuries.

A intertextualidade assume, pois, um caráter significativo em *MTC*, sendo, a este propósito, de ressaltar também as palavras de Delabastita e Grutman (2005:18),

Intratextual glossing and the creation of intertextual echoes and metalinguistic effects (...) always involve a careful balancing of the author's quest for textual sophistication and what s/he perceives to be the linguistic skills of his/her prospective public.

Embora a intertextualidade de *MTC* com referências culturais eruditas se manifeste maioritariamente na narração e nas raras instâncias de caracterização heterodiegética das personagens, estando, portanto, associada ao narrador, está também presente no diálogo. Alguns diálogos (cf. casos 1 e 4, pp. 43 e 45 do Anexo A) contêm alusões a obras literárias ou outras referências culturais, adicionando, como se viu, profundidade e complexidade às interações das personagens. O narrador aproveita também a intertextualidade para caracterizar as personagens de forma indireta, associando muitas referências literárias e musicais a diversas personagens, nomeadamente Margarida, Mateus Dulmo, Roberto e João Garcia, como ilustra o seguinte caso, já referente à língua italiana:

1		(Anexo A, p. 47)
MTC	(...) Ia ali Laura, e João Garcia lembrou-se de que Laura fora a sua « dona do schermo ». O Dr. Luís da Rosa oferecera-lhe uma velha edição da <i>Vita Nuova</i> , (...) Schermo . Só o dicionário italiano da biblioteca da Câmara trazia a nota de que <i>schermo</i> (biombo) era o pudor de Dante escondendo o terror sagrado que lhe inspirava Monna Bice.	pp. 104-5
GTA	(...) C'était Laura Dutra qui était assise sur la banquette et João Garcia se souvint que Laura avait été sa <i>donna di schermo</i> . Au cours des vacances qui avaient suivi sa deuxième année de droit à Coimbra, il avait déchiffré à grand renfort de dictionnaires les commentaires d'une vieille édition de la <i>Vita Nuova</i> , offerte par Luís da Rosa. (...) Schermo . Seul le dictionnaire italien de la bibliothèque municipale mentionnait en note que Dante avait employé le terme <i>schermo</i> (protection, abri), pour symboliser sa pudeur, la terreur sacrée que lui inspirait Monna Bice.	pp. 142-3
SI	(...) Laura was inside also, and João Garcia recalled that Laura had been his " lady of schermo ." Dr. Luís da Rosa had offered him an old edition of <i>Vita Nuova</i> , (...) " Schermo ." Only the Italian dictionary in the city hall library included an entry where <i>schermo</i> (partition) meant Dante's modesty in hiding the holy terror that Monna Bice had instilled in him.	p. 85

A língua italiana é, das línguas estrangeiras presentes no romance, a menos representada. Serve, contudo, para dar título a alguns capítulos²². No passo em apreço, há uma importante referência à *Vita Nuova* de Dante Alighieri, tão importante que “Schermo” é o título do capítulo em que surge a passagem (título preservado nas traduções para francês e inglês). É conhecido o episódio – descrito no Capítulo V de *Vita Nuova* – do mal-entendido que se cria na igreja quando muitos pensam que Dante dirige a sua atenção não para Beatriz, objeto do seu amor, mas para uma nobre senhora sentada entre os dois. O poeta deixa que o mal-entendido se mantenha e até finge dedicar algumas das suas rimas a essa mulher cuja identidade não é revelada.

João Garcia atribui, assim, a Laura – sua futura esposa – o papel de “donna schermo”, uma mulher que atua como “escudo” ou “resguardo”²³ entre o homem (no caso de *MTC*, João Garcia; no caso de *Vita Nuova*, presumivelmente o próprio Dante) e a sua musa, a sua verdadeira amada (respetivamente, Margarida e Beatriz – ou Monna Bice).

Além de mencionar ou aludir a outras obras literárias, *MTC* incorpora também eventos históricos na sua narrativa. É o caso, novamente através das leituras de Margarida, das referências ao terramoto de Vila Franca do Campo, de 1552, ou à erupção da Urzelina, em 1808. Estas referências não servem apenas como pano de fundo histórico, mas ecoam também a destruição e o caos encontrados em outras obras literárias que retratam desastres naturais, como é, novamente se refira, o caso de *Typhoon*²⁴.

Ao entrelaçar eventos históricos na narrativa, o romance cria autenticidade e realismo, oferecendo deles um retrato matizado, bem como informando o leitor da história dos Açores, qual evocação da açorianidade. Assim, a inclusão de trechos de documentos históricos, como relatos, cartas e diários, cria uma camada de verosimilhança e convida o leitor a considerar múltiplas perspetivas sobre os acontecimentos que se desenrolam no

²² Os títulos dos capítulos são, de resto, bastante representativos do heterolinguismo do romance, pois neles surgem, além do italiano, o latim, o francês e o português anterior a 1911 (veja-se o Anexo B, p. 143).

²³ Na tradução de Carlos de Soveral: “Então animei-me muito com assegurar-me de que o meu segredo não era comunicado aos outros pela minha vista. E, no momento, pensei fazer dessa formosa dama o escudo da verdade. E de tal modo o mostrei em pouco tempo que todas as pessoas que de mim falavam julgavam conhecer o meu segredo. Ocultei-me com essa dama durante anos e meses.” (Alighieri 1954:25). Note-se que, tanto na tradução de Vasco Graça Moura (1995:25), como na de Jorge Vaz de Carvalho (2010:27), “schermo” é traduzido não como “escudo”, mas como “resguardo” (“resguardo da verdade”).

²⁴ Conforme exposto no capítulo anterior, poderá considerar-se que o próprio título *Mau Tempo no Canal* mantém uma relação intertextual com o livro que Margarida vai lendo: *Typhoon*, de Joseph Conrad, um dos “mestres” de Nemésio (cf. 1998:68).

romance. É o caso das passagens em português anterior à reforma ortográfica de 1911, quase sempre assinalado por itálico no TP. As passagens, na sua maioria longas, dizem respeito a epistolografia, a trechos literários e a inscrições:

2		(Anexo A, p. 48)
MTC	RAYMUNDO PÓRRAS DA GAMA PETERS, FIDALGO CAVALLEIRO DA CASA REAL, DO CONSELHO DE S.M.F., GOVERNADOR DE DAMÃO (1799-1807)	p. 66
GTA	RAYMUNDO PORRAS DA GAMA PETERS, GENTILHOMME DE LA MAISON DU ROI, MEMBRE DU CONSEL DE SA MAJESTÉ TRÈS FIDÈLE, GOUVERNEUR DE DAMÃO (1799-1807)	p. 76
SI	RAYMUNDO PÓRRAS DA GAMA PETERS, NOBLEMAN KNIGHT OF THE ROYAL HOUSE, MEMBER OF HIS VERY FAITHFUL MAJESTY'S COUNCIL, GOVERNOR OF DAMÃO (1799-1807)	p. 39

Como se pode ver, nas traduções, a ortografia é atualizada para o francês e inglês correntes, perdendo-se assim um dos elementos que, em meu entender, constituem o heterolinguismo interno do romance.

Também Helena Mateus Silva (1994:58) faz notar que o “rigor e eruditismo do professor” nos dão conta do “fenómeno evolutivo da língua portuguesa – a norma ortográfica”, dando como exemplo a carta escrita por Ângelo ao sobrinho João Garcia (caso 4, p. 49 do Anexo A), a qual “segue algumas regras anteriores à Reforma Ortográfica de 1911, reconhecida sobretudo nos plurais em -aes (*habituaes*) e nas duplas consoantes (*encommados, difficil, acceita*)”, fenómeno que se perde nos TC.

Uma breve nota também para referir o excerto 8 (p. 56 do Anexo A), que, além da intertextualidade decorrente das citações nele contidas, representa um *mise en abyme*: Margarida lê, em casa do Barão da Urzelina, a obra *Recordações da minha Peregrinação a Roma e Lourdes por Ocasão do Jubileu do Anno Santo de 1900*, de António Maria Ferreira. Da longa citação transcrita no TP, constam diversas repetições de “A Roma”, terminando assim o passo que Nemésio escolheu incluir em *MTC*: “*Bello e instante convite era este! Não havia pois que hesitar!*”

Era preciso apromptar as malas e partir!”. Ora, o *myse en abyme* resulta de o romance terminar precisamente com Margarida a caminho de Roma, para a sua lua de mel com André Barreto, filho do Barão da Urzelina.

Por fim, se a estes passos eruditos se associar a intertextualidade que Nemésio também estabelece, ao longo de *MTC*, com as tradições orais açorianas (plasmada nas referências a danças e cantigas, como a Charamba, o Pezinho e a Chamarrita), facilmente se percebe que o autor estabelece, no seu romance, “um padrão de riquíssima referencialidade cultural” (Fagundes 2007:78).

1.2. REGIONALISMOS DE BASE ANGLO-AMERICANA

A diversidade linguística – pelas dificuldades que coloca à tradução, mas, sobretudo, por desafiar as noções de língua, cultura e identidade – está, como se viu, normalmente sujeita a desaparecer ou a ver o seu “potencial subversivo” minimizado na tradução²⁵ (cf. Delabastita e Grutman 2005:28).

Com efeito, a diversidade linguística – do dialeto ao socioleto, ao vocábulo híbrido, à língua estrangeira – vem perturbar a ideia de unidade linguística (e cultural), confrontando o leitor com diferentes vozes e com diferentes possibilidades interpretativas. É, portanto, perante ela que, muito frequentemente, a própria possibilidade de tradução é posta em causa, visto que a *fidelidade* ao texto de partida deixa de ser viável, esvaziando-se, assim, este conceito (cf. Lane-Mercier 1997:49). A presença de heterolinguismo num texto de partida põe então a descoberto as dicotomias fidelidade/infidelidade e traduzibilidade/intraduzibilidade, entre outras que parecem inerentes ao processo de tradução e ao seu estudo, mas que, na verdade, poderão ser relativizadas e repensadas. Ainda de acordo com Lane-Mercier (*ibid.*:56):

translation is not an operation that entails either a foreignizing strategy designed to contest hegemonic target-culture values or a domesticating strategy designed to corroborate them; rather it is a contradictory, dialectical process that engages at once questions of difference and sameness, Self and Other, appropriation and resistance.

Além de mais interessante, será talvez mais útil desconstruir estas dicotomias e, como abordado no primeiro capítulo, despolarizar certos conceitos associados à tradução, como o de intraduzibilidade. Contudo, na verdade, a tradutora francesa Denyse Chast (e/ou outros agentes que tenham intervindo no processo de tradução/revisão) parece “ceder”, não raras vezes, ao polo da intraduzibilidade, optando pela omissão de diversas passagens. Os motivos para tal opção tradutória poderão ser variados, estando, entre eles, a predominância da língua e cultura francesas em relação às portuguesas. A estratégia da omissão no TC francês evita assim a interferência com a leitura que as passagens heterolinguês provocariam. No dizer de Grutman (2006:24), e quase como que em resposta a Lane-Mercier,

²⁵ Também segundo Klinger (2015:52): “there is the risk that the linguistic hybridity of the ST is diluted or completely erased in the TT.”

[t]he problems arising from heterolingualism cannot therefore be limited to textual matters alone, no matter how fascinatingly complex these matters may be. Tolerance or intolerance of foreign words can be taken as more than an index of ‘familiarity’ and ‘foreignness’, of ‘Sameness’ and ‘Otherness’. Reaching far beyond those distinctions, they lay bare the power imbalance between literatures in different languages and/or from different countries.

No particular caso da utilização de dialetos em literatura, do ponto de vista da tradução, ainda Grutman (*ibid.*:21) adverte: “[s]uch a transfer is even less likely to succeed in French culture, where the use of dialect invariably conjures up images of yokels”.

No caso específico dos regionalismos híbridos de base anglo-americana que permeiam os diálogos em *MTC*, estes constituem, além de uma marca da açorianidade, uma prova da criatividade linguística de que o ser humano é capaz, reflexo das necessidades, dos interesses e das experiências dos falantes:

the extent to which the immigrant has recourse to the borrowed word or expression reflects his or her degree of acculturation. The emigrant uses the term because he or she does not know the new language, and a new “reality” calls for a different “language” to express it. Or because, even if an individual should know the word in the original, very often it is necessary to use the borrowed term or expression in order to communicate with others, as is the case with descendants of immigrants who, not having learned Portuguese, can only communicate certain terms with the recent emigrant by using the Anglicism. Far from being an example of lack of adaptability, the use of the Anglicism by emigrants and their descendants—a phenomenon that can be said to be universal—is a testament to human cultural flexibility in some of the most trying situations, such as that of e/immigration (Fagundes 2022: 81).

Do ponto de vista da tradução, também estes vocábulos constituem um desafio e tenderão, em teoria, a desaparecer nos TC, pois que envolvem questões identitárias, apesar de se revelarem particularmente interessantes no âmbito de uma tradução para língua inglesa, como é o caso. Ecoando Grutman, Klinger (2015:2) lembra que “linguistic hybridity—as is nonstandard language in general—is a feature that is particularly prone to shifts in interlingual translation. Firstly, translators often erase or dilute linguistic hybridity encountered in the ST”. Nesta medida, veja-se então o caso 1:

1

(Anexo A, p. 65)

MTC	(...) mas era um doidanans: do que gostava era de selas americanas, navalhas de <i>Betefete</i> , vida de <i>cowboy</i> . Um casal de criados lá de casa, a Jesuína e o Garrancho, tinha-lhe mandado o retrato: ela de gola e plumas, ele com um par de botas de bico inclinado e uns « alvarozes ». – « Alvarozes? ...» – repetiu Roberto, intrigado. – Uma espécie de fato-de-macaco, <i>over all</i> [sic]. É como dizem...
------------	--

	<p>– <i>Yes, I know...</i></p> <p>Roberto então falou no vago projecto de levar Pedro consigo, empregá-lo na <u>City</u>.</p> <p style="text-align: right;">p. 109</p>
GTA	<p>(...) mais c'était une tête brûlée, ce qu'il aimait c'étaient les selles américaines, les couteaux de New-Bedford, la vie de <u>cow-boy</u>... [omissão]</p> <p>Roberto parla du vague projet qu'il avait formé d'emmener Pedro à Londres avec lui, de lui trouver une situation à la <u>City</u>.</p> <p style="text-align: right;">p. 147</p>
SI	<p>(...) but he was a crazy guy: what he liked were American saddles, pocket-knives from <i>Betefete</i>[*], and living like a <u>cowboy</u>. A couple of household servants, Jesuína and Garrancho, had sent him a picture: she, wearing a high-collared outfit and feathered hat, he, a pair of boots with swollen toes and <i>alvarozes</i>.</p> <p>“<i>Alvarozes</i>?...!” repeated Roberto, intrigued.</p> <p>“A type of dungarees, <i>overalls</i>. That’s what they call them...”</p> <p>“<i>Yes, I know...</i>”</p> <p>Roberto then spoke about the sketchy plan of taking Pedro with him to London and finding him a job in the city.</p> <p style="text-align: center;">*<i>Betefete</i> is how Portuguese emigrants and uneducated Azoreans generally refer to the Massachusetts city of New Bedford.—Trans. pp. 89</p>

No caso em análise, é Margarida quem fala – em conversa com o tio Roberto –, parecendo adotar a linguagem utilizada pelas personagens a quem se refere²⁶. No TC francês, evidenciam-se duas estratégias: a normalização e a omissão. Ainda que algum do heterolinguismo seja conservado (“cow-boy” e “City”), desaparecem – em conjunto com boa parte da respetiva passagem – os vocábulos híbridos “Betefete” e “alvarozes”, que

²⁶ Não se trata de circunstância única, aliás. Em conversa com o baleeiro Ti Amaro de Mirateca, afirma Margarida (fazendo o narrador a devida ressalva): “– O Ti Amaro nunca viu uns quadros enfaiscados, destes de *puinduirar...*, ? (Margarida, quase sem dar por isso, não sabia falar com gente desta senão na língua comum)” – ...que têm três meninas pintadas de cabelo caído e um cotão de cada cor...? - O velho abanava gravemente a cabeça. – Por baixo há um coração, uma âncora e uma cruz. Cruz é Fé; a Ancora é a Esperança... é da Irmandade do Mar... Porque é que o ti Amaro nã m'ofrece um incorete?...” (Nemésio 1994:251). O leitor desatento poderá até nem se aperceber de que é Margarida quem fala, uma vez que se expressa aqui como as personagens que representam o povo. Por outro lado, esta “estratégia” do narrador poderá também servir outro propósito: “phraseological features serve not only to convey ‘the world-view of a character’ but may also ‘indicate concretely whose point of view the author has adopted for his narration’” (Uspensky 1973:15 *apud* Klinger 2015:46). Aliás, como referido, as personagens mais próximas de Nemésio, na medida em que autor faz delas protagonistas e lhes confere alguma índole autobiográfica, são personagens que respeitam e convivem com as camadas populares, ainda que a elas não pertençam.

remetem imediatamente para a história da emigração açoriana. Não obstante, a manutenção de “alvarozes” afigurar-se-ia uma opção relativamente fluida, em virtude do caráter metalinguístico do passo, pois a própria personagem realiza o ato de tradução do vocábulo híbrido.

Significa isto que o “tradutor ficcional” patente no TP e no TC de língua inglesa está simplesmente ausente do TC francês, afetando a construção das personagens:

As the narrator’s attitude towards the characters potentially has an impact on the reader’s construction of the characters, we can say that linguistic hybridity indirectly contributes to characterization in so far as it can be employed as an indicator of perspective (*ibid.*:134).

Como também lembra Amador Moreno (2001:203), a metalinguagem permite reforçar a ligação entre autor, narrador e personagem, o que não se verifica no TC francês, onde todos os regionalismos anglo-americanos (não associados à baleação) são ou normalizados ou omitidos (cf. Anexo A, p. 65 e seguintes).

Relativamente ao TC de língua inglesa, e tendo de novo em conta as motivações do tradutor, os regionalismos são, de um modo geral, mantidos. No caso em apreço, saliente-se, contudo, a introdução pelo tradutor de uma nota, a revelar o significado de *Betefete*, até pouco abonatória para a comunidade emigrante açoriana: “*Betefete* is how Portuguese emigrants and uneducated Azoreans generally refer to the Massachusetts city of New Bedford”.

Atente-se agora no caso 4:

4		(Anexo A, p. 66)
MTC	(...) queria deixar Margarida tomar posse do quarto e da cama, largar aquelas botas e aquela sueira * de pescador áspera e malcheirosa.	*Ingl.: <i>Sweater</i> p. 274
GTA	(...) il avait voulu laisser Margarida prendre possession de la chambre et du lit, retirer ces bottes et ce tricot de pêcheur, rude et malodorant.	pp. 414-5
SI	(...) But he had wanted Margarida to make herself at home, to take off those boots and that coarse and foul-smelling fisherman’s sweater .	p.287

O passo em causa destaca-se pelo raro caso de normalização do regionalismo híbrido no TC de língua inglesa. A opção indica que o tradutor não considerou o vocábulo (“sueira”) suficientemente relevante para o preservar, adotando uma estratégia – dir-se-ia – mais conservadora, para a qual não será indiferente o contexto. O tradutor, de resto, justifica a sua opção: “[n]a medida em que o discurso indirecto é filtrado através da sensibilidade do narrador, esse discurso tende a aproximar-se da língua-padrão, pode des-regionalizar-se” (Fagundes 2014:42). Assim, visto que o vocábulo não surge no discurso direto, e considerando que a narração tende a aproximar-se da língua-padrão, o tradutor escolheu normalizar, utilizando “sweater” em vez do regionalismo híbrido “sueira”, cuja preservação poderia implicar a introdução de “in-text translation” ou de mais uma nota²⁷.

Nas palavras do próprio Cota Fagundes (*ibid.*), e como a seguir melhor se verá, é, na verdade, “no discurso directo que se patenteia, em toda a pujança nemesiana, o regionalismo, componente intrínseca da Açorianidade e cruz do tradutor”.

1.2.1. BALEAÇÃO

Como se procurou demonstrar no primeiro capítulo, para Nemésio, o homem da ilha do Pico é “a nata das ilhas, e, em verdade, nenhum açoriano se lhe avanteja na concepção séria da vida (...). [O] que ele é por vocação tradicional é marinheiro (...). Este é o seu destino no mundo, o seu começo e o seu fim” (Nemésio 1995:97). De uma tal admiração resulta um capítulo inteiro de *MTC*, em que domina o socioleto dos baleeiros. Contudo, e como faz notar Cota Fagundes (2014:42), “a representação da oralidade em *Mau Tempo no Canal* tem sido um dos aspectos criticamente mais descuidados do célebre romance nemesiano”.

Ainda que a presente tese não se centre apenas neste aspeto do romance nemesiano, pretende, apesar disso, contribuir para o seu estudo. Até porque, no caso das falas dos baleeiros, Nemésio desafia – ou ultrapassa mesmo – a fronteira entre a língua falada e a língua escrita. Machado Pires (2014:14) assegura que “Nemésio tinha uma grande vontade

²⁷ Como se viu, a tradução para língua inglesa apresenta 79 notas de rodapé/fim de capítulo – mais seis do que a edição de 1998 –, enquanto o texto de partida conta com 52.

de falar sobre os Açores (...). O falar do povo encheu o seu romance, com segmentos verdadeiramente dialectais”, advertindo que “[a] dialectologia de Nemésio era mais ‘de ouvideira’ e com intuitos culturais e de divulgação... Também era uma forma de amor à terra lá longe”. De facto, a fala ficcional é evocativa, de modo que, em princípio, não se caracteriza pelo rigor. Como advoga Ramos Pinto (2009:290), “[s]ince the literary recreation of accents and dialects has no pretensions of being accurate, the degree of linguistic mimicry depends on the author’s aesthetic narrative, thematic, stylistic or functional objectives”.

O próprio Nemésio (1995:97) admite, em “O Açoriano e os Açores”, referindo-se à “fala insulana”: “só tenho pena de que a minha intuição não venha socorrida das provas, dos vivos exemplares de que a minha memória anda cheia”. Contudo, as imprecisões não passaram despercebidas aos estudiosos da obra nemesiana e Heraldo Gregório da Silva (1985:167-8) afirma:

[É] possível que Nemésio se tenha equivocado, ao atribuir um ou outro fenómeno [linguístico] a certa ilha onde eles parecem estranhos. No seu conjunto, porém, verificámos documentalmente que todos eles se inserem no conjunto da região em causa.

237

Também Machado Pires (2014:14) relativiza o assunto – “não importa até se [Nemésio] confunde e mistura um pouco o falar da Terceira e do Pico” –, enquanto Martins Garcia (1978:137-8) questiona:

[A] variante dialectal que Nemésio nos apresenta pertence a qual das ilhas dos Açores? Um exemplo: *mãis*, em vez de *mas*, conjunção adversativa. Existe na Terceira? Acredito (...). Quando, porém, ti’ Amaro da [sic] Mirateca (baleeiro do Pico) relata as suas aventuras (*Mau Tempo no Canal*), lá está a conjunção – coisa que os meus ouvidos de picaroto nunca tal ouviram *in loco*. O mesmo direi de *oitro* (variante de outro) que não me consta existir no Pico. Nemésio (...) conseguiu resultados aproximativos de verosimilhança fonética.

A este propósito, Heraldo Gregório da Silva (*ibid.*) ressalva que os “críticos modernos terão igualmente de ter em conta que certos traços peculiares registados pelo escritor já hoje não se ouvem”. Além disso, importa não esquecer que a ação do romance decorre entre 1917 e 1919.

Assim, poder-se-á talvez considerar que a representação dialetal e socioletal que Nemésio²⁸ procura imprimir em *MTC* resulta numa combinação que acaba por retratar, num

²⁸ Segundo Blayer (2007:2), “[é] mediante a sua própria construção verbal que o Autor constrói a representação idiolectal ou o discurso oral”.

único discurso, o falar das ilhas-cenário do romance, funcionando como que um tributo à realidade insular açoriana e ao seu património linguístico e sociocultural. De facto, dificilmente seria intuito do autor o desenvolvimento de um rigoroso quadro sociolinguístico do arquipélago. Porventura, a sua intenção seria antes a de dar uma ideia do que, linguisticamente, poderia constituir a açorianidade.

Irene Blayer (2007:2), todavia, questiona também se o discurso oral ficcional destas personagens representa, de facto, os dialetos regionais e se poderá constituir uma verdadeira marca da identidade linguística açoriana, entenda-se da açorianidade. Tratando-se de uma “representação de características fonéticas”, Nemésio distorce e manipula a ortografia, o “que resulta num entrecruzamento de vozes linguísticas intimamente relacionadas com a estratificação social e o regionalismo” (*ibid.*).

O que parece, de facto, estar em causa é a representação literária de uma variedade, que, num tal contexto, reitere-se, não tem de ser rigorosa. Talvez o discurso oral dos baleeiros e de outras personagens do povo²⁹ não seja representativo de “toda” a açorianidade, mas apenas da de Nemésio. Relembre-se também que os dialetos – entre outras variedades linguísticas – tendem a existir apenas na oralidade. Significa isto que são “criados” sempre que um autor procura reproduzi-los na escrita (cf. Englund Dimitrova 1997:51-52):

The basis for the use of dialect as an artistic device in fiction is of course that it can be identified as such by the reader, i.e., it must differ both from the standard language, and from the “ordinary” colloquial speech, as it is portrayed in written form. All the differences between a dialect and the standard language cannot be reflected in writing, and even if it were possible, it still would not be desirable, since it would result in a text which would be unintelligible to most readers.

Martins Garcia (1978:162) parece concordar:

a tentação foneticista está pois num beco sem saída: ou é fiel à sequência fónica (na sua oralidade) e então teria de grafar-se segundo um alfabeto fonético, ou rejeitando o alfabeto fonético (que é o que acontece de facto), utiliza, o alfabeto corrente... e passa a flutuar no gráfico, sem critério aceitável.

Todavia, Nemésio cede à “tentação foneticista” e acaba quase por criar um “sub-dialeto açórico”, para o qual Jaime Brasil já havia alertado, em 1924, quando da publicação de *Paço*

²⁹ Embora as falas de outras personagens da camada popular, como Manuel Bana, também incluam representação dialetal, através do uso de dialeto visual, essas passagens não serão objeto de análise, por não introduzirem estratégias diferentes das apresentadas. À semelhança das falas dos baleeiros, foram tendencialmente normalizadas nas traduções, inclusive quando incluem regionalismos, como se poderá constatar a partir da p. 80 do Anexo A.

do *Milhafre*³⁰. Note-se aliás que, nas provas tipográficas XII da 1.^a edição de *MTC* (E11/cx. 96), Nemésio procede a alterações que visam reforçar o dialeto visual, reflexo da sua importância para o autor³¹, solicitando, por exemplo, a alteração de “quer” para “qué” (p. 346 das provas) ou de “uma” para “ũa” (p. 443).

Como não bastasse, a representação literária deste discurso não estandardizado acaba por sobrepor dialeto e socioleto, uma vez que está em causa a representação de variedades dialetais açorianas inseridas no discurso do grupo social dos baleeiros – que inclui terminologia própria – numa obra escrita maioritariamente em língua portuguesa padrão. Esta representação serve, também, de contraste com as falas das restantes personagens:

The contrast is often achieved by representing dialect in the speech of certain fictional characters while representing the speech of other characters or the narration in standard language. Dialect reveals ‘power structures, relations of hierarchy and exclusion’, and ‘cultural representation of the Other’ (Lane-Mercier 1997:46).

Em ficção, podem, portanto, os dialetos caracterizar as personagens, afiliá-las a determinados grupos sociais, bem como localizá-las no tempo e no espaço – e era importante para Nemésio localizar os baleeiros do Pico. Além disso, a representação literária de socioletos está, segundo Lane-Mercier (1997:60), repleta de presença autoral: uma prática retórica geradora de significado – estético, ideológico ou mesmo político – e que guia (ou confunde) as interpretações que o leitor poderá retirar dessa representação. Por seu turno, o leitor de uma tradução aceita a convenção de que, apesar de ler palavras de uma determinada personagem numa determinada língua, essa personagem tê-las-á proferido numa outra língua (Hermans 1996:37), com tudo o que essa aceitação implica.

De facto, na sua busca por plausibilidade e verosimilhança linguísticas – bem como na sua tentativa de estabelecer uma ligação entre língua/linguagem, história e cultura –, Nemésio incorpora “variantes fonéticas dialectais, utilizando apenas as potencialidades imperfeitas do alfabeto comum” (Silva 1985:141), o que tem implicações sérias ao nível da legibilidade, como abordado em páginas anteriores. Por norma, a representação dialetal

³⁰ Cf. recensão ao volume de contos em https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/suplemento-de-a-batalha/in-issue/iss_0000002282/2. Acesso em 14/08/2023.

³¹ Existe ainda registo, no Diário LXXIII (E11/cx. 62), de uma nota intitulada “Apontamento linguístico – Terceira (Língua)”. Desse apontamento, constam as seguintes expressões: “Po’ via de”, “Q’ando”, “Q’aise” e “Q’al”. O registo não está datado, mas segue-se-lhe imediatamente outro – aparentemente não relacionado – com indicação da data 18-12-1956, pelo que poderão não distar muito no tempo. Mesmo que o registo possa ser posterior à publicação de *MTC*, o que revela (ou reforça) é a importância do aspeto linguístico para Nemésio, que vai “ensaiando” o dialeto visual.

envolverá alguma seleção – e até convencionalização – da língua, sob pena de interferir com a leitura. E, conseqüentemente, com a tradução. Como reconhece Machado Pires (2014:11), “o português insular típico dele [Nemésio] nem sempre é fácil de ler, é ainda mais difícil de traduzir”.

Esta “pseudo-variedade” (cf. Rosa 2004), que é programática e sintomática da “agenda” de Nemésio, no sentido de solidificar e veicular a açorianidade e de divulgar os Açores, resulta, por conseguinte, da exploração do dialeto visual, redundando em passagens de difícil leitura, mesmo para um leitor familiarizado com os dialetos açorianos, até porque essa representação poderá não ser imediatamente reconhecida como dialetal:

one cannot underestimate the way in which a deviation from standard discourse and the written norm will first give rise to the speech being identified as strange and only afterwards as dialect (Ramos Pinto 2016:4).

Além disso, o socioleto dos baleeiros, especialmente representados por Ti Amaro de Mirateca, não sendo norma no romance, é norma num capítulo: “norma interna do texto” (Klinger 2015:143), o que permite identificar a pertença étnica e ideológica de uma personagem (*ibid.*):

Given that source-text sociolects constitute highly visible sites of what could be termed internal foreignness which enhances the source text's own alterity, confronting the translator with fictional Others that reinforce the text's Otherness, the ethical dimension inherent to the translation act could be said to be incarnated by the ethical gesture of respecting his internal foreignness (Lane-Mercier 1997:60).

Nessa medida, e como sugere Bonaffini (1997:281), há também quem rejeite a noção de dialeto como variedade, considerando-o antes a norma linguística de uma determinada comunidade. Esta linha de argumentação poderá, assim, de certa forma, legitimar a escolha da língua-padrão para traduzir variedades regionais (e não só), pois que, a nível linguístico, não existe distinção entre o valor da norma e o valor da variedade. Esse valor é-lhes, antes, atribuído socialmente.

Além da importância simbólica dos baleeiros no romance, é nas falas deles que – a par da mimese de variedades sociais e regionais – surgem mais regionalismos híbridos de base anglo-americana, pelos motivos históricos já apresentados, colocando, portanto, ainda maiores dificuldades à tradução, como reconhece Cota Fagundes (2014a:246):

Nesses capítulos, sobretudo os XXIX e XXX, Nemésio utiliza os termos usados pelos baleeiros açorianos derivados do inglês (como se sabe, foram os americanos que introduziram a pesca da baleia nas Ilhas), o que apresentou um desafio para este tradutor na medida em que as opções eram ou fazer reverter esses anglicismos para o original inglês, aliás muito conhecido da literatura da época, por exemplo, Melville; ou então deixar os anglicismos a que Nemésio recorrera, proporcionando notas explicativas quando elas me parecessem necessárias. Foi isso o que acabei por fazer, para preservar na língua de chegada um dos elementos mais exóticos do romance.

Vejam-se então alguns exemplos:

1		(Anexo A, p. 68)
MTC	(...) Borraro-me as barbas, diente de mulheres e de crianças! A mim, qu'andei um ano no Ariôche* , três no Oeste Negrão* e dois nos Japanis* !... Sou d'orêlha furada!	<p>*Ingl. <i>Arctic Ocean</i>, Oceano Glacial Ártico. *Ingl. <i>Western Ground</i>, Mar das Antilhas. *Ingl. <i>Japanese</i>, Japoneses (Mares do Japão.) p. 231</p>
GTA	(...) Insulter ainsi à ma barbe, devant des femmes et des enfants ! Moi qui ai navigué pendant un an dans l' océan glacial Arctique , pendant trois ans dans la mer des Antilles et pendant deux ans dans les mers du Japon !... Je suis de ceux qui ont l'oreiller percée !	p. 349
SI	(...) <u>They soiled my beard</u> , and in front of women and children, to top it off. To me, a man who sailed the waters of the Arctic Ocean for a year, those of the Western Ground for three, and the seas of Japan for two! . . . I'm one of those men who have a pierced ear!"	p. 236-7

Tendo em conta esta “estética nemesiana da oralidade” (Fagundes 2014:213), observa-se que, no primeiro caso, ambos os tradutores optam pela normalização (o que sucede também nos casos 2³² e 9 [páginas 69 e 76 do Anexo A]), desaparecendo, portanto, as notas de rodapé nos textos de chegada. Uma vez que se trata de discurso direto, parece haver uma alteração da estratégia dominante por parte do tradutor do TC de língua inglesa, ao contrário do sugerido na sua afirmação anterior, eventualmente procurando contribuir

³² De referir, neste caso, que o significado do vocábulo híbrido de base anglo-americana “rofe” apenas é explicitado em nota de rodapé, no TP, na segunda ocorrência, sendo que, na versão francesa, foi traduzido como “gros temps”, tradução utilizada também no caso 8. Poderá também esta recorrência - uma vez que já existia na versão de 1953 - ter contribuído para a alteração do título de *Le Serpent Aveugle* para *Gros Temps sur l'Archipel*.

para a legibilidade do texto. Por outro lado, a estratégia é coerente, em ambas as traduções, com a opção de normalizar a representação dialetal existente no texto de partida: “a translator must make sure, for example, that the dialogue sounds natural, not like a wooden replica of the original” (Fagundes 2019: 20).

Além disso, recorde-se, ao normalizar a representação dialetal/socioletal, esta passa a assumir, no TC, o mesmo valor da língua portuguesa padrão, pois deixa de existir distinção entre a norma e as suas variedades. Logo, a versatilidade/diversidade cultural veiculada pelo discurso não padrão deixa também de existir, com consequências na caracterização da personagem.

Saliente-se ainda, no caso do TC em inglês, a tradução literal de “Borraro-me as barbas” (“they soiled my beard”), que poderá não ser completamente inteligível para o leitor, pois que, em português, o seu significado é figurado (“fazer troça” ou “insultar”).

Atente-se agora no caso 5:

5

(Anexo A, p. 70)

MTC	<p>(...) É verdade que suei mais d'um ano a atirá' lenha ao <i>try-work</i>, a pé do mastro da misena. Cada caldeiro daqueles lovava 36 galões d'azeite! As banhas da baleia mitio ânsias de lançar... Aquêl fartume a torresmo! Lá m'asservei...</p> <p>“Um dia o Capitão chamou-me à ré e disse: “Pórigui! Falta-me um home ò <i>tub</i>, charape! Vais tu...*. Dipois passei a um patacho aqui no Faial, chomado <i>Feiticeira dos Mares</i> (...)</p> <p>– Saberá Vossa SInhoria que sim. Tamém andei lá plo Banco, à vista de São João da Terra Nova. E na Grolanda, mais de dez graus ò norte, caise nos bergues do gelo... Era caise sempre di noite, mãis sempre dobaixo d'ua clar'idadezinha... um borrarho de forno de pão alvo... Seis meses de Ariôche válím po' vinte aqui. (...)</p> <p>– Poi' não! Caise im riba da terra. Aqueles malvados atiravo-se a um bôrdo com'a cães, de navalha nos dentes! Tamém... dei cabo d'um. Esprei-o cá 'trás d'ua iscotilha, e, q'ando êl já stava caise a botar a mão ò Jzé Piqueno da' Lajes, abri-le a abitácula co ùa chipeira*. O capitão inté assantou esse causo no <i>log-book</i>, lá o livrete de bordo; mal cumprando, com' aqui o Jzezinho da dona Ana assanta os fiados da gente... (...)</p> <p>– Caise... Ficaró esses mares rapados pra munto tempo... O <i>Argo</i>, o Gribalde*, os brigues, os patachos... tudo prò fundo ou a navegar à gagsola! (...)</p> <p>– Veja lá o senhor Dioguinho no que tudo isso acabou! Patachos do alto, caise <i>south-seamans</i> [sic], carregando laranja que nem ùa arreata de burros cumprados aqui na Graciosa! Alguns dero po i à costa, qu'inté mitia dó!...</p>
------------	--

*Portuguese. *Tub*: um dos cinco lugares aos remos das canoas americanas: *harpooner*, *bow*, *midship*, *tub*, *apter-oar*, ou seja: trancador, 1.º remador, remo de meia-nau, *baquet*, remo de popa. “Charape”: ingl. *shut up*!

*Ingl. *Spade*, espada.

*Garibaldi.

pp. 248-350

GTA (...) Il est vrai que j’ai sué plus d’une année à jeter du bois dans le *try-work*, au pied du mât de misaine. Chacune des chaudières exigeait 36 galons d’huile... Et la graisse de baleine dégoulinait de partout... Quelle abondance de lard ! enfin, j’ai fini par m’y habituer ! C’est sur ce bateau que j’ai fait mon apprentissage... Un jour le capitaine m’a appelé sur le gaillard arrière et m’a dit : “ *Porigui** ! Il me manque un homme au *tub**, *charape** ! tu vas y aller... “ Ensuite, je me sus embarqué sur une goélette, ici à Faial, qui s’appelait la *Sorcière-des-Mers* (...)

– En effet, monsieur. Nous avons été du côté de Saint-Jean-de-Terre-Neuve. Et jusqu’au Groenland, plus de dix degrés au nord, presque dans les régions des “ *bergues* ” de glace... Il faisait pour ainsi dire toujours nuit, il y avait tout juste une petite lueur, comme un reflet de four de boulanger... Six mois dans l’*Ariôche* en valent vingt d’ici. (...)

– Eh ! oui. Tout près des côtes... Ces coquins se jetaient sur vous comme sur des chiens, le couteau entre les dents. J’en ai d’ailleurs tué un. Je l’ai guetté derrière une écouteille et au moment où il allait mettre la main sur le José Piqueno de Lages, je lui ai fendu la tête avec mon couteau. Le capitaine a même noté cette affaire dans le *log-book*, son livre de bord, comme qui dirait le livre où le Josézinho de l’auberge inscrit les dettes des clients... (...)

– Presque... Pendant longtemps ces mers sont restées quasiment désertes. L’*Argo*, le *Gribalde**, les bricks, les goélettes... tous par le fond ou condamnés à ne faire que de tout petits voyages ! (...)

– Et voyez, monsieur Diogo, de quelle façon tout cela s’est terminé ! Des goélettes fait pour haute mer, transportant des oranges, comme une caravane d’ânes achetés ici à Graciosa !

* Portugais.

* Une des cinq positions occupées par les rameurs dans les baleinières américaines qui sont divisés en : *harpooner*, *bow*, *midship*, *tub*, *apter-oar* ; c’est-à-dire : harponneur, premier rameur, rameur du milieu de l’embarcation, baquet, rameur de poupe.

* Angl. *shut up* !

*Garibaldi.

pp. 376-8

SI

(...) Rags! It's true that I spent more than a year feeding firewood into the **try work** by the foremast. Each one of those try pots took thirty-six gallons of oil! The stench of the whale blubber almost made you throw up . . . It stank like rotten pork! But I got used to it . . . One day the captain called me to the quarterdeck and said: "You, **Portagee!** I need a man to work at the line **tub, charape!*** I want you to do it . . ." Then I worked for a while here in Fayal aboard a schooner called the *Witch of the Seas* (...)

"Yes, sir, it did. I, too, sailed the Bank, right outside St. John's of Newfoundland. And **Greenland**, too, more than ten degrees to the north, almost in the region of the ice **floes** . . . It was nearly always at night, but with a little moonlight . . . like a reflection from a clay oven full of delicious wheat bread . . . Six months of *Ariôche* are like twenty years here. (...)

"Me, too! Very close to land. Those bastards tore at you like wild dogs, literally armed to the teeth! Yeah, but I did one of them in. I lay in wait for him behind a hatchway, and when he was about to grab José Pequeno from Lajes, I cracked his skull open with my *chipeira*.* The captain entered the incident in his logbook, just like Josèzinho da Dona Ana enters the names of his debtors, even though the comparison isn't that good (...)

"Practically . . . The seas were empty of whalers for a long time . . . The *Argo*, the *Gribalde**, the brigs, the schooners . . . all of them sunk or just doing easy jobs! (...)

"Just imagine, Senhor Dioginho, what it all came to! Deep-sea schooners, almost South-Seamen, carrying oranges like a train of stupid donkeys from the island of Graciosa. (...)

*From the English *shut up*.—Author.

*From the English *cutting spade*.—Author.

**Garibaldi*.—Author.

pp. 257-8

Neste caso 5, são várias os aspetos a apontar. Desde logo, impõe-se uma observação relativa à caracterização da personagem gizada por Nemésio: por que motivo uma personagem como Ti Amaro de Mirateca, baleeiro trancador pouco instruído, que se expressa num português de difícil compreensão, a que não é indiferente a utilização de vocábulos híbridos, utiliza também vocábulos relativamente complexos como "try-work", "log-book" e "south-seamans" [sic]³³? Isto é, a não uniformização destes aspetos, a aparente ausência de critério, poderá causar alguma estranheza: por que razão a personagem não é capaz de articular "Garibaldi" ou "Arctic Ocean", mas é capaz de articular "try-work" ou "log-book"?

³³ Este erro, corrigido no TC de língua inglesa e omitido no TC francês, poderia até ser propositado, precisamente para efeitos de caracterização da personagem. Porém, tendo em conta os diversos erros que se verificam no TP no que respeita a vocábulos heterolinguês, e considerando que os outros dois vocábulos não apresentam erros, será plausível assumir que se trata de um lapso do autor.

Na já mencionada recensão³⁴ a *MTC*, Armando Ventura Ferreira faz referência a uma “maneira onomatopeica de transcrever a linguagem dos pescadores. Algumas falas são quase ininteligíveis e sem uniformidade”, exemplificando com uma fala de Ti Amaro de Mirateca em que coexistem “a incorrecção máxima da fala” e “a correcção perfeita”, o que realmente se verifica e poderá descredibilizar a personagem.

Refira-se ainda a utilização de “senhor Dioginho” no TC de língua inglesa, o que parece pressupor algum conhecimento da língua portuguesa por parte do leitor, de modo a interpretar não só a forma de tratamento (tema que o tradutor também aborda na sua introdução ao TC), mas também o diminutivo. Esta formulação contrasta com o francês “Monsieur Diogo”, assim adaptado à cultura de chegada.

Veja-se agora o caso 6:

6	(Anexo A, p. 72)
MTC	<p>– Baleia à vista! Baleia à vista! – Blós! Blós!* – Ah, Mariquinhas!, viste o meu home?... (...) Gente alentada, singela, de falas e gestos mansos, mas cega a tudo e a todos à voz de <i>baleia! baleia!</i> (...) – Menina Bidinha, olhe... olhe!... Nã vê? Um espalmo*... (...) – Prài não!... Mais contra a terra... Um espalmo mum alto. (...) – Maneia-te, Piadade! Leva-m’ò varadoiro a saca do pão e a froca*... Vamos arrear!</p> <p style="text-align: right;">* Ingl.: “She blows”; “ela esguicha”, falando-se do jacto da baleia. *Jacto da baleia. * Ingl. <i>Frock</i>: espécie de blusa de homem p. 254</p>
GTA	<p>– Baleine en vue! Baleine en vue!... – Blos! Blos!* – Ah Mariquinhas! as-tu vu mon homme ? (...) Des gens courageux, simple, aux façons de parler et aux gestes doux mais que rien n’arrête dès que retentit le cri de <i>baleine! baleine!</i> (...) – Mad’moiselle Bidinha, regardez, regardez ! Ne voyez-vous pas? Un jet... (...) – Pas de ce côté !... Plus près de la côte, sous le vent... Un jet très haute. (...) – Grouille-toi, Piadade! Apport-moi sur la <u>plage</u> le sac avec le pain et mon suroît... Nous partons!</p> <p style="text-align: right;">* Angl: <i>She blows</i> (elle souffle, en parlant du jet de la baleine). pp. 384-5</p>

³⁴ Disponível em https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss_0000001938/15. Acesso em 11/07/2023.

SI	<p>“Look over there! <i>Baleia! Baleia!</i>...”</p> <p>“<i>Blós! Blós!</i>”*</p> <p>“Mariquinhas! Have you seen my man...?”</p> <p>(...) Courageous and simple people, mild of speech and manners, oblivious to everything and everyone save the cry of “<i>Blós! Blós!</i>” (...)</p> <p>“Look, Bidinha, look! See that? An <i>espalmo</i>*...” (...)</p> <p>“Not that way! . . . A little closer to land, more to leeward . . . A really high spout. (...)</p> <p>“Hurry up, Piedade! Bring down to the ramp a bag with some bread and my <i>froca</i>. * We’re putting out to sea.”</p> <p style="text-align: center;">*<i>Blós!</i> is from the English <i>blows!</i> Among Azorean whalemens, the term alternates with <i>Baleia!</i> (whale), used when a whale is spotted.—Trans.</p> <p style="text-align: center;">*From the English <i>spout</i>.—Author.</p> <p style="text-align: center;">*<i>Froca</i> is from the English <i>frock</i> but meaning “shirt.”—Trans.</p> <p style="text-align: right;">pp. 264-5</p>
----	--

Neste excerto, além de ser, de novo, notória a admiração de Nemésio pelos homens do Pico e do mar – “Grande gente!”, assevera (Nemésio 1995:148) –, é de realçar, no TC francês, a tradução de “varadouro” por “praia” (“plage”). Uma tal tradução é reveladora não só de desconhecimento quanto ao significado da palavra, mas também à realidade açoriana, onde são relativamente raras as praias (especialmente na ilha do Pico).

No que respeita ao léxico híbrido, note-se que, nas provas anteriormente referidas (Provas XII, E11/cx. 96), Nemésio deixara indicação para introdução de nota de rodapé relativamente ao vocábulo híbrido “charape” (p. 223 das provas), a qual se viu publicada (“Ingl. *Shut up!*”). Por outro lado, o autor rasura a expressão “*Blós!*”, com a indicação manuscrita “sem efeito”, ao mesmo que tempo propõe substituir quer “golfada” (p. 229), quer “resfolgar” (p. 231) pelo híbrido “espalmo”. Ora, na verdade, tanto “espalmo”, como “*Blós!*” acabaram por permanecer na versão publicada – o que contribui para o heterolinguismo do romance –, sendo ambas reproduzidas no TC inglês e parcialmente no TC francês (apenas a expressão “*Blós!*” foi mantida, com a respetiva nota de rodapé).

Um outro caso interessante é o da expressão híbrida “mancins” (de “mincing knives”, cf. caso 9, p. 76 do Anexo A). No TP, o vocábulo é associado, em nota de rodapé, a “sawing-machine (?)” [sic]. Ora, até hoje, a nota continua a ser publicada com o ponto de interrogação e incorretamente associada a “sawing-machine”, quando, nas referidas provas, Nemésio utilizara “mencing [sic] knife” (p. 236), com a mesma definição que ainda hoje se lê (“cutelo com dois cabos no prolongamento das costas da lâmina”). Apesar do erro

ortográfico (“mincing” seria a forma correta), não se compreende por que motivo se deu a alteração para “sawing-machine” e, sobretudo, a manutenção do ponto de exclamação. De forma a evitar essa perpetuação (pelo menos nos TC), os tradutores optaram por normalizar tanto o híbrido “mancins”, como os restantes híbridos ocorridos no caso 9 (“chipeiras” e “froca”), sendo que, no TC francês, se opta por uma generalização (“bêches tranchantes”).

Assim se constata que ou Nemésio foi mudando de ideias ao longo das suas revisões ou que algumas das suas sugestões não foram acatadas pelos revisores e/ou editores. Seja como for, não se justifica que, ao longo destes quase 80 anos de edições, se não tenha submetido o texto de *MTC* a uma revisão aturada.

Finalmente, neste ponto, é ainda de realçar algumas situações de sobretraduzibilidade decorrentes de *code-switching* (por exemplo, “*Come back, John! Já para terra! Son of a gun!*” [cf. caso 7, pp. 73-4 do Anexo A]). Na maioria destes casos, o itálico do texto de partida é conservado na tradução para inglês, indicando que as expressões não foram submetidas a tradução, ou seja, já se encontravam em inglês no TP.

Em suma, e como propõe Bonaffini (1997:279), além de fatores socioculturais, existem motivações psicológicas que impendem na escolha de utilizar uma determinada variedade, na medida em que representa “a forgotten truth, a sacred, archaic language which is capable of revealing one's hidden being”. Através da representação dialetal/socioletal, o autor apresenta uma conceção do mundo mais próxima da sua experiência pessoal (*ibid.*), servindo, neste caso específico, para preservar a “voz” dos baleeiros, dos serventes e dos emigrantes. A esse propósito, reflete, para fechar, o tradutor Cota Fagundes (2022:83):

As I translated *Stormy Isles*, I knew I had at least two ways of translating these and the other whaling terms and expressions occurring primarily although not exclusively in Chapter XXIX of *Stormy Isles* entitled “Barcarole.” This is the most action-packed of all chapters in the novel, where a group of Pico whalers give chase to and harpoon two huge cetaceans, an action in which the novel’s main protagonist, Margarida Clark Dulmo, participates as emotionally involved witness and afterwards spends a night with the whalers in a cave in São Jorge. I could easily have translated all these Latinized and italicized English words and phrases by simply restoring them to their original English. I did not think, however, that it was, traductologically, the best way to go about my job of remaining as faithful to the original as possible, including attempting to capture aspects of cultural and technological borrowings as well as the linguistic defamiliarization that also informs the source text and plays a significant aesthetic role in the novel.

1.3. OUTROS REGIONALISMOS

Ao observar o primeiro caso em análise neste ponto – em que os regionalismos não são já híbridos –, importa, antes de mais, salientar a utilização por Nemésio de três expressões de carácter regional que remetem para a composição e população do arquipélago dos Açores e, portanto, para a açorianidade de *MTC*: “ilhas de baixo” – expressão que diz respeito às ilhas “de São Miguel para oeste” (Nemésio 1998:62), ou seja, às ilhas que não compõem o Grupo Oriental (São Miguel e Santa Maria) –, “samiguéis” e ainda “coriscos” – designações populares referentes aos naturais ou habitantes da ilha de São Miguel³⁵.-

Assim, tratando-se de regionalismos, o seu significado poderá não ser perceptível para o leitor desconhecedor da realidade açoriana, à exceção de “samiguéis”, que, por proximidade ao nome da ilha, poderá ter o seu significado mais facilmente inferido.

Veja-se então o caso em apreço:

5

(Anexo A, p. 81)

248

MTC	(...) Ao passo que a São Miguel, com perto de cento e cinquenta mil habitantes, regime de grande propriedade, crises económicas que frequentemente atiram para as ilhas de baixo com míseros samiguéis dispostos a tudo pela côdea (faziam dos pobres « coriscos » carregadores, coveiros, um triste rebotalho errante...) cabiam os mesmos dezoito velhos e velhas do rateio. <p style="text-align: right;">p. 298</p>
GTA	(...) Tandis que São Miguel, avec près de cent cinquante mille habitants, son régime de la grande propriété et ses crises économiques qui obligent les pauvres insulaires à faire n'importe quel métier pour gagner leur pain quotidien (triste rebut errant de manœuvres, de portefaix, de fossoyeurs...), n'avait également droit qu'à dix-huit places. <p style="text-align: right;">pp. 451-2</p>

³⁵ A expressão “Corisco” dá mesmo título a um dos textos – redigido em 1946 – que compõem o *Corsário das Ilhas*, publicado em 1956. Nesse texto, Nemésio (1998:81) refere-se a “uma praga – “corisco!” – que ficou de brasão ao povo micalense na linguagem das ilhas de Baixo”.

SI	Whereas the island of São Miguel, with a population of nearly 150,000 people, its system of large, landed properties, and economic crises which frequently forced the impoverished inhabitants to migrate to the western islands ready to do any work in order to survive (wayward wanderers who could only get jobs as porters and gravediggers . . .), had been granted the same eighteen old men and women.	pp. 315-6
-----------	--	-----------

De salientar, na edição francesa, uma vez mais, a omissão e generalização (“insulaires”), perdendo-se, assim, a distinção entre ilhéus patente no texto de partida e, portanto, a referência à diversidade insular açoriana, a que Nemésio aludira já em “O Açoriano e os Açores”.

Por outro lado, na edição de língua inglesa, apesar da generalização “inhabitants”, o tradutor procura manter a diferenciação observada no TP, ao utilizar a expressão “western islands” para traduzir “ilhas de baixo”. Já “wayward wanderers” – embora pudesse dizer respeito a quaisquer elementos que não “coriscos” (a especificidade dos regionalismos, como se viu, é sempre de difícil transposição) – retoma o adjetivo “errante”, de modo que não se perde totalmente o significado da passagem. Contudo, a açorianidade do excerto – a qual, por seu turno, o poderá tornar ininteligível para alguns leitores – é significativamente reduzida em ambas as traduções, em especial na versão francesa (como é, aliás, a regra). De qualquer modo, poder-se-ia questionar qual seria o custo/benefício de manter estas marcas da açorianidade nas traduções, visto que dificultariam consideravelmente a leitura.

Passando agora ao caso 6:

6	(Anexo A, p. 82)	
MTC	(...) O tio Mateus falava muito daquele velho, patriarca dos Açores, modelo da sua mocidade, varão de talento e de saber que levava uma vida voluntariamente obscura naquele isolamento de São Jorge, recolhendo memórias raras da descoberta das ilhas e das populações assaltadas pelas urcas dos corsários argelinos, tão transidas de medo que ainda hoje a palavra <i>corsairo</i> vivia nos seus descendentes já tranquilos em casas e moendas. Chamava-se <i>corsairinho</i> , por brincadeira, às crianças, uma pobre de Cristo como a Cândia Furoa era – a <i>corsaira!</i> Pois era justamente essa palavra ouvida na sua infância da boca do tio Mateus que lho representava sorridente, vivo, já quase todo branco, sentando-a nos joelhos e desembulhando-lhe chocolates: «Ah!, <i>corsairinha...</i> »	p. 305
GTA	(...) L'oncle Mateus parlait souvent de ce patriarche des Açores, homme de talent et de grand savoir, qui avait mené une vie volontairement obscure dans	

cet isolement de São Jorge, recueillant des documents rares sur l’histoire de la découverte des îles et de la population si souvent attaquée par les hourques des corsaires algériens , la peur éprouvée devant ces invasions avait laissé un souvenir si tenace que, encore aujourd’hui, le mot « **corsaire** » survit les habitants, bien tranquilles au fond de leurs maisons ou de leurs moulins. On appelait *corsairinho*, par plaisanterie, les enfants , une pauvre créature comme Cândia Furoa était – la *corsaira* ! et ce mot qu’elle avait entendu jadis prononcer par l’oncle Mateus lorsqu’elle était petite évoquait soudain la figure du vieillard, et elle le voyait, souriant, vif, déjà tout blanc, qui la prenait sur ses genoux et déballait pour elle des chocolats : « – Ah ! *corsairinha*... »

p. 463

SI (...) Uncle Mateus had talked a lot about that old man, an Azorean patriarch, in his youth a model to his peers, a man of talent and learning who led a deliberately obscure life in that far-flung corner of São Jorge, gathering odd bits of historical information about the discovery of the islands, and about the assaults on the populations by Argelian corsair ships. Such must have been the terror spread by the pirates that the word *corsairo* still survived in the everyday language of the common people. *Corsairinho* was the term jokingly applied to children, an unfortunate woman like Cândia Furoa was referred to as *corsaira*! It was precisely this term heard in her childhood from the mouth of Uncle Mateus that made Margarida remember him as a smiling, lively gentleman, with hair that was almost all gray, who sat her on his knees and, unwrapping chocolate candies for her, would say: “Ah! *corsairinha*!”

pp. 323-4

250

Este excerto é curioso por dois motivos: primeiro, porque parece tratar-se de um reflexo autobiográfico e, segundo, porque o regionalismo “corsaira” e as suas variações foram mantidos em ambos os TC.

Antes de mais, importa estabelecer que o termo – uma corruptela de “corsário” – diz respeito a “piratas de Argel e do Noroeste europeu” (Nemésio 1998:80) que atacavam os Açores. E assim prossegue Nemésio a explicação: “[a]s palavras «corsairinho» e «corsaira», cada uma em seu extremo semântico de ternura e de aviltamento, ainda lá estão, no vocabulário dialectal, a atestar a resistência do primitivo ilhéu à solidariedade transatlântica” (*ibid.*).

O próprio título “Corsário das Ilhas”, que reúne as impressões de Nemésio em duas viagens aos Açores (e à Madeira), parece ter ido beber a esse sentimento. Em carta ao Vice-Secretário-Geral da Academia das Ciências de Lisboa (E11/cx. 41), de novembro de 1944, a propósito da atribuição do Prémio Ricardo Malheiros, Nemésio refere já o projeto

Corsário das Ilhas – “compromisso entre ‘viagens’, ‘geografia humana’, ‘história’” –, esclarecendo que assim o intitula,

pois a palavra “corsário”, significando radicalmente “que pertence ou é relativo ao corso” (Morais) (“corso, ‘corrida no mar’) tem também, do ponto de vista estilístico, simbólico, a vantagem de pertencer ao vocabulário típico e peculiar açoriano, com sentidos (quer o pejorativo, quer o hipocorístico “corsairinho”) em que subsiste a comoção histórica quatrocentista e quinhentista de receio e horror aos corsários do Norte de África.

Em virtude dessa associação “quatrocentista e quinhentista”, Heraldo Gregório da Silva (1985:140) inclui o termo na lista de “arcaísmos” utilizados por Nemésio, justificando a designação do seguinte modo:

Marcados por uma insularidade intensa de isolamento e conservadorismo (...), os Açores têm preservado naturalmente aspectos arcaizantes do léxico (...) que hoje se vai tornando obsoleto. Nemésio recolhe abundantemente da fala popular vocábulos e frases de feição arcaica, que na opinião de alguns críticos constituem «o cerne da linguagem insular [Martins Garcia]».

Considerando então esta vertente arcaica do vocábulo, e tendo em conta as estratégias utilizadas pelos tradutores no que respeita a outras instâncias de linguagem arcaizante (como a normalização em face do português anterior a 1911), o que justifica a manutenção de “corsairinho/a” e “corsaira” nos TC parece ser o aparato metalinguístico, através do qual o autor explana a origem, o significado e a utilização do termo, o qual é reproduzido nas traduções. Além disso, o facto de o termo ser inicialmente introduzido nos TC através dos seus equivalentes em francês e inglês, que, morfologicamente, se assemelham ao vocábulo em português (“corsaires” e “corsair ships”), prepara o leitor, facilitando a compreensão. O valor sentimental da palavra, expresso na recordação de Margarida no caso em análise – qual *alter ego* nemesiano –, poderá também contribuir para a importância de conservar o termo nos TC, mesmo flexionado no diminutivo.

1.3.1. Culto do Espírito Santo e outras festividades

À semelhança do que sucede com os baleeiros, Nemésio dedica um capítulo inteiro, o XVIII, à celebração das festas do Espírito Santo, não fossem elas um importante elemento

da açorianidade³⁶. O capítulo intitula-se “No Tempo da Fror-”, reportando-se a uma cantiga da autoria de D. Dinis, associada à primavera, estabelecendo-se também assim a relação com a Rainha Santa Isabel, a quem se atribui o culto do Espírito Santo³⁷, que, nos Açores, assume, ainda hoje, proporções muito significativas. O isolamento das ilhas explicará, porventura, a persistência do conservadorismo e das tradições, reforçados, neste caso específico, pela incidência das catástrofes naturais: a “conexão dos desastres naturais com a religiosidade insular tornou-se parte integrante da herança cultural açoriana” (Silva 1985a: 74). Ainda Heraldo Gregório da Silva (1985:135) reforça a importância das festividades e do vocabulário gerado em torno delas, um léxico “medieval, trazid[o] pelos primeiros colonos açorianos” (*ibid.*):

Um outro campo lexical, que preserva incidências regionalistas com carácter arcaizante, diz respeito aos festejos religioso-folclóricos do Espírito Santo. Nemésio descreveu-os no seu ritual complexo e jubiloso, assinalando os traços cristãos e seculares desta religiosidade, em grande parte controlada heterodoxicamente pelo povo.

Veja-se então o excerto 3, repleto de terminologia associada às festividades, cujos significados foram, de um modo geral, conservados nas traduções, por meio de explicitações. Realce-se, porém, a manutenção, no TC francês, de um vocábulo em língua portuguesa, “função”, com apresentação do seu significado em rodapé, bem como a preservação, no TC de língua inglesa, de “foliões”, acompanhado de “in-text translation”. Constata-se, assim, que este importante elemento da açorianidade foi preservado nas traduções, a par de algum heterolinguismo

3

(Anexo A, p. 85)

MTC	<p>Em meados de Abril, Margarida andava ocupada com a perspectiva da “função” que a irmã de Manuel Bana ia dar no Capelo.</p> <p>As festas do Espírito Santo enchem a Primavera das ilhas de um movimento fantástico, como se homens e mulheres, imitando os campos, florissem. Da Páscoa ao Pentecostes e à Santíssima Trindade são sete ou oito semanas de ritos de uma espécie de florália cristã adaptados à vida da lavoura, dos pastos carregados de humidade e de trevo no meio das <u>escórias de lava</u> – o “<u>Mistério</u>”. Em vão os bispos de Angra, talvez lembrados do que deviam à sucessão de D. Fr. Jorge de Santiago e à sua douta luta pela pureza da fé e do culto nas sessões do Concílio de Trento, tentavam desterrar da religião</p>
------------	---

³⁶ Conforme anteriormente se referiu, o Dia dos Açores celebra-se, por esse motivo, na época das festividades do Espírito Santo.

³⁷ Para mais informações, conferir, por exemplo, o *Álbum Açoriano* (1909:357).

insulana aquelas estranhas práticas: o Paráclito entre círios e olhos de raparigas ardentes, o *Veni creator* cantado ao rés do transepto cheio de vestidos leves. O próprio abuso dos “**foliões**” trajando a opa dos bobos e dançando a toque de caixa, em plena capela-mor, foi reprimido a custo. A alma do ilhéu é cândida e tenaz: quer um Deus vivo e alegre. (...)

O **Espírito Santo**, aberto numa **pomba de prata ao topo de uma coroa real**, liga o Pai do Céu aos seus **filhos das ilhas dos Açores** como a própria ave que marcava nos postulados de Maiorca e de Veneza aquelas paragens mortas (...)

p. 173

GTA Vers la mi-avril, Margarida ne pensa plus qu'à la *função** que la sœur de Manuel Bana allait donner à Capelo.

Au printemps, **les cérémonies en honneur du Saint-Esprit** donnent à la vie des îles une animation exceptionnelle. Comme si les hommes et les femmes, imitant les champs, se mettaient aussi à fleurir. Les sept ou huit semaines, entre Pâques, la Pentecôte et la Trinité, sont consacrées À des rites d'une espèce de floralie chrétienne, adaptée au rythme des cultures et à l'opulence des pâturages tout imprégnés d'humidité et couverts de trèfle au milieu des scories de lave. En vain, les évêques d'Angra, voulant se montrer les dignes successeurs de Dom Frei Jorge de Santiago et continuer le docte lutte soutenue au concile de Trente en faveur de la rigidité de la foi et du culte, ont essayé d'éliminer de la **religion insulaire** d'étranges pratiques : le Paraclet au milieu des cierges et des yeux ardents des jeunes filles, le *Veni Creator* chanté dans le transept rempli de robes légères. Même l'abus des “ **baladins** “, en habits de bouffons et dansant au son tu tambour devant le maître-autel, n'a été supprimé qu'à grand-peine. L'âme de l'insulaire est candide et tenace ; elle veut un Dieu vivant et allègre ; (...)

L'**Esprit saint**, représenté par une **colombe en argent au haut d'une couronne royale**, unit le Père du Ciel à ses **enfants des Açores** et rappelle l'oiseau qui marquait sur les portulans de Majorque et de Venice ses parages morts (...)

*Fête donnée à la suite d'un vœu fait au Saint-Esprit.
pp. 254-5

SI By mid-April, Margarida was busy with preparations for the **event** which Manuel Bana's sister was going to organize in Capelo.

The **Holy Ghost celebrations** fill springtime on the islands with fantastic excitement, as if men and women, in imitation of the fields, come into bloom. The time between Easter and Pentecost and the Holy Trinity comprises seven or eight weeks of rites—the Mystery—a Christian version of the Romans' Floralia adapted to farm life, that of pastures covered with dew and clover in a soil of scoria. The Angra bishops, perhaps in remembrance of Brother Jorge de Santiago and of his erudite struggle during the Council of Trent for purity of the faith and worship, tried in vain to banish from the **islands' religion** these strange practices: the paraclete among candles and young girls'

impassioned eyes, and the *Veni creator* intoned in a transept filled with light dresses. The very improper use of the *foliões*—**merrymakers** donning jesters' attire and dancing to the sound of drums, right in the middle of the chancel—was abolished, though it took some doing. The islanders' souls are candid and tenacious: they want a living and cheerful God. (...)

The **Holy Ghost**, in the form of a **spread-winged silver dove surmounting a royal crown**, connects the Heavenly Father to his **Azorean children**, like the very bird that signaled, in the Majorcan and Venetian portulano maps, these dead places:

pp. 167-8

Atente-se agora no caso 7:

7		(Anexo A, p. 91)
MTC	(...) Margarida só vira levantar-se um fumozinho dourado da linha girando no choque, correndo nos mitenes de sola que abraçavam a mão do Ti Amaro, desfazendo laças da selha colada à proa, onde jazia acamada e tornada a acamar como um queijo de forma de São Jorge ou uma grande rosquilha de bodo .	p. 268
GTA	(...) Margarida avait seulement vu s'élever une petite fumée dorée de la ligne qui tournoyait sous le choc et glissait entre les maniques qui recouvraient les mains du père Amaro, déroulant ses spirales dans la baille à la proue, où elle était enroulée comme un fromage de São Jorge ou un grand gâteau de mariage .	p. 406
SI	(...) Margarida saw only a little puff of golden smoke caused by the whale line leaping through the chocks after passing through Uncle Amaro's sailor's palm. Layers of Flemish-coiled line, resembling a São Jorge cheese or a ringed Holy Ghost sweetbread , were quickly vanishing from the line tub.	p. 281

254

Neste excerto (e também no 8, p. 92 do Anexo A), na tradução para língua francesa, é de salientar a confusão de “bodo” com “boda”, visto que se traduz “rosquilha de bodo” como “bolo de casamento” (“gâteau de mariage”). A troca poderá, novamente, revelar desconhecimento de tradições por parte da tradutora, dos revisores e/ou dos editores, uma vez que, à data, continua a não se verificar qualquer correção nas edições francesas.

Este lapso de interpretação manifesta a importância de conhecer a cultura, além da língua, de chegada. Além disso, a referência a uma “boda” (tanto neste caso, como no 8)

parece não ter justificação, especialmente ocorrendo a descrição no contexto de uma tradição tão importante para o povo açoriano – e para Nemésio – como a das festividades do Espírito Santo:

É uma verdadeira instituição social esta usança que a todas as ilhas se estende (...) ali se representa uma tragédia mística, com bezerro imolado, pão de cabeça enfeitado de ervas cheirosas, e uma comparsaria de foliões, pajens, de alferes e vereadores que lembra a organização de uma comunidade medieval (Nemésio 1995:95).

Do ponto de vista do reconhecimento da cultura açoriana, recorde-se que Cota Fagundes se encontra em vantagem relativamente aos demais tradutores de *MTC*, sendo que, neste caso em concreto, opta pela explicitação de “rosquilha de bodo” para traduzir a expressão.

Por fim, a intertextualidade que resulta do título do capítulo acaba por se perder nos TC, que apresentam a tradução literal – em grafia corrente – da expressão (cf. Anexo B, p. 143 e seguinte). Não obstante, é possível, ou até provável, que os leitores das traduções não fossem capazes de identificar essa intertextualidade com a cantiga de D. Dinis. Em tradução, o título do capítulo limita-se, assim, a remeter para a primavera, apresentando-se, contudo, entre aspas: «Au temps de la floraison» e “When Flowers are in Bloom”.

2. PAISAGEM E CLIMA

2.1. Descrições do Canal e do Pico

O tradutor Francisco Cota Fagundes (2014:119) “não hesitaria em afirmar que o que Nemésio trata mais positivamente é a paisagem (de São Jorge, por exemplo) e os baleeiros do Pico, romanticamente idealizados”.

Em *MTC*, há, de facto, “uma natureza cúmplice e ‘forte’, desviando rotas de barcos e destinos de vida” (Machado Pires 2014:13). Mais do que cúmplice, diria até que a natureza, incluindo a paisagem e o clima, é outra protagonista do romance. Assumem particular importância o Canal (sempre com a sua maiúscula) e o Pico, alvo de constantes personificações, com referências a garganta, pescoço, cabeça, ou mesmo a estrangulamento, carranca, etc. No dizer de Heraldo Gregório da Silva (1985:132): “[u]m outro campo, que mereceu de Nemésio interesse especial, liga-se ao clima ilhéu e ao seu condicionamento psico-social. O léxico usado, porém, ou apresenta acepções comuns ou se transforma pela carga imagística”.

Uma tal carga imagística, quando aplicada, em particular, à paisagem da montanha do Pico, parece até representar os estados de espírito de Margarida, veículo da idiossincrasia nemesiana (Simas 1998:257), sempre, mais do que as restantes personagens, sob a influência do clima. Tais situações chegam, por vezes, a alcançar o estatuto de premonição³⁸, sendo que a própria ilha do Pico se associa também a momentos-chave para Margarida. A título exemplificativo, quando Manuel Bana adoece de peste no Pico, ficando apenas Margarida e Roberto a cuidar dele, esse é, apesar das circunstâncias, um momento construtivo para a protagonista, que se vê isolada com o tio. Mas é também uma premonição – o “universo de presságios” a que se referiu Martins Garcia (cf. 1988). Roberto virá a sucumbir da doença, o que altera o desfecho para Margarida (que sonhava ir para Londres com o tio), acabando por casar-se com André Barreto a fim de salvar a família da ruína financeira e social. E é o *mau tempo no canal* que separa Margarida de Roberto e que a impede de o ver uma última vez: ela em São Jorge, ele, no Pico, precisamente onde irá falecer e a enterrar. A seu próprio pedido, Roberto será “enterrado em cova rasa” (Nemésio 1994:321), simbolicamente, junto dos baleeiros.

³⁸ Lembre-se que, logo no primeiro capítulo, o ciclone que se aproxima antecipa a violência do pai, Diogo Dulmo, que sovará Margarida na sequência do seu encontro com João Garcia.

Mas o Pico é igualmente, para Margarida, palco de boas memórias, de festas e ajuntamentos veraneios. Além disso, Nemésio atribui às personagens picarotas (designação “muito mais expressiva do que picoense” [Nemésio 1995:97]) características que as destacam positivamente, como honra e integridade, sintoma da sua afeição pelo caráter destes ilhéus e pela própria ilha. No seu *Córsário das Ilhas*, chegado ao Pico, afirma Nemésio (1998:105): “eis-me no Pico, ilha sagrada. Os seus esporões de lava parecem dar assento e estrutura ao arquipélago inteiro”.

Assim, o Pico – quer o dramático, quer o festivo –, a ilha, a montanha, e o canal são dos principais objetos do

[p]oeta exterior e do interior, a sua "paisagem" é, quando física, um problema psíquico e, quando psíquica, um vaivém de maré. Por idênticas razões, o descritivismo de Nemésio é a justificação das características das personagens e a análise psicológica destas uma complexa malha relacionada com o mundo circundante (Garcia 1978:107).

A paisagem, a natureza de *MTC*, goza, assim, de força anímica, além de carga simbólica e mítica. “Nemésio é um pintor”, como o designa Armando Ventura Ferreira³⁹. São 52 as passagens relativas às descrições do Canal e do Pico (cf. Anexo A, p. 94 e seguintes) que se prestam a uma tradução menos “exigente”, quando comparada com a tradução do discurso direto. Daí que apenas se analisem dois excertos neste ponto, visto as estratégias de tradução utilizadas nestes casos - em que predomina a tradução literal - não proporcionarem casos que permitam desenvolver de forma significativa a análise. Como refere Cota Fagundes (2014a:245): “Foi sobretudo fácil para mim traduzir os registos mais elevados, poéticos do romance de Nemésio, como as infinitas maneiras que ele utiliza para descrever a montanha do Pico”.

De facto, ao contrário das personagens “de carne e osso”, que são essencialmente descritas através da forma como se expressam ao nível da oralidade e da conduta, sobre a paisagem e o clima não faltam passagens descritivas. Poder-se-ia até colocar a questão – levantada por Jorge de Sena (*apud* Fagundes 2014:38) – se não se trata de “um capricho que redundaria em prejuízo das personagens e sua humanidade”? Uma análise talvez um pouco dura, visto que, pelo menos, Margarida é frequentemente considerada das personagens

³⁹ Na já referida crítica a *Mau Tempo no Canal*, publicada no n.º 921 da *Seara Nova*, em 7 de abril de 1945. Disponível em https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/seara-nova/in-issue/iss_0000001938/15. Acesso em 23/06/2023.

femininas mais complexas⁴⁰ da literatura portuguesa do século XX. Por outro lado, Armando Ventura Ferreira (*ibid.*) tem opinião diferente, afirmando que “a intensidade da vida humana tem a mesma categoria da vida natural, estão no mesmo plano anímico”. Assim, a riqueza do cenário das quatro ilhas onde decorre o romance providencia, a um tempo, variedade e especificidade:

delicate Fayal with its little cosmopolitan city of Horta and its world-famous harbor; majestic Pico clearly visible across the channel, rising 7,700 feet into the Azorean sky; sleepy, bucolic São Jorge; history-drenched, decadent-aristocratic, festive Terceira. Pico, known as the home of the Azores’ intrepid whalers and fishermen, is a key source for the book’s thematic and imagistic material, yet the action and themes of the novel link all of the islands together (Fagundes 2019:14-5).

Apesar de estas ilhas constituírem o principal palco do romance – sendo que, recorde-se, um capítulo tem Lisboa, onde estava “desterrado” João Garcia, como cenário –, as restantes ilhas açorianas, com que Nemésio estaria menos familiarizado, não foram esquecidas⁴¹. Seja como for, ao nível da paisagem, são a montanha do Pico e o Canal os pontos centrais, assim mantidos, de um modo geral, nas traduções, como ilustra o caso 2:

2		(Anexo A, p. 94)
MTC	<p>(...) O <i>Funchal</i> já ia fora da Doca, seguido de uma fita esbranquiçada que partia o Canal ao meio. Estava um dia cinzento, de pasmaceira. (...)</p> <p>(...) Das janelas do «calhau» descobria-se o Canal e o Pico (a cidade era um camarote de frente para aquele palco de todo o ano).</p>	p. 47
GTA	<p>(...) Le <i>Funchal</i> était déjà sorti de la Doca, suivi par un ruban blanchâtre qui partageait le Canal en sou milieu. C’était un jour gris, propice aux rêveries.</p> <p>(...) Des croisées qui donnaient sur la <u>grève</u>, on découvrait le Canal et Pico (la ville occupait la place d’une première loge par rapport à cette scène au décor permanent).</p>	p. 41
SI	<p>(...) The <i>Funchal</i> was already leaving the dock, trailed by a whitish wake that parted the channel in two. It was a gray, melancholy day.</p>	

⁴⁰ Leia-se, nomeadamente, a já referida crítica de João Gaspar Simões a *MTC* (BNP E11/cx. 56): "Não há na literatura portuguesa figura feminina tão verdadeira, tão complexamente natural e tão humana como Margarida. Faz-nos lembrar certas criações do romance inglês, ou ela não fosse, de resto, inglesa pelo avô, o velho entevado Clark. Entretanto, há nela não sei quê que a aparenta à própria terra açoriana que a viu nascer".

⁴¹ A título de exemplo, Nemésio refere várias vezes a ilha das Flores e faz longa menção ao terramoto ocorrido em 1552 em Vila Franca do Campo, ilha de São Miguel.

(...) From the seaward windows, **one also commanded a full view of the channel and of Pico: the city was a front-row theater box to that year-round stage.**

p. 16

O caso 5, contudo, mostra outra estratégia, em ambas as traduções, ainda que raramente utilizada. O foco da personificação da montanha do Pico (“garganta”) é eliminado no TC francês, conservando-se apenas a referência ao “capuz de nuvens” sugerido pelo “capote-e-capelo”, traje típico açoriano, cuja menção desaparece em ambos os TC, assim se eliminando um importante referente da açorianidade (o mesmo sucede no caso 13, p. 99 do Anexo A):

5		(Anexo A, p. 96)
MTC	Há dois meses que a Horta vivia sob o pesadelo da peste, debaixo daquele eterno capote-e-capelo de nuvens que o Pico franzia na garganta.	p. 101
GTA	Depuis deux mois, la ville d’Horta vivait, oppressée par le cauchemar de la peste, sous un ciel bas qui entourait le Pico d’une capuche de nuages.	p. 135
SI	Under that ever-present hooded overcoat of clouds that Pico wore in ruffles around its neck, Horta had been living in the nightmare of the plague for two months.	p. 80

259

2.2. Palavras-chave: *lava, torpor, calhau, bafó/abafado, mormaço, ressalga, mistério, biscoito, nuvens, nevoeiro*, incluindo referências à flora e fauna

“Eivado de campos lexicais de temática açórica” (Mateus Silva 1994:67), ou de “açorianismos ligados ao meio ambiente” (Silva 1985:168), *MTC* vai, ao longo das suas páginas, tecendo a personalidade do açoriano, moldada pelo clima, pela geografia e pelas catástrofes naturais.

Nesta medida, a lava torna-se “palavra-tema ou símbolo evocador dos Açores” (*ibid.*:130), manifestada em 51 ocorrências no TP e quase totalmente replicada nas 37 do TC em inglês. De facto,

[o] telurismo nemesiano concede relevo especial ao vulcanismo açoriano, uma constante geológica da história insular cujos cataclismos imprimiram traumas profundos, arquetípicos mesmo, na psique colectiva. Consequentemente, abunda nas suas obras o vocabulário ligado ao campo lexical de vulcões e tractos de lava (*ibid.*).

O cenário de lava torna-se então comum na obra nemesiana e, particularmente, em *MTC*. Viu-se já como o autor trocou “pedra” por “lava” ao transformar “Um Ciclone nas Ilhas” em “A Serpente Cega”, sendo que até intitulou um outro capítulo “Numa furna”. São as rochas basálticas, “que com as traquites estruturam os Açores” e lhes dão “aspectos apocalípticos” (Nemésio 1998:49).

Mas não só de lava se fazem os Açores. E a humidade – o bafo, o mormaço, o *Azorean Torpor* – também influencia o carácter do ser ilhéu. Aliás, “o ‘mormaço’ surge-nos em *MTC* como o insulanómetro por excelência que (...) mede a ‘pasmaceira’ de ‘meios pequenos; gente acanhada (...) [mas] ‘gente boa e sã’” (Mateus Silva 1994:68).

Sendo, portanto, este o léxico - incluindo a fauna e a flora - mais representativo da açorianidade no que respeita ao meio físico, veja-se o seguinte exemplo:

2

(Anexo A, p. 117)

<p>MTC</p>	<p>Os cedros tornaram a ramalhar bruscamente. Agora as guinadas do vento repetiam-se. Vinha certo no silêncio e experimentava fortemente as árvores, que durante um segundo descreviam um círculo cheio, como piões no torpor. Mas entre duas lufadas a quinta cerrava-se outra vez, ficava tudo compacto, debaixo de um bafo. Um cheiro a lava salgada e a seiva de cedro inebriava.</p> <p>A quinta dos Dulmos era um retalho de terras em bico com um bocado de pomar mal medrado e outro de arvoredo cortado de atalhos largos, mais altos que os currais de lava em que cedros seculares, faias e alguma piteira brava cravavam as raízes à vista, descarnadas e profundas.</p> <p style="text-align: right;">p. 38</p>
<p>GTA</p>	<p>Les cèdres recommencèrent brusquement à agiter leurs branches. Maintenant les rafales se répétaient. Avec précision, le vent surgissait du silence et venait ébranler violemment les arbres qui, en quelques secondes, décrivaient un cercle complet, comme des toupies bourdonnantes. Mais, entre deux bourrasques, le jardin se fermait à nouveau, tout demeurait compact, sous une brise légère. L'air était rempli d'une odeur enivrante de lave salée et de sève de cèdre.</p> <p>La propriété des Dulmo était formée par un terrain en pointe, comprenant un verger rabougri et un bosquet coupé de larges sentiers qui dominaient les enclos de lave où des cèdres séculaires, des hêtres et des agaves avaient développé à nu leur racines décharnées et profondes.</p>

SI

Again, the **cedars** made a sudden rustling noise, the gusts of wind came up again and, taking perfect aim, unleashed a test of endurance on the trees. For a second, the trees traced full circles like spinning tops **slowing dizzily to a stop**. Between two heavy squalls, the quinta fell into darkness and everything grew dense under a **gentle breeze**.

The Dulmos' quinta consisted of a strip of land tapering to a point, with both an unprosperous fruit orchard and another small grove of trees farther on intersected by wide raised walks extending between little **checkerboards of volcanic rock** where **centuries-old cedars, fayas, and some wild aloe** sank their deep, scraggy roots.

p. 5

Recupera-se aqui um dos excertos que mais alterações significativas sofreu ao passar de “Um Ciclone nas Ilhas” para “A Serpente Cega”⁴². Porém, “torpor” e “bafo”, sendo referências essenciais da açorianidade⁴³, desaparecem nas traduções. Também a referência a “calhau”⁴⁴ é omitida dos TC. Inclusivamente, no TC francês, é mesmo traduzida como “plage”, o que, como já se referiu, além de sugerir uma diferente imagem ao leitor, denota desconhecimento da realidade e paisagem açorianas (vejam-se também os exemplos 3 e 20, p. 118 e p. 126, respetivamente, do Anexo A). Não obstante, de um modo geral, são preservadas as palavras-chave da açorianidade, nomeadamente no que respeita à flora.

Por fim, atente-se no seguinte caso:

34

(Anexo A, p. 133)

MTC

Construída numa leve ondulação do terreno, a vivenda do barão via em baixo a chamada Torre Velha e a casa que servira de passal, relíquias dos rastros humanos que a grande erupção de 1808 **soterrara na lava**. (...)

Ao poente estendia-se a **terra lambida e negra** que o grande respiradoiro de repente aberto na ilha amontoara ali – a **Queimada** –, com um ar de capuz de penitente envolvido num crime fantástico, e que por isso mesmo o povo chama nas ilhas «**mistério**» pois todas elas são dadas a esse fadário telúrico que não teve Abel nem Caim. A vegetação, porém, começava a ganhar o duelo travado há mais de um século entre aquele **borralho negro** e as forças escondidas no chão, e a **urzela, o pinheiro, a ruivinha que pinta os queijos e as saias, o incenseiro de florinha cerosa e de baga melada vestiam de**

⁴² Cf. caso 7, p. 105 desta tese.

⁴³ No TP, existem cerca de 29 ocorrências de “bafo” e suas variantes (“abafar”; “abafado”, etc.).

⁴⁴ “«Calhau» nos Açores, além de pedra solta, assume a conotação de «rocha do mar» ou «zona confinante com ele (...)» (Silva 1985:131).

folhas e de pássaros a desesperada solidão.

(...) Ao sul, para variar – as **vinhas** dos Casteletes, naquela quadra do ano já sem um bago ou uma folha, reduzidas a um fio de seiva adormecido nas varas agarradas aos bicos sangrentos do «**biscoito**».

Os velhos do lugar ainda tinham recolhido o eco das lástimas da **catástrofe**: cabreiros surpreendidos com meia dúzia de cabras que desciam da serra e que a **vaga de lava** enterrara.

pp. 281-2

GTA

Construite sur une légère ondulation de terrain, la demeure du baron dominait la Tour Vieille et la maison qui avant la grande éruption de 1808 servait de presbytère. (...)

À l'ouest s'étendait la **terre lisse et noire**, rejetée par l'énorme orifice qui s'était soudain ouvert au milieu de l'île – la **Queimada** –, impressionné par l'aspect de ces régions qui évoque une cagoule de pénitent, coupable d'un crime monstrueux, le peuple, **qui a aussi des yeux pour voir et de la matière grise dans la tête pour philosopher**, les a surnommées le *mistério**. Le sol semble en effet frappé par une malédiction tellurienne qui n'a pas été provoquée par le geste d'un nouveau Caïn. La végétation était en train de gagner le duel commencé depuis plus d'un siècle entre les **cendres noires** et les forces cachées du sol, **l'oseille, le pin, la garance qui teint les fromages et les jupes, l'encensier aux petites fleurs cireuses et aux baies molles, recouvraient de feuilles et d'oiseaux cette solitude sinistre.**

(...) Au sud s'étagaient les **vignobles** de Casteletes, aux ceps dénudés, réduits en cette saison, à un filet de sève endormie. [omissão]

Les personnes âgées de l'endroit se souvenaient encore des lamentations provoquées par le **séisme**. Des chevriers qui descendaient de la montagne avec une demi-douzaine de chèvres, avaient été surpris par la **vague de lave**.

*Le Mystère.
pp. 423-4

SI

Built on slightly undulating terrain, the baron's residence overlooked the so-called Old Tower and the former rectory house—remaining relics of the human presence that **the lava of the 1808 eruption had buried**. (...)

On the western side lay the **denuded dark earth** piled around the huge hole that had suddenly opened in the middle of the island—the **Queimada, or Burnt Land**. Impressed by the appearance of these lava beds, common to all the islands and which resemble the cowls of penitents expiating monstrous crimes, the people refer to them as *mistérios*, given as they are to that tellurian sense of fate that neither Cain nor Abel had. Vegetation, however, was beginning to win the century-old duel between the **dark fiery surface** and the vital forces hidden underneath, **roccella, pine, the madder that yields dyes for cheeses and skirts, and incense trees with waxy little flowers and sticky berries** were already clothing that spellbound solitude in leaves and birds.

(...) On the south, and offering a change of scenery, lay the Casteletes's **vineyards** with their denuded vines, reduced, at that time of the year, to stems of dormant sap grappling with the **volcanic soil**.

The older people in the area still remembered the pain and suffering unleashed in the aftermath of the **cataclysm**. Goatherders coming down from the mountain had been buried in the **lava flow**, along with half a dozen of their animals.

pp. 294-5

De salientar, neste excerto, a referência à urzela, que originou o topónimo onde decorre parte da ação do romance – a Urzelina, na ilha de São Jorge. A importância dos topónimos, bem como da terminologia da fauna e da flora, não passou despercebida ao tradutor Cota Fagundes (1998:15), que reconhece:

Nemésio, through his character's family names—and, as the reader will see, toponymy associated in turn with the historical economy of the archipelago (Pasteleiro=an area named after a Flemish settler associated with the dyer's woad industry; Flamengos=parish of the Flemings; Urzelina, São Jorge=name derived from “cudbear,” another important plant in the dyeing industry)—weaves myth, geology, history, geography, economy, art, religion, folklore, flora and fauna, to mention but a few, into a tightly woven fictional fabric. (...) So rich a book from so small a world.

263

Recorde-se, a propósito, que a zona do Pasteleiro, na ilha do Faial, é o local onde se situa a quinta dos Dulmos, família de origem flamenga. Esta associação não será casual, já que, de acordo com Heraldo Gregório da Silva (1985a:92), “[o] topónimo «Pasteleiro» (...) provavelmente se originou de um colono da Flandres chamado em Português Pero Pasteleiro, ‘entendido na manipulação e cultura do pastel’”.

No caso em análise – e ainda que o vocábulo “urzela” tenha sido literalmente traduzido, como seria expectável, sem qualquer indicação peritextual, e, portanto, se tenha perdido a associação a Urzelina –, a maioria dos vocábulos representativos da açorianidade é, de um modo geral, conservada nas traduções para francês e inglês (caso de “lava” e “mistério”⁴⁵), sendo que no TC de língua francesa se dá, porém, nova omissão. Em consequência, o termo “biscoito” não é reproduzido, o que, curiosamente, sucede também no TC de língua inglesa, em que, não havendo qualquer omissão, surge a explicitação “volcanic soil”.

Não obstante, o excerto 34 é ilustrativo do que sucede nas traduções relativamente às “palavra-chave” da açorianidade: de uma forma geral, são preservadas nos TC, quer através

⁴⁵ «Mistérios» (alusão popular às misteriosas forças naturais que desencadeiam os vulcões) significam os campos de lava posteriores à colonização, enquanto os «biscoitos» (de consistência torrefacta) indicam os tractos de lava mais antigos, anteriores à colonização e já em via de desagregação, o que os torna aptos para a cultura de vinhas e figueiras” (Silva 1985:131).

de uma estratégia de não-tradução, quer através de tradução literal, quer através de explicitação. Isto porque, na linha do afirmado por Cota Fagundes, este léxico surge normalmente na narração, tratando-se de descrições que não levantam grandes dificuldades à tradução. Ainda assim, é de notar que, no TC francês, há tendência para evitar as repetições, omitindo certas passagens que contribuem, no TP, para o reforço da açorianidade do romance, enquanto no TC de língua inglesa a tendência é, de um modo geral, a oposta, num romance em que, de facto,

convergem a luz, as nuvens, o cheiro a ressalga, o mormaço ou 'azorean torpor', a majestosa imagem do Pico, palco de todo o ano, o seu canal de ciclones e baleias, a decadência e conflitos de interesses de famílias e classes sociais, um mundo de açorianidade concreta, carregada colectivamente (Machado Pires 2007:67).

CONCLUSÕES
MAR AO FUNDO/ILHA AO LONGE

Nascida da vontade de estudar o segundo e último romance de Vitorino Nemésio, *Mau Tempo no Canal* (MTC), as suas traduções e os seus tradutores, esta tese – motivada também por questões pessoais e biográficas – procurou refletir sobre a açorianidade à luz dos Estudos de Tradução. Como afirmou Francisco Cota Fagundes (2014:208), tradutor de MTC para língua inglesa, “a representação do povo humilde dos Açores neste romance e a temática inerente à sua representação literária (...) está à espera de sondagens, ou novas sondagens, crítico-analíticas”. Aqui se tentou, dentro do possível, fazê-lo.

Partindo das marcas da açorianidade patentes em MTC, as quais separei em dois grandes grupos – *Heterolinguismo* (externo e interno) e *Paisagem e Clima* –, propus-me comparar, interpretar e compreender o seu tratamento nas traduções de língua francesa e inglesa. Procurei fazê-lo de uma perspetiva descritiva e nunca prescritiva. O *corpus* da presente tese contemplou, assim, o texto de partida (TP) *Mau Tempo no Canal* (1944), na edição da INCM (1994, 7.^a edição), visto ter sido a que serviu de base, conforme informação peritextual, à tradução para língua inglesa; o texto de chegada (TC) francês *Gros Temps sur l’Archipel* (Éditions de la Différence 1988, 2014), inicialmente intitulado *Le Serpent Aveugle* (Librairie Plon 1953), da autoria de Denyse Chast, e, por fim, o TC de língua inglesa *Stormy Isles: An Azorean Tale* (Gávea-Brown, 1998; Tagus Press, 2019), traduzido por Francisco Cota Fagundes. Estes textos foram objeto de uma análise comparativo-textual, bem como peritextual. Foram ainda analisados os peritextos – nomeadamente títulos, capas, prefácios e notas de rodapé – não só destas edições, mas também das restantes traduções do romance, a saber, da edição russa – *Niepogopa v prolivie* (Khudozhestvennaia Literatura 1990), traduzida por Liliana Brevern, – e da edição polaca – *Dziewczyna z Azorów*, (Wydawnictwo Iskry 1992), traduzida por Wojciech Chabasiński.

Dividida em quatro capítulos, esta tese apresentou no primeiro capítulo a problematização dos conceitos mais relevantes a explorar ao longo do trabalho. O segundo capítulo debruçou-se sobre o autor e o romance. Os terceiro e quarto capítulos focaram-se, em pormenor, nas traduções de MTC: uma nova perspetiva de análise do romance. Almejando compreender e sistematizar as estratégias de tradução dos elementos da açorianidade patentes no romance – com o intuito de repensar conceitos e estereótipos a ela associados, bem como associados à intraduzibilidade e à própria tradução –, fiz por traçar a história externa (o contexto/as circunstâncias) das traduções de MTC, assim abordadas de

uma perspetiva essencialmente peritextual. Além disso, procurei traçar a história interna (o texto/as características) das traduções para língua francesa e inglesa do romance.

Esta tese integra ainda um documento de Anexos, que se pretendeu tão exaustivo quanto possível e que fornece o levantamento de todos os excertos do TP e dos TC em francês e inglês considerados relevantes para o estudo da tradução da açorianidade (Anexo A). Os Anexos contemplam ainda os peritextos do TP e dos TC, a saber títulos de capítulo, notas de rodapé, capas e contracapas, incluindo das edições russa e polaca (Anexo B). A fechar, o documento apresenta duas listas: a das traduções realizadas por Nemésio e a das traduções existentes (tanto quanto foi possível apurar) de obras do autor (Anexo C).

Relativamente a *MTC*, trata-se de um texto híbrido, na medida em que incorpora diversas línguas estrangeiras (ao que convencionei chamar heterolinguismo externo), mas também diferentes variedades (geográficas, sociais e históricas) da língua portuguesa (heterolinguismo interno). Sendo performativo de determinadas realidades e identidades culturais, é um texto que resiste a técnicas convencionais de tradução (cf. Bennett 2019). É realmente o que se verifica em alguns casos, em que são preservados nos TC vocábulos heterolíngues e regionalismos híbridos, mesmo que potencialmente de difícil decifração pelos leitores. Por outro lado, casos há em que as dificuldades são resolvidas pela normalização – particularmente quando decorrem da representação dialetal/socioletal, ou da utilização da ortografia portuguesa anterior a 1911. Esta inconsistência ao nível das estratégias espelha a dificuldade em lidar com o heterolinguismo de modo sistemático, pelo que, por norma, os tradutores tendem a lidar com o fenómeno caso a caso.

Não raras vezes, o heterolinguismo é utilizado para transmitir diferentes identidades culturais e visões do mundo. É o que se verifica, em *MTC*, nas falas dos baleeiros ou das camadas populares. É também o caso do heterolinguismo presente nas falas de Roberto Clark, que utiliza frequentemente a língua inglesa para se expressar, fruto da sua emigração para Inglaterra, o que acaba por gerar, em tradução, outro fenómeno: o da sobretraduzibilidade.

Conforme nos diz Klinger (2015), as mudanças de perspetiva no TC – ou seja, a criação no TC de uma perspetiva que não está presente no TP – ou, por outro lado, a omissão no TC de uma perspetiva que está presente no TP – resultam na criação de mundos diferentes para o leitor do TP e para o leitor do TC. Significa isto que os leitores experimentarão um

efeito diferente perante textos que se dizem o “mesmo”. Mas não será precisamente esse o efeito – e talvez a beleza – da tradução? De facto, um texto traduzido não surge no mesmo contexto em que foi criado o TP. Mesmo que as circunstâncias temporais possam, de certa forma, coincidir, a cultura em que os textos são criados é sempre diversa. E o tradutor também deixa a sua marca. Porém, como também lembra Klinger (2015:83), uma vez que os leitores tendem a ler traduções como “originais”, o leitor do TC tenderá a atribuir a visão do mundo que seja discernível no TC ao autor do TP, e não ao tradutor.

Efetivamente, o objetivo da tradução não é “copiar”, como escrevera e rasurara Nemésio, mas, sim, criar também. Contudo, as normas de tradução vigentes na cultura de chegada podem levar a uma standardização da língua não-padrão nas traduções (Venuti 2008; Klinger 2015), sendo de facto essa a principal tendência, no âmbito da tradução interlinguística, perante a representação visual de variedades linguísticas. É realmente o que se verifica nas traduções de língua francesa e inglesa de *MTC* nos casos em que, no TP, existe dialeto visual, sendo, no entanto, de referir que muitos elementos que veiculam a açorianidade do romance são mantidos nas traduções, mais não seja por boa parte desses elementos se encontrar, por exemplo, nos trechos descritivos do romance. Assim, vários dos regionalismos (híbridos ou não) são preservados, em especial no caso da tradução para inglês, que ocorre, como se viu, num contexto mais programático e mais suscetível de reproduzir as marcas da açorianidade.

Importa igualmente recordar que nem todas as línguas estrangeiras têm o mesmo peso no romance, sendo o inglês a mais utilizada e, portanto, do ponto de vista da tradução de heterolinguismo, a língua que se reveste de maior interesse, até por gerar diversas situações de sobretraduzibilidade. Além disso, o tradutor, Francisco Cota Fagundes, tem escrito extensivamente sobre a sua experiência de tradução de *MTC*, sendo também um tradutor com características particulares, como se viu, por ter nascido na ilha-natal de Nemésio e emigrado ainda jovem adulto para os EUA. Por conseguinte, além de Cota Fagundes ser frequentemente citado, o TC de língua inglesa acaba por receber alguma proeminência no âmbito deste estudo.

Assim, como várias vezes afirmado por Cota Fagundes, ao contrário do que parece ter sucedido com os agentes envolvidos na tradução para francês, o tradutor adotou uma estratégia que privilegia a preservação da açorianidade, com todas as consequências que uma tal estratégia implica para o leitor, para o entendimento e para a receção da obra

(moldados também pelo peritexto). Nessa medida, o tradutor recorre não raras vezes à explicitação. Ainda que a escolha de manter a maioria dos regionalismos (e até formas de tratamento, entre outros aspetos) possa interferir com a inteligibilidade do romance e com uma leitura fluida, o público-alvo de *SI* estará, possivelmente, preparado para lidar com essas questões. Ao contrário, muito provavelmente, do público-alvo da tradução francesa, mais habituado a uma menor interferência do TP, dada a posição da literatura francesa no sistema literário internacional. Contudo, como afirma Greenblatt (2001:62), citado por Meylaerts (2006a:1), “language is the slipperiest of human creations; like its speakers, it does not respect borders, and, like the imagination, it cannot ultimately be predicted or controlled”. Certamente não caberá à tradução fazê-lo.

Ainda em relação ao heterolinguismo de *MTC*, este constitui também uma forma de Nemésio homenagear certos grupos sociais, nomeadamente emigrantes e baleeiros, bem como autores, obras e acontecimentos históricos a que vai aludindo ao longo do romance. O autor veicula, assim, a açorianidade do romance também enquanto reflexo da história dos Açores e dos movimentos migratórios que a constituem. Refiro-me, por exemplo, ao povoamento dos Açores (espelhado na utilização de neerlandês), à presença britânica, alemã e também francesa na Horta, à presença americana na Base Aérea das Lajes e às vagas de emigração – associadas ou não à baleação –, especialmente para os EUA e o Canadá, que resultaram na construção de vocabulário híbrido. Frequentemente são esses mesmos os temas da literatura açoriana, subordinados à realidade insular, envolvendo partidas e chegadas, o desejo de “evasão” da ilha – que implica o reconhecimento de outras realidades, outros modos de vida, outros lugares e outras línguas –, mas também de regresso.

Sem dúvida, *MTC* convoca muitos saberes – história, geografia, religião, tradição, folclore, arte, dialetologia, mitologia – ou não tivesse o seu autor querido estudar “de tudo e o mais que podia, para o que desse e viesse” (Nemésio 1986:442), como famosamente afirmou na sua última lição. Daí que o próprio leitor do romance em língua portuguesa acabe por ser submetido a vários processos de tradução.

Assim, além das tendências de tradução acima identificadas, da análise do TP e das suas traduções conclui-se o seguinte:

- a) desde logo, uma consideração sobre o TP: *as edições portuguesas de MTC carecem de uma revisão aturada*, apesar de serem já muitas as publicações. Ao longo dos 80 anos do romance,

são cerca de trinta (incluindo reimpressões), sendo que continuam a reproduzir-se erros ortográficos e outros, facilmente corrigíveis, sem qualquer justificação. Esses erros dizem respeito tanto a vocábulos/frases em línguas estrangeiras, como em língua portuguesa (refira-se o caso de “trenó” (p. 43), em vez de “tremó”, que surge já corretamente grafado numa segunda ocorrência, na página 246 (note-se que, nos TC de língua francesa e inglesa, os tradutores utilizam, em ambos os casos, a expressão correspondente a “tremó”, fazendo assim a correção/atualização do texto). No caso das línguas estrangeiras, alguns erros o próprio Nemésio detetara, conforme pode comprovar-se nas provas tipográficas. É o caso de “pedantif”, que o autor corrige para “pedentif”. Contudo, essa correção não se vê plasmada no texto, que, até hoje, continua a exibir “pedantif”. É o caso também de erros mais graves, nomeadamente ao nível sintático da língua inglesa. Será já tempo de proceder a tais correções¹;

- b) nesta medida, *são as traduções que acabam por corrigir e atualizar o texto*. Tendo em conta que, na maioria dos casos, Denyse Chast e Cota Fagundes optaram por não reproduzir o erro, corrigindo-o, o processo de revisão de que necessita o TP vê-se realizado nas traduções. Essas correções, no dizer de Cota Fagundes (2014:44), contribuem para a “dignidade do texto-alvo”, o que “só poderá redundar em benefício do autor” (e eventualmente do tradutor);
- c) não obstante, *as próprias traduções poderiam beneficiar de novas revisões*, apesar de as suas últimas publicações serem relativamente recentes (2014 no caso do francês e 2019 no caso do inglês). O *TC francês*, apesar do complicado processo de revisão descrito por Chast, e das alterações subsequentes, continua a apresentar diversas imprecisões, nomeadamente ao nível das marcas da açorianidade: veja-se o caso da tradução (por duas vezes) de “bodo” – evento culturalmente relevante nos Açores – por “boda”, ou de “varadouro” por “praia”. Ainda no caso do TC francês, ao nível do peritexto, as notas de rodapé não são devidamente atribuídas aos seus autores, sendo associadas, na edição de 2014, e na sua totalidade, à tradutora, que, como se viu, não pode, na realidade, ser autora de todas elas. A revisão é, de facto, um processo contínuo, pelo que o *TC de língua inglesa* também poderia beneficiar de algumas alterações. Contudo, dá-se o caso praticamente inverso ao do francês: talvez a açorianidade do romance e do próprio tradutor – que, no que respeita ao conhecimento da língua e cultura de partida, se encontra em clara vantagem relativamente aos restantes tradutores do romance – tenha interferido no processo de tradução, na medida em que o tradutor demonstra certa tendência para se manter muito próximo do TP. Assim, algumas

¹ Em princípio, a nova edição da INCM-Companhia das Ilhas (a publicar em 2025 ou 2026, ao que tudo indica) poderá proceder a essas correções.

passagens poderão resultar pouco idiomáticas – ou mesmo herméticas – para o leitor de língua inglesa. É o caso da tradução literal da expressão figurada “pratinho” como “little dish”;

- d) em ambos os TC, e em virtude da dificuldade de traduzir *variedades linguísticas, estas são recorrentemente substituídas pela língua-padrão*, como é, aliás, prática comum, segundo observam Englund Dimitrova (1997) e Ramos Pinto (2009). Daí resulta que as personagens das camadas populares, por exemplo, se expressem, em tradução, num registo mais elevado do que o que utilizam no TP e, portanto, não distinto da fala de outras personagens, de estrato social mais elevado. Significa isto que as personagens do TP, cuja caracterização decorre, quase sempre, ao nível do discurso direto – i.e., decorre da forma como se expressam –, são personagens muito diferentes nos TC – o que, porventura, acontecerá com todas as personagens em tradução. Como admitem Delabastita e Grutman (2005:28), “the social history associated with the use of particular dialects – by specific characters at certain points in place and in time – will, again, in most cases be impossible to reproduce”;
- e) ao contrário do que sucede com a representação dialetal/socioletal, que foi então normalizada nos TC de língua francesa e inglesa, no caso específico dos *regionalismos híbridos de base anglo-americana, estes foram maioritariamente mantidos nas traduções*, em particular no que toca às falas dos *baleiros*. Uma tal tendência poderá justificar-se pela prevalência deste léxico híbrido no TP, tendo em conta a sua importância enquanto elemento veiculador da açorianidade. Contudo, os vocábulos híbridos associados aos emigrantes açorianos na América do Norte (que não os baleiros) foram ou omitidos ou normalizados no TP francês (caso, por exemplo, de “Betefete”, normalizado para “New Bedford”), o que afeta a importante representação da emigração açoriana no romance;
- f) ao nível do peritexto, as *edições francesas e polaca apresentam várias imprecisões*, revelando um certo desconhecimento sobre o autor, os Açores e Portugal. Nota-se, assim, que as edições norte-americanas, mesmo ao nível dos peritextos, são mais cuidadas e têm em maior consideração o TP e o seu autor do que as restantes, por motivos, conforme se ressaltou, relacionados com os agentes da tradução, em particular as editoras e o tradutor. Além disso, conclui-se que as imprecisões registadas no peritexto normalmente deixam antever imprecisões (ou mesmo certa incúria) no corpo de texto;
- g) relativamente às *obras de Nemésio levadas a tradução (não apenas MTC), a maioria realizou-se por impulso de um agente da cultura de partida (CP) e com apoio financeiro de uma instituição da CP*. Como o próprio Nemésio reconheceu em entrevista, a literatura portuguesa publicada em tradução terá de contar frequentemente com o apoio financeiro de instituições, o que parece continuar a aplicar-se. De facto, quando uma cultura menos

reconhecida pretende traduzir a sua literatura e promover a sua imagem numa cultura dominante, o apoio financeiro e, bem assim, as boas relações interpessoais com elementos da cultura de chegada (CC) são particularmente importantes para alcançar esse objetivo (cf. Kung 2009:135);

- h) nesse sentido, *muitos dos tradutores de literatura açoriana para inglês são de ascendência açoriana* (Katherine Baker, Scott Edward Anderson, George Monteiro), senão mesmo açorianos (Cota Fagundes, Onésimo Teotónio Almeida), o que significa que a exportação de literatura açoriana parece continuar dependente de diversos agentes ligados à cultura de partida;
- i) em suma, conclui-se que *tanto a açorianidade, como a obra nemesiana continuam a abrir novos campos de pesquisa, em particular nos Estudos de Tradução, pois que se revelam traduzíveis até ao ponto que os agentes – tradutores, revisores, editores – quiserem*. As quatro traduções de *MTC* revelam diferentes abordagens à açorianidade do romance, comprovando que a traduzibilidade é espectral. O que parece também ficar claro é que o conhecimento da CP é essencial para a veiculação da açorianidade. Por fim, e na linha do defendido por Linares (2019:149), constata-se que os Açores e a literatura açoriana se apresentam como um importante ponto de pesquisa sobre contacto linguístico, merecendo maior atenção nos domínios da Linguística, dos Estudos Literários e dos Estudos de Tradução.

Mas sempre fica aquilo a que Hermans (2019:604) denominou “um resto intraduzível” – uma certa conotação, nuance ou qualidade poética, o que, todavia, não desmerece os tradutores, nem tão-pouco a prática da tradução, que não se esgota na velha conceção de duplicado ou mera reprodução do TP. Esse “resto intraduzível” é – ou pode ser – uma constante fonte de renovação, motivadora de novas traduções e interpretações, de que aliás *MTC* é bom exemplo. Quase oito décadas após a sua publicação, o romance nascido da *necessária insularidade* de Vitorino Nemésio – e, portanto, da sua açorianidade, fruto desse “berço e cárcere atlânticos” (Nemésio 1998:83) – permanece, em muitos sentidos, *intraduzível*, na melhor das aceções: a de que não cessa de ser, também em muitos sentidos, traduzido.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA

Edições referidas de *Mau Tempo no Canal* (por ordem cronológica)

Nemésio, Vitorino. *Mau Tempo no Canal*. Bertrand Editora. 1944.

_____. *Mau Tempo no Canal*. Introd. David Mourão-Ferreira. Bertrand Editora. 1980.

_____. *Mau Tempo no Canal*. Introd. José Martins Garcia. Imprensa Nacional - Casa da Moeda. 1994.

_____. *Mau Tempo no Canal*. Introd. João Miguel Fernandes Jorge. Relógio d'Água Editores. 2004.

Traduções de *Mau Tempo no Canal* (por ordem cronológica)

Nemésio, Vitorino. *Le Serpent Aveugle*. Trad. Denyse Chast. Librairie Plon. Coleção "Feux Croisés". 1953.

_____. *Gros Temps Sur l'Archipel*. Trad. Denyse Chast. Éditions de la Différence. Coleção Littérature. 1988.

_____. *Gros Temps Sur l'Archipel*. Trad. Denyse Chast. Éditions de la Différence. Coleção Latitudes. 2.^a ed. 1988.

_____. *Niepogopa v prolivie*. Trad. Liliana Brevern. Khudozhestvennaia Literatura. Coleção "Romance Estrangeiro do Século XX". 1990.

_____. *Dziewczyna Z Azorów*. Trad. Wojciech Chabasiński. Wydawnictwo Iskry. 1992.

_____. *Stormy Isles: An Azorean Tale*. Trad. Francisco Cota Fagundes. Gávea-Brown Publications. 1998.

_____. *Gros Temps Sur L'Archipel*. Trad. Denyse Chast. Éditions de la Différence. Coleção Minos. 2014.

_____. *Stormy Isles: An Azorean Tale*. Trad. Francisco Cota Fagundes. Coleção "Bellis Azorica". Tagus Press/Letras Lavadas Edições. 2019.

Traduções Realizadas por Vitorino Nemésio

(por ordem cronológica)

Croce, Benedetto. *O que é vivo e o que é morto na filosofia de Hegel*. Trad. Vitorino Nemésio. Imprensa de Coimbra. 1933.

Sévigné, Madame de. *Cartas*. Escolha, tradução, prefácio e notas pelo Prof. Vitorino Nemésio. Livraria Sá da Costa. 1939.

Faure, Elie. *História da Arte*. Trad. Vitorino Nemésio. Editorial Estúdios Cor. 1949.

Gheorghiu, Virgil C. *A vigésima quinta hora*. Tradução e Advertência de Vitorino Nemésio. Prefácio de Gabriel Marcel. Bertrand Editora. 1950.

_____. *A única saída*. Trad. Vitorino Nemésio. Bertrand Editora. 1952.

Elst, Jo van der. *Portugal*. Trad. Vitorino Nemésio. Bertrand Editora. 1952.

Gheorghiu, Virgil C. *O homem que viajou sozinho*. Trad. Vitorino Nemésio. Bertrand Editora. 1955.

Espólio de Vitorino Nemésio

Biblioteca Nacional de Portugal – Esp. 11 (BNP E11)

Caixas 41-43; 56; 62; 81; 96.

Outras Obras de Vitorino Nemésio

Nemésio, Vitorino. “Açores: de onde sopram os ventos”. *Açores, Actualidade e Destinos: Artigos de Vitorino Nemésio e Comentários por João Afonso*. Edições Atlântica. 1975.

_____. “Açorianidade”. Revista *Insula*. 1932. *Vitorino Nemésio: Estudo e Antologia*. Instituto de Língua e Cultura Portuguesa. Maria Margarida Maia Gouveia (org.). Ministério da Educação e Cultura. 1986.

Disponível em: https://sites.google.com/site/ciberlusofonia/PT/Lit-Acoriana/acorianidade_nemesio_1932.

_____. “Advertência”. *A vigésima quinta hora*. C. Virgil Gheorghiu. Tradução e Advertência de Vitorino Nemésio. Prefácio de Gabriel Marcel. Bertrand Editora. 1950.

_____. “Breve Meditação”. *Seara Nova*. N.º 176. 1929:13.

Disponível em:

http://ric.slhi.pt/Seara_Nova/visualizador/?id=09913.009.008&pag=13.

- _____. *Corsário das Ilhas* (1956). Imprensa Nacional–Casa da Moeda. 1998.
- _____. *Jornal do Observador*. Imprensa Nacional–Casa da Moeda. 1999.
- _____. “Le Mythe de Monsieur Queimado”. *Vitorino Nemésio: Estudo e Antologia*. Instituto de Língua e Cultura Portuguesa. Maria Margarida Maia Gouveia (org.). Ministério da Educação e Cultura. 1986.
- _____. “O ilhéu”. *Diário de Lisboa*. N.º 4850. 1936:1.
Disponível em: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05761.025.06133#!1>.
- _____. *O Poeta Povo*. Livraria Editora Andrade. 1917.
- _____. “Poemas Ilhéus”. *Vitorino Nemésio: Vitorino Nemésio: Estudo e Antologia*. Instituto de Língua e Cultura Portuguesa. Maria Margarida Maia Gouveia (org.). Ministério da Educação e Cultura. 1986.
- _____. *Paço do Milhafre/O Mistério do Paço do Milhafre*. Imprensa Nacional–Casa da Moeda. 2002.
- _____. *Poesia 1916-1940*. Luiz Fagundes Duarte (ed.). Companhia das Ilhas-Imprensa Nacional–Casa da Moeda. 2018.
- _____. *Poesia 1950-1959*. Luiz Fagundes Duarte (ed.). Companhia das Ilhas-Imprensa Nacional–Casa da Moeda. 2020.
- _____. “Por que não temos literatura açoreana?”. Onésimo Teotónio Almeida (ed.). *A Questão da Literatura Açoriana: Recolha de Intervenções e Revisitação*. Secretaria Regional de Educação e Cultura. 1983: 27-31.
- _____. “Prefácio”. *Cartas*. Madame de Sévigné. Escolha, tradução, prefácio e notas pelo Prof. Victorino Nemésio. Livraria Sá da Costa. 1939.
- _____. *Quatro Prisões Debaixo de Armas e Outras Histórias*. Livros RTP. Editorial Verbo. 1971.
- _____. *Sapateia Açoriana, Andamento Holandês e Outros Poemas*. Arcádia. 1976.
- _____. “Saudades de Casa”. *Diário de Lisboa*. 19 de janeiro de 1939.
- _____. *Sob os Signos de Agora: Temas Portugueses e Brasileiros*. Imprensa Nacional–Casa da Moeda. 1995.
- _____. “Última Lição”. *Vitorino Nemésio: Estudo e Antologia*. Instituto de Língua e Cultura Portuguesa. Maria Margarida Maia Gouveia (org.). Ministério da Educação e Cultura. 1986.

_____. “Um Ciclone nas Ilhas”. *Revista de Portugal*. Vol. 2, n.º 7. 1939a:380-392.

_____. “Uma Carta”. *Seara Nova*. N.º 56. 1925:145-147.

Disponível em:

http://ric.slihi.pt/Seara_Nova/visualizador/?id=09913.003.008&pag=5.

_____. *Varanda de Pilatos*. Livrarias Aillaud e Bertrand. 1927.

BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

A Rotação da Memória. Catálogo da exposição comemorativa do centenário do nascimento de Vitorino Nemésio.

Disponível em: <https://purl.pt/161/1/index.html>.

Aguiar, Cristóvão de. “A insular basófia” [sic]. *Da Literatura Açoriana: Subsídios para um Balanço*. Onésimo Teotónio Almeida (org.). Secretaria Regional da Educação e Cultura. 1986.

Álbum Açoriano. Oliveira & Baptista. 1909.

Alighieri, Dante. *A Vita Nuova de Dante Alighieri*. Trad. Vasco Graça Moura. Bertrand Editora. 1995.

279

_____. *Vida Nova*. Tradução, Introdução e Notas de Jorge Vaz de Carvalho. Relógio D’Água Editores. 2010.

_____. *Vida Nova/Monarquia*. Trad. Carlos de Soveral. Guimarães Editores. 1954.

Almeida, Onésimo Teotónio. *Açores, Açorianos, Açorianidade: Um Espaço Cultural*. Instituto Açoriano de Cultura. 2011.

_____. “Alocação no Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas”. 2018.

Disponível em:

https://www.academia.edu/36836590/Alocu%C3%A7%C3%A3o_no_Dia_de_Portugal_Cam%C3%B5es_e_das_Comunidades_Portuguesas_10_de_Junho_de_2018_Ponta_Delgada.

_____. (ed.). *A Questão da Literatura Açoriana: Recolha de Intervenções e Revisitação*. Secretaria Regional de Educação e Cultura. 1983.

_____. “Bellis Azorica – a série de livros açorianos em tradução nos EUA”. In *Diário dos Açores*. 20/10/2022.

Disponível em:

<http://diariodosacores.pt/NewsDetail/ArtMID/380/ArticleID/10111/Bellis-Azorica-a-s233rie-de-livros-a231orianos-em-tradu231227o-nos-EUA>.

- _____ (org.). *Da Literatura Açoriana: Subsídios para um Balanço*. Secretaria Regional da Educação e Cultura. 1986.
- Alvstad, Cecilia. “The Translation Pact.” *Language and Literature*. Vol. 23, n.º 3. 2014:270-84.
- Amador Moreno, Carolina. “Javier Marías and Antonio Muñoz Molina: Between Two Languages.” *Fictionalising translation and multilingualism. Special Issue of Linguistica Antverpiensia New Series*. Vol. 4. 2005:201-215.
- Amaral, Irene de. *The Emergence of Woman: Reviewing the Concept of Açorianidade*. University of Massachusetts Dartmouth. 2011.
- Anderson, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. Verso. 2016.
- Ang, Ien. “Inhabiting the Diasporic Habitus: On Stuart Hall’s *Familiar Stranger A Life Between Two Islands*”. *Identities*. Vol. 25, n.º 1. 2018:1-6.
- Anteby-Yemini, Lisa e William Berthomière. “Diaspora: A Look Back on a Concept”. *Bulletin du Centre de recherche français à Jérusalem*. 2005.
Disponível em: <http://journals.openedition.org/bcrfj/257>.
- Anzaldúa, Gloria. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. Aunt Lute Books. 1987.
- Apfelthaler, Matthias. “Directionality”. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Mona Baker e Gabriela Saldanha (ed.). Routledge. 2020:152-156.
- Apter, Emily. *Against World Literature: On the Politics of Untranslatability*. Verso. 2013.
- _____. “Untranslatability and the Geopolitics of Reading.” *Pmla*. Vol. 134, n.º 1. 2019:194–200.
- _____. “Untranslatables: A World System.” *Tamkang Review*. Vol. 40, n.º 1. 2009:1–14.
- Arrojo, Rosemary. “Fidelity and The Gendered Translation.” *TTR: Traduction, Terminologie, Rédaction*. Vol. 7, n.º 2. 2007:147–63.
- Arruda Furtado, Francisco de. *Materiais para um estudo antropológico dos povos dos Açores. Observações sobre o Povo Micaelense*. Tipografia Popular. 1884.
- Assis Brasil, Luiz Antonio. *Escritos açorianos: a viagem de regresso*. Salamandra. 2003.

Assis Rosa, Alexandra. "Translating Orality, Recreating Otherness." *Orality in Translation. Special Issue of Translation Studies*. Paul Bandia (ed.). 2015:209-225.

_____. "Translating Place: Linguistic Variation in Translation". *Journal of Literary Studies and Linguistics*. Vol. II, n.º 2. 2012:75-97.

Auer, Peter. "From Code-switching via Language Mixing to Fused Lects: Toward a Dynamic Typology of Bilingual Speech". *InLiSt*. N.º 6. 1998:1-28.

Aurélio, Diogo Pires. "Natureza e símbolo em *Mau Tempo no Canal*." *Insvlana*. Vol. L, n.º 1. Instituto Cultural de Ponta Delgada. 1994:39-53.

Baer, Brian James. "Nations and nation-building". *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Mona Baker e Gabriela Saldanha (ed.). Routledge. 2020:261-265.

Baker, Mona. "Corpus Linguistics and Translation Studies: Implications and Applications". *Text and Technology: In Honour of John Sinclair*. Mona Baker, Gill Francis e Elena Tognini-Bonelli (eds). John Benjamins. 1993:233-250.

_____. *In Other Words: a coursebook on translation*. Routledge. 2005

Baker, Mona e Gabriela Saldanha. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Routledge. 2020.

Bakhtine, Mikhail. *Esthétique et Théorie du Roman*. Trad. Daria Olivier. Gallimard. 1978.

_____. *The Dialogic Imagination: Four Essays*. Trad. Caryl Emerson e Michael Holquist. University of Texas Press. 1987.

Bal, Mieke. *Travelling Concepts in the Humanities : A Rough Guide*. University of Toronto Press. 2002.

Baldacchino, Godfrey (ed.). *The Routledge International Handbook of Island Studies: A World of Islands*. Routledge. 2018.

_____. "Studying Islands: On Whose Terms? Some Epistemological and Methodological Challenges to the Pursuit of Island Studies." *Island Studies Journal*. Vol. 3, n.º 1. 2008.

Bandia, Paul. "Code-switching and code-mixing in African creative writing: Some insights for Translation Studies". *TTR*. Vol. 9, n.º 1. 1996:139-153.

_____. "Postcolonial Literary Heteroglossia : A Challenge for Homogenizing Translation". *Perspectives : Studies in Translatology*. Vol. 20, n.º 4. 2012:419-431.

_____. "Translocation: Translation, migration and the relocation of cultures". *A Companion to Translation Studies*. Sandra Bermann e Catherine Porter (ed.). 2014.

Barcelos, J. M. Soares de. *Dicionário de Falares dos Açores, Vocabulário Regional de todas as Ilhas*. Edições Almedina. 2008.

Barozzi, Jacques. “La mort aux Açores”. *Le Goût du Portugal*. Mercure de France. 2017:85-88.

Bassnett, Susan e André Lefevere. *Constructing Cultures: Essays on Literary Translation*. Multilingual Matters. 1998.

Bassnett, Susan e Harish Trivedi. *Postcolonial Translation Theory and Practice*. Routledge. 1999.

Bassnett, Susan. *Translation Studies*. Routledge. 2003.

Batchelor, Kathryn. *Translation and Paratexts*. Routledge. 2018.

Batista, Adelaide. “Mau Tempo no Canal ou a ‘Luz Intermitente’”. *Insvlana*. Vol. L, n.º 1. Instituto Cultural de Ponta Delgada. 1994:7-21.

Beier, Rudolf e Johannes Kramer. “A Portrait of the Azores: From Natural Forces to Cultural Identity”. *Volcanoes of the Azores*. Ulrich Kueppers e Christoph Beier (ed.). Springer. 2018:3–26.

Beliakova, Elena e Zoia Prestes. “O Significado e o Sentido na Unidade da Tradução”. *Travessias*. Vol. 4, n.º 1. 2010.
Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3648>.

282

Benjamin, Walter. “A Tarefa do Tradutor”. *Linguagem, Tradução, Literatura*. Trad. João Barrento. Assírio & Alvim. 2015.

Bennett, Karen e Rita Queiroz de Barros. *Hybrid Englishes and the Challenges of and for Translation: Identity, Mobility and Language Change*. Routledge. 2019.

Bennett, Karen. “Lingua franca, translation”. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Mona Baker e Gabriela Saldanha (ed.). Routledge. 2020:290-294.

Berman, Antoine. “A Tradução da Letra ou a Pousada do Longínquo”. *Tradutor Dilacerado: reflexões de autores franceses sobre tradução*. Guilhermina Jorge (coord.). Colibri. 1997:15-63.

Bernardo, Ana Maria. *A Tradutologia alemã: tendências e perspectivas na segunda metade do século XX*. Tese de Doutorado. Universidade Nova de Lisboa. 1999.

Bernardo, Maria Clara Rolão e Helena Mateus Montenegro (org.). *Actas do I Encontro de Estudos Dialectológicos*. Instituto Cultural de Ponta Delgada. 2006.

_____. *O Falar Micaelense, Fonética e Léxico*. João Azevedo Editor. 2003.

Bettencourt, Urbano. “Uma outra açorianidade. Um texto esquecido de Nemésio”. *Vitorino Nemésio 1.º Centenário do Nascimento 1901-2001*. Separata da Revista *Atlântida*. Vol. XLVI. Instituto Açoriano de Cultura. 2001:323-324.

_____. *Inquietação insular e figuração satírica em José Martins Garcia*. Tese de Doutoramento em Estudos Portugueses. Universidade dos Açores. 2013.

Bhabha, Homi K. “The Third Space”. *Identity: Community, Culture, Difference*. Jonathan Rutherford (ed.). Lawrence and Wishart. 1990:207-221.

Blayer, Irene Maria F. “Códigos Identificadores da Representação da Oralidade em *Mau Tempo no Canal*”. *Organon*. Vol. 21, n.º 42. 2007.
Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/36164>.

Blayer, Irene Maria F. e Dulce Maria Scott (ed.). *Intersecting Diaspora Boundaries. Portuguese Contexts*. Peter Lang. 2016.

_____. *Interdisciplinary Journal of Portuguese Diaspora Studies. Special Issue: Neither Here Nor There, Yet Both: The Luso-American Experience*. Vol. 4, n.º 2. 2015.

Blayer, Irene Maria F. “The Literary Representation of Non-Standardness as a Marker of Dialect “Voice” in *Mau Tempo no Canal*: Some Considerations”. *Vitorino Nemésio and the Azores. Portuguese Literary & Cultural Studies*. Vol. 11. University of Massachusetts Dartmouth. 2007:171-196.

283

Bonaffini, Luigi. “Translating Dialect Literature”. *World Literature Today*. Vol. 71, n.º 2. 1997:279-288.

Borges, Naír Odete da Câmara. “Influência Anglo-americana no Falar da Ilha de S. Miguel (Açores)”. *Suplemento II da Revista Portuguesa de Filologia*. 1960.

Bourdieu, Pierre. “A conservative revolution in publishing”. Trad. Ryan Fraser. *Translation Studies*, Vol. 1, n.º 2. 2008:123-153

_____. *O Poder Simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Difel. 1989.

_____. “The Forms of Capital”. Trad. R. Nice. *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education*. J. Richardson (ed.). Greenwood. 1986: 241–258.

Brandão, Raul. *As Ilhas Desconhecidas*. Quetzal Editores. 2016.

Brasil, Jaime. “Paço do Milhafre de Vitorino Nemésio”. Outra vez dos Livros. Suplemento de *A Batalha*. N.º 20. 14 de abril de 1924.
Disponível em: https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/suplemento-de-a-batalha/in-issue/iss_0000002282/2.

Brevern, Liliana. *Sud'ba, sud'boiu, o sud'be....* Tsentr knigi Rudomino. 2014.

- Brodovich, Olga. "Translation theory and non-standard speech in fiction". *Perspectives: Studies in Translatology*. Vol. 5, n.º 1. 1997:25-31.
- Budick, Sanford e Wolfgang Iser (eds). *The Translatability of Cultures: Figurations of the Space Between*. Stanford University Press. 1996.
- Buendía, Carmen Toledano. "Listening to the voice of the translator: A description of translator's notes as paratextual elements." *Translation & Interpreting*. Vol. 5, n.º 2. 2013:149-162.
- Buzelin, Hélène. "Unexpected Allies: How Latour's Network Theory Could Complement Bourdieusian Analyses in Translation Studies". *The Translator*. Vol. 11, n.º 2. 2005:193-218.
- Bullar, Joseph e Henry Bullar. *A Winter in the Azores; and Summer at the Baths of Furnas*. John Van Voorst. 1841.
- Câmara, J. M. Bettencourt da. *Sobre Mau Tempo no Canal*. Eurosigno Publicações. 1990.
- Cardoso, Marcos Viola. *Literatura Brasileira na União Soviética: políticas editoriais e traduções*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2021. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/246503/001131799.pdf?sequence=1>.
- Carneiro, Roberto, *et al.* (coord.). *A Condição de Ilhéu*. Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa. Universidade Católica Portuguesa. 2017.
- Carvalho, Ruy Galvão de. "Visão panorâmica da poesia açoriana." *Insvlana*. Vol. I, n.º 2. Instituto Cultural de Ponta Delgada. 1944:178-220.
- _____. "Possibilidades de uma literatura de significação açoriana." *Insvlana*. Vol. XII. Instituto Cultural de Ponta Delgada. 1956:216-221.
- Casanova, Pascale. "Consecration and Accumulation of Literary Capital: Translation as Unequal Exchange". Trad. S. Brownlie. *Critical Readings in Translation Studies*. Mona Baker (ed.). Routledge. 2010:285-303.
- _____. *The World Republic of Letters*. Trad. M. B. DeBevoise. Harvard University Press. 2004.
- _____. "Translatio. Le Marché de La Traduction En France à l'heure de La Mondialisation." *Translation Studies*. Vol. 4, n.º 3. 2011:377-80.
- Cassin, Barbara. "Humboldt, Translation and the Dictionary of Untranslatables". *Untranslatability: Interdisciplinary Perspectives*. Routledge. 2019:13-26.
- _____. (ed.). *Vocabulaire européen des philosophies : le dictionnaire des intraduisibles*.

- Éditions Seuil. 2004.
- Catford, J.C. *A Linguistic Theory of Translation: An Essay in Applied Linguistics*. Oxford University Press. 1965.
- Chesterman, Andrew e Emma Wagner. *Can Theory Help Translators? A Dialogue Between the Ivory Tower and the Wordface*. St. Jerome. 2002.
- Chesterman, Andrew. *Memes of Translation: The Spread of Ideas in Translation Theory*. John Benjamins. 1997.
- _____. “Memetics and Translation Strategies”. *Synapse* 5. 2000:1-17.
- _____. “The name and nature of Translator Studies”. *Hermes – Journal of Language and Communication Studies*, 42. 2009:13-22.
- Chew, Phyllis. “Islands and National Identity : The Metaphors of Singapore”. *International Journal of the Sociology of Language*, 143. 2000:121–37.
- Cidade, Hernâni. “Varanda de Pilatos, por Vitorino Nemésio”. *A Águia*. 3.^a Série. Vol. X, n.º 60. 1927:227.
Disponível em: <http://ric.slhi.pt/visualizador/?id=09613.029.010&pag=57#>.
- Conrad, Joseph. *Typhoon and Other Stories*. Penguin. 2007.
- Cordeiro, Carlos, *et al.* *Açorianidade e Autonomia: Páginas Escolhidas*. Marinho Martos Brumarte. 1989.
- _____. “Regionalismo e Identidade Açoriana. O Debate nos Anos 20”. *Actas do Congresso do I Centenário da Autonomia dos Açores. A Autnomia no Plano Histórico*. *Jornal de Cultura*. Vol. I. 1995:277-287.
- Correia, Natália. *Poesia Completa: O Sol nas Noites e o Luar nos Dias*. Publicações Dom Quixote. 1999.
- Costa, Francisco Carreiro. “Breve notícia sobre elementos para uma literatura regional açoreana.” *Livro do Primeiro Congresso Açoreano. Casa dos Açores*. 1940:195-98.
- _____. “Como nasceu o I congresso açoriano”. *Livro do primeiro congresso açoriano que se reuniu em Lisboa de 8 a 15 de maio de 1938*. *Jornal de Cultura*. 1995:17-27.
- Cronin, Michael. *Translation and Identity*. Routledge. 2006.
- Culpeper, Jonathan. *Language and Characterisation: People in Plays and Other Texts*. Pearson Education. 2001.
- Darmaros, Marina. *Caso Jorge Amado: o poder soviético e a publicação de Gabriela*, Cravo e Canela. Tese de Doutoramento. Universidade de São Paulo. 2020.

Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8155/tde-28022020-150719/publico/2020_MarinaFonsecaDarmaros_VCorr.pdf.

Delabastita, Dirk, et al. *Functional Approaches to Culture And Translation: Selected Papers by Jose Lambert*. John Benjamins. 2006.

Delabastita, Dirk e Rainier Grutman. “Fictional Representations of Multilingualism and Translation”. *Fictionalising translation and multilingualism. Special Issue of Linguistica Antverpiensia New Series*. Vol. 4. 2005:11-34.

Delisle, Jean e Judith Woodsworth. *Translators through History – Revised Edition*. John Benjamins. 2012.

Derrida, Jacques. *Memoires: for Paul de Man*. Trad. Cecile Lindsay, Jonathan Culler, Eduardo Cadava e Peggy Kamuf. Columbia University Press. 1989.

_____. “What is a ‘Relevant’ Translation?”. Trad. Lawrence Venuti. *Critical Inquiry*. Vol. 27, n.º 2. 2001:174-200.

Dias, Eduardo Mayone. *Falares Emigrantes: uma abordagem ao seu estudo*. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Ministério da Educação e Cultura. 1989.

Dios, Ángel Marcos de. “A correspondência entre Vitorino Nemésio e Miguel de Unamuno.” *Nemésio vinte anos depois*. António M. B. Machado Pires e Maria Margarida Maia Gouveia (ed.). Edições Cosmos. 1998:586-599.

286

Doorslaer, Luc van, Peter Flynn e Joep Leerssen (ed.). *Interconnecting Translation Studies and Imagology*. John Benjamins. 2015.

Duarte, Joao Ferreira. “The Politics of Non-Translation: A Case Study in Anglo-Portuguese Relations”. *TTR*. Vol. 13, n.º 1. 2000:95-112.

_____. et al. *Translation Studies at the Interface of Disciplines*. John Benjamins. 2006.

Duarte, Luiz Fagundes. *Editar Nemésio*. Seminário Internacional de Estudos Nemesianos de Ponta Delgada. 2008:75-89.

_____. “Mas com que palavras há-de um ilhéu escrever-se?”. *A Condição de Ilhéu*. Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa. Universidade Católica Portuguesa. 2017:187-196.

Eco, Umberto. *Dizer quase a mesma coisa sobre tradução*. Trad. José Colaço Barreiros. Difel. 2005.

Enciclopédia Açoriana. Direção Regional da Cultura. Centro de Conhecimento dos Açores. 2011.

Disponível em: <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/Default.aspx>.

Enes, José. “Exemplaridade conjuntural da obra de Vitorino Nemésio”. *Vitorino Nemésio and the Azores. Portuguese Literary & Cultural Studies*. Vol. 11. University of Massachusetts Dartmouth. 2007:23-56.

Englund Dimitrova, Birgitta. “Orality, literacy, reproduction of discourse and the translation of dialect”. *Dialektübersetzung und Dialekte im Multimedia*. I. Helin (ed.). Peter Lang. 2004:121-139.

_____. “Translation of Dialect in Fictional Prose: Vilhelm Moberg in Russian and English as a Case in Point”. *Norm, Variation and Change in Language*. Stockholm Studies in Modern Philology. 1997:49-65.

Even-Zohar, Itamar. “The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem”. *The Translation Studies Reader*. Lawrence Venuti (ed.). Routledge. 2009:199-204.

Fagundes, Francisco Cota. *Desta e da Outra Margem do Atlântico: Estudos de Literatura Açoriana e da Diáspora*. Salamandra. 2003.

_____. Introduction to *Stormy Isles: An Azorean Tale*. Trad. Francisco Cota Fagundes. Gávea-Brown Publications. 1998.

_____. Introduction to *Stormy Isles: An Azorean Tale*. Trad. Francisco Cota Fagundes. Letras Lavadas Edições. 2019.

_____. *Mau Tempo no Canal de Vitorino Nemésio: Tradução, Simbolismo, Escrita, Oralidade, Diáspora*. Ver Açor. 2014.

_____. “Tradução e Diáspora: um depoimento de tradutor”. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*. Vol. 23. 2014a:233-257.
Disponível em: <https://www.nch.pt/biblioteca-virtual/bol-nch23/BoletimNCH-2014-233.pdf>.

_____. “Translating Literary Heterolingualism and Coastal Whaling: *Stormy Isles: An Azorean Tale*”. *Revista Bilingue de Letras e Estudos Luso-Norte-Americanos*. Gávea-Brown. 2022:73-86.

Faria, Dominique. “De *Mau tempo no canal* a *Stormy Isles*: a açorianidade em tradução”. *Da literatura e da cultura. Homenagem a António Machado Pires*. Maria do Céu Fraga et al. (ed.). Letras Lavadas. 2016:169-182.

_____. “Traduire l'étranger: de *Mau tempo no canal* à *Gros temps sur l'archipel*”. *Hispanismes*. N. °1. Christian Lagarde et al. (ed.). 2013.

Ferreira, Aline e John W. Schwieter. “Directionality in Translation”. *The Handbook of Translation and Cognition*. J.W. Schwieter e A. Ferreira (eds.). Wiley-Blackwell. 2017:90–105.

Ferreira, Armando Ventura. "Mau Tempo no Canal, romance por Vitorino Nemésio". *Seara Nova*. N.º 921. 1945:243-245.

Disponível em: <http://ric.slni.pt/visualizador/?id=09913.037.032&pag=15>.

Franco, Karlien *et al.* "Maps, Meanings and Loanwords. The Interaction of Geography and Semantics in Lexical Borrowing". *Journal of Linguistic Geography*. Vol. 7, n.º 2. 2019:14-32.

Freitas, Adelaide. *Nas duas margens: Da literatura norte-americana e açoriana*. Linhas e Círculos-Unipessoal. 2008.

Frutuoso, Gaspar. *Saudades da Terra*. João Bernardo de Oliveira Rodrigues (ed.). Instituto Cultural de Ponta Delgada. 1998.

Garcia, Eduíno Borges. "Por uma autêntica literatura açoriana". *A Questão da Literatura Açoriana: Recolha de Intervenções e Revisitação*. Onésimo Teotónio Almeida (org.). 1983:43-67.

Garcia, José Martins. *Para uma literatura açoriana*. Universidade dos Açores. 1987.

_____. "Sobre a obra romanesca de Vitorino Nemésio." *Arquipélago: Línguas e literaturas*. Vol. 9. 1987a:25-39.

_____. "São Jorge: dos apontamentos de Raul Brandão à ficção de Nemésio." *Arquipélago: Línguas e literaturas*. Vol. 11. 1990:67-84.

_____. *Temas Nemesianos*. Secretaria Regional da Educação e Cultura. 1981.

_____. "Uma opinião de Nemésio sobre *Mau Tempo no Canal*". *Insvlana*. Vol. L, n.º 1. Instituto Cultural de Ponta Delgada. 1994:75-79.

_____. *Vitorino Nemésio: À luz do verbo*. Vega. 1988.

_____. *Vitorino Nemésio: A obra e o homem*. Editora Arcádia. 1978.

Garrido Vilariño, X. M. "Texto e Paratexto. Tradución e Paratradución." *Viceversa: Revista Galega de Tradución*. Vol. 9-10. 2005:31-39.

Genette, Gérard. *Paratexts: Thresholds of Interpretation*. Cambridge University Press. 1997.

Gillis, John. *Islands of the Mind: How the Human Imagination Created the Atlantic World*. Palgrave Macmillan. 2004.

Gonçalves, Anabela e Madalena Colaço. "A coesão referencial em textos traduzidos do inglês para o português: a questão dos sujeitos nulos". *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, n.º 5. 2019:123-144.

- _____. “O impacto da ambiguidade na construção de textos”. *Revista do Centro de Estudos Judiciários*, n.º 2. 2014:259-269.
- _____. “Sobre interferência sintática em tradução e em escrita autêntica”. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, n.º 7. 2020:101-120.
- Gouveia, Maria Margarida Maia. “Um auto-testemunho sobre *Mau Tempo no Canal* na 1.ª publicação do romance.” *Insvlana*. Vol. L, n.º 1. Instituto Cultural de Ponta Delgada. 1994:81-92.
- _____. (org.). *Vitorino Nemésio: Estudo e Antologia*. Instituto de Língua e Cultura Portuguesa. Ministério da Educação e Cultura. 1986.
- Grutman, Rainier. *Des langues qui résonnent. L'hétérolinguisme au XIXe siècle québécois*. Fides. 1997.
- _____. “Multilingualism”. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Mona Baker e Gabriela Saldanha (ed.). Routledge. 2020:341-346.
- _____. “Refraction and Recognition: Literary Multilingualism in Translation.” *Target: International Journal of Translation Studies*. Vol. 18, n.º 1. 2006:17–47.
- Grydehøj, Adam. “A Future of Island Studies.” *Island Studies Journal*. Vol. 12, n.º 1. 2017:3-16.
- Gubitosi, Patricia e Judy de Oliveira. “(Re)Negotiation of the Cultural and Linguistic Identities of the Azorean Portuguese in Eastern Massachusetts.” *Diaspora Studies*. Vol. 13, n.º 1. 2020:89–108.
- Hall, Stuart. “Minimal Selves.” *The Real Me: Post-Modernism and the Question of Identity*. Institute of Contemporary Arts. 1987:44–46.
- Heilbron, Johan. “Toward a Sociology of Translation: Book Translations as a Cultural World-System”. *European Journal of Social Theory*. Vol., n.º 4. 1999:429-444.
- Hermans, Theo. “Positioning Translators: Voices, Views and Values in Translation.” *Language and Literature*. Vol. 23, n.º 3. 2014:285-301.
- _____. “The Translator’s Voice in Translated Narrative”. *Target: International Journal of Translation Studies*. Vol. 8, n.º 1. John Benjamins. 1996:23-48.
- _____. “Translatability”. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Mona Baker e Gabriela Saldanha (ed.). Routledge. 2020:602-606.
- _____. (ed.). *Translating Others*. St. Jerome. 2014a.
- _____. *Translation in Systems: Descriptive and Systemic Approaches Explained*. St. Jerome. 1999.

_____. “What is (not) translation?”. *The Routledge Handbook of Translation Studies*. Carmen Millán e Francesca Bartrina (ed.). Routledge. 2013:75-87.

Inghilleri, Moira. *Translation and Migration*. Routledge. 2017.

Italiano, Federico. *Translation and Geography*. Routledge. 2016.

Jansen, Hanne e Anna Wegener. “Multiple Translatorship”. *Authorial and Editorial Voices in Translation: Collaborative Relationships between Authors, Translators, and Performers*. H. Jansen e A. Wegener (eds.). Col. Vita Traductiva, Vol. 2. Éditions québécoises de l'œuvre. 2013:1-42.

Jakobson, Roman. “On Linguistic Aspects of Translation”. *On Translation*. Reuben A. Brower (ed.). Oxford University Press. 1959:232-239.

Jesus, Eduíno de. “Para uma teoria da literatura açoriana.” *Atlântida*. Vol. I, n.º 4. 1957:201-05.

_____. “A literatura açoriana ‘tem de ser um corpo de obras literárias que exista ao longo do tempo e que adquira determinadas características’”. *Correio dos Açores*. 16/11/2022.

Disponível em:

<https://correiodosacores.pt/NewsDetail/ArtMID/383/ArticleID/41016/A-literatura-a231oriana-%E2%80%9Ctem-de-ser-um-corpo-de-obras-liter225rias-que-exista-ao-longo-do-tempo-e-que-adquira-determinadas-caracter237sticas%E2%80%9D>.

João, Maria Isabel. *Os Açores no século XIX: Economia, sociedade e movimentos autonomistas*. Edições Cosmos. 1991.

Kaindl, Klaus *et al.* *Literary Translator Studies*. John Benjamins. 2021.

King, Russell. “Migration in an Era of Global Mobility.” *Island Studies Journal*. Vol. 4, n.º 1. 2009.

Kittel, Harald *et al.*, (ed.). *Übersetzung. Translation. Traduction. Ein internationales Handbuch zur Übersetzungsforschung. An international encyclopedia of translation studies. Encyclopédie internationale de la recherche sur la traduction*. Walter de Gruyter. 2004.

Klinger, Susanne. *Translation and Linguistic Hybridity: Constructing World-View*. Routledge. 2015.

Koster, Cees. “The translator in between texts: on the textual presence of the translator as an issue in the methodology of comparative translation description”. In *Translation studies: Perspectives on an emerging discipline*. Alessandra Riccardi (ed.). Cambridge University Press. 2002:24-37.

Kovala, Urpo. “Translations, Paratextual Mediation, and Ideological Closure.” *Target*:

- International Journal of Translation Studies*. Vol. 8, n.º 1. John Benjamins. 1996:119-47.
- Kövecses, Zoltán. *Language, Mind and Culture*. Oxford University Press. 2006.
- Kristeva, Julia. *Sémeiotike: recherches pour un sémanalyse*. Ed. du Seuil. 1969.
- Kung, Szu-Wen. “Translation agents and networks, with reference to the translation of contemporary Taiwanese novels”. *Translation Research Projects 2*. Anthony Pym e Alexander Perekrestenko (eds.). Universitat Rovira i Virgili. 2009.
- Lambert, José e Hendrik Van Gorp. “On Describing Translations.” *Functional Approaches to Culture and Translation: Selected Papers by José Lambert*. John Benjamins. 2006.
- Landers, Clifford. *Literary Translation: a practical guide*. Multilingual Matters. 2001.
- Lane-Mercier, Gillian. “Translating the Untranslatable: The Translator's Aesthetic, Ideological and Political Responsibility”. *Target: International Journal of Translation Studies*. Vol. 9, n.º 1. John Benjamins. 1997:43–68.
- Large, Duncan, *et al.* (ed.). *Untranslatability: Interdisciplinary Perspectives*. Routledge. 2019.
- Larkosh, Christopher. “(Re)Bordering Lusophone and Transnational Africas: A Critical Introduction”. *Transnational Africas: Visual, Material and Sonic Cultures of Lusophone Africa*. Christopher Larkosh, Mario Pereira e Memory Holloway (ed.). Tagus Press. 2018.
- _____ (ed.). *Re-Engendering Translation. Transcultural Practice, Gender/Sexuality and the Politics of Alterity*. Routledge. 2014.
- Latour, Bruno. *Science in Action*. Harvard University Press. 1987.
- Lavery, Michael Anthony. *Soviet Translations of Latin American Literature, 1956–1991*. Tese de doutoramento. University of California, Los Angeles. 2021.
- Le Goût du Portugal*. Textes choisis et présentés par Jacques Barozzi. Mercure de France. 2017.
- Leal, João. *Açores, EUA, Brasil: Imigração e Etnicidade*. Direção Regional das Comunidades. 2007.
- _____. “Açorianidade: literatura, política, etnografia (1880-1940)”. *Etnográfica*. Vol. 1, n.º 2. 1997.
Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/4381?lang=en#ftn1>.
- _____. “Identities and Imagined Homelands: Reinventing the Azores in Southern Brazil.” *Diaspora: A Journal of Transnational Studies*. Vol. 11, n.º 2. Johns Hopkins University Press. 2002:233–54.

Lee, Tong King. “Asymmetry in Translating Heterolingualism: A Singapore Case Study.” *Perspectives: Studies in Translatology*. Vol. 17, n.º 1. 2009:63–75.

_____. “Translation and Language Power Relations in Heterolingual Anthologies of Literature.” *Babel. Revue Internationale de La Traduction / International Journal of Translation*. Vol. 58, n.º 4. 2012:443–56.

Lefevere, André (ed.). *Translation, History, Culture: A Sourcebook*. Routledge. 1992.

_____. *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. Routledge. 1992a.

Leite, João Emanuel Cabral. *Estrangeiros nos Açores no século XIX: Antologia*. Eurosigno. 1989.

Levine, Suzanne Jill e Katie Lateef-Jan. *Untranslatability Goes Global*. Routledge. 2017.

Linares, Emily. “Home-comers as a source of language contact: Return Azorean emigrants’ English code-switching practices”. *Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics*. Vol. 12, n.º 1. De Gruyter. 2019:127–154.

Lopes, Alexandra. “An Englishman in Alentejo: Crimes, Misdemeanours & the Mystery of Overtranslatability”. *Translation Studies at the Interface of Disciplines*. Vol. 68. João Ferreira Duarte, Alexandra Assis Rosa e Teresa Seruya (ed.). 2016:169-184.

_____. “The Poetics of Movement & Translation – The Case of Richard Zimler’s *Strawberry Fields Forever*”. *Cadernos de Tradução*. Vol. 37, n.º1. 2017:18-45.

Lucas, António (coord., sob consulta de Luís Forjaz Trigueiros, David Mourão-Ferreira e Vitorino Nemésio). *Críticas sobre Vitorino Nemésio com biografia e antologia de poesias originais, espanhol e francês e versões de textos seus em italiano, francês, inglês e alemão*. Livraria Bertrand. 1974.

Machado Pires, António. “A identidade cultural dos Açores.” *Arquipélago: Línguas e literaturas*. Vol. 9. 1987:155-66.

_____. “Marcas da Insularidade no *Mau Tempo no Canal* de Vitorino Nemésio”. *Arquipélago: Ciências Humanas*. Vol. I. 1979: 79-90.

Disponível em:

https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/551/1/AntonioMachadoPires_p79-90.pdf.

_____. “O mito de M. Queimado: Uma imagem mítica dos Açores”. *O conhecimento dos Açores através da literatura*. Instituto Açoriano de Cultura. 1988:85-93.

_____. *Páginas sobre Açorianidade*. Letras Lavadas Edições. 2013.

_____. “Para a discussão de um conceito de literatura açoriana”. *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*. Vol. XLI. 1983:842-58.

- _____. “Para um conceito de literatura açoriana”. *Raul Brandão e Vitorino Nemésio*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 1987a:53-70.
- _____. Prefácio a *Mau Tempo no Canal de Vitorino Nemésio: Tradução, Simbolismo, Escrita, Oralidade, Diáspora*. Ver Açor. 2014:11-15.
- _____. “Vitorino Nemésio (o homem e a ilha)”. *Vitorino Nemésio and the Azores*. Portuguese Literary & Cultural Studies. Vol. 11. University of Massachusetts Dartmouth. 2007:57-74.
- _____. “Vitorino Nemésio: Rouxinol e Mocho”. *Insvlana*. Vol. L, n.º 1. Instituto Cultural de Ponta Delgada. 1994:23-37.
- Malmkjær, Kirsten e Kevin Windle. *Oxford Handbooks in Linguistics*. 2012.
- Marques, Isabelle Simões. “A literatura como espelho das migrações entre Portugal e França: análise de interferências e variações linguísticas”. *Portugal pelo Mundo Disperso*. Teresa Cid, Teresa F. A. Alves, Irene M. F. Blayer, Francisco C. Fagundes (coord.). Tinta da China. 2013:319-332.
- Martins, Isabel Oliveira, Margarida Vale de Gato, Teresa Alves, Rui Azevedo e Teresa Cid. *Neither Here Nor There, Yet Both: The Luso-American Experience*. *Interdisciplinary Journal of Portuguese Diaspora Studies*, Vol. 4, n.º 2. 2015:181-464.
- Mateus Silva, Helena. “A presença do linguista em *Mau Tempo no Canal*”. *Insvlana*. Vol. L, n.º 1. Instituto Cultural de Ponta Delgada. 1994:55-74.
- Matos, Artur Teodoro de, et al. (dir.). *História dos Açores*. Instituto Açoriano de Cultura. 2008.
- Matos, Paulo Jorge Augusto. *O Povo no Imaginário Nemesiano*. Edições Colibri/Instituto de Estudos de Literatura Tradicional. 2011.
- McMahon, Elizabeth. *Islands, Identity and the Literary Imagination*. Anthem Press. 2016.
- McRae, E. “The role of translators’ prefaces to contemporary literary translation into English: An empirical study”. *Translation peripheries: Paratextual elements in translation*. A. Gil-Bardají, P. Orero e S. Rovira-Esteva (ed.). Peter Lang. 2012:63-82.
- Melo, João de. “O lugar, a memória e a vida na moderna ficção açoriana.” *Da literatura açoriana: Subsídios para um balanço*. Onésimo Teotónio Almeida (org.). Secretaria Regional da Educação e Cultura. 1986:69-78.
- Melville, Herman. *Moby-Dick*. Hershel Parker (ed.). Norton Critical Edition. 2018.
- Meneses, Avelino Freitas de. “História Insular e Atlântica”. *Arquipélago: Línguas e literaturas*. Vol. 6. 2002.

Meneses, Paulo. “*Mau Tempo no Canal: Organização do Espaço e Dinâmica Narrativa. Insvlana*. Vol. L, n.º 1. Instituto Cultural de Ponta Delgada. 1994:107-124.

Meylaerts, Reine. “Heterolingualism In/And Translation. How Legitimate are the Other and His/Her Language: An Introduction”. *Target: International Journal of Translation Studies*. Vol. 18, n.º 1. John Benjamins. 2006a:1-15.

_____. “Literary heteroglossia in translation: when the language of translation is the locus of ideological struggle”. *Translation Studies at the Interface of Disciplines*. Vol. 68. João Ferreira Duarte, Alexandra Assis Rosa e Teresa Seruya (ed.). 2006:95-98.

_____. “Multilingualism and Translation”. *Handbook of Translation Studies*. Vol. 1. Yves Gambier e L. van Doorslaer (ed.). John Benjamins. 2010:227-230.

_____. “Multilingualism as a challenge for Translation Studies”. *The Routledge Handbook of Translation Studies*. Carmen Millán e Francesca Bartrina (ed.). Routledge. 2013.

Milton, John e Paul Bandia (eds.). *Agents of Translation*. John Benjamins. 2009.

Moniz, António. *Para uma Leitura de Mau Tempo no Canal de Vitorino Nemésio*. Editorial Presença. 1996.

Montenegro, Helena Mateus. “O Espectro Sócio-Cultural no Léxico Micaelense”. Separata da Revista *Diacrítica. Série Ciências da Linguagem*. N.º 18. Centro de Estudos Humanísticos. Universidade do Minho. 2004.

More, Thomas. *Utopia*. Trad. Paul Turner. Penguin Books. 1979.

Morna, Fátima Freitas. “Nemésio: 1915-1920”. *Arquipélago: Línguas e literaturas*. Vol. 8. 1993:115-129.

_____. “Nemésio: Um Retrato com Livro”. *Revista da Faculdade de Letras*. N.º 13-14. 1990:77-86.

_____. “O percurso biográfico”. *A Rotação da Memória*. Disponível em: <https://purl.pt/161/1/memoria/rotacao06.html>.

_____. “O pressuposto ‘criador’ da personalidade”. Disponível em: <http://purl.pt/161/1/memoria/rotacao03.html>.

_____. *Vitorino Nemésio: o conhecimento da poesia*. Tese de Doutoramento. Universidade de Lisboa. 1988.

- Moser, Robert Henry e Antonio Luciano de Andrade Tosta (ed.). *Luso-American Literature: Writings by Portuguese-Speaking Authors in North America*. Rutgers University Press. 2011.
- Mossop, Brian. *Revising and Editing for Translators*. Routledge. 2014.
- Moura, Vasco Graça. “Nemésis ou l'équilibre inexorable”. Prefácio a *Gros Temps sur l'Archipel*. Vitorino Nemésio. Trad. Denyse Chast. Éditions de la Différence. 2014:7-17.
- Mourão-Ferreira, David. “Aspectos da Génese e da Fortuna Crítica de *Mau Tempo no Canal*”. Introdução a *Mau Tempo no Canal*. Vitorino Nemésio. Bertrand. 1980:7-19.
- _____. “Novos elementos sobre a génese de «Mau Tempo no Canal»”. *Colóquio/Letras*, n.º 102. 1988:6-17.
- _____. *O essencial sobre Vitorino Nemésio*. Imprensa Nacional–Casa da Moeda. 1987.
- _____. “Vitorino Nemésio”. *Dicionário de Literatura*. Jacinto do Prado Coelho (dir.). Mário Figueirinhas Editora. 1994.
- Munday, Jeremy, Sara Ramos Pinto e Jacob Blakesly. *Introducing Translation Studies: Theories and Applications*. Routledge. 2022.
- Muñoz-Calvo, Micaela e Carmen Buesa-Gómez (ed.). *Translation and Cultural Identity: Selected Essays on Translation and Cross-Cultural Communication*. Cambridge Scholars Publishing. 2010.
- Myers-Scotton, Carol. “A lexically based model of code-switching”. *One speaker, two languages: cross-disciplinary perspectives on code-switching*. Lesley Milroy e Pieter Muysken (ed.). Cambridge University Press. 1995:233-256.
- Nergaard, Siri. “The (In)Visible Publisher in Translations: The Publisher’s Multiple Translational Voices.” *Authorial and Editorial Voices in Translation 2: Editorial and Publishing Practices*. H. Jansen e A. Wegener (eds.). Col. Vita Traductiva. Éditions québécoises de l'œuvre. 2013.
- Nimführ, S. e L. Otto. “Doing research on, with and about the island: Reflections on islandscapes”. *Island Studies Journal*. Vol. 15, n.º 1. 2020.
- Norberg, U. “Literary translators’ comments on their translations in prefaces and afterwords: The case of contemporary Sweden”. In *Translation peripheries: Paratextual elements in translation*. A. Gil-Bardají, P. Orero e S. Rovira-Esteva (ed.). Peter Lang. 2012:101-116.
- Ortega y Gasset, José. “Miséria y Esplendor de La Traducción/Miséria e Esplendor Da Tradução.” *Scientia Traductionis*. N.º 13. Universidade Federal de Santa Catarina. 2013:5–50.

Paloposki, Outi e Kaisa Koskinen. "Reprocessing Texts. The Fine Line between Retranslating and Revising." *Across Languages and Cultures*. Vol. 11, n.º 1. 2010:29–49.

Pap, Leo. *Portuguese-American Speech, An Outline of Speech Conditions among Portuguese Immigrants in New England and elsewhere in the United States*. King's Crown Press. Columbia University. 1949.

_____. *The Portuguese in the United States: a bibliography*. Center for Migration Studies of New York. 1976.

Pavão, José Almeida. *Aspectos Populares Micaelenses*. Secretaria Regional da Educação e Cultura. 1981.

Pięta-Cândido, Hanna. *Entre Periferias. Contributo para a História Externa da Tradução de Literatura Polaca em Portugal (1855-2010)*. Tese de Doutoramento. Universidade de Lisboa. 2013.

Podlevskikh Carlström, Malin. "Swedish Crime Fiction in the Soviet Union – Publication and Paratextual Framing". *Samlaren*. N.º 143. 2022:141-177.

_____. "The (in)visibility of translation and translators in the Swedish publication of post-Soviet Russian literature: An analysis of peritexts". *Stridon. Journal of Studies in Translation and Interpreting*. Vol. 2, n.º 2. 2022a:45–74.

296

Poplack, Shana, *et al.* "The Social Correlates and Linguistic Processes of Lexical Borrowing and Assimilation". *Linguistics*. Vol. 26. 1988:47–104.

Pugh, Jonathan. "Island movements. Thinking with the archipelago". *Island Studies Journal*. Vol. 8, n.º1. 2013:9-24.

_____. "Relationality and Island Studies in the Anthropocene." *Island Studies Journal*. Vol. 13, n.º 2. University of Prince Edward Island. 2018:93–110.

Pym, Anthony. *Method in translation history*. St. Jerome Publishing. 1998.

_____. *A Typology of Translation Solutions*. *The Journal of Specialised Translation*. N.º 30. 2018.

_____. "Exploring Translation Theories." *Target. International Journal of Translation Studies*. Vol. 23, n.º 2. John Benjamins. 2011:380–86.

Rabassa, Gregory. *If This Be Treason: Translation and Its Dyscontents, A Memoir*. New Directions. 2005.

Ramos Pinto, Sara. "How important is the way you say it? A discussion on the translation of linguistic varieties". *Target: International Journal of Translation Studies*. Vol. 21, n.º 2. John Benjamins. 2009:289-307.

- _____. "Ya care how me speaks, do ya? The translation of linguistic varieties and their reception", in *TRAlinea Special Issue: The Translation of Dialects in Multimedia III*. 2016.
- Ribeiro, Luís da Silva. *Os Açores de Portugal*. Livraria Editora Andrade. 1919.
- _____. *Subsídios para um Ensaio sobre a Açorianidade*. Instituto Açoriano de Cultura. 1964.
- Ricoeur, Paul. *Sobre a Tradução*. Trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Cotovia. 2005.
- Roberts, Stephen G. H. «Hispanidad»: *The Development of a Polemical Notion in the Work of Miguel de Unamuno*. Ediciones Universidad de Salamanca. 2004.
- Rocha, Gilberta. "Emigração e Demografia: a problemática da emigração". *Anais da 2.ª Semana de Estudos Açorianos*. Walter F. Piazza (org.). Editora da UFSC. 1989:219-238.
- _____. *Dinâmica Populacional dos Açores no século XX: unidade, permanência, diversidade*. Universidade dos Açores. 1991.
- Ronström, Owe. "Island Words, Island Worlds: The Origins and Meanings of Words for 'Islands' in North-West Europe." *Island Studies Journal*. Vol. 4, n.º 2. 2009.
- Rossholm, Anna Sofia. *Reproducing Languages, Translating Bodies. Approaches to Speech, Translation and Cultural Identity in Early European Sound Film*. Stockholm University. 2006.
- Rundle, Christopher (ed.). *The Routledge Handbook of Translation History*. Routledge. 2022.
- Rutherford, Jonathan. *Identity: Community, Culture, Difference*. Lawrence And Wishart. 1990.
- Ryauzova, Elena. "Homem e Destino: fatalismo ou liberdade de escolha". *Niepogopa v prolivie*. Vitorino Nemésio. Trad. Liliana Brevern. Khudozhestvennaia Literatura. 1990.
- Sager, Juan C. *Language Engineering and Translation*. John Benjamins. 1994.
- Santos Barros, J. H. *O lavrador de ilhas: literatura açoriana, hoje: 1977-1980*. Secretaria Regional da Educação e Cultura. 1981.
- Saramago, José. *O Conto da Ilha Desconhecida*. Editorial Caminho. 1999.
- Schleiermacher, Friedrich. *Sobre os Diferentes Métodos de Traduzir*. Trad. José Miranda Justo. Porto Editora. 2003.
- Serpa, José Machado de. *A Fala das Nossas Gentes*. Brumarte. S/d.

Serpa Silva, Susana. “Emigração Açoriana: Entre a História e a Memória”. *Memória e Identidade Insular*. Duarte Nuno Chaves (coord.). CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Universidade dos Açores e Santa Casa da Misericórdia das Velas. 2019.

_____. “Em busca de novos horizontes: Açores, emigração e aculturação nos finais do séc. XIX, inícios do séc. XX”. *Arquipélago: História*. 2.^a série, VI. 2002:347:360.

Seruya, Teresa. *Misérias e Esplendores da Tradução no Portugal do Estado Novo*. Universidade Católica Editora. 2018.

Silva, David James. *The Variable Deletion of Unstressed Vowels in Faialense Portuguese*. University of Pennsylvania Libraries. 2019:295-308.

Silva, Heraldo Gregório da. *Açorianidade na Prosa de Vitorino Nemésio: realidade, poesia e mito*. Imprensa Nacional–Casa da Moeda. 1985a.

_____. “O português oral dos Açores na prosa de Vitorino Nemésio”. *Arquipélago: Línguas e Literaturas*. Vol. 7, n.º 1. 1985:127-169.

Silveira, Pedro da. *A Ilha e o Mundo: poemas*. Centro Bibliográfico. 1953.

_____. “A propósito de ‘Nem toda a noite a vida’ de Vitorino Nemésio”. *Ler*. Ano 2, n.º 13. 1953:5.
Disponível em: <http://ric.slihi.pt/Ler/visualizador/?id=20003.013&pag=5#>.

_____. “José Leite de Vasconcellos nas Ilhas de Baixo: Divagações, lembranças por conta alheia e algumas notas talvez prestáveis”. *Seara Nova*. 1959.

_____. “Os livros e os autores”. *Ler*. Ano 1, n.º 8. 1952:4.

Simas, Rosa. “A Pérola Nemesiana”. *Nemésio vinte anos depois*. António M. B. Machado Pires e Maria Margarida Maia Gouveia (ed.). Edições Cosmos. 1998:255-262.

_____. “Today Açorianidade is Bilingual”. *Escritas dispersas, convergência de afectos*. Universidade dos Açores. 2009.

Simon, Sherry. “Hybridity and translation”. *Handbook of Translation Studies*. Vol. 2. Yves Gambier e Luc van Doorslaer (ed). John Benjamins. 2011:49-53.

Snell-Hornby, Mary. *The Turns of Translation Studies: New Paradigms or Shifting Viewpoints?* John Benjamins. 2006.

Sontag, Susan. “The World as India: The St. Jerome Lecture on Literary Translation.”
Disponível em: <http://www.susansontag.com/prize/onTranslation.shtml>.

- Steiner, George. *After Babel: aspects of language and translation*. Oxford University Press. 1998.
- Stephanides, Stephanos e Susan Bassnett. “Islands, Literature, and Cultural Translatability”. *Transtext(e)s Transcultures*. 2008.
Disponível em: <https://journals.openedition.org/transtexts/212>.
- Sternberg, Meir. “Polylingualism as reality and translation as mimesis”. *Poetics Today*. Vol. 2, n.º 4. 1981:221–39.
- Straub, Julia (ed.). *The Handbook of Transatlantic North American Studies*. De Gruyter. 2016.
- Suchet, M. “Translating Literary Heterolingualism: *Hijo de hombre*’s French variations”. *Translation Research Projects 2*. Anthony Pym e Alexander Perekrestenko (eds.). Universitat Rovira i Virgili. 2009:151–164.
- _____. *L’Imaginaire hétérologue: Ce que nous apprennent les textes à la croisée des langues*. Classiques Garnier. 2014.
- Tahir Gürçağlar, Şehnaz. “Paratexts”. *Handbook of Translation Studies*. Yves Gambier e Luc van Doorslaer (ed.). Vol. 2. John Benjamins. 2010:113-115.
- _____. “The translation bureau revisited: Translation as symbol”. *Apropos of Ideology*. Maria Calzada-Perez (ed.). Routledge. 2003:113-129.
- Thomason, Sarah G. “On Mechanisms of Interference”. *Language and its Ecology*. Stig Eliasson e Ernst Hakon Jahr (ed.). Mouton de Gruyter. 1997:181-208.
- Torga, Miguel. *Diário*. Publicações Dom Quixote. 1999.
- Toury, Gideon. *Descriptive Translation Studies – and beyond*. John Benjamins. 2012.
- Tymoczko, Maria. “Reconceptualizing Western translation theory: Integrating non-Western thought about translation”. *Translating Others*. Theo Hermans (ed.). St. Jerome. 2006:13-32.
- _____. *Translation in a postcolonial context: Early Irish Literature in English Translation*. St. Jerome. 1999.
- Vale, Celina. “Understanding Island Spatiality through Co-Visibility: The Construction of Islands as Legible Territories – a Case Study of the Azores.” *Shima*. Vol. 12, n.º 1. 2018.
- Vale de Gato, Margarida (coord). *Nem Cá Nem Lá: Portugal e América do Norte Entre Escritas*. PENPAL in Trans Project. Edlp. 2016.
- _____. “Lolita’s Love Affair with the English Language: Heterolingualism and Voice in Translation.” *Meta*. Vol. 63, n.º 2. Presses de l’Université de Montreal. 2018:322–41.

- _____. “Will the Aliens come Home? Diaspora and Translation in Portuguese-American Literature”. *How Peripheral is the Periphery? Translating Portugal Back and Forth. Essays in Honour of João Ferreira Duarte*. Rita Bueno Maia, Marta Pacheco Pinto e Sara Ramos Pinto (ed.). Cambridge Scholars Publishing. 2015:275-295.
- Venuti, Lawrence. *The Translator’s Invisibility: a history of translation*. Routledge. 2008.
- _____. (ed.). *The Translation Studies Reader*. Routledge. 2012.
- Victória, Margarida. *Amores da cadela Pura: Confissões da Marquesa de Jácome Correia*. Vol. I e II. Bertrand Editora. 2010.
- Vitorino Nemésio and the Azores*. Portuguese Literary & Cultural Studies. Vol. 11. University of Massachusetts Dartmouth. 2007.
- Vitorino Nemésio: As Fibras do Mormaço*. Biblioteca Pública e Arquivo Regional Luís da Silva Ribeiro. 2018.
- “Vitorino Nemésio: jornalismo é nova cátedra”. In *Flama*. Ano 29, n.º 1308. 1973:30-33.
- Vitorino Nemésio: 1.º Centenário do Nascimento 1901-2001*. Separata da revista *Atlântida*. Vol. XLVI. Instituto Açoriano de Cultura. 2001.
- Washbourne, Kelly. “The Poetry of Vitorino Nemésio: A Bilingual Anthology”. *Mau Tempo no Canal: Some Considerations*. *Vitorino Nemésio and the Azores*. Portuguese Literary & Cultural Studies. Vol. 11. University of Massachusetts Dartmouth. 2007:353-419.
- Williams, Jerry R. *In Pursuit of Their Dreams: A History of Azorean Immigration to the United States*. University of Massachusetts Dartmouth. 2007.
- Wright, Chantal. *Literary Translation*. Routledge. 2016.
- Yu, Jing. “Translating ‘others’ as ‘us’ in Huckleberry Finn: dialect, register and the heterogeneity of standard language”. *Language and Literature*. Vol. 26, n.º 1. 2017:54-65.
- Yuste Frías, José. 2012. “Paratextual Elements in Translation: Paratranslating Titles in Children’s Literature”. In *Translation peripheries: Paratextual elements in translation*. A. Gil-Bardají, P. Orero e S. Rovira-Esteva (ed.). Peter Lang. 2012:117-134.
- Zauberga, Ieva. 2000. “Rethinking Power Relations in Translation”. *Across Languages and Cultures*. Vol. 1, n.º 1. 2000:49-56.

REGISTOS AUDIOVISUAIS

Conversa com Vitorino Nemésio. 18-11-1976.

Disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/conversa-com-vitorino-nemesio/>.

Eça de Queirós traduzido para russo. 07-03-1995.

Disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/traducao-da-obra-eca-de-queiros>.

Entrevista I a Vitorino Nemésio. 14-03-1972.

Disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/entrevista-a-vitorino-nemesio-i>.

Entrevista II a Vitorino Nemésio. 21-03-1972.

Disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/entrevista-a-vitorino-nemesio-ii>.

Entrevista III a Vitorino Nemésio. 28-03-1972.

Disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/entrevista-a-vitorino-nemesio-iii>.

Etnologia e Literatura. 22-07-1977.

Disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/etnologia-e-literatura/>.

Literatura sem gravata. 31-01-1979.

Disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/literatura-sem-gravata/>.

Nem toda a noite a vida: Vitorino Nemésio. 28-09-2007.

Disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/nem-toda-a-noite-a-vida-vitorino-nemesio/>.

Recordando Vitorino Nemésio. 12-03-1978.

Disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/recordando-vitorino-nemesio/>.

RTP Arquivos. Coleção Vitorino Nemésio.

Disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/colecoes/vitorino-nemesio>.

Vitorino Nemésio: Viagem 1901-1978.

Disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/vitorino-nemesio-viagem-1901-1978/>.

Who Is More Apt to Translate – The Native of the Source Language and Culture, or the Native of the Target Language? Some Reflections. 19-11-2022. Francisco Cota Fagundes. Bristol Community College LusoCentro.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WOvompmJ4FQ>.

REVISTAS E JORNAIS ONLINE

Casa Comum: <http://casacomum.org/cc/arquivos>

Mercure de France: <https://www.retronews.fr/journal/mercure-de-france-1890-1965/01-aout-1951/118/4215883/1>

Revistas de Ideias e Cultura: <http://ric.slii.pt/>

Revista de Portugal

Volume 1: https://digitalis-dsp.uc.pt/bg4/UCBG-RB-38-41_3/UCBG-RB-38-41_3_master/UCBG-RB-38-41/UCBG-RB-38-41_item1/index.html

Volume 2: https://digitalis-dsp.uc.pt/bg4/UCBG-RB-38-41_3/UCBG-RB-38-41_3_master/UCBG-RB-38-42/UCBG-RB-38-42_item1/index.html